

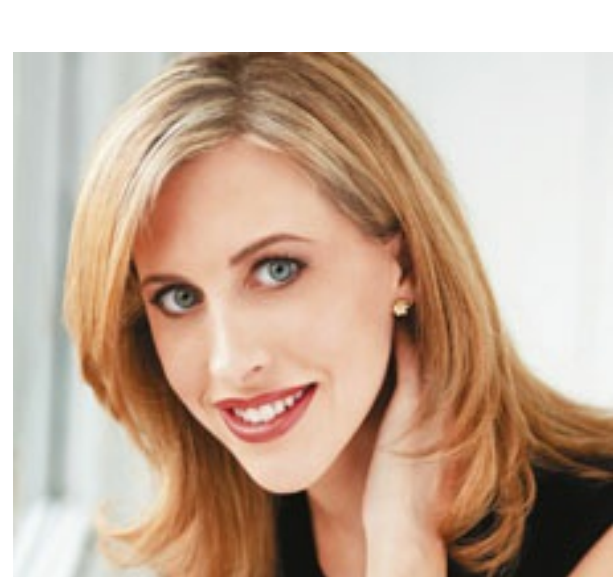
A close-up photograph of a woman's face, smiling and looking down. She is holding a white daisy flower in her hands. She is wearing a light-colored dress with a floral pattern. The background is a soft, out-of-focus beige.

EMILY GIFFIN

Escolhi o teu Amor

COMO PODEMOS AMAR DE NOVO SE AINDA
NÃO ESQUECEMOS QUEM PARTIU?





Emily Giffin é licenciada em Direito, pela University of Virginia School of Law. Após exercer advocacia numa firma de Nova Iorque durante vários anos, mudou-se para Londres para se dedicar de alma e coração à escrita. A autora dos consagrados best-sellers *Something Borrowed*, *Something Blue* e *Baby Proof* vive actualmente em Atlanta com o marido e três filhos pequenos.

EMILY GIFFIN

Escolhi o teu Amor

COMO PODEMOS AMAR DE NOVO SE AINDA
NÃO ESQUECEMOS QUEM PARTIU?

Tradução de Cláudia Ramos

Escolhi o teu amor
Emily Giffin

Publicado em Portugal por:
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Porto
Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:
Love the one you ’re with
© Emily Giffin 2008
Imagem da capa: © Corbis/VMi

1.ª edição em papel: Maio de 2009

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

 **Porto
Editora**
Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal
www.portoeditora.pt
ISBN 978-972-0-68116-4



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Agradecimentos

A minha maior gratidão a Mary Ann Elgin, Sarah Giffin, Nancy Mohler, Lisa Elgin e Stephen Lee, que me acompanharam do princípio ao fim. Tenho tanta sorte de vos ter ao meu lado!

Agradeço infinitamente à minha maravilhosa editora e amiga, Jennifer Enderlin, e a tantos outros da *St. Martin's Press*: Sally Richardson, Matthew Shear, John Murphy, Matt Baldacci, Steve Troha, Dori Weintraub, Alison Lazarus, Tom Siino, Jeff Capsheaw, Andy Lecount, Brian Heller, Rob Renzler, Ken Holland, Christine Jaeger, Nancy Trypuc, Anne Marie Tallberg, Mike Storrings, Harriet Seltzer, Christina Harcar, Kerry Nordling, Sara Goodman, Jeff Cope, Jeff Willmann, bem como a toda a equipa de vendas da Broadway e 5th Avenue.

A minha eterna gratidão aos meus pais, amigos e restante família, com um agradecimento especial a Allyson Jacoutot, Jennifer New, Julie Portera, Brian Spainhour, Laryn Gardner, Michelle Fuller, Jim Konrad e Yvonne Boyd. Obrigada também a Stephany Evans, Theresa Park e Carrie Minton.

Um gigantesco obrigada a David «Sarge» Tinga, o meu excepcional mentor e amigo dedicado que eu jamais esquecerei.

E por fim, todo o meu amor e amizade para Buddy, Edward, George e Harriet.

Capítulo 1

Tudo aconteceu há exactamente cem dias, logo após ter casado com o Andy, praticamente no minuto certo da hora marcada para a cerimónia: 15:30. Lembro-me deste pormenor não por ser uma noiva ansiosa e atenta ao mínimo detalhe, mas porque sofro de um transtorno obsessivo-compulsivo grave que me leva a reter os mais ínfimos pormenores de tudo e mais alguma coisa. Tenho por hábito contar as coisas mais insignificantes, a saber: os passos do meu apartamento à estação de metro mais próxima (341 com calçado confortável, cerca de uma dúzia mais com saltos altos); a frequência com que os concorrentes dizem a frase «sinto uma espantosa ligação» em todo e qualquer episódio do *The Bachelor*¹; os homens que beijei nestes meus trinta e três anos (nove). Ou, tal como sucedeu nessa tarde fria e chuvosa de Janeiro, o número de dias que estava casada. Isto até esbarrar com *ele* em plena passeadeira de peões, no cruzamento da 11th com a Broadway.

Visto de fora, por exemplo, sob o olhar de um taxista que fica a observar os transeuntes frenéticos por atravessar a rua nos segundos anteriores à mudança do semáforo, aquilo não era mais do que um apontamento banal, típico e mundano: dois seres aparentemente estranhos, com muito pouco em comum para lá dos guarda-chuvas pretos e frágeis, atravessando a rua e estabelecendo um breve contacto visual antes de trocarem um «olá» apressado e frio e seguirem o seu caminho.

Mas, no seu íntimo, a história era bem diferente. E no *meu* íntimo, fiquei desorientada, virada do avesso e atarantada, conseguindo, sabe-se lá como, virar a esquina e enfiar-me numa cafetaria literalmente vazia, próxima da Union Square. *Foi como ver um fantasma*, pensei; uma daquelas expressões que eu já ouvira mil vezes mas que jamais sentira na pele até àquele preciso momento. Fechei o guarda-chuva e abri o fecho do blusão, com o coração ainda aos saltos. Enquanto observava a empregada de mesa a limpar o balcão com gestos firmes e profissionais, dei por mim a perguntar por que raio tinha ficado tão abalada com aquele encontro, que me parecia absolutamente previsível e inevitável. Nada tinha que ver com *sina*, ou *destino*, mas antes com aquela *teimosia* típica dos assuntos mal-resolvidos que insiste em impor a sua vontade mesmo aos espíritos mais arreigadamente contrariados.

Após o que me pareceu uma eternidade, a empregada viu-me de pé, atrás do sinal que indicava: «Por favor, espere que lhe indiquem a sua mesa», e observou:

– Oh, nem reparei que aí estava... Devia ter tirado esse aviso logo após o período dos almoços,

mas esqueci-me... Esteja à vontade, sente-se onde quiser.

A sua expressão, de pura e tão pouco habitual simpatia, espantou-me ao ponto de me perguntar se ela não seria uma vidente a trabalhar em *part-time* num restaurante. E considerei seriamente a hipótese de desabafar com ela. Em vez disso, enfiei-me rapidamente num cubículo em vinil vermelho ao fundo da sala, bem longe da entrada, e jurei que jamais falaria com alguém sobre o assunto. Partilhar o que sentia com uma amiga constituiria um sério acto de deslealdade para com o meu marido. Contar à minha cínica irmã mais velha, Suzanne, desencadearia com certeza uma torrente de severas críticas sobre casamento e monogamia. Escrever aqueles sentimentos no meu diário era dar-lhes demasiada importância, a última coisa que eu queria fazer. E contar ao Andy seria uma atitude muito estúpida, auto-destrutiva e dolorosa. A «mentira por omissão» desagradava-me; representaria uma mancha negra no nosso ainda tão inexperiente casamento, mas era, sem dúvida, a melhor opção.

– Deseja comer alguma coisa? – perguntou a sorridente empregada, que ostentava um crachá com o nome *Annie*.

Tinha um cabelo ruivo e encaracolado e a cara salpicada de sardas, e estranhamente dei por mim a pensar: *O sol nascerá amanhã*.

Só me apetecia um café, mas enquanto ex-empregada de mesa lembrei-me que era horrível quando as pessoas pediam apenas algo para beber, mesmo numa breve pausa entre refeições, por isso pedi um café e um *bagel*² com sementes de papoila, recheado com creme de queijo.

– Com certeza – disse ela com um simpático aceno de cabeça.

Sorri e agradeci-lhe. Depois, vendo-a afastar-se para a cozinha, respirei fundo e fechei os olhos, concentrando-me num único facto: o quanto eu amava o Andy. Adorava tudo nele, até as coisas que exasperariam a maior parte das raparigas. Achava uma ternura a extrema dificuldade que ele tinha em recordar-se dos nomes das pessoas (sempre chamou «Fred» ao meu ex-patrão, Frank) ou das letras das canções, por mais populares que fossem (*Billie Jean is not my mother*). E limitava-me a sorrir e abanar a cabeça quando ele dava um dólar ao mesmo sem-abrigo de Bryant Park, todos os dias durante um ano consecutivo – sem-abrigo esse que seria muito provavelmente um artista excêntrico com um Land Rover na garagem de casa. Adorava a confiança e a compaixão de Andy. Amava a sua personalidade radiosa, tão franca e simples, e era louca pelo seu cabelo loiro e enormes olhos azuis. Sentia-me muito afortunada por ter ao meu lado um homem que, ao fim de seis longos anos comigo, continuava a levantar-se da mesa do restaurante quando eu ia ou regressava da casa de banho, ou a desenhar coraçõezinhos assimétricos no espelho cheio de vapor da nossa casa de banho. E sobretudo... amava-me *a mim* e isso, não me envergonho de o dizer, constituía talvez o item principal da minha lista de razões para ainda estarmos juntos... e para o facto de eu também o amar.

– Deseja o seu *bagel* aquecido? – berrou-me Annie por detrás do balcão.

– Pode ser, obrigada – respondi, se bem que me fosse indiferente.

Deixei-me vaguear pela memória da noite em que Andy me pediu em casamento, em Vail, a forma como ele fingira deixar cair a carteira para – numa manobra que se via ter sido grandemente ensaiada – se baixar para a apanhar e assim ficar de joelhos. Lembro-me de bebericar champanhe, do anel de noivado cintilando à luz da lareira, e de ter pensado: É isto! É este o momento com que qualquer miúda sonha! É o momento por que sempre esperei, que tanto planeei e que sempre soube que um dia

iria acontecer.

Annie trouxe-me o café e coloquei as mãos em concha sobre o vapor espesso e quente. Levei a chávena à boca, dei um gole profundo e pensei no nosso longo e feliz noivado – um ano inteirinho de festas, celebrações e estonteantes planos de casamento. Falo de *smokings* e tule, de valsas e bolo de chocolate-branco. Tudo culminando nessa noite mágica. Pensei nos nossos votos, trocados com os olhos marejados de água. Na nossa dança de abertura ao som de *What a Wonderful World*. Nos brindes sinceros e calorosos que nos fizeram – discursos repletos de clichés que, sem dúvida, nos assentavam como luvas: *perfeitos um para o outro... amor verdadeiro... predestinado*.

Recordei a nossa viagem para o Havai na manhã seguinte, no modo como o Andy e eu demos as mãos nos nossos lugares de executiva, rindo das pequeninas coisas que correram mal no nosso «grande dia». *Qual foi a parte do «não queremos imagens desfocadas» que o tipo que fez o filme não percebeu? E a carga de água que caiu a caminho do copo-de-água? Alguma vez viste o teu irmão James tão grosso?* Pensei nos nossos passeios ao pôr-do-sol, nos jantares à luz das velas, e naquela manhã particularmente intensa que passámos a namorar numa praiazinha completamente deserta e em forma de meia-lua, chamada Lumahai, na costa norte de Kauai. Com a sua areia suave e branca e as impressionantes rochas de lava emergindo das águas de um turquesa profundo, aquele foi o pedacinho de mundo mais emocionante que os meus olhos jamais viram. A certa altura, eu estava a admirar a paisagem e o Andy poisou o livro do Stephen Ambrose na nossa toalha de praia *king size*, envolveu-me as mãos nas suas, e beijou-me. Beije-o apaixonadamente, retendo para sempre aquele momento. O som das ondas rebentando, a sensação da brisa marítima na minha cara, o cheiro a limão misturado com o coco da nossa loção solar. Quando nos afastámos, disse-lhe que nunca tinha sido tão feliz na vida. E era verdade.

Mas a melhor parte estava guardada para depois do casamento, no regresso da lua-de-mel, depois de termos desembulhado e arrumado os presentes de casamento úteis no nosso minúsculo apartamento de Murray Hill – relegando os inúteis e pirosos para um pequeno armazém que alugáramos na baixa da cidade. A melhor parte chegou quando finalmente nos instalámos na rotina diária do «marido e mulher». De modo casual, simples e verdadeiro. Chegava todas as manhãs, quando beberricávamos café ou tagarelávamos enquanto nos arranjávamos para o trabalho. Chegava quando o seu nome me entrava de hora a hora nas mensagens de correio electrónico. Chegava à noite quando, enroscados no sofá, consultávamos os menus dos restaurantes de entrega em casa, discutindo o que nos apetecia comer e sonhando com o dia da chegada do nosso novo fogão. Chegava em cada massagem aos pés, em cada beijo, em todas as vezes que nos despíamos juntos no escuro. Treinei a minha mente para reter todos esses pormenores. Os detalhes que formaram os nossos primeiros *cem dias* juntos.

Contudo, quando finalmente Annie me trouxe o *bagel*, já eu estava de novo na passadeira de peões, o coração novamente ao pulos. Percebi imediatamente que, apesar da felicidade que eu sentia pela minha vida com o Andy, não me iria esquecer tão cedo daquele momento, do aperto de garganta que senti ao voltar a ver o rosto *dele*. Por mais que quisesse desesperadamente esquecê-lo. *Sobretudo* por querer tão desesperadamente esquecê-lo.

Olhei timidamente para o meu reflexo na parede espelhada mesmo ao meu lado. Não tinha com que

me preocupar relativamente ao meu aspecto, e ainda menos com o facto de descobrir que, contra todas as probabilidades de um dia passado a correr de um lado para o outro debaixo de chuva, estava com um cabelo absolutamente fantástico. Isto para não falar das bochechas muito rosadas, mas disse a mim mesma que isso se devia apenas e só ao frio. A mais nada.

Foi então que o meu telemóvel tocou e eu lhe ouvi a voz. Uma voz que eu já não ouvia há precisamente oito anos e dezasseis dias.

– Eras mesmo tu? – perguntou. A sua voz era mais profunda do que eu me lembrava, mas para além disso foi como se tivesse dado apenas um passo atrás no tempo. Como o acabar de uma conversa iniciada há umas horas atrás.

– Sim – respondi.

– Então... – continuou ele – ... ainda tens o mesmo número de telemóvel.

Depois, após um silêncio considerável, que eu me recusei teimosamente a preencher, acrescentou:

– Há coisas que nunca mudam.

– Sim – repeti.

Porque, por mais que me recusasse a admiti-lo, ele tinha toda a razão.

¹ Famoso *reality show* americano no qual um grupo de raparigas descomprometidas tenta conquistar um solteirão. (N. da T.)

² O *bagel* é um pão com a forma de um anel, muito popular nos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido – especialmente em cidades com grandes populações judaicas. (N. da T.)

Capítulo 2

O meu filme preferido de todos os tempos é, sem dúvida, *When Harry Met Sally*³. Adoro-o por uma série de razões – aquele cheirinho a anos oitenta, a tão improvável química entre Billy Cristal e Meg Ryan, a cena do orgasmo na cafetaria... Mas a minha parte favorita é a do casalinho de velhotes frágeis e enternecedores enroscados no sofá, contando como se conheceram.

A primeira vez que vi o filme tinha catorze anos, nunca tinha sido beijada e, para utilizar uma das expressões preferidas da minha irmã Suzanne, não tinha pressa nenhuma de baixar as calcinhas para um rapaz. Tinha visto a Suzanne apaixonar-se por uma série de tipos, para acabar de coração partido com mais frequência do que eu ia ao dentista para apertar o aparelho, e nada nesse tipo de cenário me parecia particularmente interessante.

Ainda assim, lembro-me de estar sentada naquela sala de cinema gelada pelo ar condicionado, perguntando-me onde estaria naquele momento o meu futuro marido – como é que ele seria e como soaria a sua voz. Estaria ele num primeiro encontro, de mão dada com uma miúda qualquer, com um pacote de gomas e uma garrafa grande de *Sprite* entre os dois? Ou seria ele mais velho, já na faculdade e bem experiente com as mulheres e o mundo? Seria alguma vedeta do basebol, tocador de tambor numa banda militar? Iria eu conhecê-lo num voo para Paris? Na sala de reuniões de uma importante multinacional? Na zona dos produtos biológicos do minimercado do meu bairro? Depois, imaginei-nos, eu e ele, a contarmos a nossa história vezes sem conta, de dedos entrelaçados como aqueles velhotes amorosos do filme.

O que ainda me faltava aprender era que as coisas raramente são tão limpinhas e arrumadas como aqueles «relatos de sofá» que eu ouvira no filme. O que fui aprendendo ao longo do tempo foi que, na esmagadora maioria das vezes, as histórias que ouvimos da boca dos velhotes felizes têm sempre o seu quê de exagero poético, de perfeito eufemismo para a dar à coisa um brilho extra. E a não ser que nos casemos com o nosso namorado do liceu (e, por vezes, nem sequer nesse caso) não existem «inícios de romance» particularmente bonitos ou gloriosos. Existem, sim, pessoas, lugares e acontecimentos que nos conduziram àquela relação, e pessoas, lugares e acontecimentos que preferimos esquecer ou pelo menos ignorar. No final até podemos colar um rótulo bonitinho em cima da relação – chamando-lhe *feliz descoberta* ou *destino*. Ou então, optamos por acreditar que é apenas o modo aleatório que a vida tem de se desenrolar.

Mas independentemente do que lhe chamemos, a verdade é que cada casal tem duas histórias – a *versão editada*, para ser partilhada no sofá, e a *versão integral* que é melhor deixar sossegadinha. O Andy e eu não éramos diferentes. Também tínhamos as duas.

Todavia, no nosso caso ambas as versões começaram da mesma maneira. Ambas tiveram início com uma carta chegada no correio da tarde daquele dia quente e húmido de Verão. Logo depois de eu ter acabado o liceu, e poucas semanas antes de deixar Pittsburgh, a minha terra natal, para me instalar na Wake Forest University, na Carolina do Norte, um belíssimo edifício em tijolo que eu descobri num catálogo de universidades, e da qual mais tarde recebi a boa notícia de me ter sido atribuída uma generosa bolsa. Essa carta continha todos os pormenores importantes sobre o programa curricular, as instalações, regras e condições. Mas, mais importante, trazia o nome da minha futura colega de quarto, que eu tanto antecipara, nome esse escrito pela sua própria mão numa caligrafia bonita e miudinha: Margaret «Margot» Elizabeth Hollinger Graham. Estudei aquele nome, juntamente com o telefone e a morada, em Atlanta, na Georgia, sentindo-me ao mesmo tempo intimidada e entusiasmada. Todos os meus colegas do liceu tinham nomes simples como Kim, Jen ou Amy. Não conhecia ninguém com um nome como «Margot» (aquele *t* surdo deixou-me em êxtase) e muito menos alguém com tantos nomes. Estava certa de que a Margaret de Atlanta era uma daquelas raparigas lindíssimas que faziam parte das reluzentes brochuras da Wake Forest, assistindo a jogos de futebol com brincos de pérola e vestidinhos estampados da Laura Ashley. (Nunca usei nada além de *jeans* e camisolas com capuz em qualquer evento desportivo.) Tinha a certeza de que ela teria um namorado à sério, e imaginava-a já a acabar com ele por finais do primeiro semestre, trocando-o por um colega alto e magricela, com exímio domínio do grego e que obviamente também entrava, descalço, na mesma brochura, lançando um *frisbee* no pátio do recreio.

Lembro-me de ter corrido para casa com a carta na mão, doida por dar a grande notícia à Suzanne. A minha irmã era caloiira da Penn State e já muito batida no assunto «residências de estudantes». Encontrei-a no nosso quarto, aplicando uma espessa camada de lápis para os olhos azul-metálico enquanto ouvia Bon Jovi aos altos berros entoando *Wanted Dead or Alive*.

Li-lhe em voz alta o nome completo da Margaret, partilhando com ela a minha previsão quanto ao seu sotaque, saído directamente do filme *Steel Magnolias*⁴, a minha referência mais importante para tudo o que vinha do Sul. Cheguei mesmo a assumir um sotaque à Scarlett O'Hara, rodeada pelos seus vários criados. Claro que estava a brincar, mas sentia ao mesmo tempo alguma ansiedade e medo de ter escolhido a universidade errada. Devia ter-me limitado a seguir a maior parte dos meus amigos para a Penn State. Iria sentir-me como um peixe fora de água, uma ianque inadaptada.

Fiquei a ver a Suzanne afastar-se calmamente do espelho de corpo inteiro, posicionar-se num ângulo que lhe disfarçava os quilos a mais que habitualmente os caloiros ganhavam no primeiro ano, e dizer:

– Esse sotaque é péssimo, Ellen. Soas como se viesses de Inglaterra, não de Atlanta... Mas olha lá, porque não esperas para ver? Poupa lá a rapariga, coitada... E se por acaso ela achar que és alguma bimba, sem o menor sentido de estilo? – Riu-se e acrescentou, desdenhosa: – Ah, pois... e não é que teria razão?

– Que gracinha... – resmunguei, sem conseguir deixar de sorrir. Ironicamente, era a gozar comigo

que a minha rabugenta irmã mostrava habitualmente o seu lado mais interessante.

Suzanne continuou a rir, voltando a cassette atrás e cantando aos altos berros *I walked these streets, a loaded six string on my back!* Até que se calou a meio do refrão e disse:

– Agora a sério, essa miúda até pode ser filha de um campónio qualquer, sabes lá! E de qualquer modo, até podes vir a gostar *realmente* dela.

– É comum as filhas dos campónios terem *quatro* nomes? – indaguei num tom mordaz.

– Sabe-se lá... – retorquiu Suzanne, naquele tom sensato tão típico de irmã mais velha. – Acredita, nunca se sabe.

Mas as minhas suspeitas pareceram confirmar-se quando, poucos dias depois, recebi uma carta da Margot escrita numa caligrafia adulta, perfeita, num requintado papel timbrado rosa-pálido. Ostentava o seu nome num monograma a prateado, impresso num género cursivo e elaborado, em que o g do final do nome era maior, encaixando na perfeição entre o *M* e o *H*. Dei por mim a pensar que parente nobre teria ela negligenciado ao ocultar o *E*. O tom da carta era efusivo (oito pontos de exclamação no total), se bem que estranhamente metódico. Dizia que mal podia esperar para me conhecer. Tinha já tentado ligar-me várias vezes, mas não conseguira contactar-me (nós não tínhamos atendedor de chamadas nem serviço de chamada em espera, o que me deixou algo embaraçada). Dizia também que ia levar consigo um pequeno frigorífico e a sua aparelhagem (que obviamente só tocava CD; eu ainda não tinha passado a era das cassetes). E esperava que pudéssemos comprar edredões a condizer. Tinha visto uns super confortáveis da Ralph Lauren, em verde e rosa, e oferecia-se para escolher dois para o nosso quarto, se eu não me importasse. E que se eu não fosse «do género cor-de-rosa», poderíamos sempre optar pelo amarelo e lavanda, «uma excelente combinação». Ou turquesa e coral, «igualmente agradável». Só não gostava de cores primárias no que tocava ao *design* de interiores, mas estava aberta a sugestões. Dizia ainda que esperava «realmente» que eu aproveitasse ao máximo o resto das férias e assinava com um «Calorosamente, Margot», uma despedida que, estranhamente, me soava mais fria e cerimoniosa do que calorosa. Eu assinava habitualmente as minhas cartas com «beijinhos» ou «cumprimentos», mas tomei a nota mental de experimentar o «calorosamente». Seria aliás a primeira de muitas coisas que eu viria a copiar da Margot.

Ganhei coragem para lhe ligar na tarde seguinte, de papel e lápis em riste para não perder nada de importante, sei lá, alguma sugestão para a conjugação dos artigos de toucador, como: «não saias muito da linha pastel».

O telefone tocou duas vezes até que uma voz masculina atendeu. Calculei que fosse o pai da Margot, ou quem sabe o jardineiro que tivesse entrado para desfrutar de um copo de limonada acabadinha de fazer. Na minha melhor «voz-de-telefone», pedi para falar com a Margot.

– Neste momento ela está no Clube numa aula de ténis – respondeu ele.

Clube, pensei. Bingo. Nós também pertencíamos a um clube, tecnicamente falando, mas que no fundo se resumia à piscina do bairro – a que toda a gente chamava «o clube» – e que se resumia a um tanque rectangular mínimo, com um *snack-bar* manhoso de um dos lados e uma prancha do outro, tudo rodeado por uma vedação de rede metálica. Eu estava certa de que o Clube da Margot era *bem* diferente. Imaginei as cuidadas filas de *courts* em piso sintético cor de barro, as refinadas sanduíches

servidas na mais fina porcelana, as pequenas colinas verdejantes do campo de golfe, salpicadas aqui e ali por frondosos chorões, ou outra árvore qualquer mais típica da Georgia.

– Quer deixar recado? – perguntou a voz masculina. Tinha um subtilíssimo sotaque sulista, revelando-se apenas nos *is*.

Hesitei, gaguejando ligeiramente, até que finalmente me apresentei como a futura colega de quarto da Margot.

– Ora viva! Sou o Andy, o irmão da Margot.

E ali estava ele. *Andy*. O nome do meu futuro marido – que posteriormente vim a saber tratar-se do diminutivo de Andrew Wallace Graham III.

O Andy lá continuou a tagarelar, acrescentando que tinha entrado em Vanderbilt, mas que o seu melhor amigo de sempre também estava em Wake Forest, e que ele e os colegas haveriam de aparecer por lá para nos ajudarem a ambientar-nos, partilhar connosco as suas mais íntimas visões sobre professores e residências de estudantes, manter-nos longe de sarilhos e «essas cenas todas».

Agradei-lhe, sentindo-me estranhamente à vontade.

– Não tens de quê – retorquiu Andy. E acrescentou: – A Margot vai *adorar* saber que ligaste. Sei que ela está doida por discutir contigo a cena das colchas ou cortinas, ou lá o que é... Só espero que gostes de cor-de-rosa.

– Oh, sim, *adoro* cor-de-rosa – respondi-lhe.

Aquela mentirinha viria a manter-se por anos a fio, inclusivamente nos nossos ensaios pré-casamento, para grande gozo da Margot e das nossas amigas mais íntimas que sabiam bem que, embora eu tivesse o meu lado feminino, não era propriamente uma *menina do cor-de-rosa*.

– Ah, isso é bom... – comentou o Andy. – Soa-me a uma relação talhada no céu... cor-de-rosa!

Sorri e pensei que, fossem quais fossem os defeitos e as qualidades da Margot, pelo menos tinha um irmão bem simpático.

Como se veio a verificar eu tinha toda a razão, não só em relação ao Andy como à própria Margot. Ele era *de facto* muito simpático e ela era tudo aquilo que eu não era. Para já, éramos o oposto fisicamente. Ela era pequenina e curvilínea, de pele muito branca, loira e de olhos azuis. Eu tinha cabelo escuro e olhos cor de avelã, uma pele que parecia constantemente bronzeada mesmo no pino do Inverno e um porte alto e atlético. Éramos igualmente atraentes, mas a Margot tinha um certo ar suave e excêntrico enquanto as minhas feições eram mais facilmente descritas como «giras».

O nosso nível social também não podia ser mais diferente, é claro. A Margot vivia numa casa enorme e lindíssima – numa propriedade que se estendia por vários hectares de magnífico terreno arborizado – situada em Buckhead, a zona mais chique de Atlanta. Eu crescera num pequeno rancho com uma grande cozinha de armários cor-de-laranja vivo, numa zona industrial de Pittsburg. O pai da Margot era um proeminente advogado que fazia parte do quadro administrativo de várias empresas.

O meu pai era um simples vendedor; vendia bens muito pouco glamorosos, tipo projectores para aqueles *slides* desinteressantíssimos que os professores mais indolentes nos obrigavam a ver na escola primária. A mãe da Margot era uma *ex-miss* de Charleston, com uma sensibilidade típica de senhora colunável e uma magnífica estrutura óssea. A minha fora uma banalíssima professora de álgebra de liceu, antes de morrer de cancro de pulmão – sem jamais ter fumado um cigarro na vida –

precisamente na véspera do meu décimo terceiro aniversário.

A Margot tinha dois irmãos mais velhos que, pura e simplesmente, a idolatravam. A família dela era uma WASP⁵ sulista equivalente aos Kennedy, que jogava *touch football* na praia de Sea Island, fazia férias de Inverno em estâncias de esqui e, ocasionalmente, passava o Natal na Europa. Eu e a minha irmã passávamos as férias na praia de Jersey Shore com os nossos avós. Não tínhamos passaporte, nunca tínhamos saído do país e apenas viajáramos de avião uma vez na vida.

A Margot era chefe-de-claque e ex-debutante, transbordando daquele tipo de confiança que apenas ostentam as famílias WASP *muito* ricas e *muito* viajadas. Quanto a mim, era reservada, ligeiramente neurótica e, apesar do meu fortíssimo desejo de me integrar, sentia-me bem mais confortável no meu *low profile*.

Ainda assim, e apesar das nossas diferenças, tornámo-nos as melhores amigas. E depois, anos mais tarde, naquela que poderia vir a ser a mais perfeita «história-de-sofá em estilo de documentário», apaixonei-me pelo irmão. Aquele que eu *sempre soube* ser tão bonito quanto simpático.

Mas muita coisa aconteceu antes de eu me casar com o Andy e depois daquela carta da Margot ter chegado à minha caixa de correio. *Muita* coisa. E uma delas foi o Leo. Aquele que eu viria a amar antes de amar o Andy. Aquele que eu aprendi a odiar, sem nunca deixar de amar, muito depois de termos acabado. Aquele de quem eu finalmente, *finalmente*, me tinha livrado. E que voltei a ver, anos depois, numa passeadeira de peões do centro de Nova Iorque.

³ Exibido em Portugal com o nome «Um Amor Inevitável» (N. da T.)

⁴ Exibido em Portugal com o nome «Magnólias de Aço». (N. da T.)

⁵ *White, Anglo-Saxon and Protestant*, ("Branco, Anglo-Saxão e Protestante"). A cultura WASP é focada nos chamados valores tradicionais e fortemente baseada numa religiosidade inflexível. (N. da T.)

Capítulo 3

– Onde estás? – perguntou o Leo.

Respirei fundo enquanto pensava numa resposta. Por segundos achei que a pergunta fora feita no sentido filosófico: – *Onde estás, a esta altura da vida?* – e quase lhe falei no Andy. Na família e nos amigos. Na carreira de fotógrafa. *Numa fase excelente e plena de satisfação.* Resposta que até bem recentemente eu tanto tinha ensaiado, no duche, na cama ou no metro, esperando por esta oportunidade. A feliz oportunidade de lhe mostrar que tinha sobrevivido e evoluído para um estado bem maior de felicidade.

Mas quando me preparava para lhe dizer isto, apercebi-me do que é que o Leo estava de facto a querer saber. Referia-se *literalmente* a onde eu estava. Parada? A atravessar uma rua? Ou em que cafetaria tinha entrado para analisar e digerir aquilo que acabara de suceder.

A pergunta enervou-me tanto como nos enerva quando alguém pergunta quanto pesamos, ou quanto ganhamos por mês, ou qualquer outra questão de cariz pessoal, indelicada e proibitiva, e à qual preferíamos de longe não responder. Mas a que geralmente acabamos por responder por receio de parecermos mal-educados ou defensivos. Mais tarde, como é óbvio, damos por nós a pensar na resposta perfeita, educada e evasiva, do tipo: *Oh, só a minha balança sabe a verdade*, ou *Nunca se ganha o suficiente*. Ou, como naquela situação: *Ando por aí...*

Pessoalmente, no momento em que me vejo confrontada com a pergunta, acabo sempre por deixar escapar a verdade. O meu peso verdadeiro. O meu ordenado até ao cêntimo. Ou, como neste caso, o nome da cafetaria onde me encontro a tomar um café numa manhã fria e chuvosa.

Que se lixe, penso, assim que as palavras me saem da boca. No fundo até é melhor ser directa. Ser evasiva poderia criar a ilusão de que estava a querer seduzi-lo ou engatá-lo: *Adivinha onde estou... Vê se me descobres, que tal?*

Mas Leo responde-me rapidamente e pleno de segurança: – *Claro!* –, como se aquela cafetaria tivesse em tempos sido *um dos nossos cantinhos preferidos*. Ou, pior ainda, como se eu fosse assim tão previsível. Por fim, quer saber se eu estou sozinha.

Não tens nada a ver com isso, quero dizer-lhe. Mas em vez disso, a minha boca abre-se e solta um simples, directo e convidativo «sim». Como num tabuleiro de damas, uma peça branca deslizando para detrás de uma dama preta, mesmo a pedir para ser comida.

Como é óbvio, o Leo responde: – *OK, vou já para aí. Não te mexas.* – E desliga, antes sequer de me deixar responder. Fecho o telemóvel e entro em pânico. O meu primeiro instinto é o de, pura e simplesmente, me levantar e fugir dali. Mas ordeno a mim mesma não ser cobarde. Aguento perfeitamente vê-lo novamente. Sou uma mulher madura, estável e *muito bem casada*. Qual é o problema de rever um ex-namorado e ter uma conversinha simples e agradável? Além disso, se resolvesse mesmo pirar-me dali, não estaria a entrar num jogo perigoso? Um jogo que eu perdera há tantos anos atrás?

Posto isto, resolvo dedicar-me a desfrutar do meu bagel. Não me sabe a nada, mas continuo a mastigar e a engolir, lembrando-me de ir bebendo o meu café ao mesmo tempo. Não me permito outra olhadela rápida ao espelho. Recuso-me a retocar o *blush*, ou a aplicar uma nova camada de batom, ou sequer verificar se tenho comida entre os dentes.

Que se lixe se tiver uma semente de papoila presa entre os dentes da frente! Não tenho de lhe provar coisíssima nenhuma. Nem a ele nem a mim.

É este o meu último pensamento, antes de ver a cara dele através da porta de vidro embaciada da cafetaria. O coração volta a querer saltar-me do peito e as minhas pernas desatam a tremer. Penso no jeito que me davam agora os comprimidos *anti-stress* do Andy, absolutamente inócuos e que ele toma apenas antes de entrar num julgamento, para evitar que a boca lhe seque e que a voz lhe trema. Ele insiste sempre que não está nervoso, por mais que sinais nítidos indiquem o contrário. E naquele segundo, também eu digo a mim mesma que não estou nervosa. O meu corpo está apenas a trair a minha cabeça e o meu coração. Acontece.

Vejo o Leo a agitar rapidamente o guarda-chuva antes de o fechar. Depois olha em volta, fixando-se em Annie que passa a esfregona pelo chão de um cubículo mais afastado da sala. Apercebo-me de que ele não me viu e, estranhamente, isso dá-me uma vaga sensação de poder.

Mas tudo isso desaparece num ápice assim que os seus olhos encontram os meus. Dirige-me um breve e rápido sorriso e depois baixa a cabeça e avança na minha direcção. Segundos depois está de pé, junto à minha mesa, despindo o velho blusão de cabedal preto de que eu tão bem me lembro. Sinto o estômago a revolver-se, a andar às voltas, para cima e para baixo. Tenho pavor que ele se baixe para me beijar a cara. Mas não, não é o género dele. O Andy beija-me a cara, o Leo nunca o fazia. Mantendo-se fiel ao seu velho eu, solta um piropo qualquer e senta-se ao meu lado, no banco corrido de napa. Está exactamente na mesma, tal como eu o recordava, apenas ligeiramente mais velho, um nadinha mais careca e, sabe Deus porquê, mais vívido: de cabelo mais escuro, complexão mais corpulenta e maxilares mais fortes. Um dramático contraste com as suaves feições do Andy, os seus membros finos e longos e cores claras. *O Andy tem um olhar bem mais tranquilo*, dou por mim a pensar. *O Andy é mais tranquilo, ponto final*. Tranquilo como uma caminhada pela praia, uma sesta de domingo, uma peça redonda encaixando num buraco redondo.

– Ellen Dempsey – diz ele por fim, olhando-me nos olhos.

Jamais me lembraria de uma frase de abertura tão perfeita. Retive-a, saboreei-a, devolvendo-lhe o olhar em cheio naqueles profundos olhos castanhos.

– Ellen *Graham* – anunciei cheia de orgulho.

Ele ergueu o sobrolho, como se tentasse *localizar* o meu novo apelido, facto que o deveria

automaticamente conduzir até à Margot, a minha companheira de quarto quando andámos juntos. Mas ele não pareceu ter feito essa ligação, coisa que não me surpreendeu. O Leo nunca se preocupara demasiado em conhecer os meus amigos – e nunca gostou particularmente da Margot. Um sentimento recíproco, diga-se. Depois da minha primeira grande discussão com ele – que me reduziu a um estado absolutamente patético de depressão – a Margot tinha pegado na única foto dele que eu tinha na altura, uma tira com quatro daqueles «instantâneos-a-dois tirados no metro» e rasgou-a, primeiro ao meio, verticalmente, e depois com toda a minúcia, dilacerando os olhos, as testas, os narizes e as bocas dele, deixando intactos os meus sorridentes quatro rostos.

– Vês como estás muito melhor agora? – comentou ela. – Sem aquele imbecil ao lado!

Grande amiga, lembro-me de ter pensado. Mesmo tendo mais tarde ido a correr buscar um rolo de fita-cola para cuidadosamente reconstruir o Leo. Voltei a pensar o mesmo sobre a Margot quando o Leo e eu acabámos definitivamente e ela me trouxe um cartão de parabéns e uma garrafa de *Dom Pérignon*. Lembro-me de ter guardado a rolha, prendendo-lhe a tira das fotografias com um elástico, e de a ter enfiado na minha caixa de jóias – até a Margot a descobrir, anos depois, quando me devolveu umas argolas douradas que eu lhe tinha emprestado.

– O que vem a ser isto? – perguntou na altura, fazendo passar a rolha entre os dedos.

– Hmmm... foi quando me ofereceste champanhe – retorqui, embaraçada. – Depois... do Leo, lembras-te?

– Guardaste a rolha? E as fotos?

Argumentei que via naquela rolha um símbolo da nossa amizade, nada mais – mas a verdade é que era completamente incapaz de me livrar de fosse o que fosse que se relacionasse com o Leo.

A Margot limitara-se a erguer um sobrolho e a ignorar o assunto, tal como, regra geral, ignorava os temas controversos. Devia ser à boa maneira sulista. Ou, pelo menos, à boa maneira da Margot.

Seja como for, tinha acabado de declarar o meu nome de casada ao Leo. Um triunfo nada pequeno, diga-se.

Ele sentou-se à minha frente. Depois ergueu o queixo e beliscou o lábio superior, dizendo:

– Ah sim?... Parabéns.

– Obrigada. – Senti-me triunfante, excitadíssima para logo ficar meio envergonhada por me sentir tão vitoriosa. *O oposto do amor é a indiferença*, recitei em silêncio.

– E então? Quem é o feliz contemplado? – perguntou.

– Lembras-te da Margot?

– Claro.

– Casei-me com o irmão. Não sei se chegaste a conhecê-lo... – retorqui num tom vago, mesmo sabendo perfeitamente que o Leo e o Andy se tinham conhecido uma vez, num bar de East Village. Na altura, tudo não passara de um brevíssimo e insignificante encontro entre o meu namorado e o irmão da minha melhor amiga. Uma troca de *Como estás?... Prazer em conhecer-te*. Quiçá um aperto de mão. Coisa de gajos. Mas, anos mais tarde, depois de o Leo e eu nos separarmos e eu começar a sair com o Andy, lembro-me perfeitamente de dissecar aquele momento até ao mais ínfimo pormenor, como qualquer mulher faria.

Leo pareceu lembrar-se subitamente de qualquer coisa.

– *Esse tipo? A sério? Aquele que estudava Direito?*

Reagi àquele *esse tipo*, ao toquezinho subtil de escárnio, perguntando-me que estaria ele a pensar nesse momento. Ter-se-ia apercebido de alguma coisa naquele encontro tão breve? Ou estaria apenas a expressar o seu desdém pelos advogados em geral? Teria eu, em algum momento, dito algo acerca do Andy que agora lhe pudesse dar razões para o criticar? Não. Impossível. Não havia – *não há* – rigorosamente nada no Andy de negativo ou controverso. O Andy não tem inimigos. Toda a gente o adora.

Volto a olhar Leo nos olhos, ordenando-me mentalmente para não ser defensiva, para não reagir sequer. A opinião do Leo deixou de me interessar. Limitei-me então a assentir com a cabeça, plácida e confiantemente:

– Sim, o irmão da Margot – repeti.

– Uau, isso é que foi uma coisa bem pensada – disse ele com uma réstia de sarcasmo na voz.

– Sim – respondi com um sorriso petulante –, *muito* bem pensada mesmo.

– Uma grande e feliz família – comentou.

Pronto, agora jurava que o tom dele é sarcástico – pensei, subitamente tensa e sentindo uma raiva mais do que familiar a crescer dentro de mim. O tipo de raiva que o Leo desde sempre me inspirara. Baixo o olhar para a carteira com a séria intenção de deixar uma nota na mesa, levantar-me e sair. Mas eis que ouço o meu nome a atingir-me como um soco em pleno maxilar e sinto a mão dele poisar sobre a minha, engolindo-a de um trago. Já me tinha esquecido de quão grandes e fortes eram as suas mãos. E como estavam sempre quentes, mesmo em pleno Inverno. Lutei para retirar a mão de debaixo da sua, mas não consegui. *Felizmente é a mão direita*, pensei. A esquerda tinha-a escondida debaixo da mesa, ainda a salvo. Acaricieei a minha aliança com o polegar e recuperei o fôlego.

– Tive saudades tuas – disse ele.

Olhei-o, chocada, boquiaberta. *Ele teve saudades minhas?!* Não podia ser verdade – mas por outro lado, o Leo não é de mentir. É de dizer sempre a verdade, nua e crua. Goste-se ou deteste-se.

– Desculpa-me, Ellen – continua ele.

– Desculpo-te o quê? – perguntei, tendo em mente que existem dois tipos de *desculpa-me*. Um, imbuído de desconforto e relativo arrependimento. E um *desculpa-me* puro. Aquele que está *mesmo* a pedir perdão.

– Tudo – diz ele. – *Tudo*.

Ora isto abrange mesmo tudo, pensei. Estico os dedos da mão esquerda e observo a aliança. Sinto um forte aperto na garganta e a voz sai-me num murmúrio:

– São águas passadas, Leo – digo. E *são mesmo* águas passadas.

– Eu sei – responde-me. – Mas desculpa-me na mesma.

Pestanejo e desvio o olhar, mas ainda assim não consigo mexer a mão.

– Não tem importância. Está tudo bem.

As sobrancelhas espessas e tão bem desenhadas do Leo, as mesmas que em tempos me fizeram brincar com ele e perguntar-lhe se ele as arranjava, ergueram-se em simultâneo.

– *Bem?*

Percebo perfeitamente o que ele quer dizer com aquilo, por isso apresso-me a dizer:

– Melhor do que bem. Está tudo *óptimo*. Exactamente como deve estar.

A sua expressão alterou-se, passando de apreensiva para jovial e brincalhona, a expressão que ele tantas vezes assumia quando eu o amava desmesuradamente e acreditava que as coisas entre nós resultariam. Sinto o coração a retorcer-se, cheio de nós cegos.

– E então, Ellen *Graham*, considerando que está *tudo óptimo* entre nós, que me dizes a tentarmos dar oportunidade a uma possível amizade? Achas que conseguiremos?

Enumerei mentalmente todas as razões para não o fazermos, pensando no quanto isso me poderia vir a magoar. Contudo, dei por mim a encolher os ombros com aparente indiferença e a murmurar:

– Porque não?

Finalmente retirei a mão de debaixo da sua, uns escassos segundos mais tarde do que devia.

Capítulo 4

Saí da cafetaria completamente atordoada, sentindo um misto de melancolia, ressentimento e expectativa. Uma estranha combinação de emoções, exacerbada pela chuva que caía agora em gélidos lençóis na diagonal. Por segundos considerei a hipótese de seguir o caminho mais longo para casa, quase desejando que o tempo estivesse assim frio, molhado e horrível, mas pensei duas vezes. Não havia nada por que me martirizar, nenhuma razão para me sentir infeliz ou sequer introspectiva.

Dirigi-me pois ao metro, transpondo determinada os passeios lisos. Recordações boas, más e até mesmo mundanas do Leo rodopiavam-me na cabeça, mas eu recusava-me terminantemente a fixar-me numa em particular. *Um caso do passado*, murmurei em voz alta enquanto descia os degraus da estação da Union Square. Já lá em baixo, distraí-me a evitar as poças e olhei em volta à procura de algo que me captasse a atenção. Fui ao quiosque comprar um tubinho de *Butterscoth Life Savers*, passei os olhos pelos cabeçalhos dos jornais do dia, ouvi uma acesa discussão alheia sobre política, e observei uma ratazana a correr pelos carris. Tudo o que me impedisse de rebobinar e projectar de novo o meu encontro com o Leo. Se as comportas do meu coração se abrissem, iria fatalmente analisar obsessivamente tudo o que fora dito, sem esquecer o não-dito, aquele bichinho teimoso que fizera sempre questão de acompanhar a nosso relacionamento. *O que é que ele quis dizer com isto? Porque é que ele não disse aquilo? Será que ainda sente alguma coisa por mim? Terá casado também? Se sim, porque não mo disse?*

Repito a mim mesma que já nada disso importa. Há muito que deixou de importar.

O metro finalmente aparece na plataforma. É hora de ponta, e todas as carruagens estão apinhadas de gente. Entro, tentando abrir caminho pelo meio das pessoas, e acabo por ficar esborrachada contra uma mãe de mão dada com a filha de oito, dez anos. Têm o queixo igualzinho e o mesmo nariz pontiagudo. A menina veste um blazer trespassado azul-

-marinho com botões dourados em forma de âncora. Discutem o que vão fazer para o jantar.

– Macarrão com queijo e pão de alho? – sugere a filha num tom esperançado.

Fico à espera de uma objecção maternal do tipo *jantámos isso ontem*, mas a mãe limita-se a sorrir e a responder: *parece-me uma excelente sugestão para uma noite chuvosa*. A voz é tão suave, quente e nutritiva quanto os hidratos de carbono que em breve irão partilhar.

Penso na minha mãe, como me acontece com frequência ao longo do dia, muitas vezes

impulsionalizada por um estímulo bem menos palpável que o da mãe e filha coladas a mim. A minha mente desvia-se para uma questão recorrente: como teria sido a nossa relação adulta? Será que eu iria ignorar a sua opinião sempre que se tratasse de assuntos do coração, rebelando-me intencionalmente contra aquilo que ela sonhava para mim? Ou teríamos sido tão próximas quanto a Margot e a mãe, falando várias vezes ao dia? Agrada-me pensar que teríamos sido confidentes. Talvez não do tipo que partilha roupa e sapatos, mas íntimas nas gargalhadas e risinhos (a minha mãe era descontraída o suficiente para isso), emocionalmente ligadas o suficiente para eu lhe contar da cena com o Leo na cafetaria. A mão dele na minha. O modo como me sinto agora.

Faço uma colagem rápida e apressada de todas as coisas que ela poderia ter dito, pérolas reconfortantes do género: *Fico tão feliz por teres encontrado o Andy. Ele é o filho que eu nunca tive. Nunca gostei tanto de nenhum namorado teu.*

Tudo demasiado previsível, pensei, escavando bem fundo à procura de algo mais profundo. Fecho os olhos, imaginando-a *antes* de ficar doente, algo que ultimamente deixei de fazer. Consigo ver-lhe os olhos amendoados cor de avelã, parecidos com os meus, mas descaindo ligeiramente nos cantos – «olhos de cama», como o meu pai lhes chamava. Vejo-lhe a testa, alta e macia. O cabelo espesso e brilhante, sempre com o mesmo corte liso e curto que desafiou todas as modas e tendências, apenas com o comprimento suficiente para o poder apanhar num minúsculo rabo-de-cavalo quando fazia jardinagem ou tratava da casa. O ligeiro afastamento entre os dentes da frente e o modo como ela costumava disfarçá-lo quando se ria à gargalhada, pondo a mão à frente da boca num gesto perfeitamente inconsciente.

Depois evoco-lhe o olhar fixo e intenso, severo mas agradável – perfeitamente apropriado a uma professora de matemática numa escola pública – e ouço distintamente as palavras proferidas no seu forte dialecto de Pittsburgh: *Ouve lá, Ellie. Vê se não dás a este encontro nenhum significado maluco, como fizeste da primeira vez que reataram. Não quer dizer nada. Muitas vezes na vida as coisas não têm qualquer significado.*

Queria muito ouvir a minha mãe agora. Gosto de acreditar que ela me está a orientar algures de um sítio longínquo, mas ainda me sinto a desmoronar, sucumbindo à memória daquele predestinado encontro no Supremo Tribunal do Estado de Nova Iorque, na Centre Street, quando eu e o Leo fomos ambos notificados a comparecer como jurados seleccionados, na mesma terça-feira de Outubro. Prisioneiros enfiados ao molho numa sala sem janelas, com péssimo som, cadeiras articuladas em ferro, e pelo menos um concidadão que se esquecera de usar desodorizante. Foi tudo tão aleatório e, como eu ingenuamente acreditei durante tanto tempo, romântico *de tão* aleatório.

Eu tinha apenas vinte e três anos, mas sentia-me bem mais velha devido ao vago medo e desilusão que nos assola quando deixamos a segurança da universidade e entramos abruptamente no mundo real, sobretudo quando não temos mãe, nem planos, nem dinheiro, nem perspectiva. A Margot e eu tínhamo-nos mudado para Nova Iorque no verão anterior, logo a seguir à formatura, e ela arranjou logo um rico emprego na área do *marketing* na J. Crews, S. A. Eu só tivera uma proposta para entrar – começando por baixo, bem entendido – no *Mellon Bank* em Pittsburgh e, por isso, pensava em voltar para casa e viver com o meu pai e a sua nova mulher, Sharon, uma rapariga simpática e com bom feitio mas um tanto espalhafatosa, com umas grandes mamas e cabelo platinado. Mas a Margot

convenceu-me a ir com ela para Nova Iorque, enchendo-me a cabeça com a *Big Apple* e de como «ter sucesso lá era ter sucesso em qualquer parte do mundo»⁶. Com alguma relutância, concordei porque não me agradava a ideia de me separar de Margot, tal como não me agradava a ideia de ver outra mulher tomar conta da minha casa – da casa da *minha mãe*.

Assim, o pai de Margot pagou-nos os bilhetes de ida para Nova Iorque, e contratou uma empresa de mudanças que nos ajudou a instalar os nossos móveis do dormitório da universidade num amoroso apartamento de dois quartos na Columbus Avenue com a 79th; ela com um enxoval novinho em folha digno de uma recém executiva, incluindo uma pasta de crocodilo; e eu com o meu inútil curso de Filosofia e um monte de *t-shirts* e *jeans* cortados pelo meio da coxa. Só me restavam 443 dólares no banco e estava habituada a levantar cinco dólares de cada vez no Multibanco, uma quantia que, como me apercebi para meu grande escândalo, não dava nem para comprar uma sandes de *pastrami*⁷ nas ruas do centro da capital. Mas o fundo de crédito da Margot, concedido pelos avós paternos, tinha acabado de chegar e ela insistiu que o que era dela era meu, porque *ao fim e ao cabo éramos mais irmãs do que amigas, não éramos?*

– Por favor, não me obrigues a viver numa espelunca, só para poderes pagar metade da renda – disse ela a brincar, mas *muito a sério*. O dinheiro era uma coisa em que Margot não tinha de pensar. Mais, era assunto em que ela *não queria* pensar nem discutir. Aprendi então a engolir o meu orgulho e fazer por ignorar a comichão que sentia na nuca de cada vez que tinha de lhe pedir algum dinheiro emprestado. Disse para comigo que aquele sentimento de culpa era despropositado e que, além disso, eu havia de lhe pagar um dia – se não monetariamente, de outra forma qualquer.

Durante aquele primeiro verão tão excitante na cidade fartei-me de enfeitar o meu currículo com exageros e fontes extravagantes e ofereci-me para tudo o que era serviço de escritório que pude encontrar. Quanto mais entediante era a descrição, mais legítima parecia a carreira, porque naquele tempo eu considerava a vida de adulto uma espécie de miséria envergonhada. Fui chamada para várias entrevistas, mas devem ter sido todas desastrosas, porque nunca me contactaram. Finalmente decidi-me por servir à mesa no *Express*, um café em Park Avenue-Sul que pretendia imitar um pequeno restaurante rústico de Lyon. O horário era pesado – eu trabalhava quase sempre no turno da noite – e fazia-me doer os pés, mas o trabalho não era mau de todo. Para surpresa minha, ganhava bom dinheiro (porque os clientes da noite são mais generosos nas gorjetas), conheci gente gira e aprendi tudo o que alguma vez poderia querer saber sobre charcutaria, tábuas de queijos, vinho do Porto e pés de porco.

Entretanto, interessei-me por fotografia. Começou por um mero passatempo. A coisa agradava-me e era uma boa maneira de preencher o dia e conhecer a cidade. Percorri várias zonas – East Village, Alphabet City, SoHo, Chinatown, Tribeca – tirando fotos com uma câmara de 35mm que o meu pai e a Sharon me tinham oferecido como prenda de fim de curso. Mas, muito em breve, tirar fotografias tornou-se para mim uma verdadeira paixão. Era uma coisa que eu não só amava fazer, como *tinha* de fazer, do mesmo modo que certos escritores falam da sua necessidade de pôr palavras no papel ou certos atletas ferrenhos não abdicam do seu trote matinal. A fotografia entusiasmava-me e enchia-me as medidas mesmo quando eu estava, literalmente, desnorteada e sem objectivos. Começava a ter

saudades da minha mãe, mais do que tinha sentido na faculdade e, pela primeira vez na vida, ansiava por uma relação amorosa. Excepto uma paixoneta maluca que sentira pelo Matt Iannotti no décimo ano, nunca me tinha realmente interessado por rapazes. Saíra aqui e acolá com alguns e tivera relações sexuais com dois colegas da faculdade, um a sério, o outro nem tanto, mas nunca tinha estado apaixonada, nem de longe nem de perto. E jamais tinha falado no assunto, a não ser com a família ou, claro, com a Margot quando bebíamos um copo a mais. Mas tudo mudou naquele primeiro ano em Nova Iorque. Eu não estava bem certa do que tinha mudado na minha cabeça, mas talvez me tivesse tornado verdadeiramente adulta – e viver rodeada de milhões de pessoas, entre as quais a Margot, que pareciam todas ter sonhos bem definidos e alguém a quem amar, possivelmente, contribuiu para essa mudança.

E assim concentrei toda a minha energia a fotografar. Gastava até ao último cêntimo em película e passava cada momento livre a tirar fotografias ou a ler livros da especialidade nas bibliotecas e livrarias. Devorava manuais técnicos e as colecções dos grandes fotógrafos. O meu álbum favorito – que a Margot me ofereceu quando fiz vinte e três anos – era *The American*, de Robert Frank, que incluía uma série de fotos que ele tirou nos anos 50, quando viajou por todo o país. Fiquei hipnotizada pelas suas imagens a preto e branco, cada uma contendo uma história. Senti que conhecia aquele homem entroncado curvado sobre uma *juke box*, aquela mulher elegante olhando por sobre o ombro no elevador e a ama de pele escura que embalava um bebé branco como leite. Percebi que aquela sensação de acreditar piamente que se conhecia o objecto fotografado era, mais do que tudo, a marca de um grande fotógrafo. *Se eu conseguisse tirar fotografias assim, pensei, sentir-me-ia realizada, mesmo sem ter um namorado.*

Pensando nisso agora, parece-me perfeitamente evidente o que me restava fazer, mas foi preciso que a Margot me apontasse o que era óbvio – esta é uma das coisas para que servem os amigos. Ela tinha acabado de regressar a casa de uma viagem de trabalho a Los Angeles, arrastando a mala até à mesa da cozinha para pegar numa das minhas fotos acabadas de revelar. Era a foto a cores de uma rapariga com ar desolado, sentada no passeio na Bedford Avenue, em Brooklin, com o conteúdo da mala espalhado na rua à sua volta. Tinha um cabelo ruivo, comprido, encaracolado e aquela beleza adolescente sem maquilhagem que na altura não soube reconhecer completamente por ser, eu própria, também tão nova. A rapariga estendia uma mão para pegar num espelho partido; a outra mão roçava-lhe a testa de leve.

– Uau! – disse Margot, aproximando a foto dos olhos. – Esta foto é espantosa!

– Obrigada – disse eu com modéstia, mas sentindo-me orgulhosa. Aquela foto era *realmente* espantosa.

– Porque está ela tão triste? – perguntou Margot.

Respondi, encolhendo os ombros, que raramente falava com as pessoas que fotografava. Só quando elas me apanhavam a tirar-lhes o retrato e me falavam primeiro.

– Talvez tenha perdido a carteira – sugeriu Margot.

– Ou talvez tenha acabado um namoro – disse eu.

Ou talvez a mãe tivesse acabado de morrer.

Margot continuava a estudar aquela foto, comentando que as meias de vermelho vivo até ao joelho

davam à imagem um vago ar de outros tempos. Mas logo acrescentou, com a sua obsessão pela moda:

– Embora as meias até ao joelho estejam a usar-se de novo! Quer se goste, quer não.

– Eu não gosto – disse. – Mas fica registado.

Foi então que ela me disse:

– As tuas fotos são geniais, Ellen. – Abanou convictamente a cabeça, enquanto enrolava o seu macio cabelo cor de mel num carrapito que segurou habilmente com um lápis. Tratava-se de uma técnica serena e eficaz que eu tentara imitar centenas de vezes, sem nunca conseguir. Quando se tratava de cabelos ou moda ou maquilhagem, tudo o que tentava copiar de Margot saía-me mal. Ela voltou a abanar a cabeça e disse: – Devias seguir a carreira de fotógrafa profissional.

– Achas? – disse eu, quase sem querer.

Por estranho que pareça, era uma coisa em que nunca tinha pensado, não sei porquê. Talvez receasse que o meu entusiasmo excedesse largamente o meu talento. E não era capaz de enfrentar a ideia de perder, numa coisa que eu tinha tanto empenho, orgulho e gosto. Mas a opinião da Margot tinha muita importância para mim. Apesar de toda aquela impostura e charme sulista que ela por vezes usava, nunca o fizera comigo. Dizia-me sempre o que pensava – sinal de *verdadeira* amizade.

– Tenho a certeza – disse ela. – Devias dedicar-te *mesmo* a isso.

Segui o seu conselho e comecei à procura de um emprego na área da fotografia. Candidatei-me a tudo o que encontrei como assistente de fotógrafo – incluindo alguns fotógrafos de casamentos pirosos em Long Island. Mas como não tinha experiência formal, de novo me vi rejeitada por toda a gente e acabei por aceitar um emprego de salário mínimo como auxiliar de laboratório numa pequena loja de revelação de fotos com um equipamento modesto. Tinha de começar por algum lado, disse eu para comigo no autocarro, a caminho da lúgubre parte baixa da 2nd Avenue no meu primeiro dia de trabalho. E foi lá que almocei uma sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, numa salinha exígua cheia de correntes de ar que cheirava a tabaco e a creolina.

Mas, como veio a revelar-se mais tarde, foi o melhor primeiro emprego que poderia ter. E isso graças a Quynh, a rapariga vietnamita que era casada com o filho do patrão. Quynh mal falava inglês, mas era um verdadeiro génio com a cor e ensinou-me mais sobre revelação e tiragem de cópias do que podia ter aprendido em qualquer escola (e mais do que realmente aprendi quando mais tarde frequentei uma escola de fotografia). Todos os dias eu observava aqueles dedinhos hábeis carregar a película e manejar os botões nas máquinas, acrescentando um pouco mais de amarelo, um pouco menos de azul, para conseguir as cópias mais perfeitas; e cada vez mais me apaixonava por aquela profissão escolhida pela novata que eu era.

E assim estava quando recebi aquela abominável intimação judicial para fazer parte de um júri. Embora ainda ganhasse uma miséria, sentia-me feliz e realizada, cheia de esperanças e com muito pouca vontade de abdicar do meu trabalho (e salário) para cumprir com os meus deveres de jurada. Margot sugeriu-me que perguntasse ao Andy, que estava no início do seu terceiro ano de Direito na Universidade de Columbia, como poderia ser dispensada. Eu telefonei-lhe e ele assegurou-me que era fácilmo.

– Não podes mentir durante o *voir dire*⁸ – disse ele, impressionando-me com a sua fluência dos termos jurídicos. – O que podes é exagerar os teus preconceitos: insinua que odeias advogados, que

não confias na polícia, ou que guardas grandes ressentimentos contra os ricos e poderosos. Seja o que for que eles queiram ouvir.

– Bom... – disse eu. – Eu *odeio mesmo* os ricos e poderosos.

Andy soltou uma gargalhadinha. Percebia que eu estava a brincar, mas também devia saber pela Margot que eu estava sempre tesa. Deu uma tossidela e continuou, agora a sério:

– Uma certa linguagem corporal também pode ajudar. Mostra-te aborrecida por lá estares. De braços cruzados, como se tivesses mais que fazer. Ninguém gosta de um jurado impaciente.

Disse-lhe que seguiria à risca aqueles conselhos. Tudo para voltar à minha vidinha normal e ao meu salário, que tanta falta me fazia.

Mas tudo desapareceu num instante quando vi o Leo pela primeira vez, num momento que me ficou gravado para sempre na memória.

Era de manhã cedo, mas eu já tinha esgotado todo o *stock* de revistas que levava na carteira, olhado centenas de vezes para o relógio, e telefonado à Quynh de uma cabine telefónica para lhe fazer um relatório completo, quando me recostei para olhar para a sala dos jurados e dei com ele sentado umas filas à minha frente, na diagonal. Estava a ler a página de trás do *New York Post* abanando a cabeça ao ritmo de uma canção no seu Discman, e de repente senti uma vontade imperiosa de saber o que ele estaria a ouvir. Imaginei, sabe Deus porquê, que era a Steve Miller Band ou os Crosby, Stills and Nash, uma coisa masculina e confortável que combinasse com as suas Levis coçadas, o pulôver felpudo azul-escuro e os Adidas pretos com os atacadores meios soltos. Ele virou a cara para o relógio na parede e eu pude admirar-lhe o perfil. Tinha um nariz marcado (que a Margot mais tarde classificaria de *desafiador*), malares salientes e... aquela maneira como o cabelo escuro e ondulado se encaracolava contra a pele macia, cor de azeitona, do pescoço... Não era particularmente alto, mas tinha ombros largos e fortes. Imaginei-o a saltar à corda num ginásio de bairro ou a correr por uma escadaria de tribunal acima e cheguei à conclusão de que era mais *sexy* do que bonito. *Deve ser ótimo na cama...* Aquele pensamento apanhou-me de surpresa, porque eu não tinha por hábito apreciar homens desconhecidos sob esse prisma puramente físico. Como a maioria das mulheres, gostava de conhecer alguém primeiro – a atracção baseava-se na personalidade. Além disso, o sexo não era assim tão importante. *Até agora.*

Como se adivinhasse os meus pensamentos, Leo voltou-se na cadeira e dirigiu-me um olhar irónico e inteligente que dizia: *Já te topei*. Ou talvez fosse: *só Este dever cívico de jurado é uma grande seca, não é?* Tinha olhos encovados (tão encovados que não consegui sequer precisar que cor teriam), que de certo modo pareciam misteriosos àquela luz amarelada fluorescente. Mantive-me de olhos nos olhos durante tempo mais do que suficiente, antes de fingir concentrar-me na lengalenga do burocrata à nossa frente que estava a explicar-nos, pela quinta vez, pelo menos, o que constituía uma razão médica válida para recusar o nosso dever cívico de possíveis jurados.

Mais tarde, o Leo disse-me que eu parecia muito alvoraçada, enquanto eu me esforçava por desmenti-lo veementemente, fingindo que mal tinha dado conta da presença dele. Seja como for, ambos concordámos que foi nesse momento que aquele dever cívico deixou de parecer tão aborrecido.

Durante a hora que se seguiu, mantive-me atenta ao menor gesto do Leo. Vi-o espreguiçar-se e

bocejar. Vi-o dobrar o jornal e guardá-lo debaixo da cadeira. Vi-o perambular para fora da sala e voltar a entrar munido de um pacote de bolachas de manteiga de amendoim que se pôs a comer descaradamente, apesar dos cartazes com «Proibição de Comer e beber» colados em toda a sala. Não voltou a olhar para mim, mas eu percebi que ele se sentia observado por mim, o que me produzia uma estranha excitação. Não poderia chamar-lhe amor à primeira vista – eu não acreditava nessas coisas – mas a situação intrigava-me de um modo inexplicável e sem precedentes.

E foi então que a minha fada-madrinha, na pessoa do Promotor Público, me concedeu o meu desejo. Os nossos nomes, entre outros de uma lista, foram referidos, e acabámos sentados lado a lado, numa cabine de jurados, a poucos centímetros um do outro. Naquela pequena sala de tribunal, sem dourados nem nada de um cenário cinematográfico, tive a sensação de que algo de importante e solene estava prestes a acontecer, uma tensão que tornava aquela proximidade de Leo em qualquer coisa de terrivelmente íntimo. Pelo canto do olho, eu via o seu antebraço musculoso percorrido por veias azuis e senti-me atingida pela reminiscência inquietante de uma paixoneta de liceu que eu tivera pelo Matt, e a euforia que eu sentira quando ele se sentara ao meu lado, uma manhã, naquele auditório bafiento, durante uma prelecção chatíssima acerca das maneiras como as drogas e o seu uso podiam destruir as nossas vidas. Lembro-me de me sentir afundada na água de colónia Aramis que o Matt usava intensamente (ainda sou capaz de a distinguir no meio de uma multidão), e de rir dos seus comentários acerca dos modos como a erva podia *melhorar* as nossas vidas. Agora que penso nisso, o Leo pareceu-me uma versão de um irmão mais velho do Matt. O que me fez pensar se eu realmente teria «um tipo de homem», apesar dos meus protestos em contrário perante a Margot. Se esse fosse o caso, seria este decididamente o meu tipo. E, com esta observação, o Promotor dirigiu a sua atenção para Leo e pronunciou, com uma expressão de alegria totalmente fictícia:

– Jurado Número Nove, bom dia.

O Leo respondeu com um baixar de cabeça breve, mas respeitoso.

– Onde vive o senhor? – perguntou o Promotor.

Endireitei-me na cadeira, esperando que a voz dele correspondesse ao seu aspecto. Não há nada pior do que uma voz fininha num homem, seguida de perto por pulsos finos, ombros descaídos e um aperto de mão mole.

Mas claro que o Leo não me desapontou. Aclarou a garganta e de lá saiu uma voz grave, confiante e com um sotaque bem nova-iorquino:

– Morningside Heights.

– Foi lá que nasceu?

– Não, sou de Astoria – disse o Leo. – Nascido e criado.

Claro! Queens! pensei eu, que já começara a apaixonar-me pelos arredores de Nova Iorque, talvez porque Brooklyn, o Bronx e Queens me faziam pensar na minha terra – operários e trabalhadores autênticos. Talvez porque as fotografias que eu tirava fora do centro luxuoso de Nova Iorque eram sempre as mais interessantes.

O Promotor prosseguiu interrogando o Leo acerca da sua profissão, o que me levou a pensar que aquela cerimónia do *voir dire* era bem melhor do que um primeiro encontro romântico: alguém fazia as perguntas e nós estávamos lá a ouvir as respostas. Ainda por cima, ele era obrigado a dizer a

verdade! *Perfeito!*

– Sou escritor... repórter – disse Leo. – Cubro alguns acontecimentos para um jornal pequeno.

Perfeito! Pensei novamente. Já o via percorrer as ruas com um caderno de notas e a conversar com velhotes em bares escuros, a meio da tarde, para um artigo sobre como a cidade está a perder todo o seu carácter e a sua garra.

E assim continuou durante os minutos seguintes, enquanto eu rejubilava com as respostas do Leo, tanto pelo seu conteúdo, tão interessante e colorido, como pela expressão cara-de-pau com que ele as debitava. Fiquei assim a saber que ele frequentara um curso universitário durante três anos, que abandonara quando vira «os seus fundos esgotados». Que não conhecia nenhum advogado – excepto um tipo chamado Vern, seu colega de instrução primária, «que ainda não passou de advogado oficioso, mas que é bom tipo, apesar da profissão que tem... Sem ofensa.» Que o pai e os irmãos eram bombeiros, mas que ele «nunca se sentira muito atraído por essa profissão». Que nunca casara, nem tinha filhos, «que soubesse...». Que nunca tinha sido vítima de crime violento, «não contando ter ficado a perder algumas cenas de pugilato».

E com esta última gracinha de Leo, o meu desejo de ser recusada como jurada dissipou-se por completo. Pelo contrário, passei a encarar o meu dever cívico com um fervor inusitado. Quando chegou a minha vez de responder às perguntas, disse tudo o que Andy me aconselhara a *não fazer*. Mostrei-me simpática e pronta para agradar. Dirigi aos advogados de ambas as partes o meu melhor sorriso, o mesmo que habitualmente oferecia aos polícias de trânsito, mostrando-lhes que seria a testemunha ideal e de espírito aberto. Passou-me pela cabeça o meu emprego e como a Quynh precisava da minha colaboração, mas logo o meu espírito altruísta concluiu que tanto o nosso sistema criminal como a Constituição sobre a qual se fundava mereciam o meu sacrifício.

E foi assim que, após mais umas quantas rodadas de interrogatório, o Leo e eu fomos seleccionados como jurados Nove e Dez. Durante aqueles abençoados seis dias como jurada, eu vivi uma pura euforia, perturbada unicamente pelos detalhes horripilantes de um assassinato brutal – executado com o auxílio de um x-acto – em pleno Spanish Harlem. A vítima era um rapaz de vinte anos, assim como o acusado; e ali estava eu desejando que as provas levassem *muito tempo* a ser estabelecidas. Era mais forte do que eu: só desejava passar mais dias ao lado do Leo, ter a oportunidade de falar com ele, conhecê-lo um pouco. Precisava de saber se aquela minha paixoneta – embora a palavra parecesse tornar trivial aquilo que eu sentia – estava bem fundamentada. Durante aquele tempo, o Leo parecera amigável, mas inacessível. Mantinha os auscultadores nos ouvidos sempre que possível e fora da sala do julgamento evitava a conversa fiada em que o resto dos jurados se embrenhava, falando de tudo menos do processo; e almoçava sozinho todos os dias sem se juntar a nós no pequeno café ao lado do tribunal. A sua circunspecção só me fazia gostar cada vez mais dele.

Uma manhã, mesmo antes dos argumentos finais, quando nos estávamos a sentar nos nossos lugares de jurados, ele voltou-se para mim e disse: – *É agora*. – Depois dirigiu-me um sorriso lento, mas genuíno, como se partilhássemos um segredo. O meu coração borboleteou. E naquele momento passámos realmente a partilhar um segredo.

Tudo começou durante as deliberações, quando se tornou claro que Leo e eu partilhávamos da

mesma opinião acerca do caso. Isto é, ambos éramos a favor de uma absolvição total. Não havia problema em relação ao acto em si – o réu tinha confessado e a confissão não admitia dúvidas – a única dúvida era se ele tinha ou não agido em legítima defesa. O Leo e eu achávamos que sim. Ou, para expor o caso com mais precisão, pensávamos que havia uma forte dúvida razoável de que o réu *não* tivesse agido em legítima defesa – uma subtil distinção, mas que, para nosso espanto, quase todos os nossos colegas pareciam não perceber. Começámos ambos a sublinhar o facto de que o réu não tinha cadastro (quase um milagre naquela zona violenta da cidade), e de que tinha um verdadeiro pavor da vítima – que fora o chefe mais brutal de um conhecido *gang* do Harlem que há meses vinha ameaçando a vítima, a tal ponto que ela pedira a protecção da polícia. E, finalmente, que ele trazia o x-acto para cortar cartão, no uso normal do seu trabalho como ajudante numa empresa de mudanças. Tudo isto nos fazia crer que o réu tinha entrado em pânico quando se viu rodeado pela vítima e mais *três* dos seus amigos e companheiros de *gang* e desferira os golpes em auto-defesa num estado compreensível de terror. A história parecia plausível e, sem dúvida, suficientemente credível para atingir o patamar da «dúvida razoável».

Após três dias a andar às voltas em círculos cada vez mais enervantes, ainda estávamos retidos num impasse com o resto dos jurados, todos nós feitos reféns, passando a noite num modesto hotel perto do aeroporto. Podíamos ver televisão – aparentemente aquele julgamento não era digno de ser mencionado nos noticiários – mas estávamos proibidos de fazer chamadas para fora ou discutir o caso com os outros jurados fora da sala do tribunal durante as deliberações oficiais.

Assim, quando o telefone do meu quarto tocou naquela noite, fiquei surpresa, perguntando-me quem poderia ser e desejando secretamente que fosse o Leo. Talvez ele tivesse tomado nota do número do meu quarto, quando regressámos nessa noite do nosso jantar em grupo, sempre supervisionados pelo nosso leal meirinho. Atendi, proferindo um sumido *Estou?*

Leo respondeu com um *olá* ciciado e depois, como se pudesse haver a mínima confusão:

– É o Jurado Número Nove, o Leo.

– Bem sei – disse eu, sentindo o sangue descer-me da cabeça até aos pés.

– Oiça... – disse ele. Após três dias de deliberações, eu já sabia que ele começava as conversas com um «ouça», um tique que eu achava adorável. – Bem sei que não devia estar a falar consigo... mas estou mesmo a ficar doido aqui enfiado...

Eu não tinha a certeza do que ele queria dizer com aquilo – a ficar doido por estar sequestrado ou a ficar doido por mim? Decidi que tinha de ser a primeira opção; a segunda era boa de mais para ser verdade.

– Sim, sim, entendo perfeitamente o que quer dizer – disse eu, tentando manter uma voz serena. – Eu também não consigo parar de pensar naqueles testemunhos. É tão frustrante...

O Leo suspirou para o auscultador e após um grande silêncio, disse:

– Acho que... Deve ser uma situação lixada, ter uma dúzia de atrasados mentais a decidir o nosso futuro.

– *Uma dúzia?! –* respondo, tentando parecer calma e divertida. – Fale por si, colega.

Ele soltou uma gargalhada, enquanto eu, quietinha na cama, fervia de excitação. Até que o ouvi dizer:

– Está bem, *nove* atrasados mentais. Ou pelo menos, oito bem imbecis.

– Pois... – disse eu. – É mesmo assim.

– Mas agora a sério, já viu bem *aquela gente*? Metade não tem um espírito minimamente aberto, a outra metade é um bando de imbecis sem sangue nas veias que vai sempre para onde os leva o último compincha com quem almoçaram...

– Pois é – disse eu de novo, sentindo-me feliz da vida. Não podia acreditar que estávamos finalmente a ter uma conversa a sério! Ainda por cima comigo ali em cima da cama, entre lençóis, nem mais nem menos. Fechei os olhos tentando imaginá-lo, também na sua cama. Era incrível como eu podia desejar um... *estranho*, praticamente.

– Nunca tinha pensado nisto – continua ele. – Mas se estivesse a ser julgado, preferia mil vezes enfrentar um juiz do que um grupo de jurados.

Respondi que talvez não estivesse longe de ser da mesma opinião.

– Bolas, eu preferia ter um juiz *corrupto*, que recebesse subornos dos meus inimigos, do que esta tropa fandanga!

Fez-me rir quando começou a passar em revista as historietas mais despropositadas que alguns dos nossos jurados tinham partilhado. Ele tinha toda a razão. Naquele quartinho claustrofóbico tinham-se cruzado experiências de vida, umas após as outras, sem a menor pertinência para o caso sobre o qual estávamos a deliberar.

– Há pessoas que adoram o som da sua própria voz – disse eu, acrescentando: – O que não parece ser o seu caso, senhor Distante.

– Eu não sou distante – disse ele sem convicção.

– Ah pois não... – disse eu. – Quem é que não tira os auscultadores dos ouvidos para não ter de falar com ninguém?

– Estou a falar agora.

– E já não era sem tempo – respondi, pensando como era fácil tomar liberdades ao telefone, às escuras.

Seguiu-se um período de silêncio, que me pareceu ao mesmo tempo caloroso e ilícito. Então mencionei o que era óbvio – que estávamos em maus lençóis se o Chester, o nosso mentor e carcereiro, nos apanhasse a falar um com o outro ao telefone. Ainda por cima, acerca do caso.

– Sim, é verdade... – disse o Leo. Até que acrescentou num tom lento e *muito* deliberado: – E seria ainda pior se eu lhe fizesse agora mesmo uma visita, não é verdade?

– Que quer dizer? – perguntei eu, tendo-o ouvido perfeitamente.

– Posso ir ter consigo? – disse ele, com uma ligeira sugestão na voz.

Sentei-me abruptamente na cama, alisando os lençóis à minha volta.

– E o Chester? – atirei, com uma agradável sensação de quase desfalecimento.

– Já foi para a cama. Não há ninguém no corredor, já verifiquei.

– A sério? – respondi parvamente, sem saber o que dizer.

– A sério. E então?

– Então? – repeti.

– Posso ir ter consigo? Só quero falar... Cara a cara. Sozinhos.

Eu não acreditava que era só isso que ele queria, e uma grande parte de mim esperava que não fosse só isso. Pensei no sarilho em que estaríamos metidos se fôssemos apanhados juntos e que era nosso dever para com o acusado seguir as regras, já que o nosso comportamento poderia resultar na anulação do processo. Pensei que a minha *t-shirt* barata e os meus calções de algodão eram pouco atraentes e que não tinha trazido nada mais *sexy* na mala feita à pressa. Pensei na ideia convencional entre as raparigas que se respondesse *sim* – e que qualquer coisa acontecesse realmente – o Leo perderia o respeito por mim e tudo teria acabado antes de começar.

Por isso abri a boca, preparada para protestar ou, pelo menos, fazê-lo mudar de ideias. Mas em vez disso, sussurrei para o telefone um indefeso *sim*... Seria a primeira de muitas vezes que eu não consegui dizer que não ao Leo.

⁶ Referência à letra da canção *New York, New York* de Frank Sinatra. (N. da T.)

⁷ Carne magra curada e muito temperada, obviamente barata, que se popularizou nos Estados Unidos. (N. da T.)

⁸ Exame preliminar, sob juramento, dos propostos membros de um júri, pelo juiz e advogados. (N. da T.)

Capítulo 5

É noite cerrada quando chego à nossa rua calma, debruada de árvores, em Murray Hill. O Andy vai chegar muito mais tarde mas, por uma vez, não me ralo com as horas que ele tem de passar na sua empresa de advogados. Vou ter tempo para tomar um duche, acender umas velas, abrir uma garrafa de vinho e escolher a banda sonora mais adequada para purgar da minha mente os últimos rastos do passado – qualquer coisa de alegre, sem absolutamente nenhuma associação com o Leo. «Dancing Queen» será perfeito, penso eu, sorrindo para comigo. Nos ABBA, não há *absolutamente nada* relacionado com o Leo. Seja como for, estou decidida a que esta noite seja totalmente dedicada ao Andy. Dedicada a *nós*.

Ao sair da chuva gelada para entrar no edifício, solto um suspiro de alívio. No nosso prédio não há nada de luxuoso, mas é disso mesmo que eu gosto. Adoro a entrada velha e gasta, com o soalho que range e o candeeiro de cobre que já não é polido há anos. Adoro o tapete oriental que exala um cheiro subtil a naftalina. Adoro até o barulhento elevador claustrofóbico, que parece sempre em vias de se avariar. Mas, sobretudo, adoro o facto de aquela ser a nossa primeira casa. Hoje prefiro subir os degraus dois a dois, imaginando o dia – que ainda vai tardar a chegar – em que o Andy e eu vamos voltar a esta casa com os nossos filhos, que ainda tardarão a nascer. Fazer-lhes a visita guiada ao sítio onde «o Papá e a Mamã viveram primeiro» e dizer-lhes: «Claro, com o dinheiro da família do Papá podíamos ter vivido num apartamento de luxo no Upper East Side, com porteiro e tudo, mas ele escolheu este, neste bairro calmo, porque tinha mais charme... Tal como me escolheu a mim, em vez de uma dessas meninas-bem do Sul, loirinhas e de olhos azuis».

Chegada ao quarto andar procuro a chave e, ao dar-lhe a volta, descubro que Andy chegou a casa antes de mim. Foi a primeira vez. Sinto-me ao mesmo tempo envergonhada e culpada ao empurrar a porta, espreitar para a sala através da nossa minúscula cozinha e ver o meu marido estendido no sofá, com a cabeça em cima de um almofadão de *chenille* cor-de-laranja. Já atirou para o chão o casaco e a gravata e desabotoou o colarinho da camisa azul. A princípio julguei que tinha adormecido, mas logo a seguir vejo-lhe o pé descalço a bater ao ritmo de *As Is*, de Ani DiFranco. Aquele disco é meu e bem diferente da habitual música bem-disposta que o Andy costuma escolher entre os mais alegres temas *Top Forty*, ou entre aquelas músicas *country*, cheias de ritmo e energia. O Andy não pede desculpa pelos seus gostos musicais e quando eu estou a ouvir um dos meus favoritos, como Elliot

Smith ou Marianne Faithfull, ele revira os olhos quando a letra se torna menos própria e diz piadas como «Desculpa... vou ali suicidar-me e já venho.» Mas apesar dos nossos gostos musicais serem radicalmente diferentes, ele nunca me pede para baixar o som ou desligar a música. O Andy é todo o oposto de um maníaco do controle. É um brilhante advogado de Manhattan, com a mentalidade típica de um surfista: «vive e deixa viver.»

Durante algum tempo observo o meu marido ali deitado sobre a doce luz cor de âmbar do candeeiro e sinto-me invadida por uma espécie de alívio. Alívio por ter chegado ali, por ser *aquela* a minha vida. Quando me aproximo do sofá, o Andy abre os olhos de repente. Espreguiça-se sorrindo e diz:

– Olá, querida!

– Olá – respondo-lhe, sorrindo também e atirando a minha carteira para cima da mesinha retro que encontramos numa feira de pechinchas em Chelsea. A Margot e a mãe detestam-na quase tanto como odeiam as bugigangas *kitsh* que atravancam todas as superfícies livres do nosso apartamento. Um macaco feito de casca de coco usando óculos de arame está pousado no peitoril da janela. Contas que sobraram de um carnaval recente estão penduradas no monitor do computador. Eu sou muito mais arrumada e organizada do que o Andy, mas no fundo ambos gostamos de tralha – o que segundo a Margot, é o único inconveniente de vivermos juntos.

O Andy senta-se, deixando as suas longas pernas esparramadas pelo chão e suspira. Olha para o relógio e diz:

– Não telefonas. Não dizes nada. Onde é que andaste metida o dia todo? Fartei-me de te ligar para o telemóvel.

O seu tom é descontraído e não acusatório, mas eu senti um arrepio de culpabilidade ao dizer:

– A dar uma série de voltas. A correr e a apanhar chuva. E tinha o telemóvel desligado.

Tudo verdades, penso eu. Mas não deixo de sentir que estou a esconder qualquer coisa ao meu marido. Passa-me pela cabeça rever o meu voto de silêncio e contar-lhe tudo o que *realmente* aconteceu esta tarde. Iria certamente ficar aborrecido e provavelmente um pouco magoado por eu ter deixado o Leo vir ter comigo à cafetaria. Tal como eu me sentiria se o Andy encorajasse uma ex-namorada a tomar um café com ele, quando podia facilmente mandá-la bugiar. Na verdade talvez até motivasse uma pequena discussão, a nossa primeira discussão de *casados*.

Por outro lado, não se dá o caso de Andy se sentir ameaçado pelo Leo ou ser hostil para com ele. Limita-se a vê-lo com a falsa indiferença típica com que toda a gente despreza o ou a mais importante ex da sua actual cara-metade: com uma mistura subtil de ciúme e emulação que se vai apagando com o tempo. Para dizer a verdade, o Andy é tão descontraído que provavelmente não sentiria nenhuma dessas coisas se eu não tivesse cometido o erro de revelar um pouco de mais durante uma das nossas conversas pela noite dentro, no início da nossa relação. Especificamente, tinha usado a palavra *intenso* para descrever o que o Leo e eu tínhamos partilhado. Na altura não me parecera uma revelação particularmente importante até porque partira do princípio que a Margot já lhe contara uma ou duas coisas a nosso respeito, mas percebi imediatamente que era uma novidade para ele quando Andy deu uma volta na cama para se virar para mim, com um clarão nos seus olhos azuis que eu nunca tinha visto antes.

– Intenso? – disse ele com ar magoado. – Que queres exactamente dizer com isso do *intenso*?

– Não sei... – gaguejei.

– Sexualmente intenso?

– Não! – menti, quase gritando. – Não dessa maneira.

– Vocês passavam juntos *o tempo todo*? Todas as noites e todos os momentos em que estavam acordados?

– Não – disse eu de novo. Senti-me corar de vergonha ao lembrar-me da noite em que a Margot me acusou de a menosprezar em favor do Leo, de ser uma dessas raparigas que põem um homem à frente de uma amizade. *Ainda por cima um homem pouco fiável, sem grande potencial como futuro marido*, acrescentou ela, enfastiada. Já aí, muito no fundo, eu sabia que ela provavelmente tinha razão, mas apesar do meu sentimento de culpa e capacidade de autocritica, não consegui parar. Quando o Leo me queria ver, eu largava tudo e todos.

– Então como era? – insistiu Andy. – Gostavas dele da terra até ao céu? – O tom era sarcástico, mas via-se que continuava magoado.

– Também não era esse género de *intenso* – disse eu tentando aligeirar a palavra «intenso». O que era o mesmo que acrescentar um tom alegre na palavra *sofrimento* ou um tom de esperança na expressão *Juízo Final*.

Titubeei durante uns segundos antes de responder, embaraçada:

– Não queria dizer *intenso*... Não faças caso... Escolhi mal a palavra.

Tinha sido com efeito uma *péssima* escolha. Mas só porque era verdade – *intensa* era a palavra certa para definir a minha relação com Leo. Cada momento fora vivido *intensamente*, desde a primeira noite no meu quarto de hotel, sentados de pernas cruzadas em cima da cama, de frente um para o outro, as minhas mãos nas dele, a conversar até ao nascer do sol.

– Tarde de mais – disse Andy, forçando um sorriso e abanando a cabeça. – Não há retratação possível. *Essa* não pode riscar das actas, Menina Dempsey.

Era realmente tarde de mais.

Felizmente, Andy não era do género de guardar rancores, por isso, o nome do Leo não voltou a surgir muitas vezes. Mas, durante muito tempo, sempre que alguém pronunciava a palavra «intenso», o Andy lançava-me um olhar especial ou dizia uma graça acerca do meu ex-namorado e daquela grande e escaldante paixão.

Não sou muito dada a esse género de graça, mesmo a brincar. Além disso, penso eu enquanto penduro o casaco no cabide, se se invertessem as posições, eu preferia não saber nada acerca da sua aventura com Lucy, a sua ex mais amada e de mais longa duração que é agora professora no colégio privado mais selecto de Atlanta. E ainda por cima, segundo Margot, era tão esperta como simpática e podia passar por irmã gémea da Salma Hayek. E eu poderia ter passado muito melhor sem esta informação.

Considerando tudo isto, achei que seria do interesse de todos manter secreto aquele meu insignificante episódio. Deixo-me escorregar para o sofá ao lado de Andy e pouso-lhe a mão no joelho.

– E porque é que voltaste para casa tão cedo hoje? – pergunto.

– Estava com saudades tuas – diz ele, sorrindo.

– Vá lá... – Mesmo tendo gostado daquela resposta, estava obviamente à espera de mais qualquer coisa. – Nunca vieste para casa tão cedo.

– Tive saudades tuas – diz ele, rindo. – Mas além disso... ganhei o meu processo!

– Boa! Isso é porreiro! – Sabia como ele receava as longas horas de trabalho que acompanham o desenrolar de um julgamento importante. Eu também as esperara com apreensão.

– É verdade... Que alívio! Começo a pensar em ter umas boas horas de sono... Mas apesar de tudo, estava a pensar que talvez pudéssemos mudar de roupa e ir jantar fora. Num sítio agradável? Que tal?

Olho para a janela e digo:

– Talvez mais tarde... Parece que está a chover lá fora... Agora gostava de ficar aqui mais um bocadinho... – Lanço-lhe um olhar sedutor, descalço as botas num ápice e deixo-me deslizar para o colo dele, olhando-o nos olhos. Curvo-me para o beijar no queixo, desço para o pescoço.

O Andy sorri e fecha os olhos, murmurando:

– Mas a que devo o prazer...?

É uma das suas expressões que mais adoro, mas que naquele momento recebo como uma alfinetada no coração. Será que a minha atitude sensual e provocadora merece de facto um *a que devo o prazer*? Não temos sido nós sempre espontâneos, no que diz respeito ao sexo? Procuro na memória algum exemplo recente e bem saboroso, mas, para meu desapontamento, não consigo lembrar-me da última vez que fizemos amor noutro sítio que não na nossa cama, à noite. Tento tranquilizar-me com a ideia de que isto é perfeitamente normal entre gente casada, mesmo nos casamentos *felizes*. Não é preciso que o Andy e eu andemos a baloiçar-nos nos lustres e a fazer loucuras em todos os cantos da casa, nem temos de nos enfaixar um no outro em cima da mesa da cozinha para termos uma sólida ligação física. Ao fim e ao cabo, o sexo exercido sobre – ou de encontro a – superfícies rígidas pode parecer muito excitante nos filmes, mas na vida real é desconfortável, sobrevalorizado e artificial.

É verdade que houve aquele episódio com o Leo no escritório dele...

Tento desesperadamente afastar aquela recordação da minha cabeça, beijando o Andy uma e outra vez, agora na boca. Mas, como costuma acontecer quando se tenta não pensar em qualquer coisa, a cena torna-se cada vez mais vívida na minha memória. E de súbito, o impensável acontece: dou por mim a beijar o meu marido enquanto visualizo outro homem. Enquanto visualizo *o Leo*. Beijo o Andy com mais força, desesperada por apagar a cara do Leo e a sua boca. Não resulta. O que eu faço é beijar o Leo com mais força. Desabotoo a camisa do Andy e deslizo as mãos sobre o seu peito. Dispo a camisola. Estamos agarrados, pele contra pele. Repito alto o nome do Andy. Mas é *o Leo* que lá está, o seu corpo contra o meu.

– Hmm, Ellen... – geme o meu marido, as suas mãos percorrendo-me as costas.

As mãos quentes do Leo cravam-se nas minhas costas, numa urgência louca.

Abro os olhos e digo ao Andy que olhe para mim. O que ele faz.

Olho-o nos olhos e digo:

– *Amo-te!*

– E eu a ti – diz ele com doçura. A sua expressão é franca, sincera, verdadeira. É a cara do homem

que eu amo.

Fecho novamente os olhos e concentro-me em sentir o Andy a endurecer contra a minha coxa. Ainda estamos meio vestidos, mas eu esfrego-me contra ele, repetindo o seu nome, o nome do meu marido, *Andy*. Já não há confusões acerca de com quem eu estou neste momento. Quem eu amo. Isto funciona durante algum tempo e continua a funcionar enquanto o Andy me conduz ao quarto, onde o nosso radiador caprichoso liberta vapor por todos os lados. Desta vez o nosso quarto está verdadeiramente tropical. Afastamos o edredão de penas e enfiamo-nos entre a macieza dos lençóis. Agora estamos completamente nus. Esta cama é sagrada. O Leo desapareceu. Não está em parte nenhuma.

E contudo, momentos mais tarde, sentindo o Andy a mover-se dentro de mim, vejo-me de novo no apartamento do Leo na noite em que o veredicto de «inocente» foi finalmente proferido. O Leo tem a barba por fazer e os olhos ligeiramente embaciados pelas bebidas que tomáramos para celebrar. Abraça-me ferozmente e sussurra-me ao ouvido:

– Não sei o que há em ti, Ellen Dempsey, mas eu *tenho* de te possuir já.

Foi nessa noite que eu me entreguei a ele completamente, sabendo que seria dele enquanto ele me quisesse.

Acontece que durou até mais do que isso.

Capítulo 6

A Margot liga-me no dia seguinte antes ainda de nascer o sol – ou, como diria o Andy, antes de alguém no seu juízo perfeito estar acordado. O Andy raramente se irrita, mas há três coisas que o põem fora de si: as pessoas que não respeitam as filas; discussões sobre política durante jantares informais ou saídas entre amigos; e os telefonemas que a irmã costuma fazer ainda de madrugada.

– Mas que raio! – diz ele logo ao segundo toque. A voz dele está áspera, como sempre está nas manhãs seguintes a algumas cervejas, que acabamos fatalmente por beber na noite anterior, num restaurantezinho simpático da 3rd Avenue, para acompanhar uns hambúrgueres divinais e a melhor batata-palha das redondezas. Foi divertido e até rimos mais do que de costume, mas o jantar não afastou Leo da minha cabeça, como o sexo também não conseguiu. Esteve ali teimosamente ao meu lado toda a noite, fazendo comentários acerca do homenzinho rabugento na mesa ao lado da nossa e da música ambiente de Joni Mitchell. Enquanto acabava a minha terceira cerveja e ouvia Andy falar sobre o seu dia de trabalho, dei por mim deixando-me arrastar para aquela manhã em que Leo me disse que o meu rosto era o seu preferido no mundo inteiro. Disse aquilo assim mesmo, do modo mais trivial, absolutamente nada sentimental, enquanto tomava o seu café. Eu não estava maquilhada, tinha o cabelo apanhado atrás num rabo-de-cavalo, com o sol que entrava pela janela da sala dele a bater-me nos olhos. Mas acreditei. Sabia que falava verdade.

– Muito obrigada – disse eu corando e pensando que o rosto dele também era de longe o meu favorito. Pensei que aquilo, mais do que qualquer outra coisa, era um sinal de verdadeiro amor.

A seguir, ele disse:

– Nunca me hei-de cansar de olhar para ti... Nunca.

E é esta recordação, talvez a minha melhor recordação de Leo, que de novo me ocupa a memória enquanto o toque insistente do telefone continua no nosso quarto. O Andy geme quando o telefone finalmente desiste, espera uns segundos e insiste de novo.

– Deixa ir para as mensagens – digo eu, mas o Andy debruça-se por cima de mim e agarra no telefone que está sobre a minha mesa-de-cabeceira. Para ter a certeza de quem é o criminoso, carrega no ID, o que é completamente desnecessário. A não ser uma emergência, só pode ser a Margot. E claro que é o nome do marido, Webb Buffington, que aparece no mostrador, juntamente com «Atlanta, Georgia», para onde, para meu

grande desapontamento, eles voltaram no ano passado. Eu sempre soubera que a mudança era inevitável, sobretudo depois de conhecer o Webb, que também era de Atlanta. Por muito que a Margot adorasse Nova Iorque e a sua carreira, ela é uma verdadeira *filha do Sul*, desesperadamente ansiosa por todos os atavios que acompanham uma vida requintada. Além disso, o Webb, segundo ele próprio, «estava farto daquela cidade». Queria o golfe, queria o prazer de conduzir, queria espaço para todos os seus brinquedos electrónicos.

Como esta chamada matinal provava, a Margot e eu ainda nos falamos diariamente pelo telefone, mas faltam-me os encontros cara-a-cara. Falta-me o pequeno-almoço alargado dos fins-de-semana e os copos a seguir ao trabalho. Falta-me partilhar esta cidade e alguns dos amigos comuns. O Andy também tem saudades dela, a não ser em momentos de intrusão, como este, quando o seu sono é interrompido.

Carrega bruscamente no botão para falar e ladra para o telefone:

– Caramba, Margot! Sabes que horas são?!

Ouço a vizinha dela:

– Bem sei, bem sei, desculpa lá, Andy... Mas desta vez é importante, juro! Passa-me a Ellen, por favor!

– Ainda não são sete horas – resmunga ele. – Quantas vezes tenho de te pedir para não nos acordares? Que a única coisa agradável da minha profissão é não ter de me levantar cedo? Aposto que não fazias isto se a Ellen fosse casada com outra pessoa, pois não? Então, porque não respeitas o teu próprio irmão mais do que outro gajo qualquer?

Sorrio à expressão «outro gajo qualquer», porque o *gajo* não seria *qualquer* se eu estivesse casada com ele. Depois penso novamente no Leo e arrepio-me ao pensar que ele também nunca será para mim *um gajo qualquer*. Mas percebo o que o Andy quer dizer e tenho a certeza de que a Margot também sabe, mas ele não lhe dá oportunidade de resposta. Estende-me o telefone com cara de poucos amigos e enterra a cabeça sob a almofada num gesto teatral.

– Olá, Margot – digo eu tão baixinho quanto possível.

Ela murmura um pedido de desculpa apressado e atira, super entusiasmada:

– Tenho *novidades*!

São as mesmas palavras e o mesmo tom com que me telefonou na noite em que ficou noiva do Webb. Ou, como o Webb costuma contar, antes sequer de lhe dizer o «sim». Está a exagerar, claro, mas a verdade é que me ligou primeiro, antes mesmo de telefonar à mãe, o que me fez sentir muito especial. Acho que tinha a ver com o facto de eu já não ter mãe e com a garantia de que os amigos podem por vezes suplantar a família.

– Oh meu Deus, Margot! – disse eu logo, completamente acordada e sem me ralar com o facto de poder incomodar o Andy.

O Andy destapa a cabeça e diz, com voz preocupada, quase ansiosa:

– Ela está bem?

Eu aceno que sim, mas ele continua a olhar-me com ar receoso, murmurando:

– O que é?

Levanto um dedo. Desejo uma confirmação, embora no meu espírito não haja a mínima dúvida

sobre que notícia é. Aquele tom dela está reservado precisamente a duas coisas – a casamentos e bebês. Desde que entrou para a J. Crew já teve três promoções, com os devidos aumentos, e mostrou-se sempre *blasée* a respeito de qualquer delas. Não tanto por modéstia, mas mais por não dar muita importância à sua carreira, apesar de ser muito competente. Talvez porque soubesse que ela própria lhe tinha imposto uma data de conclusão: a qualquer altura, por volta dos trinta, ela iria retirar-se e passar à nova fase que previra: casar, regressar a Atlanta e ter filhos.

– *Estás?!* – pergunto, numa antevisão da Margot com uma grande barriga e roupa pré-mamã lindíssima criada por um grande costureiro.

– Está o quê? – articula o Andy.

Olho para ele, imaginando o que ele pensará que nós estamos a falar. Sinto uma onda de ternura pela sua infantil falta de intuição. Sim, Andy, está a contemplar o nascer do sol. *Sim, Andy, está interessada em comprar um piano de cauda...*

– É isso mesmo! – grita a Margot. – Estou grávida! Já fiz o teste.

– Uau! – digo emocionada, apesar de saber que ela andava a tentar engravidar e que a Margot consegue quase sempre aquilo que quer, em parte devido à sua personalidade tenaz, mas sobretudo porque é daquelas pessoas sortudas a quem tudo corre bem. Coisas pequenas, coisas grandes ou médias. Conheço-a há quinze anos e o único revés que lhe conheci, a única coisa que lhe correu mal, literalmente, foi quando o avô morreu no nosso último ano do curso. E no fundo não se pode contar com a morte de um avô como uma provação séria, pelo menos vista por quem já experimentou a morte prematura de uma mãe.

Digo tudo isto acerca da Margot sem qualquer ressentimento. É verdade que a minha mãe morreu aos quarenta e um anos e é verdade que usei roupa emprestada sempre que tirámos fotografias ao longo da instrução primária, mas não posso dizer que tive uma infância desvalida. E na minha idade adulta não me tenho saído mal, pelo menos até agora. Nunca me vi desempregada, ou sem rumo, ou dada a depressões. Não estou doente, nem só. E mesmo que estivesse, não posso sequer competir com a minha melhor amiga. Nunca entendi aquelas mulheres com relações de amizade turvas e complicadas, de que parece existir agora tantos exemplos. Invejo, ocasionalmente, a Margot, particularmente quando a vejo com a mãe. Desejaria ter o seu bom gosto no vestir, a sua autoconfiança, os seus variados carimbos no passaporte? É claro. Mas isso não quer dizer que gostasse de lhe tirar essas coisas, ou que inveje a felicidade dela seja no que for. Além disso, agora sou da sua família.

O que é dela é realmente meu.

É assim, e apesar de esta boa notícia estar longe de ser inesperada, aqui estou eu, meio estonteada e radiante de alegria. Ao fim e ao cabo, existe uma enorme diferença entre planejar ter um bebé e *obter mesmo* um teste positivo de gravidez. Ou saber que dentro de alguns meses se vai ser mãe de alguém, ou, no meu caso, tia de alguém.

– Parabéns! – digo eu com lágrimas na voz.

– Ela está *grávida*? – Finalmente, de olhos arregalados e já sentado na cama, o Andy adivinhou.

– Está... – digo eu, sorrindo. – Ainda estás muito irritado, tio Andy?

– Dá cá o telefone – disse ele.

Passo-lho e ele grita:

– Maggie Beth! Podias ter dito logo!

– Bem sabes que a Ellen tinha de ser a primeira a saber – ouço-a dizer.

– Antes do teu próprio irmão, sangue do teu sangue?

– Só *um de vocês* é que fica contente por me ouvir a qualquer hora do dia...

Sem se dar por vencido, o Andy diz:

– Caraças, isso é que é uma grande notícia! Calha mesmo bem irmos passar aí o próximo fim-de-semana. Estou ansioso por te dar um grande abraço.

Tiro-lhe o telefone da mão e pergunto à minha melhor amiga se já calculou a data do nascimento, se prefere rapaz ou rapariga, se já escolheu nomes, se quer que eu organize o *baby shower*⁹ em Nova Iorque ou em Atlanta...

Responde-me: vinte e um de Setembro, acha que é uma rapariga, ainda não pensou em nomes, e a festa será onde quer que tenha lugar.

– E o que disse o Webb? – pergunto, lembrando-me a tempo que há mais uma parte interessada.

– Ficou radiante. Surpreendido... Um tanto lívido! – A Margot ri-se. – Queres falar com ele? Está mesmo aqui.

– Claro – digo-lhe, embora não me apeteça muito falar com ele. Para ser franca, nunca me apetece muito falar com o Webb, embora tenha sido sempre muito amável comigo, o que é mais do que posso dizer de alguns dos namorados da Margot, antes dele. Ela sempre se sentiu atraída pelo género arrogante e o Webb, sem dúvida, tem *tudo* para ser arrogante. Para começar, é um agente desportivo super bem-sucedido, antigo jogador de ténis profissional e bastante conhecido – pelo menos, é conhecido no meio e chegou mesmo a derrotar o Andre Agassi no circuito de júniores. Além disto tudo, é rico, lindo de morrer – no estilo clássico – com um belo cabelo e dentes tão brancos e perfeitos que fazem logo pensar num anúncio de pasta dentífrica de cada vez que ele se ri. Tem uma voz forte e uma presença marcante – é o género de homem que sabe fazer um discurso eloquente para encantar as senhoras, e contar uma anedota menos conveniente fazendo toda a gente desmanchar-se de riso. Posto isto, seria de esperar que o Webb fosse um convencido insuportável. Mas não é. Pelo contrário, é modesto, tem bom feitio e é delicado.

Mas seja como for, eu não me sinto confortável na sua presença, talvez por não termos nada em comum a não ser a Margot. Felizmente, não lhe confessei isto quando ela começou o namoro, provavelmente porque suspeitei desde logo que ele era «o Tal». Era a primeira vez que eu via a Margot total e descaradamente apaixonada por alguém, a primeira vez que ela gostava de alguém tanto – ou até *mais* – do que gostavam dela. Também nunca toquei no assunto com o Andy, talvez por ele parecer ser um enorme fã do Webb, e talvez por não estar segura do que me desagrada nele.

Mas uma vez confessei estes sentimentos à minha irmã, pouco antes do casamento deles, quando por acaso voltei a Pittsburgh para um fim-de-semana. Estávamos a almoçar no Eat'n'Park, uma das nossas cafetarias preferidas quando andávamos no liceu e que ainda tenho a pieguice de visitar sempre que volto a casa. A cada mesa estão ligadas várias recordações e escolhemos sempre a mais próxima da porta – que evoca um almoço que ela teve, no dia em que acabou o liceu, com um tipo que está agora na cadeia sabe Deus porquê, ou um jantar em que o meu pai de repente começou a

deitar sangue pelo nariz e a princípio todos pensávamos que era *ketchup*; e daquela vez em que eu, por causa de uma aposta, comi cinco cachorros com picante. Nesse dia, enquanto a Suzanne e eu barrávamos os nossos *Big Boys*¹⁰ com tudo o que era condimentos, ela fez várias perguntas acerca do casamento da Margot com aquilo que, segundo detectei, era uma espécie de desdém, sempre presente quando ela falava nos Grahams, desdém que, na minha opinião, era despropositado e um tanto mesquinho. Mas apesar do seu tom, pude verificar que a minha irmã estava curiosa acerca da Margot, da mesma maneira desavergonhada e superficial com que, quando éramos mais novas, costumávamos ficar intrigadas por determinadas personagens das telenovelas mais populares.

– Isto é *tão* estúpido – dizia ela enquanto observávamos o comportamento dos casalinhos nas nossas telenovelas preferidas. E, revirando os olhos, comentava as improbabilidades e inconsistências daqueles romances do pequeno ecrã. Mas lá continuava ela sentada, pregada à televisão, esfomeada por mais.

Do mesmo modo, enquanto comíamos os nossos descomunais hambúrgueres, a Suzanne procurou saber todos os detalhes sobre o casamento que se aproximava, procurando espiolar um eventual escândalo.

– O namoro foi muito curto, não foi? – perguntou ela, de sobrancelha arqueada. – Estará grávida? Abanei a cabeça, rindo.

– Então qual é a pressa?

– Estão apaixonados – disse eu, pensando que todo aquele noivado era de conto de fadas, incluindo a velocidade a que se desenrolava. Tinham ficado noivos antes de mim, embora o Andy e eu já namorássemos há algum tempo.

– E o anel de noivado? Como é o diamante? – perguntou ela, um tanto crítica.

– Enorme – disse eu. – Límpido, sem falha.

A Suzanne digeriu isto e disse:

– Que raio de nome é «Webb»?

– É o nome dele. Abreviatura de «Webster».

– Como a série de televisão¹¹?

– Sim...

– E tu... gostas dele? – pergunta ela.

Uma vez que a vejo tão crítica, considero a hipótese de lhe mentir e responder com um inequívoco «sim», mas a verdade é que nunca consegui mentir à minha irmã. Assim, digo-lhe a verdade – que apesar de o considerar o marido ideal, não encaro com muito entusiasmo a hipótese de a Margot se casar com ele. Sinto-me egoísta e desleal ao admitir isto, e ainda me sinto pior ao ouvir a Suzanne indagar:

– Porquê? Ela deixou de te ligar desde que está com ele, é isso?

– Não, nunca! – digo, o que é a mais absoluta das verdades. – Ela não é esse género.

– Então o que é que se passa? Ele *intimida-te*, é?

– Não – digo rapidamente, sentindo-me mais uma vez a ficar na defensiva. Eu continuava a adorar a minha irmã, mas aquela era uma dinâmica cada vez mais comum entre nós desde que eu me mudara para Nova Iorque e ela ficara sossegadinha na nossa terra natal. Ela atacava-me subtilmente e eu

defendia-me subtilmente. Era quase como se ela tivesse ficado ressentida por eu ter deixado Pittsburgh de uma vez por todas. Ou pior, como se achasse que eu me sentia superior, o que era totalmente falso. Em todos os aspectos importantes eu sentia-me *exactamente* a mesma pessoa que fora até então. Simplesmente, estava mais exposta. Adquirira o verniz da sofisticação e conhecimento da vida que se adquirem quando se vive numa grande cidade e, para ser franca, com gente como os Grahams. – Porque é que ele haveria de me intimidar?

– Sei lá... Pelo aspecto dele? Pelo dinheiro? Por aquele ar espertalhão de jogador de ténis chico-esperto?

– Ele não é nenhum chico-esperto – disse eu, tentando recordar exactamente o que tinha contado à Suzanne acerca do Webb. Ela tinha uma memória infalível, que usava muitas vezes contra mim. – Na verdade, até é bastante terra-a-terra.

– Um milionário terra-a-terra, não é? – comentou ela, sarcástica.

– E é mesmo, por acaso – disse eu. Há muito tempo que eu aprendera que não se pode meter toda a gente que tem dinheiro na mesma categoria. Os ricos são tão diferentes e variados entre si como os pobres. Uns são trabalhadores, outros preguiçosos. Uns feitos por si próprios, outros nascidos em berço de ouro. Uns modestos e moderados, outros ostensivos e prepotentes. Mas a mentalidade da Suzanne nunca tinha evoluído para além dos tempos em que ambas pasmávamos diante de séries como *Dallas*, *Dinastia* ou *O Barco do Amor* (a minha irmã e eu fartávamo-nos de ver televisão quando éramos pequenas, ao contrário do Andy e da Margot, a quem só era permitido ver meia hora por dia). Para a Suzanne, todas as pessoas «ricas» (termo que usava com escárnio) eram a mesma coisa: moles, egoístas e «republicanas nojentas».

– Então está bem – disse ela. – Talvez ele te intimide por pertencer ao meio da Margot e tu... não.

Achei que dizer uma coisa daquelas era grosseiro e tacanho e disse-lho. Disse-lhe também que, por mim, já tinha ultrapassado essa insegurança de adolescente e que esse possível factor intimidatório desaparecera na universidade, após aquele primeiro impacto em que a Margot se integrara num mar de debutantes loiras que guiavam BMW e eu percebera que a popularidade dela não destruíra a nossa amizade. Além disso, comuniquei à minha irmã que eu decididamente fazia parte do mundo da Margot. Ela era a minha melhor amiga e companheira de quarto. E, por amor de Deus, eu ia muito provavelmente casar com o irmão dela!

– OK, desculpa – disse a Suzanne, com pouca convicção. Encolhendo os ombros, deu uma dentada no seu hambúrguer. Mastigou, mastigou e engoliu sem pressas, deu uma longa chupadela pela palhinha na sua Coca-Cola e disse com um misto de sarcasmo e irritação: – Era só uma teoria. Peço imensa desculpa.

Desculpei-a, claro. Eu nunca conseguia ficar zangada com a minha irmã, mas não me esqueci: na próxima vez em que eu e o Andy fomos jantar com o Webb e a Margot, preocupe-me, não fosse a Suzanne ter razão. Talvez eu estivesse *de fora*. Talvez a Margot reparasse em quão diferentes éramos uma da outra e o Webb a afastasse de vez. Talvez o Webb fosse, de facto, um *snob* elitista, embora disfarçando-o bem.

Mas à medida que a noite avançava e eu tomava atenção ao Webb e aos seus maneirismos, fui verificando que a Suzanne estava completamente enganada. Não havia nada no Webb de que não se

pudesse gostar. Era realmente um tipo porreiro. Tratava-se só de uma desconexão entre duas pessoas: o Webb lembrava-me o que sentia em miúda quando ficava a dormir em casa de uma amiga e descobria um aroma diferente na casa ou uma marca estrangeira de cereais ao pequeno-almoço. O Webb não me intimidava, nem me ofendia, nem me preocupava em relação à Margot. Só me fazia vagamente... *ter saudades de casa*. Saudades de quê, especificamente, não consegui descortinar.

Mas apesar disto, eu estava decidida a criar uma boa relação com o Webb a um nível não-superficial. Ou pelo menos, a chegarmos àquele estado confortável das relações em que podíamos estar sozinhos juntos numa sala, sem que eu desejasse ver entrar mais alguém.

E é por isso que agora, quando a Margot me passa o telefone ao Webb e ele me recebe com um exuberante «olá!», eu procuro elevar o meu tom ao nível do dele, com um entusiástico:

– Olá, *papá!*... Parabéns! Estou tão contente por vocês!

– Nós também estamos muito contentes há pelo menos... sei lá, quarenta e cinco segundos! A tua amiga não perde tempo, pois não?

Rio-me, perguntando a mim mesma se ele ficará aborrecido com o nosso constante contacto telefónico e a nossa combinação de nos visitarmos pelo menos uma vez, mês sim, mês não. E digo:

– Estou desejosa de vos ver no próximo fim-de-semana. Vamos ter muito que festejar!

– Pois, vai ser divertido – diz ele. – E tu, o Andy e eu vamos ter de beber por conta da Margot, também.

– Lá terá de ser – brinco, forçando mais um risinho. A seguir, o Webb passa de novo o telefone à Margot que me manda muitos beijinhos e abraços e eu também lhe mando beijinhos e abraços. O Andy pede-me para eu dizer que lhe manda muitos beijinhos e abraços. Depois mandamos muitos beijinhos e abraços para o bebé que vem a caminho. Finalmente eu desligo e recosto-me na cama ao lado do Andy. Estamos de frente um para o outro, os nossos pés tocam-se. A mão dele descansa sobre a minha anca, debaixo da t-shirt gigante que uso para dormir. Sorrimos um para o outro, sem falar, só a gozar aquela boa notícia. Uma notícia bem mais importante, por certo, do que a novidade de eu ter esbarrado com um ex-namorado na rua.

E pela primeira vez desde que deixei aquele cruzamento, vejo as coisas numa perspectiva diferente. Uma perspectiva que não vem de fazermos amor, nem por um jantar fora divertido, ou por uma noite dormida ao lado do meu querido marido e acordando de vez em quando para lhe ouvir a respiração calma e tranquilizadora. O Leo não tem aqui lugar neste momento, acho eu. Não faz parte da família do Andy. Da *nossa* família.

– Também queres um? – diz o Andy, massajando-me as costas.

– Um quê? – pergunto, embora sabendo perfeitamente a que ele se está a referir.

– Um bebé – diz ele. – Como sei que tu e a Margot gostam de fazer as mesmas coisas...

Não sei se ele estará a brincar, a falar teoricamente, ou a fazer-me propostas lúbricas, por isso murmuro:

– Um dia destes.

A mão do Andy move-se mais devagar e gradualmente pára. Depois fecha os olhos para mais uns minutos de sono e eu olho-o imaginando um dia assim, *para o resto da minha vida*, com o Andy.

- 9 Festa muito comum nos Estados Unidos, geralmente um lanche, onde a futura mãe recebe presentes para o bebê que espera. (N. da T.)
- 10 Hambúrgueres de tamanho considerável (N. da T.).
- 11 *Webster* foi uma famosa *sitcom* americana que esteve no ar entre 1983 e 1989. (N. da T.)

Capítulo 7

Durante a semana seguinte, mal pensei no Leo, facto que atribuo à minha vida com o Andy, às novidades da Margot e, talvez mais do que tudo, ao meu trabalho. É espantoso o que uma semana de trabalho produtiva e satisfatória pode fazer pela nossa psique e considero-me muito feliz – ou, como diria a Margot, *abençoada*, o que é uma variante espiritual acerca da origem da felicidade – por ter uma profissão que me permite mergulhar completamente no trabalho e sentir-me radiante. Li não sei onde que, quando as horas passam a correr enquanto se trabalha, é porque encontrámos a nossa vocação e, embora para mim tal não aconteça todos os dias, sinto nitidamente que é esse o meu caso.

Tenho agora o meu negócio como fotógrafa independente, trabalhando como *freelancer*. Tenho um agente que me arranja trabalhos, quer sejam fotografias publicitárias muito bem pagas, por vezes vários *milhares* de dólares por um ou dois dias de trabalho, quer sejam tarefas mais pequenas para editoras, o que eu até prefiro, por ser um trabalho muito mais criativo.

Acima de tudo prefiro retratos, talvez por eu não ser muito expansiva. Não me é fácil falar com estranhos, por muita pena minha, e tirar um retrato a alguém ajuda-me a fazer essa viagem. Gosto de me encontrar com alguém para uma tarde sossegada, depois de travar conhecimento durante um almoço, ou um simples café, e a seguir meter-me ao trabalho. Gosto do meu método de tentativas de experimentar várias posições de luz até encontrar a solução. Não há nada mais satisfatório do que capturar a imagem perfeita, a tal: a minha interpretação da alma de outra pessoa. Também adoro o meu trabalho pela sua variedade. Fotografar um empresário para a *Business Week*, por exemplo, é muito diferente de tirar fotografias para um artigo da secção «Estilo» do *The New York Times*, ou um desdobrável lustroso para a *Town and Country*. E as pessoas que eu fotografo variam tanto como as publicações. Nas últimas semanas fiz o retrato de um autor de *bestsellers*, outro de todo o elenco de um filme independente, fotografei uma estrela de basquetebol universitário e o seu lendário treinador, e ainda uma jovem *chef* de pastelaria muito em voga.

Isto é, percorri um caminho muito longo desde os meus dias de assistente de fotógrafo na 2nd Avenue e o único pesar que me ficou do meu encontro com o Leo – além do encontro em si – foi não ter tido oportunidade para o pôr a par da minha carreira. Claro que preferia que ele tivesse tomado conhecimento da existência do Andy do que do meu trabalho, mas o ideal seria que ele ficasse a saber ambas as coisas. Por outro lado, talvez ele saiba mais do que deu a entender. Talvez a razão

por que não me perguntou nada acerca do meu trabalho fosse por já ter encontrado o meu *site* na Net ou dado de caras com um dos meus trabalhos mais proeminentes. A verdade é que eu própria, se bem que bastante timidamente, procurei os seus artigos nos jornais, examinando as fotografias dele com um misto de interesse e desprendimento, orgulho e despeito. É uma questão de curiosidade – e quem diz ser totalmente indiferente ao que os seus ex mais importantes estão a fazer, está, na minha opinião, a mentir – ou a prova de uma certa superficialidade emotiva. Não quero com isto dizer que seja saudável ser-se obcecado pelo passado, à cata de detalhes sobre antigos namorados. Mas é próprio da natureza humana sentir um interesse ocasional e passageiro por alguém que em tempos amámos.

Assim, partindo do princípio que o Leo se cruzou com o meu *site* ou com algum dos meus trabalhos, calculo que ele perceba que a nossa separação acabou por ser catalítica na minha vida, um trampolim para coisas melhores. E, de certo modo, teria razão, embora eu não ache que se deva responsabilizar alguém pela nossa própria falta de ambição – o que foi de certeza uma tendência minha durante a nossa relação.

Neste aspecto, até me envergonho quando penso em quão complacente eu me tornei, em termos da minha carreira, enquanto estive com o Leo. A minha paixão pela fotografia nunca se desvaneceu completamente, mas a verdade é que me ocupava francamente menos, tal como tudo o resto na minha vida se tornou secundário durante a nossa relação. Leo era tudo aquilo em que eu pensava, tudo o que eu queria. Preenchia-me tão completamente que, pura e simplesmente, não me restava energia para fazer fotografias. Nem tempo, nem motivação para sequer considerar qual seria o próximo degrau da carreira que me esperava. Lembro-me de ir todos os dias no autocarro para o laboratório de fotografia, já muito depois de ter aprendido tudo o que podia aprender com a Quynh, e dizer para comigo: *Não preciso de procurar outro emprego. O dinheiro não tem importância para mim. Contento-me com uma vida simples.*

Depois do trabalho, ia direita para o novo apartamento do Leo, em Queens, sempre ao seu dispor, e só voltava ao meu apartamento quando ele tinha outros planos ou quando precisava de mais roupa. Nas raras noites que não passávamos juntos, saía por vezes com a Margot e o nosso grupo de amigos, mas eu preferia ficar ali pensando no Leo, planeando a nossa próxima aventura ou compilando cassetes com canções que me parecessem suficientemente giras, interessantes e *cheias de soul*, para o meu namorado tão giro, tão interessante e tão *cheio de soul*. Queria desesperadamente agradar ao Leo, impressioná-lo, ter a certeza de que ele precisava de mim e me amava tanto como eu precisava dele e o amava.

Ao princípio, pareceu resultar. O Leo estava tão encantado como eu, só que, sendo homem, menos lamechas. Nunca abandonou completamente o seu trabalho como eu, mas a verdade é que era mais velho, mais estabelecido na sua carreira, com missões importantes e prazos rígidos. Mas não me colocava de fora da sua vida profissional, deixando-me estar presente durante as suas entrevistas ou, durante os fins-de-semana, levando-me ao seu escritório, onde eu lhe organizava os dossiers ou simplesmente o via escrever os seus artigos (ou «seduzindo-me» em cima da secretária). Estava tão pronto como eu para mandar às malvas amizade e família, preferindo estar sozinho comigo.

E assim se passaram as coisas durante meses. E foi um tempo mágico, de pura felicidade. Nunca

nos cansávamos de conversar. As nossas despedidas, quer em pessoa quer pelo telefone, arrastavam-se como se fosse a última vez que nos falávamos. Sacrificávamos à conversa o próprio sono, fazendo infinitas perguntas um ao outro sobre o nosso passado. Não descurávamos o mínimo detalhe acerca da nossa infância, o que é sempre um sinal de estarmos apaixonados, ou pelo menos obcecados. O Leo chegou a apropriar-se de uma foto minha com seis anos e sem os dentes da frente, que tirou de um álbum no meu quarto e que declarou ser «a coisinha mais querida», antes de o pregar com um piónés num *placard* na sua cozinha.

Expus-me a ele completamente, sem guardar segredos, sem nenhum mecanismo de defesa. Revelei todas as minhas inseguranças, desde coisas insignificantes mas embaraçosas, como achar os meus joelhos horríveis, até coisas mais importantes, como o quanto, por vezes, me sentia complexada junto da Margot e outros dos nossos amigos ricos e viajados. Mais importante ainda, contei-lhe tudo acerca da minha mãe, incluindo detalhes sobre a morte dela que eu nunca discutiria com ninguém. Como a imagem dela era tão frágil que trazia à mente o Holocausto. Como eu vira o meu pai limpar-lhe a garganta com a mão numa noite em que não conseguia respirar, uma imagem que ainda hoje me atormenta. Como a dada altura eu cheguei a rezar para que a morte dela chegasse depressa, não só para a libertar do seu sofrimento, mas para que a gente do hospício onde ela estava e o cheiro da doença pudessem finalmente desaparecer da nossa casa e o meu pai pudesse deixar de se preocupar com a morte dela, escondendo o caderno onde anotava os preparativos para o funeral de cada vez que eu entrava no quarto. E depois, como eu me senti horivelmente culpada no momento em que tudo finalmente acabou, como se eu a tivesse feito morrer mais depressa por um acto da minha vontade. Contei ao Leo como, por vezes, tinha vergonha de não ter mãe, como se esse facto devesse marcar-me, categorizar-me e tornar-me digna de dó, independentemente do que eu conseguisse fazer na minha vida.

Em todas as ocasiões, o Leo escutou-me e consolou-me e disse as coisas certas – que embora eu fosse muito nova quando ela morreu, foi ela quem moldou a pessoa em que me tornei. Que a minha recordação dela nunca desapareceria e esses bons momentos pouco a pouco far-me-iam esquecer o fim. Que a minha descrição e as minhas histórias eram tão vívidas que lhe parecia tê-la conhecido.

Entretanto, as confidências não foram só do meu lado. O Leo também me contou os seus segredos: a história de uma família disfuncional com uma mãe caseira e sem amor-próprio e um pai de espírito mesquinho e controlador, cujo apreço e aprovação nunca conseguiu obter. Disse-me que desejava ter tido dinheiro para frequentar uma universidade mais conceituada, ter terminado o curso e que também ele, por vezes, se sentia intimidado pela malta de rapazes ricos de Manhattan, com as suas credenciais de escolas de jornalismo de elite. Achei difícil acreditar que alguém tão notável como o Leo pudesse ter alguma insegurança, mas a sua vulnerabilidade só me fez amá-lo mais.

E depois, para além de tudo o resto, e talvez mais importante do que tudo o resto, havia aquela química entre nós, aquela ligação física. O sexo de fazer ferver o sangue, essência tanto da poesia como da pornografia, e tão diferente do que eu jamais experimentara. Pela primeira vez eu deixara de me sentir constrangida ou inibida quando se tratava de sexo. Não havia nada que eu sentisse interdito. Nada que eu não fizesse por ele, a ele, com ele. Dizíamos constantemente que, de certeza, não podia ser melhor. E, inexplicavelmente, acabava por ser cada vez melhor.

Resumindo, estávamos em perfeita sintonia, insaciáveis e, surpreendentemente, loucos de desejo e de amor. Tanto que parecia bom de mais para ser verdade. Por isso, eu não deveria ter ficado surpreendida ao descobrir que era, de facto, bom de mais para ser verdade.

Não posso dizer exactamente quando aconteceu mas, mais ou menos um ano após o início da nossa relação, as coisas começaram a mudar. Não aconteceu nada de dramático, nem uma discordância acerca de uma questão vital, nem uma briga com troca irreversível de palavras odiosas. Ninguém traiu, ou mentiu, ou mudou de lugar, ou pôs um ultimato acerca fosse do que fosse. Em vez disso houve uma mudança que eu não consegui localizar com precisão, uma subtil transferência de poder. Foi, de facto, tão subtil que durante um tempo pensei que estava a ficar paranóica, carente, coisa que eu sempre me orgulhara de não ser e que nunca precisara de ser com o Leo. Mas, ao fim de um tempo, percebi que não era ilusão minha. O Leo continuava a amar-me; disse-mo várias vezes e nunca diria essas palavras se não fossem sentidas. Mas os nossos sentimentos foram-se tornando decididamente assimétricos. Ligeiramente talvez, mas isso é que é próprio do amor – a mais pequena diferença torna-se logo evidente, marcada por ligeiras mas irrefutáveis variações no comportamento. Coisas pequenas, como passar horas, por vezes todo o dia, sem me telefonar, em vez de responder imediatamente a uma chamada minha. Começou de novo a sair com os amigos frequentemente e entrou para um clube de hóquei no gelo que jogava aos sábados à noite. Começámos a ver televisão à noite em vez de conversar, e, por vezes, ele estava cansado de mais para fazer amor, o que seria inacreditável nos nossos primeiros tempos em que tantas vezes me acordava a meio da noite, acariciando-me por todo o lado. E quando fazíamos amor, seguia-se muitas vezes uma sensação de afastamento. Desligava-se, separando-se de mim e ficava a olhar para o vazio, perdido nos seus pensamentos, num espaço misterioso.

– Em que estás a pensar? – perguntava eu, a mesma pergunta que, em tempos, nos conduzia a longas e detalhadas respostas. Esta pergunta parecia agora exasperá-lo.

– Em nada – dizia num tom seco.

– «Nada»?! Tem de se estar sempre a pensar em alguma coisa.

– Sim, Ellen, *nada* – dizia ele, enquanto eu, em pânico, tomava nota de que ele não me estava a tratar pelo nome carinhoso que usava para mim, *Ellie*. – Há alturas em que não penso em nada.

– Está bem – respondia, decidida a dar-lhe espaço e a fingir-me calma, enquanto observava tenazmente todas as suas atitudes, especulando sobre o que poderia estar a correr mal. Seria que eu o enervava? Estaria longe de mais do seu ideal? Pensaria ainda na sua ex-namorada, uma pintora israelita mais velha do que ele seis anos (o que lhe daria, *a ela*, mais *doze* anos de experiência do que a mim)? Seria eu tão boa na cama como ela? E ele, amar-me-ia tanto quanto em tempos a amara, ou mais importante ainda, amar-me-ia ele *agora* tanto como em tempos me amou?

Ao princípio, estas perguntas eram devaneios interiores, mas em breve começaram a emergir, por vezes no meio de uma discussão mais acalorada, outras vezes quando eu desatava a chorar. Pedia compromissos, fazia perguntas de algibeira, encostava-o à parede, encetava discussões a propósito de tudo e de coisa nenhuma. Uma noite, sozinha no seu apartamento, cheguei a vasculhar-lhe as gavetas e a ler umas páginas do diário dele, um livro sagrado cheio de cartões e recortes, fotografias e reflexões. Um livro que ele levava para toda a parte e me fazia sentir uma onda de amor por ele

sempre que ele o abria. Foi um erro terrível – não por causa do que encontrei, mas porque fiquei com uma dor horrível, um vazio, um sentimento de sujidade. Eu passara a ser *aquela género* de mulher; nós éramos *aquela género* de casal. Tentei expulsar da cabeça aquele pensamento e tomar outra direcção, mas não conseguia esquecer o que acabava de fazer, o que ele *me obrigara* a fazer. E assim, uns dias mais tarde, sucumbi e confessei, o que levou a uma discussão explosiva em que ele acabou por admitir que não pensava poder algum dia ter um compromisso permanente. Nem comigo, nem com ninguém.

– E porque não? – disse eu, arrasada de frustração.

– O casamento não é para mim – respondeu ele com um encolher de ombros.

– Mas porque não? – insisti, exigindo mais, sempre pedindo mais.

Respondeu com um suspiro que o casamento era essencialmente um contrato entre duas pessoas, e os contratos assinam-se quando as pessoas não confiam umas nas outras. – O que, obviamente, é o teu caso – disse ele, empurrando as culpas por cima de mim.

Pedi perdão, chorei e disse-lhe que obviamente tinha confiança nele, que não sabia o que me tinha passado pela cabeça e que não me importava de não casar com ele, só queria ficar com ele para sempre.

Com uma expressão dura como aço, ele disse simplesmente:

– Tenho vinte e nove anos. Não quero falar de *para sempre*.

– OK... – respondi, sentindo as consequências da minha abjecção. – Desculpa.

– Tudo bem... – disse, inclinando a cabeça. – Vamos mudar de assunto, está bem?

Concordei, fingindo ter acalmado, e pouco depois fazíamos amor e eu convenci-me de que tudo acabaria em bem. Só estávamos a passar por uma má fase e eu só precisava de ter paciência, ir com a onda, aceitar o lado mau com o bom. Disse para comigo que o amor, por vezes, é uma guerra de desgaste e que, com força de vontade da minha parte, eu haveria de resolver os nossos problemas e amá-lo o suficiente pelos dois.

Mas dias depois tivemos a nossa briga final, que foi dramática sobretudo por uma questão de calendário: foi na véspera do Ano Novo do Segundo Milénio.

– O Ano Novo é uma festa para bimbos – dizia Leo há semanas, sempre que eu lhe pedia para vir comigo à festa a que combinara ir com a Margot. – Sabes que eu detesto essas cenas. E essa treita do Ano 2000 é insuportável. É mais um ano como outro qualquer.

– Vem, por favor... – disse eu. – É importante para a Margot.

– Então deixa a Margot ir à festa.

– É importante *para mim*.

– E *para mim* é importante ficar em casa – disse ele.

– Vem só um bocadinho. Uma hora ou duas. Depois voltamos para casa – supliquei.

– Veremos – concedeu ele. Uma resposta que quase sempre significava «não».

Mas naquela noite agarrei-me à esperança de que ele me fizesse a surpresa de aparecer. Já imaginava a cena à contra-luz, em transparência: os nossos olhares encontravam-se e a multidão afastava-se no momento em que se juntavam as nossas bocas, à meia-noite em ponto. Como em *When Harry Met Sally*. Passei a noite a olhar para a porta e para o relógio, profundamente deprimida mas

sempre cheia de esperança. Até que chegaram as onze e cinquenta e nove e eu fiquei sozinha a um canto, escutando o *remix* do «1999» do Prince e aquela insuportável contagem final dos dez segundos. Minutos depois, a Margot já com uma boa piela, encontro-me e abraçou-me com toda a força dizendo que me adorava e que só tínhamos coisas boas à nossa espera no novo ano. Ela voltou para o seu par e eu fui para casa sozinha. Deitei-me com o telemóvel ao lado da almofada à espera e até rezei.

Mas o Leo não telefonou naquela noite. Nem na manhã seguinte. Por volta do meio-dia, sem poder aguentar mais um segundo, meti-me no metro e fui até ao apartamento dele. Encontrei-o em casa, a ler o jornal e a ver a MTV.

– Afinal não vieste... – disse eu pateticamente comunicando o que era óbvio.

– Desculpa – disse ele não parecendo roído de remorsos. – Tencionava ir, mas adormeci por volta das dez e meia.

– E eu passei a meia-noite completamente só.

– Eu também – disse ele, rindo.

– Não vejo qual é a graça – disse eu, já mais zangada do que ferida.

– Escuta: eu nunca te prometi que ia – disse ele, já irritado.

Recuei rapidamente, mudando de tática e pousando a cabeça no ombro dele enquanto assistíamos a um jogo da Taça na televisão; a seguir, ele fez uma omeleta à Grega¹², a sua especialidade, seguida de uma sessão de sexo no sofá. Mas algum tempo depois, quando ele se levantou de repente, anunciando que tinha um artigo para acabar, passei-me dos carretos.

– É dia de Ano Novo! – gemi, odiando o som da minha voz.

– O que não me impede de ter prazos de entrega – disse ele secamente.

Sentindo a cabeça a andar à roda de amargo ressentimento e desgosto desesperado, olhei para ele, abri a boca e disse aquelas palavras fatais:

– Isto não está a resultar. – Queria acreditar que no fundo estava só a experimentá-lo, a ver até onde iam os limites, a tentar uma tática nova que o fizesse voltar ao redil. – Acho que devíamos acabar.

Esperava alguma resistência, uma cena, pelo menos uma discussão robusta. Mas, pelo contrário, o Leo concordou logo que eu tinha razão. Disse-o com tanta ternura, *carinho* mesmo, que me fez sentir pior do que faria uma resposta agreste. Abraçou-me e o seu alívio era quase palpável.

Não havia nada a fazer. Ao fim e ao cabo, a sugestão fora minha.

– Adeus, Leo – disse eu, conseguindo mostrar uma coragem que mal sentia.

– Adeus, Ellen – disse ele, pelo menos fingindo alguma melancolia.

Hesitei, mas não havia mais nada a fazer. Quase em estado de choque, deixei o apartamento, apanhando um táxi em vez do metro habitual.

Quando cheguei a casa, encontrei a Margot na sala, folheando uma revista.

– Tu estás bem? – perguntou-me, assim que me viu.

Respondi que não sabia.

– O que é que aconteceu?

– Acabámos.

Pensei em contar-lhe tudo, confiando-lhe os detalhes mais desagradáveis, mas de repente senti que me fechava, na defensiva.

– Tenho muita pena – disse ela. – Queres falar do caso?

– Não sei... É realmente... complicado – Respondi.

E era mesmo complicado, como é qualquer rompimento em que estejamos directamente implicados. Porque, na cruel realidade, nada há de mais simples, a maior parte das vezes. É assim: uma pessoa deixa de amar a outra, ou simplesmente descobre que nunca esteve realmente apaixonada e deseja retratar aquelas palavras, aquelas promessas vindas do coração. Olhando agora para trás, vejo que era esse provavelmente o caso entre o Leo e eu, a explicação mais simples é geralmente a mais acertada, como a minha mãe costumava dizer. Mas naquela altura eu não queria acreditar que era esse o caso.

Pelo contrário, fiquei à espera do que todas as mulheres esperam naquela situação: que ele mudasse de opinião, tomasse juízo, se apercebesse do que tinha em mim, descobrisse que eu não tinha substituição possível. Continuava a pensar e até a dizer alto à Margot e à minha irmã: «Ninguém o há-de amar como eu o amo», o que agora compreendo não ser um bom argumento para um homem. Nem para ninguém.

Pior ainda, tinha constantemente na ideia aquela frase terrível: «Se amas alguma coisa, concede-lhe liberdade». Lembrava-me perfeitamente da versão em poster que a minha irmã pendurara no seu quarto após um rompimento particularmente doloroso nos tempos do liceu. As palavras estavam escritas a roxo sob a imagem de uma águia voando alto até ao cimo de uma montanha. Também me lembro de pensar que nenhuma águia no mundo quererá voltar de novo ao cativeiro.

Pudera, ele nunca foi teu!, era o que me apetecia dizer à Suzanne.

Mas agora... Agora *o Leo* era essa águia! E eu tinha a certeza de que ele seria a excepção àquela regra. A única águia que havia de voltar.

E por isso esperei, estoicamente, desesperadamente agarrada à ideia de que a nossa separação não passava de uma experiência. E, por mais incrível que pareça, os meus sentimentos tornaram-se *mais* intensos após o rompimento. Se eu andava obcecada pelo Leo quando estava com ele, agora *afogava-me* nele. Ele ocupava cada minuto dos meus dias e eu fui-me tornando o símbolo da mulher destroçada pelo amor. Torturava-me ouvindo mil vezes a sua voz nas antigas gravações do meu telefone e canções tristes e amargas, como «The Last Day of Our Acquaintance» da Sinnead O'Connor. Enterrava a cabeça na almofada e desatava a chorar nos momentos mais inoportunos. Escrevia e revia cartas intermináveis para ele, sabendo que nunca as enviaria. Descuidava completamente a minha aparência (descontando crises de choro dentro da banheira à luz das velas) e intercalava fases de não comer nada com fases de me empanturrar de gelado, *Doritos* e o último dos clichés: *Twinkies*¹³.

Nem enquanto dormia eu conseguia escapar ao Leo. Pela primeira vez na vida, lembrava-me dos mais vívidos detalhes dos meus sonhos, sempre acerca dele, acerca de nós. Por vezes eram pesadelos sobre desencontros, falhas de comunicação e o seu afastamento lento e frio. Mas outras vezes eram sonhos extraordinários, com o Leo e eu passando horas em cafés cheios de fumo ou fazendo amor brutal e suado na cama dele e, de certo modo, esses sonhos felizes eram piores do que

os pesadelos. Eu acordava e, por um breve e fugidio instante, acreditava que estávamos de novo juntos. Que o rompimento era um sonho e que me bastava abrir os olhos para o encontrar ali ao meu lado. Mas a dura realidade instalava-se rapidamente: o Leo continuava a sua vida sem mim e eu estava só.

Após semanas, ou mesmo meses deste melodrama, a Margot interveio. Era um sábado, ao princípio da noite, e ela falhara a sua sexta tentativa de me levar a sair com ela num fim-de-semana. Emergiu do seu quarto com um ar radioso, com uma *t-shirt* índigo do mais *funky* possível, *jeans* justos nas ancas e botas pretas pontiagudas. Tinha encaracolado o cabelo, habitualmente liso como o de uma japonesa, e aplicara uma nuvem de pó cintilante e perfumado à roda do decote.

– Estás um espanto! – disse-lhe. – Onde vais?

– Sair com as raparigas – respondeu. – De certeza que não queres vir?

– Absoluta. Vai dar o «Pretty In Pink»¹⁴ esta noite na televisão.

Ela cruzou os braços num gesto reprovador:

– Não sei porque hás-de estar tão embezerrada. Nunca estiveste verdadeiramente apaixonada por ele – comentou, num tom de quem expõe uma evidência conhecida por todos.

Olhei-a como se ela tivesse endoidecido. Claro que estava apaixonada pelo Leo! Não era o meu desgosto profundo a prova de um grande amor?

– Tu tinhas era desejo... – continuou. – E as duas coisas confundem-se frequentemente.

– Era *amor*! – disse eu, pensando que o desejo era apenas um componente do nosso amor. – E *ainda* o amo. Hei-de amá-lo *sempre*.

– Não – disse ela. – Estavas simplesmente apaixonada pela *ideia* do amor. E agora estás apaixonada pela *ideia* de um coração destroçado... pareces uma adolescente em plena crise de crescimento.

Foi um golpe cruel para uma rapariga de vinte e tal anos.

– Não sabes o que dizes – disse eu, agarrando com mais força o meu balde de gelado *pralines' n' cream*.

Ela suspirou, lançando-me um olhar cheio de indulgência maternal.

– Nunca ouviste dizer que um verdadeiro amor nos transforma numa pessoa melhor? Nos eleva espiritualmente?

– E eu *era* uma pessoa melhor com o Leo – disse, com a boca cheia. – Era *isso mesmo*: ele elevava-me espiritualmente.

Ela abanou a cabeça e começou a dar-me um sermão, com aquele sotaque do Sul que se acentua sempre que defende uma ideia especialmente importante para ela.

– A verdade é que tu estavas na merda enquanto andaste com o Leo... Ele tornou-te carente, invertebrada, insegura, unidimensional! Eu mal te reconhecia! Com ele, não eras a mesma pessoa. Para mim, toda a vossa relação era... doentia!

– Tu tens mas é inveja – disse eu, pensando que ela tanto podia ter inveja de mim por não ter um Leo na vida dela, como ciúmes do Leo por ele a ter substituído como a pessoa mais importante na minha vida. Ambas as teorias pareciam plausíveis, isto apesar do facto de ela, como sempre, ter um namorado próprio.

– *Inveja?* Olha que não, Ellen... – Soava tão convincente, tão divertida, no fundo, com a simples ideia de invejar aquilo que eu tinha com o Leo, que me senti corar. Bati rapidamente em retirada, limitando-me a repetir:

– Ele fazia de mim uma pessoa melhor.

Aquilo era o mais próximo a que jamais chegaríamos de uma briga, e apesar da minha fúria crescente, eu também estava nervosa, incapaz de a olhar nos olhos.

– Ai sim? – disse ela. – Então se é verdade, Ellen, mostra-me uma *boa* fotografia que tenhas tirado enquanto estiveste com ele. Mostra-me como é que ele te inspirava. Prova-me que não tenho razão.

Pousei o gelado mesmo em cima do número de Abril da «Town & Country» dela e dirigi-me à minha escrivaninha de topo corredio ao canto da sala. Abri uma gaveta, agarrei num envelope grosso cheio de fotografias e, teatralmente, espalhei-as em leque sobre a mesa de centro.

Ela pegou-lhes, folheando-as rapidamente com a mesma expressão desprendida com que se folheia um baralho de cartas.

– Ellen... – disse ela finalmente. – Estas fotos... não são... Não são assim tão boas.

– O que queres dizer com isso? – perguntei, olhando por cima do ombro dela enquanto ela examinava retratos do Leo. O Leo a rir. O Leo contemplativo. O Leo a dormir numa manhã de Domingo, enrolado com o seu cão, Jasper. Senti um golpe de saudade por aquele boxer mal-humorado de quem eu nunca tinha gostado muito, para dizer a verdade.

– Muito bem – disse ela por fim, segurando uma foto do Leo que eu tirara no Verão passado. Trazia uns calções e uma *t-shirt* que dizia *Atari* e estava reclinado num banco, no Central Park, olhando directamente para a câmara, directamente *para mim*. Só os olhos sorriam.

– Olha esta, por exemplo – disse ela. – Boa iluminação. Boa composição, acho eu, mas... não interessante. É um homem giro, mas... e depois? Aqui não se passa nada senão um gajo giro recostado num banco. É como se... Não sei, parece que *se esforça* de mais.

Fiquei sem respiração. Aquele insulto era ainda pior do que ter-me comparado a uma adolescente perdida de amor.

– Esforça-se de mais?! – disse eu, agora verdadeiramente furiosa.

– Não estou a dizer que *tu* te esforçaste de mais – disse ela. – Mas *ele*, decididamente, exagera. Olha só para a expressão dele... Afectado, presumido, muito contentinho consigo próprio... Sabe que está a ser fotografado. Sabe que está a ser *adorado*. É todo: «olhem para mim, reparem neste olhar matador!»... Agora a sério, Ellen: detesto esta fotografia. Qualquer outra que tiraste naquele ano antes do Leo é mais interessante do que isto.

Largou a foto que aterrou em cima da mesa, virada para mim. Olhei e *quase* senti o que ela estava a dizer. Senti uma punhalada de vergonha, o mesmo tipo de vergonha que senti quando reli o poema embaraçoso, de mau, que eu escrevera no liceu acerca de umas férias nas neves em Jersey. Eu enviara, cheia de orgulho, esse poema a uma revista literária e sentira-me genuinamente aturdida ao receber pelo correio uma carta de rejeição.

A Margot e eu olhámos uma para a outra durante o que me pareceu uma eternidade. Foi provavelmente o mais honesto, o mais significativo momento da nossa amizade e naquele instante, ao mesmo tempo, amei-a e odiei-a. Por fim, foi ela que rompeu o silêncio.

– Eu sei que isto dói, Ellen... Mas já é tempo de partires para outra – disse, endireitando rapidamente a pilha de fotos e metendo-a no envelope. Aparentemente, o Leo já não valia o esforço que seria necessário para ela rasgar em dois a cara dele.

– E como é que eu faço? – murmurei. Não era uma pergunta retórica; eu queria *mesmo* conhecer a mecânica exacta do que tinha de fazer a seguir.

Ela meditou por uns segundos e depois indicou-me as instruções a seguir:

– Vá lá, veste o fato de treino e instala-te a ver o teu filme na televisão. Por hoje. Amanhã levantas-te e tomas um longo banho. Lava a cabeça, escova bem o cabelo e põe um bocado de maquilhagem. Depois, saca da tua câmara e volta ao trabalho... Ele não vai voltar. Por isso, faz o que tens a fazer... Já é tempo.

Olhei para ela, pensando que ela tinha razão. Pensando que, mais uma vez, eu estava numa encruzilhada na minha vida e mais uma vez devia seguir o conselho da Margot e voltar à fotografia.

Logo no dia seguinte comprei uma máquina nova, a melhor que consegui arranjar dentro do meu limitado orçamento, e inscrevi-me num curso intensivo no New York Institute of Photography. Durante o ano seguinte, aprendi a conhecer de trás para a frente todo o equipamento, tudo desde lentes a filtros, aos tipos de luz, de *flash*, de tungsténio, passando pela estrogoscópica. Estudei exaustivamente as teorias da composição, da cor, dos padrões, do enquadramento, bem como «a regra dos terços» (algo que eu aprendera intuitivamente) e como recorrer às linhas para se obter imagens mais poderosas. Já tinha aprendido praticamente tudo sobre cópia e impressão, mas dei-me ao luxo de praticar a minha técnica em equipamentos bem mais modernos e sofisticados. Tirei um curso específico sobre Retrato, aperfeiçoando os meus conhecimentos de iluminação e posicionamento. Li tudo o que havia para ler sobre Fotografia de Produto, Fotografia de Alimentos, Fotografia Paisagística, Fotografia de Arquitectura, e até Fotografia Desportiva. Mergulhei no apaixonante mundo da Fotografia Digital, fiquei perita no *Adobe Photoshop*, e a linguagem dos *megapixels* e *chips* não tinha segredos para mim (o que na altura, era o máximo). Cheguei mesmo a assistir a aulas sobre Fotografia de *Marketing* e Negócios.

A cada semana que passava, a cada técnica nova que aprendia, a cada foto que tirava, sentia-me cada vez mais perto da cura. Em parte era também a passagem do tempo, elemento essencial para a cura de qualquer distúrbio emocional. Mas em parte, era o facto de uma paixão estar lentamente a substituir outra. E apesar de um grande desgosto de amor não me tornar uma especialista no assunto, penso que são precisas *ambas* as coisas – tempo e uma nova emoção – para consertar definitivamente um coração partido.

E assim, mais ou menos nove meses *post-Leo*, senti-me finalmente pronta, técnica e emocionalmente, para apresentar o meu portfólio e habilitar-me ao lugar de assistente profissional de fotógrafo. Através do amigo de um amigo, vim a saber que um fotógrafo comercial de nome Frank Brightman andava à procura de um segundo assistente. O Frank fazia sobretudo fotografia de moda e publicidade, mas por vezes também trabalhava para os jornais. Tinha um estilo cinemático que evocava o realismo, que eu admirava e que podia imaginar-me mais tarde a praticar, com o meu toque pessoal, claro.

Sem pensar outra vez, telefonei ao Frank e ele convidou-me para uma entrevista no seu pequeno

estúdio em Chelsea. Desde o princípio que o Frank me impressionou e me pôs à vontade. Tinha uma bela cabeleira branca, roupa impecável e uma extrema gentileza no modo de falar. Havia também qualquer coisa de subtilmente efeminado nos seus modos que me fez pensar se seria *gay*, o que naquela altura da minha vida, vinda de uma cidade de província e de uma universidade conservadora do Sul, ainda me parecia uma novidade sofisticada.

Observei Frank bebendo o seu *cappuccino*, enquanto folheava o meu portfólio de amadora, metido numa capa de falsa pele. Virava as páginas com murmúrios de aprovação. Depois fechou o álbum, olhou-me nos olhos e disse que, embora visse potencial em mim, não queria enganar-me: já tinha um primeiro assistente e do que ele precisava mais era de um *escravo*, alguém para pagar contas, buscar café e estar de atalaia para o que fosse preciso.

– Decididamente, não é um trabalho apaixonante – terminou ele.

– Eu posso fazer isso – disse, muito a sério. – Já servi num restaurante. Sou exímia a ficar de pé. Sou exímia a receber ordens e a tomar notas de pedidos.

Sem um sorriso, o Frank avisou-me de que tivera já quatro segundos assistentes. Todos eles tinham melhores recomendações do que eu, mas eram preguiçosos e irresponsáveis. Fez uma pausa e disse que me julgava diferente.

– Pareces sincera – disse ele. – E agrada-me que sejas de Pittsburgh. Pittsburgh é uma boa cidade, de gente honesta.

Agradei-lhe com um sorriso de orelha a orelha.

O Frank sorriu-me de volta e disse:

– O lugar é teu. Só tens de aparecer todos os dias a horas para nos darmos como Deus com os anjos.

E foi o que eu fiz. Fi-lo todos os dias durante dois anos. Cumpri ordens de Frank e da sua primeira assistente, uma mulher de certa idade, muito arguta, chamada Marguerite. Ela e Frank eram os génios criadores, enquanto eu calmamente tratava de todos os detalhes de apoio. Tratava dos seguros para as sessões de exterior e, por vezes, até contratava a polícia. Tomava conta de todo o equipamento alugado e instalava luzes e estroboscópios sob a orientação detalhada de Frank, começando muitas vezes de madrugada o meu dia de trabalho. Carregava película (ao fim de pouco tempo, o Frank dizia que nunca tinha visto ninguém carregar tão depressa, o que era música para os meus ouvidos) e fiz literalmente milhares de leituras e medições de luz. Em suma, aprendi todos os segredos da fotografia comercial e ao mesmo tempo fui adquirindo a certeza de que um dia poderia estabelecer-me por conta própria.

E foi nessa altura que me apareceu o Andy.

Dizem que a oportunidade de um momento é tudo e, pensando nisso, acredito piamente nessa teoria. Se o Andy me tivesse convidado para sair mais cedo, eu poderia ter considerado o convite como uma obra de caridade que a Margot lhe pedira para fazer. Teria recusado de caras, e como o Andy não é de todo agressivo, tudo teria ficado por ali. E, mais importante ainda, eu não teria tido tempo para intercalar os meus *namoros de consolação*, incidentais, insignificantes, mas muito importantes, a maioria dos quais só durou um ou dois encontros.

Mas, por outro lado, se ele tivesse feito a sua primeira aproximação mais tarde, eu poderia ter-me

tornado insensível, algo difícil para uma mulher antes dos trinta, mas de que me sentia tragicamente capaz. Ou poderia ter começado um namoro sério com outra pessoa, talvez alguém como o Leo, visto que, segundo se diz, apaixonamo-nos sempre pelo mesmo tipo de pessoa.

Em vez disso, eu estava numa fase otimista, satisfeita, auto-suficiente e assente, tanto quanto se pode estar quando se é jovem, solteira e a viver numa grande cidade. Ainda pensava no Leo, (e no que «teria corrido mal»), mais do que gostaria de confessar – até a mim mesma – e pensar nele ainda me fazia parar tudo, encrespar-se-me o coração e sentir um nó no peito. Mas eu aprendera a gerir essas emoções e a compartimentá-las. A dor mais aguda tinha recuado com o tempo, como sempre acontece com toda a gente. Conseguia ver o Leo como aquilo que ele realmente fora – um amor passado que jamais regressaria – e ver-me a mim própria como uma mulher mais sensata, mais completa, por tê-lo perdido. Por outras palavras, eu estava pronta para uma nova relação com um homem melhor.

Estava pronta para o Andy.

¹² Omeleta com espinafres e queijo feta. (N. da T.)

¹³ Bolinho esponjoso recheado de creme, considerado nos EU como a «quintessência da *fast-food*». Cada *Twinkie* contém 145 calorias e é tão popular que a produção atinge os cinco milhões anuais. (N. da T.)

¹⁴ A Rapariga do Vestido Cor-de-Rosa» (1986), de Howard Deutch, popularíssimo «filme de adolescentes» dos anos oitenta. (N. da T.)

Capítulo 8

Nunca hei-de esquecer o momento em que soube que o Andy estava interessado em mim mais do que na melhor amiga da irmã, ou até numa sua amiga. É interessante o facto de não ter acontecido em Nova Iorque, embora a Margot e eu nos encontrássemos muitas vezes com o Andy, geralmente num bar para beber uns copos, visto que o nosso grupo se dava bem com o dele.

Aconteceu em Atlanta, quando passei o Dia de Acção de Graças com a Margot e o irmão – tínhamos vindo os três de avião na noite anterior. Já passara bastante tempo desde a festa que a mãe da Margot, a Stella, organizara sozinha (a governanta de há muitos anos dos Graham, Gloria, tinha tirado essa semana de férias) e a maior parte da loiça já estava na máquina de lavar. O Andy e eu estávamos sós na cozinha, porque eu me oferecera para lavar os copos e os talheres (e ninguém objectara, o que me fazia sentir ainda mais à vontade) e o Andy oferecera-se imediatamente para limpar, o que eu achei particularmente simpático numa família tradicional, onde os homens costumavam ignorar qualquer tarefa doméstica.

Entretanto, a Margot, os pais e o irmão James tinham passado todos para o «retiro da televisão» para ver o «The Shawshank Redemption»¹⁵. Para dizer a verdade, havia três outras salas a que se podia chamar «retiros», e que se chamavam sala de jogos, biblioteca e salão. A casa era enorme, estendia-se em todas as direcções e estava repleta de antiguidades, tapetes orientais, quadros e objectos passados de geração em geração, provenientes de viagens exóticas e parentes falecidos. Mas apesar do aspecto formal da casa, todas as salas eram aconchegantes, o que eu atribuí a iluminação suave e à quantidade de cadeiras confortáveis em que uma pessoa se podia aninhar. A Stella embirrava com uma série de coisas: molhos para salada comprados feitos, oferecer presentes que nos foram oferecidos, apelidos com hífen, só para dar alguns exemplos, mas o que mais a exasperava era um assento desconfortável. «Não há nada que estrague um jantar mais depressa do que uma cadeira dura», disse-

-me ela um dia sem vir a propósito de nada. Quando ela proferia sentenças como esta, eu pensava sempre que devia anotá-las algures num bloco de notas para futura referência.

Mas naquela casa cheia de salas lindas e confortáveis, a minha favorita era a cozinha. Adorava as paredes cor de caramelo, os tampos das mesas e bancadas em ardósia e as pesadas panelas e frigideiras de cobre pendendo de ganchos sobre a zona da ilha. Encantava-me a larga janela que dava

para o terraço das traseiras e a lareira de pedra à frente da qual toda a gente se reunia. Era mesmo o género de cozinha espaçosa e alegre que vemos no cinema. Aquela cozinha onde figurava uma grande família feliz com uma mãe forte e tradicional ao fogão; um pai babado e bonito; uma filha graciosa e bem-educada; e um par de filhos bem-dispostos, sempre prontos a meter colheres de pau dentro de panelas a ferver sobre o enorme fogão Viking e a elogiar os cozinhados da querida mãe – ou da querida governanta. Tudo naquela cozinha era perfeito – tal como a família que a usava.

Lembro-me que estava a pensar nisto enquanto mergulhava as mãos na água ensaboada a fim de pescar duas colheres de prata. Pensava na sorte que tinha em estar ali, aquela era a maneira exacta de passar o dia de Acção de Graças – exceptuando a temperatura exterior excessivamente alta.

Naquele ano, a minha família tinha-me desapontado, o que acontecia com frequência desde a morte da minha mãe. O meu pai tentara durante anos manter as nossas tradições, mas a Sharon mudara tudo, não com más intenções, mas simplesmente porque tinha a sua própria família e a sua própria maneira de fazer as coisas. Naquele ano, ela e o meu pai tinham ido para Cleveland visitar o filho dela, John, e a sua recente esposa, Leslie, que tinha sido chefe de claque no liceu de Ohio, proeza que enchia Sharon de um orgulho desmedido e despropositado. Isso deixou-nos, a mim e à Suzanne, entregues uma à outra para nos desenrascarmos e, embora eu duvidasse da possibilidade de duas irmãs solteiras inventarem um Dia de Acção de Graças satisfatório – um feriado que se celebra à volta de um jantar, quando nenhuma de nós era experiente na cozinha, eu estava disposta a tentar. Mas a Suzanne não. Tornou bem claro para mim que «não ia celebrar o feriado este ano». Escapava-me o exacto significado desta declaração, mas já estava habituada às suas birras e sabia que insistir num jantar de Acção de Graças com ela não era uma boa ideia. Por isso, fiquei radiante quando a Margot me convidou para ir para casa dela.

Contei parte disto ao Andy, quando ele me perguntou pela minha família, tendo o cuidado de não soar excessivamente amarga, nem parecer estar a queixar-me do meu pai ou da minha irmã. Ou, pior, soar como a deplorável amiga magricela da Margot.

Andy, que tinha enfiado um avental azul-bebé cheio de folhos, mais pelo efeito cómico do que por motivos práticos, ouviu-me com atenção e disse:

– Bom, ainda bem que aqui estás. Quanto mais gente melhor, é o que eu digo sempre.

Sorri ao pensar que é uma frase feita usada por muita gente, mas os Grahams acreditavam realmente nela e até àquele momento uma boa meia dúzia de amigos tinha já passado por lá para os cumprimentar, incluindo o namorado de liceu da Margot, Ty, que trouxera duas dúzias de bolinhos comprados no Henri's, uma célebre pastelaria de Atlanta. A Margot negava, mas era óbvio que o Ty ainda estava apaixonado por ela, ou então fascinado por aquela família, o que eu entendia perfeitamente.

– Sabes que a maior parte das famílias não é assim como a tua? – comentei.

– *Assim* como?

– Tão funcional... tão *feliz*.

– Fizemos de propósito para te enganar. É tudo fachada.

Por um segundo, fiquei preocupada, quase desiludida. Haveria um horrível segredo de família que eu não conhecia? Algum escândalo? Algum crime? Ou pior ainda, um diagnóstico sem apelo e sem

esperança, como o que mudara tudo na minha família? Olhei para o Andy e vi a sua cara de gozo, o que me trouxe uma onda de alívio. A minha visão dos Grahams, contra todas as possibilidades, ricos e bem ajustados com a vida, permanecia intacta.

– Nááá... É tudo boa gente... Excepto o James, claro – disse ele, referindo-se ao irmão mais novo, o adorável estroina da família, naquele momento a viver na casa de hóspedes no pátio das traseiras, o que lhe valia constantes piadas. O James tinha acabado de ser despedido... mais uma vez. Tinha tido mais «sacanas de patrões» do que outra pessoa qualquer que eu conhecesse. Mas até as travessuras do James pareciam acrescentar apenas um *agradável picante* ao resto da família que se limitava a abanar a cabeça com um sorriso de complacência divertida.

O Andy e eu estivemos calados durante um momento. Só os nossos cotovelos se encontravam ocasionalmente enquanto trabalhávamos, até que de repente ele perguntou:

– Tens sabido alguma coisa daquele tipo com quem costumavas sair?... Leo, não é?

O meu coração deu um pulo. Tinha justamente pensado no Leo nessa manhã, perguntando-me se estaria com a família em Queens ou a dar um pontapé nas festas, ao estilo da minha querida irmã. Era mesmo dele, particularmente se tinha um prazo de entrega apertado. Mas pensar nele era uma coisa, falar dele era outra. Respirei fundo, escolhendo cuidadosamente o que ia dizer. Tinha a sensação de que estava a ser avaliada e, não querendo faltar à verdade, também queria mostrar-me forte.

– Não – disse finalmente. – Foi um rompimento total.

Isto era um tanto exagerado, dado o meu período de luto, mas a realidade é que, pelo menos da parte do Leo, *fora* um rompimento total. Além disso, se uma pessoa não contacta a outra *nem uma única vez* após o rompimento, este é, por definição, *total*, não é verdade? Não importa o que se sente por dentro. Pensei naquela ocasião em que quase telefonei ao Leo. Foi logo a seguir ao 11 de Setembro. Tinha passado uma semana, mas o país, e sobretudo a cidade, ainda vivia um pesadelo de desgosto e terror. Eu sabia que o escritório e a casa do Leo não eram perto do World Trade Center, e que ele raramente visitava a zona financeira de Nova Iorque, mas mesmo assim... Corriam tantas histórias loucas naqueles dias, de gente que tinha estado presente em sítios onde geralmente não costumava ir, que eu comecei a imaginar o pior. Além disso, como eu disse à Margot, eu própria estava a receber chamadas de velhos amigos, e até meros conhecidos, que queriam saber se me tinha acontecido alguma coisa. Não seria essa a atitude compassiva, decente, a ter? Ao fim e ao cabo, eu podia ter sentimentos amargos em relação ao Leo, mas gostava que ele estivesse *vivo*! Este raciocínio não foi longe com a Margot, que me convenceu que eu não podia, em nenhuma circunstância, contactar o Leo – e fê-lo com um argumento simples e irrefutável: «Ele não te telefonou para saber como tu estavas, pois não?»

Acrescentei mais detergente à água quente da lavagem e senti o cheirinho agradável a limão enchendo o ar. O Andy assentiu com a cabeça e disse:

– Um rompimento total é sempre melhor.

Eu murmurei o meu consentimento.

– Pois é... Nunca entendi aquelas pessoas que ficam muito amiguinhas dos seus ex-namorados.

– Nem eu... Mas é sempre porque um deles ainda não apagou a chama.

– Como o Ty – comentei, rindo.

– Exactamente... Só me apetece dizer-lhe: «Caramba, rapaz, deixa lá morrer o sonho *de uma vez!*».

Também me ri, pensando que tinha deixado o sonho morrer com o Leo, mas a verdade é que não tive outro remédio.

– E então? – disse o Andy, abrindo o jogo. – Andas com alguém, agora?

– Não... Pelo menos, não a sério. Saídas ocasionais aqui e ali – a maior parte arranjadas pela Margot. Acho que ela já me emparelhou com todos os homens solteiros-hetero-da-indústria-da-moda... Mas nada de sério. E tu?

Fiz a pergunta, embora soubesse a resposta, basicamente: ele estava de novo sozinho após um breve romance com uma actriz de teatro amador chamada Felícia. A Margot não conhecia os detalhes, apenas que eles tinham acabado e quase de certeza tinha sido ele a romper. Parece que a Felícia era *de manutenção excessivamente alta* – uma «rainha do drama», mesmo fora do palco.

O Andy confirmou com um alegre: «Solteiro!» enquanto eu lhe passava um copo de cristal para secar.

Lançou-me um sorrisinho que me fez subitamente pensar se ele não estaria a fazer mais do que conversa mole e a ajudar-me a lavar a loiça. Poderia o irmão da Margot estar verdadeiramente *interessado* em mim? *Não é possível*, foi o meu primeiro instinto. Não interessava que o Andy fosse acessível, amigoso e até brincalhão: não deixava de ser o irmão *mais velho* da Margot, muito bonito e bem sucedido, o que me fazia achá-lo fora do meu alcance, quase *proibido*. Assim, afastei do espírito qualquer pensamento romântico acerca do Leo e lá continuámos no mesmo ritmo a lavar, passar por água e secar. De repente, tínhamos acabado. E surpreendentemente, eu tinha pena que tivéssemos acabado.

– E é tudo – disse o Andy, enxugando as mãos, desatando o avental e dobrando-o cuidadosamente sobre a bancada. Eu tirei o tampão do ralo do lava-loiças e olhei para a água que desaparecia, primeiro devagar e depois com um sonoro *wuuushh*... Limpei as mãos e enxuguei o lava-loiças com uma toalha monogramada com um G. Tinha a sensação de que estava a ganhar tempo, mas para *quê*, exactamente, não tinha a certeza.

Foi então que o Andy olhou para mim e disse:

– E então, Ellen?

– O quê? – retorqui, um tanto nervosa e evitando olhá-lo.

Ele aclarou a garganta enquanto brincava nervosamente com uma caixa de fósforos em cima da mesa e disse:

– Quando regressarmos à cidade... Que dizes a sairmos os dois? Jantamos em qualquer lado... Ou o que for... Só nós os dois?

Não havia margem para dúvidas: o Andy estava a convidar-me para sair. O meu cérebro já galopava, a pensar nas implicações de sair com o irmão da minha melhor amiga. Não seria uma proposta demasiado arriscada? E se daí surgisse algo sério e as coisas acabassem mal? A Margot iria tomar algum partido? A nossa amizade poderia sobreviver? Passaria a ser melindroso eu continuar a frequentar a casa deles? Por isso, no primeiro segundo ocorreu-me dizer que não, ou dar uma desculpa qualquer e evitar um potencial conflito de interesses. Havia em Manhattan milhares de

homens livres, e até bons partidos; para quê seguir este caminho problemático?

Mas quando levantei os olhos, dei com os dele, azuis como o gelo, mas mais calorosos do que quaisquer olhos castanhos que eu tenha conhecido e disse cautelosamente, mas com uma pontinha de *flirt*:

– Parece-me uma proposta interessante.

O Andy cruzou os braços, encostou-se à bancada da ilha e sorriu. Eu sorri-lhe de volta. E de súbito, mesmo quando ouvimos a Margot a entrar na cozinha, ele piscou-me o olho e murmurou:

– Pensa só: se tudo correr bem... até já conheces a família.

Durante aquele fim-de-semana, a minha excitação cresceu com cada troca de olhares com o Andy, sobretudo na noite seguinte, em que a Stella quis ficar a par da vida amorosa dos filhos.

– Não há ninguém especial? – perguntou ela, enquanto jogávamos *Scrabble* na sala de jogos.

O James riu-se e disse:

– Claro, mãe. Há *milhares* de raparigas especiais, está a ver o que eu quero dizer?

– James... – disse a Stella, abanando a cabeça, fazendo ondular o seu cabelo loiro, impecável como sempre, e fingindo-se exasperada com o filho. E, com as letras que lhe restavam, compôs a palavra “GNOMOS”.

– Boa, mãe! – lançou o Andy, reverente. E logo, para mim: – Sabes que a mãe nunca perde a este jogo?

Sorri, notando como a gente do Sul nunca emprega a palavra «meu/minha» quando falam dos pais.

– Já ouvi dizer – respondi, a um tempo impressionada e ligeiramente intimidada com a matriarca dos Graham. De facto, ganhar jogos de salão era só uma das muitas coisas que eu ouvira dizer acerca da Stella, que ao longo dos anos tinham contribuído para o seu *status*, quase um culto naquela família que a adorava. Esperta, lindíssima, forte, era a Stella. Encantadora e encantada, com certeza que não iria morrer de cancro – disso estava eu segura – mas sim durante a noite, a dormir, na sua cama, com a idade respeitável de noventa e quatro anos, com um sorriso nos lábios e a cabeça impecável repousando sobre a franha de seda.

– Isso é porque ela faz batota! – disse o James na sua voz grave e arrastada, com aquele seu sotaque incrivelmente mais pronunciado do que o resto do clã, que eu atribuí sempre à indolência que impregnava até o seu modo de falar. Ele piscou-me o olho e disse:

– Tens de a vigiar com todo o cuidado, Ellen. Escorrega que nem uma enguia.

Todos rimos perante a ideia grotesca da Stella Graham, tão cumpridora, a fazer batota, enquanto a víamos abanar de novo a cabeça, pondo em evidência o seu longo pescoço, particularmente gracioso. Depois cruzou os braços sobre o vestido cinzento de alta costura, o que fez os berloques de ouro da sua pulseira resvalarem em direcção ao cotovelo.

– E tu, Andrew? – perguntou a Stella.

Senti-me corar e fixei o olhar na mini Torre Eiffel da sua pulseira de amuletos, sem dúvida um presente do pai da Margot, que ainda hoje eu trato por Sr. Graham, o único que não estava a jogar naquela noite: lia o *Wall Street Journal* junto à lareira e ocasionalmente consultava o dicionário a fim de tirar teimas acerca de palavras mais controversas.

– Eu, o quê? – respondeu o Andy, evitando a pergunta da mãe, com ar divertido.

– Ele acabou com a Felícia – interpôs a Margot. – Já lhe tinha dito.

A Stella assentiu, sem tirar os olhos do Andy.

– E há alguma hipótese de reconciliação com a Lucy? Era uma rapariga tão bonita, tão doce... – disse ela. – Eu *adorava* a Lucy.

O James pôs-se de pé e imitou o «Ricky Ricardo»:

– Loooooooouuuu-cy, cheguei!¹⁶

Desatámos todos a rir, enquanto o Andy me lançava um olhar cúmplice, de sobrancelhas erguidas.

– Não, mãe, a Lucy... já era – disse ele, acariciando debaixo da mesa com o seu dedo do pé o meu pé coberto apenas com a meia. – Mas já tenho um encontro marcado para a semana que vem.

– Ai sim? – disseram ao mesmo tempo a mãe e a filha.

– É verdade – disse o Andy.

– Um encontro com... potencial? – quis saber a Margot.

O Andy acenou afirmativamente e o Sr. Graham levantou os olhos do jornal com curiosidade. A Margot contara-me em tempos que o maior desejo do pai era que o Andy um dia se instalasse em Atlanta e tomasse conta da sua carteira de clientes, e considerava um possível casamento com uma ianque o único eventual empecilho para os seus sonhos.

E, com efeito, o papá Graham espreitou por cima do jornal e disse:

– E ela é do Sul, por acaso?

– Não – respondeu o Andy. – Mas acho que vocês todos haveriam de gostar dela...

Eu sorri, corando e baixando o olhar, tomando como um bom presságio o facto de ter alinhados no suporte as letras S, I, N, A...

E foi assim que começámos. O Andy e eu. E é por essa razão que uma visita à família da Margot (a que eu agora chamo a família do Andy, tendo mudado o nome entre a nossa primeira saída juntos e o casamento) é sempre para mim um pouco como uma *jornada sentimental*, como ler uma antiga carta de amor ou voltar ao lugar do nosso primeiro encontro. É nisso que estou a pensar agora, uma semana após a grande notícia do bebé da Margot, enquanto partimos para Atlanta para uma visita de fim-de-semana.

A viagem é calma e não há uma nuvem no azul-cobalto deste céu de Fevereiro, mas estou um pouco nervosa. Não gosto de voar: talvez tivesse herdado este receio da minha mãe, que sempre se recusou terminantemente a viajar de avião. Não que os meus pais tivessem dinheiro para viajar fosse para onde fosse, um facto que me magoa quando vejo o meu pai e a Sharon voar até à Florida todos os invernos, onde embarcam para um daqueles espalhafatosos cruzeiros às Caraíbas. Quero que o meu pai seja feliz, mas por vezes parece-me injusto que seja a Sharon a gozar dos benefícios da reforma dele. E o facto de eu ter aprendido há muito tempo que a vida não é justa não me consola nada.

Seja como for, a assistente de bordo anuncia agora, muito jovial, que estamos a aproximar-nos do Aeroporto Hartsfield-Jackson e que devemos ocupar os nossos lugares, pôr os cintos, endireitar as costas dos bancos e recolher os tabuleiros. O Andy segue as instruções e volta a colocar no colo as palavras cruzadas do *USA Today*. Bate no jornal com o lápis e diz:

– Preciso de uma palavra de quatro letras para «cúmulo».

– «Cume» – digo.

– Não dá.

– «Auge» – tento de novo.

– Obrigado – diz sorrindo, orgulhoso da minha competência nas palavras-cruzadas. Ele é advogado, mas eu é que sou a perita nas palavras. Tal como a mãe dele, agora venço-o facilmente no *Scrabble*, no *Boggle*, ou qualquer outro jogo de tabuleiro. Facto que não o preocupa minimamente já que não tem grande instinto de competição.

À medida que o avião começa a mudar de direcção, agarro-me ao apoio de braço com uma mão, à perna do Andy com a outra. Fecho os olhos, pensando de novo naquele momento na cozinha, tantos anos atrás. Pode não ter sido tão excitante como começar um caso amoroso com um estranho, sequestrados durante o julgamento de um assassino mas, de várias maneiras, foi ainda melhor. Tinha solidez. Um cerne de solidez e ternura. Uma base na amizade e na família: as coisas simples que são realmente importantes, as coisas que perduram. O encanto do Andy não estava no mistério, porque eu já o conhecia quando começámos o namoro. Talvez eu não o conhecesse bem, o conhecimento que eu tinha era filtrado por intermédio da Margot, mas conhecia-o de um modo importante. Profundamente. Sabia de onde ele vinha. Conhecia as pessoas que ele amava e que o amavam. Sabia que era um bom filho, um bom irmão. Sabia que era um rapaz divertido, bondoso e atlético. O género de rapaz que ajuda a lavar a loiça depois de um jantar de Acção de Graças, tenha ou não um motivo ulterior.

Por isso, quando uns dias depois o Andy e eu saímos pela primeira vez, tínhamos avançado muito mais do que um casal *normal* no seu primeiro encontro, ultrapassando já o estado do «vamos conhecer-nos melhor, descontraí-te, diverte-te». Não houve fingimentos, posicionamentos ou poses, comportamento a que eu acabara por me habituar nos últimos tempos da minha relação com o Leo, e em tantos outros medíocres primeiros encontros. Foi tudo fácil e directo, equilibrado e saudável. Nunca tive de me perguntar o que estaria o Andy a pensar ou a sentir, porque ele era um livro aberto e um homem consistentemente feliz. Além disso, preocupava-se em fazer-me feliz, a mim. Era um verdadeiro senhor do Sul, bem-educado, romântico, gostando de agradar.

Mas lá no fundo, eu acho que sabia que o nosso relacionamento sofria de uma certa falta de intensidade. Mas não ao ponto de eu sentir que faltava qualquer coisa. Pelo contrário, era para mim um enorme alívio não ter de me preocupar, como no primeiro dia em que nos sentimos bem após um ataque sério de gripe. A simples ausência de sofrimento era eufórica. Isto, pensava eu à medida que o Andy e eu nos aproximávamos mais, era exactamente como devia ser. Isto era o amor *como devia ser*. E mais importante ainda, achava que este era o único género de *amor* que nunca iria extinguir-se. O Andy tinha a firmeza de uma rocha: juntos tínhamos potencial para durarmos para sempre.

Sinto que o avião entra na descida final, enquanto o Andy dobra o jornal, guardando-o na mochila aos seus pés e aperta a minha mão.

– Estás bem?

– Estou... – respondo e penso que isto é das melhores coisas no Andy: estou sempre *no mínimo bem* quando estou com ele.

Momentos depois aterramos em Atlanta, com uns minutos de antecedência em relação ao horário. O Andy levanta-se para tirar os nossos casacos do compartimento para a bagagem de mão, enquanto

eu ligo o telemóvel para ver se há alguma chamada ou mensagem da Margot. Tínhamos combinado encontrar-nos à saída das «Chegadas» às nove e meia em ponto, mas a Margot por vezes atrasa-se ou muda de planos a meio do caminho. E claro: lá está o envelopezinho a piscar, indicativo de mensagem. *Uma* mensagem nova. Ciclo em «reproduzir» e descubro, com um misto de medo e excitação, que o remetente da mensagem *não* é a Margot. A mensagem é do Leo! O Leo que, duas semanas após o nosso reencontro, está aparentemente a cumprir a sua promessa de uma amizade renovada.

Alvoraçada, olho para o Andy que não deu por nada. Eu podia facilmente ter escutado toda a mensagem sem que ele desse por isso e parte de mim morre de vontade de ouvir o que o Leo tem para dizer. Mas em vez disso, não deixo avançar mais do que *Olá, Ellen, é o Leo*. E rapidamente desligo o telemóvel, remetendo-o ao silêncio. Não permitirei que ele diga mais do que isso na cidade natal do Andy. Na presença do Andy, *ponto final*.

¹⁵ Exibido em Portugal com o nome «Os Prisioneiros de Shawshank», um filme de 1994, com Morgan Freeman e Tim Roberts como protagonistas. (N. da T.)

¹⁶ Personagem da famosa *sitcom* dos anos 50, «I Love Lucy». A autora pretende fazer uma graça pegando na frase anterior de Stella, no original, «I loved Lucy». (N. da T.)

Capítulo 9

O Andy e eu recolhemos a nossa bagagem e chegamos à porta das «Chegadas» em tempo recorde.

– Isto é poesia em movimento – diz ele, orgulhoso pela sua eficiência como viajante, quando avistamos o Mercedes SUV prateado do Webb e da Margot.

Para nosso gáudio, a Margot parece estar envolvida num conflito de interesses com uma mulher-polícia volumosa, montada num selim de bicicleta que parece demasiado pequeno para aquelas nádegas de mamute. Está, sem dúvida, a dizer ao Webb e à Margot que não podem estacionar ali. Vemos através da janela semi-aberta do carro que, apesar da sua expressão de quem não parte um prato, a Margot está completamente entrincheirada na sua posição, determinada a não perder o seu lugar. Mas o seu charme não está a funcionar sobre a agente da autoridade. Munida de um bastão e de botas de moto pretas, sopra no apito e berra:

– É só para cargas e descargas, minha senhora! Tire o carro *já*!

– Meu Deus! – diz a Margot, apertando uma mão contra o peito. Depois levanta os olhos, vê-nos e anuncia: – Ora veja só! Chegou a minha família! Agora sim, estamos a *carregar*, não vê?

Sorrio, vendo como a Margot faz prevalecer as suas ideias, sempre com elegância.

A polícia volta-se e olha-nos, vexada, começando a pedalar vigorosamente em direcção à sua próxima vítima. Entretanto, a Margot salta do carro. Traz uma camisola comprida de caxemira cor de mel, com um cinto, e *jeans* escuros justos, metidos dentro de umas botas de camurça cor de chocolate e uns óculos de sol enormes (um *look* de que nunca prescindiu, nem mesmo nos finais dos anos oitenta em que os óculos minúsculos estavam na berra). Continua o mesmo ícone *super fashion* que era em Nova Iorque, talvez agora ainda mais.

– Estamos radiantes que vocês tenham chegado! – grita ela, abraçando-nos aos dois num mesmo abraço, sempre delicada. Mesmo sabendo que ainda não é possível adivinhar o seu estado, a sua constituição delgada e os movimentos ágeis não revelam minimamente a gravidez. Só o peito a atraiçoa: o *soutien* é nitidamente um número acima do habitual, tendo passado da copa C para a D. Sorrio, ao pensar que é o género de coisa em que só uma amiga íntima repara.

– Boa! – digo, apontando em direcção ao peito dela.

Ela ri-se.

– Pois, já estão um bocadinho maiores... Mas estão sobretudo puxadas para cima.

O Andy finge-se chocado pela conversa de mulheres a atira com a nossa enorme mochila de acampamento para o porta-bagagem. Após um abraço caloroso ao Webb, saímos do aeroporto e estamos em plena auto-estrada. A Margot e eu vamos sentadas atrás e todos falamos entusiasticamente no bebé e no acrescento da ala traseira da casa, onde será o quarto do rebento.

– Os nossos operários são moles como as papas – diz a Margot. – Já lhes disse que Deus os livre e guarde de não termos as obras acabadas antes da chegada da criança!

– Mais vale esperar sentada, querida. A avaliar por aqueles intervalos para café que eles fazem a toda a hora... – comenta o Webb, esfregando o queixo bem desenhado. Reparo que também ele trás uma camisola cor de mel e acho que os dois devem ter combinado. É o género de coisa que gostam de fazer: o exemplo mais flagrante é terem ambos um par de mocassins cor-de-laranja, próprios para conduzir.

O Webb lança um olhar sobre o ombro a fim de ultrapassar um Volkswagen mais lento e diz:

– A Margot não vos contou que mandámos forrar a cabedal o chão da cave?

– Não – digo, olhando para a Margot indagando-me como é que isso nos pode ter escapado nas nossas conversas diárias.

Ela assente e aponta para o marido:

– Foi ideia dele, não minha. – Mas percebe-se perfeitamente que está orgulhosa do sublime sentido estético do marido.

– Soalho em cabedal?! – O Andy assobia. – Ena, ena...

– É verdade... Espera só até o veres... e pisares! – exclama Webb.

– Mas... não vai ficar todo sujo e arranhado? – digo, sentindo que muitas vezes pareço excessivamente prática, quase prosaica, ao pé do Webb.

– Uns arranhõezinhos até dão graça – diz ele. – Além de que só se vai andar descalço na nova cave.

– Vimos um chão assim num *spa* em Big Sun e não resistimos... É onde eu faço agora o meu ioga e meditação. – explica a Margot.

Estava-se mesmo a ver, penso enternecida, mas digo:

– Tu agora praticas ioga, é?

A Margot nunca fora do género desportivo e quando ia o ginásio, em Nova Iorque, era mais o género de rapariga que pratica exercício numa bicicleta reclinada, enquanto folheia a *People Magazine*.

– Desde que fiquei... à espera... – diz ela massajando a barriga que ainda nem se nota. – Estou a tentar ficar mais... calma.

Concordo, embora pense que a mudança já começou a dar-se antes de a Margot saber que estava grávida, na altura em que ela saiu de Nova Iorque. Não é de admirar, sair da cidade, mesmo por um fim-de-semana, tem sobre mim um efeito calmante.

E embora Atlanta seja uma grande cidade, parece tão aberta, tão relaxada e mesmo *ébria*, em comparação com Nova Iorque...

Mesmo a baixa, por onde estamos agora a passar, parece a de uma cidade mais humana, infantil

mesmo, aos olhos de uma pessoa habituada à imagem nova-iorquina.

Minutos depois chegamos ao coração de Buckhead, a zona mais chique e opulenta de Atlanta-Norte, onde a Margot e o Andy cresceram. Ao ouvir pela primeira vez o estranho nome de *Buckhead*¹⁷ (oriundo do nome de uma taberna, hoje desaparecida, que outrora exibia uma enorme cabeça de veado), evoquei mimosas imagens rústicas, mas o bairro tem mesmo um lado muito cosmopolita. A zona das lojas compreende dois centros comerciais, onde a Margot compra as suas peças Gucci e os seus sapatos Jimmy Choo, bem como hotéis de luxo, condomínios, galerias de arte, clubes nocturnos e até restaurantes de cinco estrelas. Daí as suas alcunhas de «Bairro das Meias de Seda» ou «Beverly Hills do Sul»

Mas a verdadeira essência de Buckhead está nas áreas residenciais, ao longo de ruas sinuosas flanqueadas de árvores, semeadas de elegantes mansões Georgianas e imponentes casas neoclássicas como aquela em que a Margot e o Andy cresceram. Outras, como a casa do Webb e da Margot, dos anos trinta, em tijolo pintado, são ligeiramente mais modestas, mas igualmente encantadoras.

Ao percorrermos a entrada dos automóveis, pavimentada de pedras redondas e ladeada por camélias brancas, sinto-me inclinada a usar as palavras *delicioso* e *soberbo* que geralmente não fazem parte do meu vocabulário.

O Webb abre-me a porta do carro e eu agradeço-lhe e mostro-me saudosa de um chá gelado. Chá gelado com açúcar é uma das coisas típicas do Sul que eu adoro, acompanhado de biscoitos caseiros e das célebres papas de milho com queijo. Nem eu nem o Andy percebemos porque é que tal bebida, presente em praticamente todas as casas e restaurantes do Sul, incluindo todas as cadeias de *fast-food*, nunca fez incursões para o norte da linha Mason-Dixon.

A Margot solta um risinho divertido:

– Estás cheia de sorte. Fiz um jarro gigante esta manhã.

Claro que não se limitou ao chá gelado porque, tal como a mãe, é uma fabulosa anfitriã. É óbvio que, quando entramos, nos encontramos no que podia ser a página central da mais luxuosa revista de decoração sulista. Nas palavras da Margot, o estilo da casa é *transicional* com um toque *art déco*. Não sei o que isso quer dizer, precisamente, mas sei que adoro a casa por ser linda, sem ser minimamente previsível ou excessivamente tradicional. A área do rés-do-chão é aberta, a cozinha e a sala juntam-se por uma sucessão de áreas com assentos. O esquema de cor que domina é o chocolate e o verde-salva pálido. Suaves cortinas em seda pura cobrem as janelas, criando um efeito muito feminino e quase sonhador. É óbvio que o Webb dá liberdade à Margot no que toca à decoração, porque aquilo não é de todo o que se poderia esperar de um sólido e distinto agente desportivo. Como prova, as suas camisolas autografadas e emolduradas, os seus galhardetes, omnipresentes no seu estúdio de solteiro em Manhattan, foram aqui relegados para a cave e para o escritório, muito másculo, forrado a painéis de madeira escura.

– Isto é novo? – pergunta Andy, apontando para o divã creme da sala, adornado com uma manta verde-salva cuidadosamente disposta e almofadas a condizer.

– Não é amoroso? – comenta a Margot.

– Pois... – diz o irmão com um ar muito sério, o que anuncia uma piada. – Completamente *amoroso*, sobretudo quando o miúdo lhe entornar sopa em cima.

– Ou a *miúda*... – comenta a Margot, guiando-me até à cozinha, onde preparou uma refeição ligeira de quiche de espinafres, crepes de queijo e salada de frutas. – Espero que estejam com fome.

– Mortos – diz Andy.

A Margot sugere que comam agora qualquer coisa, visto termos jantar marcado no Bacchanalia, o restaurante preferido dos Grahams.

– A mãe e o pai também vêm. Prometi-lhes que não vos íamos monopolizar, agora que vivemos cá.

– Pois... Eu e o Andy já tínhamos pensado nisso: achas que ela se importa por ficarmos aqui em vossa casa?

– Ela compreende – diz Margot, espalhando compota de groselha num crepe. – Mas não deixou de me dizer, em termos que não admitem dúvida, que espera que o filho continue a dormir debaixo do tecto *dela*, quando estiver a passar férias em Atlanta. – A Margot acabou esta frase com o mais afectado e sumptuoso sotaque do Charleston, imitando a mãe.

Andy ergue os olhos para o céu, e eu fico grata porque, embora ele seja um filho extremoso, não mostra nenhum sinal de ser um «menino da mamã». Acho que não poderia suportar uma coisa dessas. Fui há pouco a um casamento em que, no fim da cerimónia, a mãe do noivo teve de se separar à força do filho, enquanto soluçava: «Não aguento perder-te!». Foi uma cena patética e doentia. A teoria da Margot a este respeito é que, quando uma mulher só tem filhos homens, esta situação é mais frequente. Talvez porque a mãe tem pela primeira vez que competir pelo filho com outra mulher; ou, como diz o ditado, «filho é filho até ele ter mulher, mas filha é filha até morrer». Até pode ter razão, porque, embora a Stella adore os filhos, centra na Margot a maior parte do seu tempo e energia.

Ao ver a Margot andando de um lado para o outro na sua cozinha, pergunto se posso ajudar. Ela abana a cabeça e deita chá de um grande jarro de vidro em três copos de cristal e água com gás no seu próprio copo. Depois chama-nos e convida-nos a sentar, pede ao Webb para dizer uma breve oração de graças – uma prática que parece mais cultural do que religiosa, visto ambos a terem abandonado, juntamente com as idas à igreja, quando estavam em Nova Iorque.

O Webb termina a sua oração formal e a Margot sorri exclamando:

– Bom proveito! – E naquele momento tenho a sensação fugaz de que temos pouco em comum a não ser o passado que partilhámos. Mas a sensação esvai-se em breves instantes quando a Margot e eu saltamos rapidamente de assunto em assunto, discutindo e analisando tudo e todos com uma minúcia que toda a gente, incluindo o Webb e o Andy, acha exagerado. Mais do que por qualquer outra razão, somos amigas íntimas, porque nos entendemos bem uma com a outra desde o princípio, apesar de sermos tão diferentes. A verdade é que adoramos falar uma com a outra.

E assim, mal deixamos os rapazes dizer uma palavra, enquanto nos embrenhamos em bisbilhotices, tanto de Atlanta como de Nova Iorque, com igual fervor. Falamos das nossas amigas solteiras nova-iorquinas que ainda se embebedam todas as noites e depois admiram-se por não encontrarem um tipo decente; ou as mulheres que ela conhece que têm criadagem suficiente para passarem o dia a jogar ténis, fazer compras e almoçar fora.

– De que lado preferias estar? – pergunto-lhe. – Se pudesses escolher, claro.

– Hmm... Não tenho a certeza. Ambos os extremos são uma tristeza.

– Não tens saudades de trabalhar? – pergunto. Embora não me passe pela cabeça abandonar a

minha carreira, a verdade é que ainda não sou uma futura mamã. Isso poderia fazer toda a diferença.

A Margot abana a cabeça.

– Julgava que sim, mas... estou sempre tão ocupada...

– A jogar ténis? – pergunta o Andy, impassível.

– Também – diz a irmã, na defensiva. – Mas também a decorar a nossa casa... A preparar as coisas para o bebé... E com as minhas obras de caridade.

– Mas sabem que ela abandonou a Liga Júnior? – diz o Webb, servindo-se de mais crepes. – Seria de mais. Mesmo para ela.

– Nunca disse que a Liga Júnior era *de mais* – protesta a Margot. – Disse simplesmente que a Liga era demasiado *jovem*. Sentia-me como uma mãe-galinha, rodeada de todas aquelas miúdas de vinte anos, a maioria acabadinhas de sair da universidade e já casadas com os antigos namoradinhos de liceu.

– A propósito... Diz à Ellen e ao teu irmão quem é que contrataste como arquitecto paisagista! – diz o Webb com um sorriso malicioso.

A Margot exclama o nome do marido num tom de reprimenda divertida, mas a sua pele clara tingem-se de rosa. Eu sorrio, porque sempre achei piada à facilidade com que tanto ela como a mãe coram de embaraço: chegam a corar por conta de outrem, tão grande é a empatia. De facto, a Stella não aguenta assistir a cenas de atribuição de prémios, tão nervosa fica com os discursos de agradecimento...

– Vá lá... – espicaça o Webb com um largo sorriso. – Vamos, conta-lhes, querida...

A Margot aperta os lábios e o Andy exclama:

– Quem?!

– Irmãos Portera... – diz o Webb finalmente. Toda a gente naquela sala sabe que «Portera» é o apelido do namorado de liceu da Margot, o Ty, que ainda aparece de visita no Dia de Acção de Graças.

– O *Portera*? – diz o Andy, perdido de gozo. – Ty Portera, o Eterno Namorado... O Portera do *The Right Stuff*¹⁸?

– *The Right Stuff*? O que é isso? – pergunta o Webb, confuso.

– A Margot não te contou tudo acerca da imitação do Jordan Knight que o eterno namorado dela fazia, no liceu? – diz o Andy, levantando-se, dançando e cantando: *Oh! Oh! Girl! You know you got the right stuff!*

– Espera lá, Margot... Não me digas que o teu namorado do liceu imitava os Back Street Boys... – diz o Webb, encantado com aquela nova forma de arrelhar a mulher.

– Não faças confusões, Webb, eram os New Kids on the Block – diz o Andy. – E acho que no ano anterior tinha a mania de imitar os Menudo¹⁹, não era, mana?

– Não! – diz a Margot furiosa, batendo na mesa. – Claro que não! O Ty nunca imitou os Menudo!

Resisto à tentação de fazer notar que a única pessoa sentada àquela mesa que sabe de cor as letras dos New Kids é o Andy.

– Muito bem, então ele imitava os New Kids, hã?... Acho que isso atenua um pouco o choque – diz o Webb, rindo. – Quer dizer, se calhar o tipo agora até é *gay*. Ou talvez toque numa *boys band*... Ou

ambas as coisas, livra!

Sorrio, mas mentalmente ponho este comentário na lista das «coisas que me distinguem do Webb» – quase que aposto que ele não tem nenhum amigo *gay*.

– Mas agora a sério – continua o Webb –, alguém acredita que a Margot contratou o seu ex para lhe tratar do jardim?

– Não – diz o Andy, falsamente indignado. – Realmente... Ninguém pode acreditar numa coisa dessas. É uma vergonha.

Sei que aquilo é uma brincadeira entre os rapazes, mas sinto o estômago apertar-se só de me lembrar da mensagem que ainda está no meu telemóvel. A mensagem que eu devia ter apagado. Baixo os olhos para o meu prato e brinco com o garfo tentando espetar um pezinho de salsa.

– Vá lá, Ellen – diz a Margot, de cotovelos em cima da mesa, gesto que geralmente não faz. – Ajuda-me nisto!

Hesito por um segundo, tentando pensar em qualquer coisa de útil, mas que não me comprometa.

– Eles são só amigos – digo.

– «Só amigos», hã?... – diz o Webb. – Essa é velha!

– Meu Deus! – diz a Margot, levantando-se da mesa para levar os pratos para a cozinha.

– Não tens Deus do teu lado e muito menos a Ellen – comenta o Webb. – Nem um nem outro acham graça a «pôr os palitos».

– «Pôr os palitos»?! Por amor de Deus, Webb, vê se cresces!... Isso é tão ultrapassado que pareces o teu *avô* – diz a Margot, regressada da cozinha. – Fizemos a transição para amigos há séculos e séculos. Ainda estávamos no liceu. E é ele que trata do jardim dos nossos pais há mais de um ano.

– E achas que isso melhora a coisa? Que ele trate *também* do jardim deles? – diz o Webb, abanando a cabeça. Depois olha para mim e previne: – Tu tem cuidado, são todos uns traidores. A família inteira!

– Eh lá! Não me mistures com os meus pais nem com a minha irmã – protesta o Andy. – Eu cá não dava trabalho ao tipo. Mesmo se tivesse jardim.

– Desculpa, pá – diz o Webb. – São todos uns traidores menos tu. Até o James.

– O James também não tem jardim – brinca o Andy.

– Pois sim, mas joga golfe com o gajo. Sacana de traidor! – diz o Webb.

– Não é uma questão de traição seja a quem for – diz a Margot. – Além de que não é ele que vem cá plantar coisas. Tem empregados que fazem isso... A empresa de jardinagem paisagística dele tem excelentes serviços e a um preço razoável, não há mais nada que discutir, Webster Buffing, e tu bem sabes!

– Pois, pois... – diz o Webb. – Continua a dizer isso e talvez comeces a acreditar.

– Oh, por favor! Até parece que acabei de pôr a fotografia dele por cima da lareira!

– É o que vai acontecer não tarda nada – diz o Webb. – Depois volta-se para mim e diz: – E tu, Ellen, ainda falas com o teu namoradinho de liceu?

Abano a cabeça com convicção.

– E por acaso... ele não te limpa o apartamento, ou trata dos teus impostos, ou coisa no género? – insiste o Webb.

– Ná...

– Em suma, continuas a falar com os teus ex-namorados?

A bola está no meu campo, mas eu não digo nada, ainda aturdida pela coincidência e esperando que alguém salte para ali e me venha salvar. Mas não tenho essa sorte. Faz-se um silêncio desconfortável. Eu volto-me para o Andy, como se a pergunta lhe tivesse sido dirigida.

– Quê?! – diz o Andy. – Não olhes para mim. Bem sabes que eu não tenho amigas, quanto mais ex-namoradas!

– A Lucy mandou-te um cartão de Boas Festas há bem pouco tempo – digo eu, sentindo a habitual pontada de ciúme ao lembrar-me da lindíssima e doce Lucy.

– Com uma fotografia do *filho* – diz o Andy. – Não me parece uma mensagem muito sugestiva... Além de que *eu* nunca lhe mandei cartão nenhum de Boas Festas.

– Pois sim, mas também nunca mandaste cartões de Boas Festas a ninguém – digo eu, levantando-me para ajudar a Margot a limpar a mesa.

O Andy encolhe os ombros. Como advogado, deve estar farto de ouvir argumentos irrelevantes.

– A questão é que *eu* não falo com ela, ponto final.

– E eu também não falo com as minhas ex-namoradas, ponto final – diz o Webb.

O Andy olha para mim, expectante.

– E eu também não falo com os meus ex-namorados – repito, contendo a vergonha.

Daqui em diante.

– Parem com isso – diz a Margot, limpando para a palma da mão as migalhas que tinham ficado no lugar do Webb. Depois olha em volta da mesa e acrescenta: – E já agora, parem de pensar nas vossas ex-namoradas, OK?

Nessa tarde, a mensagem do Leo está bem afastada do meu pensamento, enquanto procuro com a Margot roupas de recém-nascido, de cor neutra, numa loja chamada Kangaroo Pouch²⁰. Ambas arrulhamos perante as roupinhas amorosas, incrivelmente pequenas e acabamos por escolher um *babygro* branco de tricô com a respectiva manta, para o bebé vestir quando vier para casa, juntamente com meia dúzia de camisolinhas do mais fino algodão e uma série de botinhas, gorros e meias, tudo bordado à mão. Sinto-me atingida pelo instinto de «preparar um ninho» e pela primeira vez *verdadeiramente* desejei estar grávida também. Sei perfeitamente que desejar ter um bebé enquanto se está nas compras do enxoval do primeiro filho da nossa melhor amiga é assim como querer casar quando se vê a nossa melhor amiga enfiar um vestido da Vera Wang e rodopiar diante do espelho da sala de provas de um grande costureiro de noivas – e que há milhões de outras coisas não tão divertidas nem tão bonitas que vêm com a maternidade. Mas, apesar disso, enquanto percorremos mais umas lojas, só para nos divertirmos, não posso deixar de pensar como seria agradável instalarmo-nos em Atlanta, viver perto da Margot e ver os nossos filhos – primos e melhores amigos – crescerem juntos num mundo de beleza e felicidade, rodeados de camélias brancas e chá gelado.

Mas enquanto a Margot e eu nos vestimos para o jantar, farto-me de pensar no Leo, e o meu telemóvel parece estar a queimar o interior da minha mala. A um ponto tal que me sinto perigosamente tentada a contar tudo à Margot. Mas lembro-me a tempo que, embora seja a minha melhor amiga, também é irmã do Andy. Ainda por cima, ela sempre detestou o Leo. De modo algum

uma conversa daquelas poderia acabar bem.

Assim, em vez disso, faço ressurgir muito a propósito o debate «Pode ser-se amiga de um ex-namorado?», tentando navegar através do dilema moral que sentia emergir em mim.

– Então... – digo eu, puxando o fecho da minha saia antracite. – O Webb não se preocupa nada com o Ty, pois não?

– Claro que não! – responde a Margot, rindo-se e agitando uma mão – O Webb é o homem mais confiante que eu conheço... Não é certamente uma paixoneta de liceu que o pode ameaçar.

– Claro – respondo. E pergunto a mim mesma se o Andy se sentiria ameaçado pelo Leo, e, mais importante, *se teria razões para tal*.

Ela apresenta-me duas opções que tira do armário: um vestido preto de malha e um casaco de croché cor de alfazema com uma gola mandarim e diz:

– O que achas?

Hesito, depois aponto para o casaco e digo:

– Mas vamos supor por um segundo que contratavas o Brad como jardineiro paisagista...

– O Brad *Turner*? – pergunta ela, como se pudéssemos estar a falar de outro Brad qualquer, que não o bem-apegoado corretor da Bolsa com quem ela namorou cerca de dois anos antes de conhecer o Webb.

– Esse *mesmo* – confirmo.

Ela franze os olhos e diz:

– Sim... sim... tenho uma ideia... O Brad num dos seus fatos feitos por medida, ao volante do seu... cortador de relva...

– Achas que o Webb ficava chateado?

– Talvez. Mas eu jamais contrataria o Brad nem sequer para aparar a relva. Já nem sequer falamos.

– Porque não? – pergunto, porque ao fim e ao cabo esse é o busílis da questão: porque é que mantemos o contacto com alguns dos nossos ex-namorados e com outros não? Porque é que não tem mal evoluir para uma boa amizade com alguns deles? E esse teste funcionará como um pau de dois bicos ou é realmente muito mais simples?

– Olha, não sei... – diz Margot, parecendo algo preocupada. Por um segundo, temo que tenha descoberto alguma coisa a meu respeito, mas a sua expressão torna-se de novo plácida enquanto enfia umas calças pretas e sandálias de verniz.

O Leo nem lhe passa pela cabeça e eu só desejaria poder dizer o mesmo.

– Porquê? Tens saudades do Brad?

Sorrio e encolho os ombros, dizendo:

– Não sei... estava só a pensar qual seria a regra de ouro no que toca a ex-namorados... Acho que é um assunto interessante.

A Margot reflecte um pouco e logo proclama, pouco convicta:

– OK, se rompestes *completamente* a tua relação com o sujeito e ele contigo, se nunca foi tão sério assim desde o princípio, não vejo que haja mal num simples «olá» amistoso, ocasional, ou mesmo dois dedos de conversa de chacha. Partindo do princípio, claro, de que o teu actual namorado, ou marido, não seja um ciumento psicótico. Mas também, se o teu actual *namorado barra marido* é um

ciamento psicótico, tens muito mais com que te preocupar do que com quem hás-de contratar para te tratar do relvado.

– Tens razão – digo, satisfeita com as conclusões a que ela chegara e ainda mais satisfeita com a saída que, involuntariamente, me fornecera. – Bem pensado.

E com esta, digo alegremente à Margot que vou lavar os dentes e maquilhar-me e segundos mais tarde estou fechada na casa de banho dos hóspedes, com a porta trancada e a água a correr a jorros. Evito com cuidado o meu reflexo no espelho enquanto abro a carteira e tiro de lá o meu telemóvel.

Afinal, digo para mim mesma, repetindo o sólido e cuidadoso raciocínio da Margot, não há absolutamente nada de mal numa simples troca de palavras amistosas quando se rompeu absolutamente com o outro.

¹⁷ Cabeça de Veado», em Inglês. (N. da T.)

¹⁸ You Got It (The Right Stuff)» é um single de 1988 dos New Kids on the Block. (N. da T.)

¹⁹ Grupo musical porto-riquenho, classificado por muitos como uma das primeiras *boy bands* latinas, formado em 1977. (N. da T.)

²⁰ Bolsa de Canguru» (N. da T.).

Capítulo 10

Ellen, é o Leo. Ouve, tenho uma pergunta a fazer-te. Liga-me logo que puderes.

A mensagem do Leo, de quatro segundos e composta apenas de dezasseis palavras, ainda consegue intrigar-me de um modo que eu só sei descrever como altamente desconcertante e ainda mais irritante. Após alguns minutos, em que estive de pé diante do lavatório olhando o espaço, ouço-a de novo, para ter a certeza que não me escapou nada. Claro que não escapou; apago a mensagem, dizendo em voz alta: *Se fosse a ti, esperava sentado, pá.*

Se o Leo imagina que pode deixar passar todos estes anos e depois telefonar como nos velhos tempos com uma pretensa *pergunta*, e esperar que eu vá a correr telefonar-lhe como se não tivesse mais nada que fazer, está muito enganado. Na melhor das hipóteses, está cheio de presunção; na pior, está a tentar manipular-me.

Indignada, lavo os dentes e a seguir ponho um batom novo cor-de-rosa no meu lábio inferior, que é grosso e no superior, que é mais fino. Retiro o excesso com um lenço de papel, depois vejo que tirei de mais e volto a pôr batom, acabando com uma camada de brilho transparente. Aplico um *blush* bronzeador nas faces, testa e queixo e sublinho as pálpebras com um lápis antracite. Um toque de rímel e um pouco de creme para disfarçar as olheiras e estou pronta. Olho-me ao espelho – embora qualquer pessoa fique bonita sob a luz suave que domina a casa de banho da Margot. Tal como a mãe, ela detesta luzes fluorescentes.

Abro a porta que dá para o quarto de hóspedes, pensando para comigo que uma coisa é verificar as mensagens recebidas e outra é responder à chamada do Leo. E eu *recuso-me* a responder-lhe numa data próxima, se é que vou responder sequer. Baixo-me em frente à minha mochila e procuro até encontrar uma pequena malinha em pele de cobra que me lembrei de trazer no último momento. Foi a Stella que ma deu no último Natal e sei que gostará muito de me ver usá-la. Além de generosa, a Stella é ponderada e atenciosa quando oferece presentes, mas muitas vezes vejo, pelo que me dá, que ela gostaria que eu fosse de certo modo um pouco mais parecida com a filha. Por outras palavras, o género de rapariga que, instintivamente, muda de mala para uma saída à noite.

Transfiro o brilho de lábios, um espelho pequeno e um tubinho de pastilhas de mentol para a malinha. Resta pouco espaço e eu acrescento o meu telemóvel, para o que der e vier. A seguir enfiio uns sapatos pretos de salto baixo e desço para a cozinha, onde a Margot e os rapazes se instalaram

em bancos altos à volta da ilha e estão a petiscar queijo, azeitonas recheadas e vinho. Observo o Andy e a Margot que estão lado a lado, rindo do Webb que está a imitar um dos seus clientes; noto que a semelhança entre eles é ainda mais notável do que o habitual. Para além das caras em forma de coração e os grandes olhos azuis muito afastados, partilham da mesma aura feliz – uma certa maneira autêntica de ser.

A cara do Andy ilumina-se ainda mais ao ver-me.

– Olá, querida – diz ele, levantando-se para me beijar na cara e murmurando depois: – Cheiras bem...

Por acaso, estou a usar uma loção corporal de baunilha e framboesa, oferecida também pela Stella.

– Obrigada, querido – respondo, sentindo uma pontada de remorso para com o meu marido e a mãe dele.

Digo para comigo que não fiz nada de mal – isto é tudo culpa do Leo. Atirou-me para um canto, criando uma crosta de segredo entre mim e os que me são queridos. Será um segredo pequeno no esquema geral das coisas, mas não deixa de ser um segredo e vai crescer – e *multiplicar-se* – se eu responder à chamada. Eis porque não o vou fazer. Não vou responder ao seu telefonema.

Contudo, enquanto espeto uma azeitona com um palito e escuto vagamente mais uma das histórias de clientes do Webb, sobre um jogador de futebol dos Falcons que foi apanhado a tentar levar marijuana para um avião, sinto que estou a ceder muito ligeiramente. Começo a pensar que, se *não responder* à chamada do Leo, vou continuar a magiar no que ele terá para me perguntar. Quanto mais avalio as várias hipóteses menos à vontade me sinto e mais ele e aquele passado em que foi figura dominante podem minar o presente. Além de que não lhe telefonar pode parecer estratégico, criando a ilusão de que o caso me afecta de mais. E não afecta. *Garanto*. Por isso o melhor é ligar-lhe, responder à sua hipotética pergunta e finalmente informá-lo, em não mais de dezasseis palavras – de que, apesar do que lhe disse na cafetaria, já tenho amigos que cheguem. Não tenho necessidade de desenterrar um velho amigo, porque, na realidade, nunca fomos mais do que isso. E assim, acabo com o assunto de uma vez por todas. Bebo uma boa golada de vinho e já mal posso esperar por voltar para Nova Iorque e acabar de vez com a conversa.

Mas apesar do meu voto de me livrar do Leo para sempre já na segunda-feira de manhã, não consigo livrar-me do seu poder sobre mim esta noite, apesar de me encontrar no Bacchanalia juntamente com toda a família Graham. De facto, estou tão perturbada que a certa altura a Stella volta-se para mim, logo após o terceiro prato do «menu de degustação», acompanhado dos respectivos vinhos que o Webb classifica como brilhante, e diz:

– Estás um pouco ausente hoje, querida. Está tudo bem contigo?

O olhar e o tom dela são de preocupação, mas eu já a vi em acção junto dos filhos, e também do marido, vezes de mais para saber que isto é uma reprimenda velada. Nas palavras dela, «estar presente» quando se está com os outros é da maior importância – e hoje em dia, na nossa cultura de *BlackBerrys* e telemóveis, as pessoas estão muito frequentemente distraídas e desligadas do que lhes está mais próximo. Uma das coisas que eu mais admiro na Stella é que, apesar da conta em que ela tem as aparências, parece realmente compreender o que é mais importante.

– Desculpe, Stella – digo.

Sinto-me encravada com aquela subtil advertência, mas o seu comentário tem também o estranho efeito suplementar de me fazer sentir dentro do redil familiar, como se fosse um dos seus próprios filhos. É a maneira como ela sempre me tratou, mas mais ainda desde que o Andy e eu nos casámos. Lembro-me do Natal logo a seguir a ficarmos noivos, em que ela pôs os braços à minha volta quando estávamos sozinhas e disse: *Nunca irei tentar substituir a tua mãe, mas fica sabendo que és como uma segunda filha para mim.*

Era a coisa perfeita para dizer. A Stella sabe *sempre* a coisa perfeita para dizer, e o mais importante é que ela *sente* sempre o que diz.

Agora abana a cabeça sorrindo como para me desculpar, mas eu insisto em dar uma desculpa entaramelada:

– Estou só um pouco cansada... saímos muito cedo esta manhã... e depois... toda esta comida maravilhosa...

– Claro, querida – diz ela, ajustando a echarpe de seda enrolada com elegância à volta do seu pescoço de cisne. Não é pessoa para guardar rancor, pequeno ou grande, uma qualidade que não conseguiu transmitir à filha, que é capaz de manter um pequeno ódio de estimação durante anos, o que muito nos tem divertido.

E com esta observação, afasto o Leo da ideia pela centésima vez naquele dia, focando o mais possível a minha atenção no tópico de conversa que se seguiu, introduzido pelo Sr. Graham: a renovação e melhoramento do campo de golfe do Clube. Mas após três minutos a ouvir falar em *bogies, eagles e holes-in-one* pelos quatro homens, discussão seguida aparentemente com um enorme interesse pela Margot e a sua mãe, começo de novo a descarrilar e decido que não posso esperar nem mais um segundo. Tenho de saber o que o Leo quer. Já.

Com o coração aos pulos, peço licença e dirijo-me à pequena loja de presentes ao lado do restaurante, onde fica a casa de banho das senhoras. Com a malinha presa na minha mão suada, sinto-me perfeitamente horrorizada comigo própria, como se estivesse a observar uma daquelas mulheres idiotas dos filmes de terror – o género que, ao ouvir um ruído inquietante a meio da noite, decide que, em vez de telefonar para o 112, é muito melhor ideia ir descalça e em bicos de pés embrenhar-se no bosque densamente arborizado para averiguar o que se passa. Ao fim e ao cabo, talvez não haja por aqui um assassino empunhando um machado, mas existem claramente perigos graves: a Margot ou a Stella podem a todo o momento surpreender-me em flagrante. Ou o Andy pode, pela primeira vez na vida, decidir bisbilhotar a minha factura de telemóvel no fim do mês, quando ela chegar, e inquirir quem será a pessoa que mora em Queens que eu subitamente senti necessidade de contactar em pleno jantar de família em Atlanta.

Mas, apesar de tantos perigos latentes, cá estou eu, como uma parva, fechada nesta casa de banho, debatendo urgentemente se hei-de ligar ao Leo ou mandar-lhe uma mensagem escrita. Numa decisão que eu sinto como uma vitória moral, resolvo mandar-lhe um SMS rápido através de dois polegares ansiosos: *Olá. Recebi a tua mensagem. O que queres?* e carrego em *enviar* antes que mude de opinião ou decida reflectir sobre as palavras usadas. Fecho os olhos e abano a cabeça.

Sinto-me simultaneamente aliviada e indignada comigo própria, tal como um alcoólico se deve sentir após aquele primeiro trago de vodka proibidíssimo, emoções que se amplificam quando o meu

telemóvel começa a vibrar e se acende no visor o número do Leo. Saio da casa de banho e páro logo, fingindo admirar uma exposição de cerâmicas para venda numa montra. A seguir inspiro profundamente e atendo:

– Estou?

– Olá... – diz Leo. – Sou eu. Acabo de receber a tua mensagem.

– Ah, sim... – digo, andando de um lado para o outro e olhando em volta nervosamente. Agora, além da possibilidade de ser apanhada pela Margot ou a mãe, estou igualmente exposta a qualquer elemento macho da minha família que se lembre de vir à casa de banho dos homens, que é já aqui ao lado.

– Como estás? – diz ele.

– Estou óptima – respondo, num estado de profunda tensão. – Mas não posso falar agora... Estou num jantar... Eu só... Era só para saber o que me querias perguntar.

– Bom... – diz Leo, fazendo uma pausa de efeito dramático. – É uma história um bocado comprida.

Suspiro, pensando que, está-se mesmo a ver, agora o «Sr. Não Percamos Tempo» tem uma proposta *prolixa* para me fazer...

– Dá-me a versão abreviada – respondo, desesperada por uma pista qualquer. Será algo tão frívolo e desinteressante como uma pergunta qualquer acerca de fotografia? Ou tão sério como qualquer doença sexualmente transmissível que ele teria entretanto apanhado? Ou algo entre as duas coisas?

O Leo aclara a garganta:

– Bom... É a propósito de trabalho – diz ele. – Do *teu* trabalho.

Não consigo deixar de sorrir. Afinal, tem visto os meus trabalhos. *Eu sabia!*

– Ah sim? – digo, tão vagamente quanto possível, enquanto encaixo a mala debaixo do braço, já profusamente transpirado.

– Pois... Como te disse, é uma história comprida, mas...

Dou uns passos em direcção ao restaurante e espreito cautelosamente para dentro da sala: a minha família está toda sentada, felizmente. Não há perigo à vista, pelo menos para já. Recuo estrategicamente e digo:

– Diz lá, então...

– Tenho um trabalho em vista para ti... – continua o Leo. – Se estiveres interessada, claro. Fazes retratos, não fazes?

– Faço, claro – digo, com a curiosidade a aumentar ligeiramente. – E... seria o retrato de quem?

Faço a pergunta, mas estou preparada para recusar. Para dizer que estou cheia de trabalho nas próximas semanas. Que agora tenho uma agente e já não preciso de bajular ninguém para conseguir arranjar trabalho extra. Que estou bem, profissionalmente – talvez não ao mais alto nível, mas *bastante bem*. Por isso, obrigada por te lembrares de mim, mas não, obrigada. *E outra coisa, Leo: talvez seja melhor não me ligares mais. Não me leves a mal, OK? Adeusinho.*

Vou dizer tudo numa onda de adrenalina. E vai saber-me muito bem, aposto.

É então que o Leo volta a pigarrear e lança um trunfo:

– O Drake Watters.

– O *Drake Watters*?! – exclamo, incrédula, esperando que ele se esteja a referir a outro Drake Watters, que não aquele famoso cantor *dez vezes* galardoado com um Grammy e recentemente proposto para o Prémio Nobel da Paz.

Mas, claro que Drake Watters há só um.

– Pois... – diz Leo. E recorro como nos tempos do liceu exibia pelo menos uma vez por semana uma *t-shirt* de um concerto do Drake, que combinava com os meus *jeans* ruços e propositadamente rotos, e com os ténis *Tretorn* brancos, cobertos de símbolos da paz desenhados a preto. E embora eu tivesse deixado de ser uma enorme fã dele, é certo que faz parte da minha lista de «Ídolos-Por-Quem-Eu-Mataria-Para-Fotografar», a par com Madonna, Bill Clinton, Meryl Streep, Bruce Springsteen, a Rainha Isabel, Sting e, embora ele não esteja na mesma classe e por razões completamente frívolas, George Clooney.

– E então? O que achas? – pergunta Leo, com um tom de satisfação impertinente. – Estás interessada?

Bato levemente um pé no chão, pensando que o odeio por me tentar daquela maneira. E odeio-me a mim própria por ceder. E já quase odeio o Drake...

– Estou, claro – digo, dando-me por vencida.

– Ótimo – diz ele. – Então... podemos falar disso mais tarde?

– Sim...

– Segunda-feira de manhã está bem para ti?

– Sim... Eu ligo-te na segunda-feira.

Desligo e regresso à mesa, onde escondo o meu novo segredo enquanto finjo um desmesurado entusiasmo pelo meu «*flan* aromatizado com gengibre, acompanhado de *kumquats* cristalizados».

Capítulo 11

A manhã de segunda-feira chega num ápice, como é costume sempre que não estamos seguros do que devemos fazer. Desde sábado à noite que ando numa roda-viva mental por causa da estratégia a usar no caso Leo-Drake – desde nunca mais ligar ao Leo, contar *tudo* ao Andy e deixar que seja ele a decidir, a enfrentar o Leo a fim de ouvir todos os detalhes excitantes da missão mais importante da minha vida até agora.

Mas esta manhã, parada à porta do nosso apartamento depois de me despedir do Andy com um beijo e com a voz hipnotizante do Drake na cabeça a cantar «Crossroads», uma canção acerca das consequências desastrosas de uma noite de traição, decido finalmente aquilo que vou fazer. Volto-me e atravesso a sala, nas minhas felpudas meias púrpura, dirigindo-me à janela para uma última contemplação do meu marido descendo as escadas do prédio e caminhando pelo passeio no seu belo sobretudo a três quartos azul-escuro e cachecol em caxemira encarnado. Ao desaparecer, em direcção à 5th Avenue, distingo-lhe o perfil e vejo-o balançar alegremente a pasta que leva na mão. É esta visão fugaz que consolida a minha decisão final.

Volto lentamente para a cozinha e olho para o relógio. Nove e quarenta e dois – uma hora perfeitamente decente para ligar a quem quer que seja. Mas paro para, antes de mais, saborear o meu café. A nossa máquina avariou-se há umas semanas e não temos cafeteira, por isso levo uma chávena de água da torneira a ferver ao microondas e procuro no armário um frasco de café solúvel, da marca que eu toda a vida vi a minha mãe usar de manhã: *Taster's Choice*. Olho para o amável cavalheiro que figura no rótulo, admirando-me como ele na altura me parecera tão velho. Agora parece-me novo – quarenta e poucos anos, no máximo. Um dos truques de prestidigitação em que o Tempo é hábil.

Desenrosco a tampa e deito duas colheres de chá bem cheias na água a ferver, vendo dissolver-se os cristais castanhos. Bebo um gole e sinto-me a invadir pela memória da minha mãe. Penso em telefonar à Suzanne, que por vezes tem o dom de conseguir aliviar estas mágoas pelo simples facto de ser a única pessoa no mundo que sabe o que eu sinto. Porque, embora tenhamos tido relações muito diferentes com a nossa mãe – a delas era muitas vezes violenta, já que a Suzanne lhe herdara o gene teimoso –, somos irmãs que perderam prematuramente a mãe e isso resulta numa ligação poderosa e permanente. Mas decido-me por não lhe ligar porque pode funcionar ao contrário e eu acabo por me sentir ainda mais triste. E não me posso dar ao luxo de ir por aí, neste momento.

Assim, distraio-me com a secção «Estilo» do *Times*, informando-me sobre a nova tendência dos *leggings* que a Margot já previu o ano passado, e bebo o meu café quente que me sabe a mofo, pasmando como a minha mãe o aguentou durante todos aqueles anos. Depois faço a cama, acabo de desfazer a nossa mochila, arrumo a minha gaveta das meias e em seguida a do Andy, lavo os dentes, tomo um duche e visto-me. Sentindo que ainda não estou preparada, arrumo e organizo os romances que estão na estante, por ordem alfabética do nome do autor, tarefa que há séculos tenho vindo a adiar. Passo os dedos pelas lombadas bem alinhadas, sentindo uma onda de satisfação ao desfrutar da ordem finalmente estabelecida, apesar do caos que reina na minha cabeça.

Por fim, às onze e vinte e cinco, encho-me de coragem e faço a chamada. Para meu alívio e frustração, o Leo não me atende e sou directamente reencaminhada para a sua caixa de voz. Num afluxo de adrenalina, despejo o discurso que compus nas últimas trinta e seis horas, na missa, no pequeno-almoço tardio com os Grahams, quando percorríamos de carro o bairro de Buckhead à procura de casas para venda, e finalmente durante o pacífico voo de regresso a casa.

A essência do meu discurso é: a) estou impressionada por ele conhecer alguém que conhece o Drake Watters (porque não lançar-lhe um osso inofensivo?), b) agradeço muito o facto de ele ter pensado em mim para o trabalho, e c) ficaria encantada por aceitar a incumbência, mas... d) não me sinto totalmente confortável com a ideia de renovar a nossa amizade e penso que é melhor não irmos por aí. E, mesmo no último momento rejeito e) «por respeito ao meu marido» porque não quero que ele pense que é tão bom ao ponto de perturbar o meu marido, mas sim que é tão inofensivo que não incomoda.

Desligo, aliviada, e pela primeira vez desde que vi o Leo, há já semanas, sinto-me despreocupada. Aquela chamada pode não ter sido um rompimento no sentido clássico do termo, mas continua a ser *uma espécie* de rompimento. E, mais importante, um rompimento decidido *por mim*. Eu tive a última palavra. O que é ainda mais significativo dado que eu teria uma desculpa perfeita – o *Drake Watters*, por amor de Deus! – para me encontrar com o Leo, conversar com ele alegremente e até talvez seguir para uma conversa mais séria, tipo «o que é que houve realmente entre nós, ao fim e ao cabo?» Mas eu descartei essa hipótese. Fechei-lhe a porta na cara, a bem dizer. Não porque não fosse capaz de lidar com uma possível amizade com o Leo, mas porque simplesmente *não me apetece*. Ponto final.

Imagino a cara dele ao ouvir a mensagem, perguntando-me se ficará desiludido, um pouco desapontado, ou apenas indiferente. Não interessa, sei que vai ficar surpreendido ao ver que o seu poder sobre mim, em tempos tão abrangente, murchou por completo. Vai com certeza perceber a indirecta e retirar-se, juntamente com o seu engodo fotográfico, para longe de mim. E eu só terei de viver com o facto de ter tido a oportunidade de fotografar o Drake Watters. Sorrio intimamente, sentindo-me forte, feliz e cheia de razão e desato a cantar aqueles versos de «Crossroads» na minha voz desafinada: *When the lights break, baby, I'll be gone for good*²¹.

Alguns dias depois – dias sem história, com o Leo quase totalmente longe da minha memória, estou a trabalhar no meu laboratório no 5.º andar de um armazém industrial da 24th com a 10th Avenue. Partilham comigo o espaço – e o aluguer – o Julian e a Sabina, fotógrafos que trabalham em equipa, e o Oscar, tipógrafo, especialista em conservação de documentos, e editor de belas artes. Já estamos juntos naquele local de trabalho há mais de dois anos e, por isso, une-nos uma amizade muito sólida.

Sabina, uma mulher magra e pálida, cujo aspecto anémico não condiz com a sua personalidade impetuosa, é a que mais fala, rivalizando apenas com o rádio do Oscar, sempre ligado e sintonizado na BBC, num volume frustrantemente baixo que eu não consigo ouvir mas não posso ignorar. Neste momento, a Sabina está a presentear-nos com a história da última proeza dos seus trigêmeos de três anos de idade: deitaram pela sanita abaixo toda a colecção de botões de punho antigos do papá, provocando uma inundação em toda a casa – um quarto andar sem elevador – e danos consideráveis no apartamento de baixo. Conta a terrífica história entre gargalhadas porque, como ela diz, «Que é que se há-de fazer senão rir?». Mas eu sei que ela secretamente acha o caso uma delícia, porque muitas vezes acusa o marido de ser materialista e tacanho. Eu acho graça às histórias dela, sobretudo durante trabalhos de retoque que não exigem concentração, como neste momento: estou precisamente a retirar uma constelação de acne da cara de um adolescente, campeão de *skate*, para a capa de um disco de uma pequena editora.

– Que é que vocês pensam, malta? Não acham que o miúdo precisa de um ligeiro implante no queixo? – pergunto.

O Oscar, um inglês sombrio com um sentido de humor muito *sui generis*, mal levanta os olhos de uma das suas gavetinhas cheias de chumbo, antimónio e moldes tipográficos de madeira. Quando cheguei, olhei por cima do seu ombro e reparei que estava a trabalhar no livro de um qualquer artista, recorrendo ao *Eturian*, o seu tipo de letra vitoriano favorito. Adoro ver o Oscar a trabalhar, talvez porque a sua arte é tão diferente da minha, mas mais ainda, pelo seu jeito delicado e cortês, quase fora de moda.

– Deixa o miúdo em paz – diz-me, humedecendo o papel. E a seguir murmura um comentário indecifrável acerca «dessa patetice da cirurgia plástica digital».

– Também acho, Ellen – diz o Julian, divertido. – Deixa de ser tão fútil, OK? – Ele acabou de chegar de uma das suas cigarradas lá fora, e diz aquilo como se ele próprio não tivesse já *tratado* as coxas de muitas mulheres.

Sorrio e digo:

– Vou tentar...

Dos meus três colegas, o Julian é talvez aquele de que eu mais gosto – pelo menos, é com ele que tenho mais coisas em comum. É mais ou menos da minha idade e também é casado com uma advogada – uma miúda viva e simpática chamada Hillary.

Sabina manda-o calar e aproxima-se de mim no seu passinho miúdo. Traz uns *jeans* justos, rasgados num joelho e usa o cabelo comprido à anos 60, atado atrás e varrendo-lhe as costas. Pede desculpa pelo hálito a alho, murmurando qualquer coisa acerca de estar a tomar um suplemento vegetal, e depois espreita o meu trabalho.

– Bom movimento, aqui... – diz, apontando para uma prancha desfocada em pleno céu.

Por acaso, eu considero que o movimento é a minha maior fraqueza como fotógrafa, por isso aprecio o comentário.

– Obrigada – digo. – Mas o que achas deste queixo?

Ela levanta a prova até à luz e diz:

– Estou a ver o que queres dizer, mas acho que o queixo dele o faz parecer mais carrancudo... E

não achas que o ar carrancudo é bom para o anúncio?

Também concordo.

– Acho. O cliente chama-se *Badass Records*, por isso «carrancudo» é mesmo o que se precisa.

A Sabina deita uma última olhadela e diz:

– Mas eu talvez lhe tirasse um pouco ao nariz. Chama mais a atenção do que o queixo ... Já reparaste como é vulgar queixos fracos com grande pencas? Porque será?

O meu telemóvel interrompe as lucubrações de Sabina.

– Dá-me um minuto – digo, esperando que seja a Margot, que já me ligou duas vezes na última hora. Mas quando olho para o visor, vejo que é a Cynthia, a minha agente.

Atendo e, como de costume, ela berra para o telefone:

– Se estás em pé, senta-te! Não vais acreditar!

O Leo cruza-me o pensamento, confesso, mas fico pasmada ao ouvir o resto das novidades.

– Recebi um telefonema da revista *Plattform* – diz ela. – E fica-te com esta: eles querem que sejas *tu* a fotografar o *Drake Watters* para a capa de Abril!

– Isso é fantástico! – digo, sentindo-me sacudida por um misto de emoções. Para começar, não posso acreditar que o Leo tenha seguido a sua ideia, embora, vendo bem, deixei-lhe sem dúvida uma porta aberta de par em par para ele orquestrar tudo através da minha agente. Mas, honestamente, nunca pensei que ele fosse tão generoso. Pensei, e talvez tenha desejado, que o osso «Drake» fosse um jogo de poder, um estratagema para me atrair de novo e forçar-me a renovar uma amizade imprópria. Agora era forçada a ver o gesto, se não mesmo o *próprio* Leo, a uma nova luz. E, claro, acima de tudo havia a simples e estonteante emoção de fotografar um ídolo.

– «Fantástico?!» – guincha a Cynthia. – Fantástico é pouco!

– OK... *Incrivelmente* fantástico – digo eu, agora com um sorriso de orelha a orelha.

Sabina, sempre curiosa, mas nunca metediça, murmura:

– O que é?... O que foi?

Rabisco as palavras *Plattform* e *Drake Watters* num bloco e mostro-lho. Ela arregala os olhos e enceta comicamente uma dança erótica à volta de uma coluna que une o chão de cimento ao tecto de vigas nuas. A seguir corre a dar a notícia ao Julian, que olha para cima e me lança um sorriso. Não competimos uns com os outros, mas decididamente contamos pontos, em saudável amizade. Até aqui, ele e a Sabina estavam à frente com uma colaboração para a *Redbook*, dos Hamptons, para quem o Julian costumava trabalhar antes de se casar com a Hillary e de esta a convencer a vir para a cidade.

– Disseram-te porque é que se lembraram do meu nome? – pergunto calmamente à Cynthia, depois de a ouvir acrescentar mais alguns detalhes, a saber: que a sessão fotográfica vai ter lugar em Los Angeles, a revista paga três mil dólares, mais a viagem de avião, aluguer de equipamento extra, despesas e estadia de uma noite no Beverly Wilshire.

– Não... Que importância é que isso tem? Devias estar a festejar e não a fazer perguntas!

– Tens razão – concluo, querendo acreditar em tudo aquilo. Agradeço-lhe, desligo e recebo os parabéns de toda a gente. Afinal, de um lado estão os princípios e do outro a teimosia e a vaidade estúpida. *Patetices*, como diria o Oscar. E ao fim e ao cabo, toda a gente, e mesmo o Andy, terá de concordar que não se pode sacrificar o Drake Watters às patetices de um ex-namorado.

21 Quando cair a noite, querida, vou-me embora para sempre». (N. da T.)

Capítulo 12

Uma semana depois, após variados festejos informais, o Andy e eu estamos a celebrar oficialmente o meu futuro *Projecto Drake Watters* no Bouley, um dos nossos restaurantes favoritos na cidade. Além da comida deliciosa e ambiente caloroso, o Bouley tem para nós um forte valor sentimental, porque foi justamente onde jantámos na noite em que fizemos amor pela primeira vez, o que, acidentalmente, aconteceu exactamente um mês após a nossa primeira saída. Na manhã seguinte meti-me com o Andy, dizendo que tinha sido necessária a cozinha *New French* do *chef* David Bouley para o fazer pensar em dormir comigo.

– Tens razão – respondeu ele logo. – Foi do veado... Nunca me hei-de esquecer daqueles medalhões de veado. Os melhores que comi até hoje!

Eu ri-me, mas sabia a verdade – que aquela espera tinha a ver com a maneira de ser, romântica e respeitadora, do Andy. À parte o facto da minha amizade com a Margot, o Andy gostava de mim o bastante para fazer as coisas «como deve ser» e não saltar-me para cima após uma ou duas bebidas, prática que a maioria dos homens segue em Nova Iorque – pelo menos os dois com quem dormi depois do Leo. Embora haja quem possa criticar a nossa primeira vez por falta de espontaneidade, eu não teria mudado um átimo que fosse. E ainda hoje assim penso. O que torna ainda mais agradável a surpresa de nos vermos sentados à mesma mesa naquela belíssima sala abobadada do restaurante.

– Que coincidência... – comento.

O Andy sorri encolhendo os ombros, entalado.

Claro que não é coincidência. É mais uma atenção do meu marido, que nunca falha. Às vezes chego a pensar que ele é bom de mais para ser verdade.

A seguir, após uma demorada consulta do menu e da lista dos vinhos, escolhemos as nossas entradas: *foie gras* com fricassé de cogumelos para mim e beringela gratinada para o Andy, e o melhor champanhe do Bouley. O Andy atrapalha-se a pronunciar o nome, apesar de ter tido pelo menos três anos de Francês em pequeno. O empregado que nos serve aprova convictamente, se não a pronúncia do Andy, pelo menos a sua escolha.

Minutos depois, chegados as nossas entradas e champanhe, e após o Andy ter brindado «à sua linda e brilhante mulher», ele ataca com os detalhes básicos do projecto:

– E então? Que poses vai escolher para as fotos do Drake?

Sorrio à palavra «poses», que não evoca as páginas estilizadas e brilhantes de uma revista moderna, mas antes o género de poses de catálogo que a Suzanne e eu tivemos de aguentar quando éramos miúdas, com uma cerca de madeira branca em fundo, um chão de relva artificial e uma manta peluda de xadrez por baixo de nós.

Mas percebo aonde o Andy quer chegar – e a questão, em termos mais técnicos, já me deu que pensar várias vezes nos últimos dias. Respondo que ainda tenho de combinar com o director artístico e o editor fotográfico, porque ainda não sei bem o que eles querem, mas tenho uma ideia definida acerca do *feeling* das fotografias.

– Penso em qualquer coisa de melancólico, quase sombrio – digo eu. Sobre tudo a pensar nas várias intervenções do Drake na luta contra a SIDA.

– Vais fotografá-lo dentro ou fora de casa? – pergunta Andy.

– Sabes que prefiro a luz natural. Ou ao ar livre ou junto de grandes janelas... Talvez em *overpower*.

– O que é isso de *overpower*? – pergunta, do mesmo modo que eu lhe pergunto com frequência coisas provavelmente básicas sobre leis e Direito.

– É uma técnica em que o modelo está bem iluminado, geralmente em plena luz do dia, mas o fundo se apaga até ao negro. Se vires, sabes como é.

– Pois, talvez o hotel tenha um terraço – concorda o Andy. – Isso era porreiro. Ou talvez uma piscina, isso então era fantástico! Estás a ver... atirando uma bola de praia, qualquer coisa assim...

Rio-me, imaginando o Drake num carro desportivo, e penso que, por mais entusiasmada que eu esteja o Andy ainda parece mais. Em parte, acho que é porque nunca deixou de ser um fã do Drake, muito mais leal e fervoroso do que eu. Mas, sobretudo, devido à sua tendência em se deixar fascinar pelas estrelas vigentes – tendência que eu considero cativante e a Margot indecorosa –, em contraste com a maneira como a maioria dos habitantes de Manhattan tendem a subvalorizar as vedetas, quase como um ponto de honra: quanto mais *blasée* se mostram, mais afirmam que as suas próprias vidas também são fabulosas e, claro, sem a exposição e o tédio que a fama traz consigo. Mas o Andy não é assim. Lembro-me do seu entusiasmo louco quando vimos o Spike Lee num multibanco no West Side ou o Kevin Bacon a correr no Central Park com a Kira Sedgwick – dois pelo preço de um! – ou a Liv Tyler a escolher papel de carta na *Kate's Paperie*, para já não falar no melhor de todos: o Dustin Hoffman passeando o seu Labrador preto em East Hampton! Quando passámos por ele, o Andy confessou que se tinha contido até quase rebentar para não lhe atirar aquela célebre frase do filme «The Graduate»: *Just one word... plastics!*²² – que eu adorava, mas a que provavelmente o Dustin não teria achado tanta graça.

Mas o Drake Watters numa sessão fotográfica é um assunto mais sério. E por isso, quando o Andy pergunta não totalmente a brincar, se eu vou pedir-lhe um autógrafo, abano a cabeça convictamente.

– Nem pensar! – digo eu.

– Vá lá... – diz, estendendo-se para me roubar um bocado do meu *foie gras*, que ambos consideramos o melhor do mundo. – Só uma frasezinha simpática, tipo «Para o Andy, meu querido amigo e fonte de eterna inspiração, Drake Watters». Ou pode assinar só Drake... Ou mesmo *Sr. Watterstein*, também serve.

Rio-me ao recordar que na minha juventude descobrira que o verdadeiro apelido de Drake era Watterstein. Vinha numa revista para adolescentes e eu lembro-me de ter devorado sofregamente todos os pormenores sumarentos desse artigo: *O verdadeiro nome do Drake! O prato favorito do Rob Lowe! A última conquista de Ricky Schroder! O novo cachorrinho de River Phoenix!*

O Andy parece, ou finge, ficar desiludido.

– Não queres fazer isso por mim? A sério?

– A sério! – digo eu – A sério, a sério que não!

– Está bem, *Annie*, mas és má...

É a terceira vez que ele, a brincar, mas não sem um toquezinho de orgulho, me trata por *Annie* ou *Sr.^a Leibovitz*²³, e em todas as vezes eu sinto-me uma impostora, por não lhe contar toda a verdade acerca da pessoa responsável por eu conseguir aquele trabalho. Mas por outro lado, o projecto já começou a perder a conotação com o Leo e já quase consegui convencer-me a mim própria que foi só pelo meu talento que fui contratada para fotografar o Drake Watters. Afinal, as verdadeiras intenções do Leo (por remorso da maneira como em tempos me tratou? Por pura benevolência? Porque viu o meu trabalho recente e achou sinceramente que eu tinha talento? Para me seduzir, pelo menos mentalmente?) estão agora fora de questão. O trabalho é meu e é um trabalho que eu sei que consigo fazer bem. Recuso deixar-me intimidar pelo Drake Watters ou por quem quer que seja. E recuso sentir-me em dívida para com o Leo, se é essa de facto a sua intenção.

Acabo o meu *foie gras* e tranquilizo o meu marido.

– Pronto, pronto... Quanto ao autógrafo, logo se vê. Se me der bem com o Drake e a sessão correr bem, digo-lhe que o bimbo do meu marido quer um autógrafo dele. Combinado?

– Combinado! – diz ele todo contente, ignorando a minha expressão «bimbo do meu marido», o que só prova que é um homem muito seguro de si. Sorrio para comigo, pensando que há poucas coisas mais *sexy* do que um homem que não se leva demasiado a sério.

O empregado vem à nossa mesa para encher habilmente as nossas *flutes*: as bolhas chegam ao ponto mais alto possível sem deitar por fora. O Andy faz um gesto para a garrafa quase vazia e pergunta se eu quero mais. Aceno que sim, saboreando a comunicação fácil entre marido e mulher que não precisa de palavras e antevendo já uma bela sessão de sexo um tanto inebriado para mais tarde nessa noite. O Andy manda vir mais uma garrafa e continuamos a falar do Drake e da sessão fotográfica.

Mas de repente, algures entre o fim das entradas e o reabastecimento de champanhe, o Andy endireita-se e a sua expressão torna-se inesperadamente grave.

– Bom... – começa ele. – Queria falar-te de outra coisa...

Por instantes, entro em pânico, pensando que ele viu a minha factura do telemóvel ou, de qualquer outra maneira, veio a saber que eu estive em contacto com o Leo.

– Sim?... – digo eu.

Ele brinca com o guardanapo e esboça um sorriso lento, experimental, que me faz pensar que, se ele fosse a mulher e eu o marido, iria anunciar-me que íamos ter um bebé. Tal é o modo solene, inquieto e ao mesmo tempo entusiasmado que aparenta.

– Diz lá... – insisto, sentindo-me grata por ser eu a ter, eventualmente, o privilégio de dar esse

gênero de notícia.

O Andy inclina-se para mim e diz:

– Estou a pensar em despedir-me.

Lanço-lhe um olhar de expectativa, porque isto não é uma novidade total: o Andy tem vindo a falar em deixar o emprego desde o primeiro dia, o que pelos vistos é normal nas grandes firmas de advogados.

– E novidades, há?... – brinco.

– Refiro-me a *muito em breve* – diz ele. – Para dizer a verdade, acabei esta manhã de redigir a minha carta de demissão.

– Ai sim? – digo. Já o ouvira falar desta malfadada carta várias vezes, mas nunca anunciara já a ter escrito.

Ele acena com a cabeça, pega no copo de água e bebe um longo trago. Leva o guardanapo aos lábios e diz:

– Quero mesmo sair.

– Para fazer o quê? – pergunto, duvidando que o Andy quisesse seguir o exemplo do seu irmão James, e não fazer nada, no fundo, senão dormir, jogar golfe e ir a festas.

– Além de viver à custa da minha famosa mulher? – diz ele, piscando-me o olho.

– Sim – digo eu, rindo. – Além disso.

– Bom, eu gostava de continuar a exercer a carreira de advogado... mas numa escala mais restrita, mais discreta... Numa estrutura mais... *familiar*.

Acho que sei aonde ele quer chegar, mas espero que seja ele a pôr tudo em pratos limpos.

– Em... Atlanta – diz, finalmente. – Com o meu pai.

Bebo um pouco de champanhe, sentindo o coração a bater forte, num misto de emoções desgovernadas e digo:

– E achas que... te sentirias feliz nessas circunstâncias?

– Acho que sim – diz ele. – E o meu pai ficaria *encantado*.

– Bem sei. Insistiu nisso pelo menos cinco vezes enquanto lá estivemos.

O meu marido olha-me nos olhos e pergunta-me:

– E tu? Como te sentirias?

– Acerca de trabalhares com o teu pai? – pergunto. Sei que estou a parecer um tanto obtusa, que ele está a falar de uma coisa muito mais importante do que o seu futuro lugar na firma do pai, mas não sei bem porquê.

– Não. Estou a falar de Atlanta – diz o Andy, brincando com a faca. – De vivermos em Atlanta. O que achas?

O Andy e eu já temos falado da mudança, claro, especialmente desde que a Margot saiu de Nova Iorque. Na nossa última visita lá, chegámos até a percorrer de carro alguns bairros à procura de casas para venda, mas desta vez é diferente. Desta vez é uma coisa real, não teórica e, nas palavras do Andy, *para muito em breve*.

Só para confirmar, pergunto:

– Queres dizer, mudarmo-nos para lá daqui a pouco tempo?

O Andy acena que sim.

– Pouco tempo, como?... Este ano? Tão depressa?

Ele acena de novo e desata num discurso nervoso, mas bem sentido:

– A única coisa que eu não quero é pressionar-te. Se quiseses ficar em Nova Iorque, ou se sentes que a mudança prejudica a tua carreira, eu posso ficar. Quer dizer, não é que eu deteste Nova Iorque ou me sinta desesperado por mudar, ou coisa do género... Mas depois da nossa última estadia em Atlanta... à procura de casa... e pensar no bebé da Margot que já vem a caminho, e os meus pais a ficarem mais velhos e tudo isso... Realmente... Não sei, sinto-me pronto para uma mudança. Para uma vida mais *fácil*. Ou pelo menos, um género de vida diferente.

Vou concordando com a cabeça, mas o meu espírito galopa. Nada do que o Andy está a dizer está fora de questão, não só porque já discutimos isso mas também porque estamos naquela idade em que a maior parte dos nossos amigos já casou, teve filhos e mudou-se para os arredores da cidade. Mas ainda me sinto estranha por ter de pensar em deixar a cidade nos tempos mais próximos. A minha cabeça está cheia de imagens clássicas de Nova Iorque: o Central Park no primeiro dia fresco de Outono; patinar na Rockefeller Plaza; bebericar um copo de vinho numa esplanada no pino do Verão... e subitamente sinto nostalgia do passado. Sinto até nostalgia desta noite de hoje, do jantar que estamos a ter juntos, da própria recordação do que estamos agora a fazer.

– Diz qualquer coisa – pede-me o Andy, puxando pela orelha, algo que só faz quando está ansioso ou *verdadeiramente* preocupado com alguma coisa. Assisti a muitas puxadelas de orelha quando me pediu em casamento e ocorre-me que este momento não é muito diferente. Está a perguntar-me o que penso de uma *grande mudança*, um passo que vamos dar juntos. Não é um compromisso tão grave como o do casamento, mas de muitas maneiras, é uma mudança ainda maior.

Agarro na mão do Andy e tomo-a na minha, querendo muito fazer-lhe a vontade, mas querendo também ser completamente leal com ele.

– Acho que podia ser... óptimo – digo, tentando soar mais segura do que me sinto. – Embora na verdade... não saiba bem *como* me sinto.

– Eu sei – diz o Andy. – E acredita que não estou a querer forçar-te. Só quero que vejas... isto.

Larga a minha mão e tira do bolso interior do casaco uma folha de papel dobrada.

– Aqui está.

Pego no papel, desdobro-o e fico a olhar para uma grande casa em tijolo e madeira de cedro, com uma galeria exterior à frente, semelhante à das fotos que a Margot me tem mandado por *email* desde a nossa última viagem, sempre com um comentário tipo «Vizinhos do lado!» ou «Perfeita para vocês!»

Mas esta fotografia não vem da Margot, passando algum do seu tempo livre diante do computador. *Esta casa vem do Andy, bebendo champanhe no Bouley.*

– Gostas? – pergunta-me, hesitante, embora seja perfeitamente claro o que ele espera que seja a minha resposta.

– *Claro!* – exclamo, analisando os detalhes que vêm descritos por baixo da foto: cinco quartos, quatro casas de banho, pátio traseiro com cerca, piscina aquecida, tectos altos, galeria frontal parcialmente coberta, cave com luz natural, garagem para três carros, grande despensa e pequeno monta-cargas servindo os três pisos!

Não existe ali nada de que se possa *não* gostar. É uma casa de sonho em todos os aspectos – não se parece com nenhuma casa da minha terra natal, nem sequer com nada que eu possa ter imaginado na minha infância. A minha mãe sempre me disse que estava certa de que eu iria ter uma vida ótima, cheia de coisas belas e rodeada de gente boa.

– Não estou preocupada contigo, Ellie – dissera-me ela um dia, afagando-me o cabelo. – Mesmo nada...

Foi uma semana antes de morrer, logo após ter voltado do hospital pela última vez e lembro-me de escutar a sua voz calma, imaginando a minha vida de adulta com uma casa, marido e filhos e duvidando de que tudo isso alguma vez pudesse apagar a dor de perder a minha mãe.

Levanto os olhos do folheto e digo:

– É linda, Andy. É realmente maravilhosa.

– E por dentro é ainda melhor! – diz o Andy, falando rapidamente. – A Margot diz que estive lá dentro... para uma venda de roupas para crianças, ao que parece. Diz que há um espaço enorme na cave onde podias instalar a tua área de trabalho. Assim já não tinhas de alugar um espaço num atelier. Era só descer a escada em pijama e pantufas... E o melhor de tudo é que é a uns cem metros da casa da Margot e do Webb. Não é fantástico?

Concordo sem pronunciar uma palavra, apreciando tudo aquilo.

– É que é mesmo perfeito... – diz o Andy. – Perfeito para nós, perfeito para a família que queremos ter...

Olho o folheto e reparo no preço.

– Merda! – digo, sem me conseguir conter.

Dinheiro é algo de que não falamos muito. Ele e a irmã têm isso em comum, mas enquanto ela parece esquecer a fortuna da sua família, ele, por vezes, parece acanhado a esse respeito, se não mesmo envergonhado. Como resultado, acaba por fazer algumas escolhas modestas, como o nosso pequeno apartamento em Nova Iorque – e eu por vezes também me esqueço de que ele é realmente rico.

– Tu és realmente *rico*, hã? – digo com uma gargalhada.

Ele baixa os olhos e abana a cabeça. Depois olha-me nos olhos e diz, muito sério:

– *Somos* ricos... sob vários pontos de vista.

– Eu sei... – respondo, saboreando aquele momento.

Olhamos longamente um para o outro, até que Andy rompe o silêncio:

– E então... Que dizes?

Abro a boca, fecho-a, abro-a outra vez.

– Eu... amo-te, Andy – digo finalmente, sentindo a cabeça à roda por causa do champanhe e não só. – É tudo o que te digo.

– Aceito – diz ele; e nesse momento chega o nosso lavagante. – Não é o mesmo que um autógrafo do Drake, mas... aceito.

²² Frase que consta da lista das mais famosas citações do mundo do cinema, dita no filme «A Primeira Noite», de Mike Nichols. «Para ti só tenho uma palavra... plástico!» (N. da T.)

23 Referência a Annie Leibovitz, famosa fotógrafa de celebridades americana. (N. da T.)

Capítulo 13

– Eu sabia que ias ser completamente sugada para dentro da família dele! – diz a minha irmã poucos dias depois, quando eu lhe conto pelo telefone a nossa possível mudança, ou melhor, muito provável, para Atlanta. O tom dela não é tanto de crítica mas de crispada resignação: – Eu já sabia!

E eu já sabia que essa seria a tua reacção, penso, mas coíbo-me de dizê-lo.

– Eu não diria «sugada»... Aliás, ainda nem sequer tomámos uma decisão definitiva e...

– Promete-me ao menos que não vais começar a falar com sotaque do Sul – interrompe-me a Suzanne.

– Em Atlanta o sotaque é muito giro – digo eu. – Mal se dá pelo sotaque do Andy.

– E não te ponhas a usar as expressões deles – diz ela solenemente, como se me estivesse a exigir que jurasse jamais entrar para uma sinistra seita religiosa ou jamais beber o *Kool-Aid*²⁴ deles. – Tu és uma ianque, nunca te esqueças disso.

– OK. Se nos mudarmos, e repara que ainda é só uma hipótese, juro salvaguardar o meu sotaque ianque e os nossos termos e expressões habituais. Juro também nunca conduzir uma carrinha de caixa aberta, hastear a bandeira da Confederação ou destilar *whisky* na cave – digo, fazendo um intervalo na tarefa de separar a roupa para meter na máquina e sentando-me de pernas cruzadas no chão do quarto.

Apesar de perceber que a Suzanne não aprova nem o Andy, nem a Margot, nem nada no mundo deles, continuo a sorrir. Tenho uma desmesurada afeição pela minha irmã e gosto de ouvir a sua voz, após semanas a tentar apanhá-la ao telefone. Desde os tempos da faculdade que a nossa comunicação tem sido esporádica, dependendo dos nossos horários de trabalho, e sobretudo, da disposição da Suzanne. Há alturas em que ela parece retirar-se para o subsolo e não há forças que a façam emergir à superfície enquanto não lhe apetecer.

Assim, habituei-me a manter uma lista de *assuntos por tratar*, que agora fui repescar. Sei que não vou esquecer-me dos assuntos mais importantes, como Atlanta e o Drake, mas não quero que os assuntos mais triviais fiquem esquecidos, para que as nossas conversas não percam o ar familiar e confortável. Não vejo que isso possa acontecer entre nós, mas sei que acontece constantemente entre irmãs, sobretudo quando moram longe umas das outras e não têm muito em comum – como, por exemplo, uma mãe que sirva de elo de ligação. Às vezes sinto que é necessário dar-lhe parte dos

detalhes mais mundanos da minha vida, como a nova marca de creme para disfarçar as olheiras que estou a usar, ou o *email* inesperado que recebi de um colega comum dos tempos de liceu, ou a recordação cómica que eu tenho dos nossos pais a comprar-nos sapatos para usar no primeiro dia de escola – para que nunca sejamos relegadas para a condição de irmãs só em título. Seremos sempre mais do que duas mulheres adultas que só se falam e se vêem por uma espécie de obrigação familiar.

Por isso, consulto a minha lista e tento pôr-me a par das novidades dela – que não são realmente novidades, mas antes a sequência natural de um *status quo*. A saber: a Suzanne continua a *detestar* o seu emprego como hospedeira de uma companhia aérea nacional, e *ainda* não está noiva do namorado, Vince. Tanto o emprego como o namorado datam de há seis anos e ambos respondem ao estilo de vida despreocupado que era o dela na altura. Mas agora, aos trinta e seis, está farta de servir bebidas no avião a gente malcriada e ainda mais farta de servir bebidas ao Vince e aos seus desinteressantes amigos, quando eles se reúnem para aclamar os Steelers, os Pirates ou os Penguins na televisão. Ela quer que a sua vida mude ou então que o Vince mude, mas não sabe o que fazer.

Além disso, é demasiado teimosa para pedir conselhos à irmã mais nova. Não que eu soubesse o que dizer-lhe. O Vince, um empreiteiro que ela conheceu e com quem trocou números de telefone durante um engarrafamento de trânsito numa auto-estrada, é irresponsável, recusa comprometer-se e em tempos viveu com uma *stripper* chamada Honey. Mas, por outro lado, é carinhoso, tem muita piada e é o centro das atenções de qualquer festa. E o mais importante é que a Suzanne gosta verdadeiramente dele. Habituei-me, pois, a ouvir com simpatia as confidências da minha irmã, ou a rir quando é caso disso, como agora, quando ela me conta como o Vince lhe ofereceu uma caixinha de anel, *por embrulhar*, no Dia dos Namorados, logo após fazerem amor. Conhecendo o Vince, já estou mesmo a ver onde a história vai acabar.

– Oh não...! – gemo eu.

– Oh sim! – diz a Suzanne. – E eu pensei logo: não é possível! Não me digam que estive seis anos à espera para agora ter um pedido de casamento piroso no Dia dos Namorados. E na cama, nem mais nem menos. Meu Deus, e se for um anel em forma de coração? Mas por outro lado, devo confessar que também pensei: aceita aquilo que for, minha amiga. A cavalo dado não se olha o dente.

– E então? O que era? – pergunto, doida de curiosidade.

– Um anel com uma granada! O raio da minha pedra do Zodíaco!

Desato à gargalhada.

– É terrível! Mas por outro lado é amoroso, desculpa! Pelo menos tentou...

A Suzanne ignora o comentário e diz:

– E quem é que se rala com a sua pedra do Zodíaco? Tu sabes *sequer* qual é a tua?

– Sei. É a turmalina – respondo, perdida de gozo.

– Então não te esqueças de avisar o Andy, para ele não se enganar. E oferecer-te aquela mansão porreira em Atlanta e uma turmalina a condizer. – E ouço a minha irmã soltar aquela gargalhadinha etérea que lhe é própria, parecendo quase que lhe vai faltar a respiração; penso que o seu sentido de humor é a única coisa que a salva de entrar em depressão. Isso e o facto de, embora se finja muito dura, ter um coração muito terno. Tem razões de sobra para ser amarga, como qualquer mulher solteira que está em vão à espera de um anel de noivado, mas não o é. Embora eu chegue a pensar

que ela tem inveja da minha sorte e da minha vida facilitada, a verdade é que ela é uma ótima irmã que me deseja *realmente* tudo o que há de bom.

Por isso sei que vai ficar contente como o meu contrato para fotografar o Drake e morro por lhe contar. Tal como o Andy, a Suzanne idolatra o Drake, não tanto pela sua música, mas pelo seu activismo em matéria de política. A minha irmã, não sendo propriamente uma *hippie* ferrenha – abandonou os charros logo a seguir à fase dos Greatfull Dead, na faculdade – é uma pessoa apaixonada pelas suas causas, que são sobretudo o Ambiente e a pobreza no Terceiro Mundo. E por *apaixonada* quero dizer que não é só de boca: a Suzanne *realmente* levanta o rabo e envolve-se a fundo em coisas que marcam a diferença, o que funciona como um profundo contraste à inércia que sempre marcou a sua vida pessoal. Quando andávamos no liceu, por exemplo, a muito custo conseguia assistir às aulas e ser uma aluna *média*, apesar de ter um QI de génio, catorze pontos acima do meu, facto que descobri ao bisbilhotar as coisas dos nossos pais. Mas apesar disso conseguiu arranjar tempo e energia para fundar no liceu uma representação da Amnistia Internacional e fazer circular abaixo-assinados pedindo à Direcção do liceu para instalar na cantina caixotes de reciclagem, coisa de que ninguém sequer *ouvira falar* naquele tempo, pelo menos na nossa cidade.

Ainda hoje, parece estar sempre comprometida com qualquer missão de beneficência oferecendo-se para plantar árvores em jardins públicos e cemitérios, ou enviando cartas eloquentes aos políticos e legisladores, ou encetando mesmo uma famosa jornada até Nova Orleães logo a seguir ao furacão Katrina, juntando-se à *Habitat for Humanity* para ajudar a reconstruir casas. Sempre que ela me fala nos seus numerosos projectos, dou comigo a desejar sentir-me motivada para fazer mais pelos outros: a extensão do meu activismo limita-se a ir votar em todas as eleições (o que é mais do que se pode dizer do Andy, que só vota nas Presidenciais).

E claro que, quando acabo de contar-lhe a minha história do Drake – omitindo a parte da intervenção do Leo, claro – o comentário da minha irmã é:

– Que cabra sortuda!

– Pois sou! – digo, sentindo-me tentada a contar a história *na íntegra*, isto é, que não foi apenas a sorte que me inculcou aquele trabalho. Se eu tivesse intenções de confiar em alguém no mundo, seria na Suzanne. Não só por uma questão de *lealdade de sangue*, e o simples facto de ela não ter nada a ver com o Andy, mas porque era ela realmente a única pessoa da minha vida que não parecia emburrar com o Leo. Só se encontraram uma vez e nenhum deles falou muito, mas deu para ver que tiveram uma comunicação imediata e uma espécie de respeito tácito um pelo outro. Lembro-me de pensar que até tinham muitas coisas em comum, incluindo as opiniões políticas, o hábito um tanto cínico de escarnear de muitas coisas que são geralmente aceites por todos, um sentido de humor altamente cáustico e aquela maneira aparentemente contraditória de conseguirem ser ao mesmo tempo apaixonados e totalmente desprendidos. Mesmo quando o Leo me partiu o coração e eu tinha por garantido que a Suzanne se voltaria ferozmente contra ele, a atitude dela foi mais filosófica do que protectora. Disse que toda a gente precisava de levar com os pés uma vez – faz parte da vida – e que as coisas estavam destinadas a ser assim. «É preferível agora do que mais tarde, com três filhos às costas», lembro-me de a ouvir dizer. E lembro-me também de ter pensado que preferia o contrário. Teria preferido ter tido qualquer coisa de duradouro com o Leo, fosse qual fosse a dor que daí

resultasse.

Mas, de qualquer modo, resisto a contar-lhe agora o que recentemente se passou com o Leo, porque penso que é um assunto delicado. Além disso, não quero dar-lhe uma ideia falsa acerca da minha relação com o Andy, porque estou mesmo a ver como isso iria alimentar a sua opinião depressiva segundo a qual todos os casamentos estão manchados por uma falha qualquer: uma das partes, ou ambas, estão acomodadas, ou alguém está descontente, ou alguém trai ou pensa fazê-lo. Já tive de a ouvir muitas vezes e não vale de nada fazer-lhe notar que os nossos pais pareciam muito felizes juntos, porque ela logo refuta com o argumento: «Como é que nós havíamos de saber se era ou não assim? Éramos miúdas.» Ou então, uma conclusão ainda mais alegre: «Pois... E então? A mãe morreu. Lembras-te? Valeu-lhe de muito essa vida de conto de fadas...»

A Margot, que fica passada com estas tiradas da minha irmã, garante que deve ser o modo como a Suzanne racionaliza o seu estado de solteira, que é como viver num limbo. Penso que pode haver aqui alguma verdade, mas também penso que é um caso de «quem apareceu primeiro, a galinha ou o ovo?» Por outras palavras, se a Suzanne fosse um pouco mais tradicional, mais romântica, ou, pura e simplesmente, lançasse ao namorado um ultimato como faz a maior parte das raparigas da nossa terra depois dos vinte e cinco anos, acho sinceramente que o Vince mudava logo de opinião: gosta dela de mais para a deixar partir. Mas com toda aquela má opinião que a Suzanne professa acerca do casamento, o Vince tem uma desculpa de pedra e cal para adiá-lo sem se sentir culpado. De facto, penso que ele é mais pressionado pelos amigos e pela família do que pela Suzanne – e é geralmente ela que acaba a conversa com «Não pretendo desrespeitá-la, tia Betty, mas, por favor, meta-se na sua vida... Deixe lá, o Vince não me deve nada.»

Mas, subitamente, já não há tempo para falar no Leo, porque a Suzanne exclama:

– Eu vou contigo! – com aquele modo autoritário tão típico de irmã mais velha.

– Estás a falar a sério? – pergunto.

– Estou.

– Mas tu não tens nada de fã – digo, pensando que, pelo menos, ela *finge* não ser, embora eu já tenha tido ocasião de a confrontar com a sua colecção de jornais sensacionalistas, incluindo um ou outro *National Enquirer*.

– Pois não... Mas o Drake Watters não é uma estrela qualquer. É... o Drake! Vou contigo.

– Queres mesmo ir?

– Porque não? Ando a pensar em ir ver-te há meses e não é nada de especial para mim: meto-me no avião e vou.

– Lá isso é verdade – digo, pensando que essa é a grande vantagem da profissão da Suzanne e, provavelmente, a razão por que ainda a mantém. Ela pode ir para qualquer lado sempre que lhe apetecer.

– Posso ser tua assistente... Caramba, até o faço de graça!

– A *Platform* já fornece um assistente *freelance* para isto – digo, com relutância em aceitar a companhia dela, não sei porquê.

– Então posso ser a assistente do assistente. Posso segurar naquela coisa prateada em forma de disco, como fiz para ti quando fotografaste o rio Monongahela naquele dia de Inverno frio como o

raio, lembrás-te? Quando eu deixei cair no rio a minha luva e quase me tiveram de amputar os dedos.

– Lembro-me – respondo, pensando que a Suzanne não deixa passar nada. – E tu? Lembras-te que te comprei um par de luvas novas no dia seguinte?

– Sim, sim, claro... Lembro-me que eram bem foleiras – diz ela.

– Não eram nada foleiras! – respondo, rindo-me.

– Ai isso é que eram!... Por isso, como recompensa tens de me deixar ir contigo para Los Angeles.

– Tá bem... Mas nada de pedires autógrafos.

– Essa agora...! Não sou nenhuma bimba.

– E nada de insinuações acerca de luvas.

– Combinado. Assunto encerrado.

Durante os dias que se seguem, enquanto o Andy está ausente em Toronto por causa de uma conferência com uma cliente, eu só penso na minha sessão fotográfica, pensando na logística e consultando várias vezes a editora fotográfica e o director artístico da *Platform*, que me dizem que o foco principal do artigo é a acção humanitária do Drake. Por isso precisam de boas fotografias, retratos a cores, sombrios, visualmente ricos e ambientais.

– Vocês sabem o que pretendem? – pergunto à editora fotográfica, sentindo uma primeira onda de nervosismo.

– Por isso é que te escolhemos a ti – responde ela. – Vimos o teu trabalho no teu *website* e adorámos. De uma beleza tão pura... Confiamos em ti.

Sinto aquele surto de autoconfiança e afluxo de energia que sempre me acontece quando alguém aprecia o meu trabalho. Pergunto se há maneira de eu fotografar o Drake num restaurante que encontrei na Net e que não é longe do hotel.

– É uma daquelas cafetarias *retro* clássicas, com chão de azulejos hexagonais pretos e brancos e cubículos encarnados... – digo, pensando que é parecida com a cafetaria em que eu vi o Leo pela última vez. – O encarnado pode representar como que um símbolo do trabalho dele na luta contra a SIDA... Acho que ficava giro...

– Brilhante! Só falta falar com o agente do Drake para ele dar o OK.

– Boa – digo, como se já tivesse ouvido estas palavras centenas de vezes.

Poucos minutos depois, ela telefona a dizer:

– Dá-me a morada exacta desse restaurante e o Drake vai lá estar com a gente dele às três horas em ponto. O único problema é que ele está realmente apertado de tempo. Vais ter de trabalhar depressa. Só vais ter vinte minutos, meia hora no máximo. 'Tá bem?

– Não há problema. Vamos a isso – afirmo, como se fosse uma profissional consumada – bastante mais confiante do que estou na realidade.

Desligo e ligo para a Suzanne, para lhe perguntar se vale a pena fazer um voo transcontinental para apenas vinte minutos. Mas ela não desiste.

– Vinte minutos com a Grandeza são vinte minutos com a Grandeza! E, sem dúvida, muito mais grandeza do que a que eu tenho visto desde há muito, muito tempo!

– Está bem – respondo. – Mas é bom que não deixes o nosso amigo Vince ouvir-te dizer isso.

– Ora! – diz a Suzanne com uma gargalhada. – O Vince sabe perfeitamente que é algo medíocre...

– Pelo menos sabe qual é o seu lugar – comento, entre risos.

– Sim – diz ela. – Porque não há nada pior do que um homem que não sabe o seu lugar.

Rio-me e guardo na memória aquela pérola vinda da minha irmã, mas só me apercebi do seu valor quando cheguei a Los Angeles três dias depois.

²⁴ Famoso refrigerante americano, que é vendido num pós de vários sabores e ao qual se acrescenta água. (N. da T.)

Capítulo 14

São cinco e meia da tarde, hora de Los Angeles; ainda só cheguei há uma hora, o tempo suficiente para fazer o *check-in* no Beverly Wilshire, largar a mala e o equipamento no meu quarto e telefonar à Suzanne, que chegou mais cedo, num voo precedente. Informa-me que está a ver montras em Rodeo Drive, *completamente o meu género*, segundo ela, e deixando claro que tenciona lá voltar em breve. Diz que já avaliou as várias opções do hotel quanto aos bares e sugere que nos encontremos no *Boulevard Lounge* para uma bebida.

– Boa ideia – digo eu. – Não tomei comprimidos suficientes para aguentar as trovoadas que o avião atravessou e, realmente, um copo de vinho é que me fazia bem.

Ela ri-se e chama-me *mariquinhas*; desligo e mudo de roupa para o que me parece ser a *toilette* própria para L. A.: *jeans* escuros, sandálias prateadas com saltos que me aproximam do metro e oitenta, e um *top* decotado, simples mas chique (acho eu) de seda verde-lima. Infelizmente, esqueci-me de trazer o *soutien* sem alças que comprei para usar com aquele *top*, mas concluo que o meu peito é suficientemente pequeno para usar o *top* assim, sem parecer ordinária. Além disso, estamos na Califórnia, a «terra do vale tudo». Retoco a maquilhagem, sombreando os olhos mais do que costume e acabo com uma baforada de perfume nas costas das mãos: um truque que a Margot me ensinou, dizendo que quando se fala com as mãos tanto como eu, deve colher-se os benefícios de exalar aroma simultaneamente.

Depois desço no elevador e atravesso o requintado átrio da recepção com tanta autoconfiança que me sinto literalmente a pavonear-me até ao bar, uma sala íntima, moderna e muito elegante, decorada em calorosos tons de âmbar, chocolate e dourado. Ao admirar o bar de ónix, com um fundo iluminado por trás onde estão pelo menos mil garrafas, dou por mim a admirar também o perfil de um homem sentado ao balcão, sozinho, de copo na mão. Um homem extraordinariamente parecido com o Leo. Olho de novo e descubro, para meu grande espanto e qualquer coisa de parecido com horror, que não se *parece* simplesmente com o Leo: *é* o Leo.

De novo o Leo. O Leo a três mil milhas de casa.

Fico imóvel e por um segundo fico suficientemente crédula ou toldada do juízo para achar que se tratou de outra coincidência. *Outro* encontro fortuito. E, naquele segundo, o meu coração pára numa ideia louca e embaraçosa: *Meu Deus, e se isto é o Destino perseguindo-me de um lado ao outro*

deste país?

Mas quando Leo levanta os olhos, vê-me e ergue o copo no ar até ao nível dos olhos, eu compreendo de imediato tudo o que ele orquestrou. Compreendo que fui vítima de uma tramóia.

Mudo o peso de um pé para o outro, enquanto ele baixa o copo devagar, um *whisky* com gelo, a sua bebida favorita, e me dedica um sorrisinho deliberado.

Eu não sorrio, mas dou meia dúzia de passos até ele. Já não me pavoneio e um arrepio pelas costas abaixo faz-me desejar estar a usar *soutien*. Ou, melhor ainda, um *sobretudo*.

– Olá, Leo – digo simplesmente.

– Ellen... – diz ele baixando a cabeça numa breve vénia. – Ainda bem que pudeste vir.

Parece uma frase tirada de um filme de Hollywood, mas eu estou longe de ficar encantada, muito menos quando ele se levanta apontando para o banco alto ao lado do seu.

Deves julgar que és o Cary Grant... penso, e abano a cabeça, recusando-me sentar-me. Estou demasiado atordoada para me sentir zangada, mas estou a sentir qualquer coisa ainda mais forte do que indignação.

– Fizeste este caminho todo e não queres sentar-te?

Outra frase feita.

O Leo nunca foi homem deste tipo de frases e eu sinto-me quase desapontada por ele agora fazer uso delas. Não tenho interesse no homem em que ele se tornou nos últimos dez anos mas, mas não quero a imagem que eu tinha dele manchada por frases feitas.

– Não, obrigada – digo calmamente. – A minha irmã deve chegar a qualquer momento.

– A Suzanne... certo? – diz ele com um toque de presunção.

Olho-o, perguntando-me se ele realmente acha que o facto de se lembrar do nome dela tem sobre mim algum efeito extraordinário. Estou tentada a disparar *Clara, Thomas, Joseph, Paul* – os nomes dos seus quatro irmãos, por ordem de idades –, mas não quero dar-lhe a satisfação de saber que me lembro de detalhes sobre a sua família.

– Sim, Suzanne. Só tenho uma irmã – limito-me a dizer.

– Pois... – diz ele. – Bom, ainda bem que ela também veio. É um bónus muito agradável.

– Um *bónus agradável*? – comento, franzindo a testa o que, espero, indique perplexidade. – Estou a ver... Duas irmãs pelo preço de uma?

Ele ri-se.

– Não... Sempre gostei da Suzanne... das poucas vezes que nos encontramos.

– Só a viste *uma* vez.

– É verdade, mas gostei dela, *dessa* vez. É o suficiente.

– Ela vai com certeza ficar muito contente por saber isso – digo eu, petulantemente. – E agora, se me dás licença...

E antes que ele possa protestar, vou até ao extremo oposto do bar e dirijo-me ao *barman*, um homem de cabelos brancos e faces coradas, com o aspecto de quem seria bem escolhido para o papel de... *barman*.

– O que posso oferecer-lhe? – pergunta numa voz áspera de barítono, perfeita para a função.

Desisto do vinho a favor de um vodka *martini*, com uma azeitona extra, e a seguir aponto para um

maple vazio no ponto mais afastado do bar.

– Eu... vou sentar-me ali.

– Com certeza – diz o *barman* com simpatia, como se percebesse que eu preferia instalar-me o mais longe possível do único homem sentado àquele bar.

Viro costas e dirijo-me ao sofá, sentindo-me acompanhada pelo olhar do Leo. Sento-me, cruço as pernas e fixo o olhar através da janela sobre o Wilshire Boulevard. O meu espírito corre como uma lebre. O que estará o Leo aqui a fazer? Estará a tentar-me? A desafiar-me? A torturar-me? O que irá pensar a Suzanne quando, a qualquer instante, entrar na sala? O que diria o Andy se me visse agora, sem *soutien*, num bar luxuoso à espera de um *martini*, e com o meu ex-namorado do outro lado da sala?

A minha bebida chega finalmente, seguida de perto pelo Leo.

– Estás... chateada? – pergunta ele, de pé e muito perto de mim.

– Não. Não estou *chateada* – digo, lançando-lhe um olhar breve antes de um trago curto, logo seguido de um longo, no meu martini. A vodca é forte, mas é ótima e deixa-se beber facilmente.

– Isso é que estás – diz ele, parecendo mais divertido do que contrariado.

Ao ver o canto da sua boca levantada num sorrisinho satisfeito, passo-me e pergunto bruscamente:

– O que vem a ser isto?

– *Isto* o quê? – pergunta com uma calma irritante, instalando-se, sem ser convidado e longe de ser bem-vindo, ao meu lado no sofá.

– *Tudo isto* – digo, agitando as mãos em direcção ao pouco espaço entre nós e espalhando, sem o querer, o meu perfume.

– O que fazes tu aqui, Leo?

– Estou a escrever o artigo – diz ele com ar inocente. – Sobre o Drake.

Olho-o, muda de espanto. Por estranho que pareça, a hipótese de ser ele a escrever o texto do artigo *jamaís* me ocorrera. Seria possível que eu tivesse bloqueado no meu espírito essa possibilidade? E porquê? Porque alimentava inconscientemente a esperança de o encontrar ali? Ou porque me queria absolver da culpa de aceitar um trabalho com que só podia sonhar? Tive a sensação de que um bom psiquiatra gostaria de desenvolver ambas as hipóteses.

– Ah... – murmuro, estupidificada.

– Julguei que sabias – diz ele, e percebo que fala verdade.

Abano a cabeça, sentindo-me abrandar ao perceber que, ao menos, ele tem uma razão legítima para estar ali: não se trata de nenhuma emboscada.

– Como é que eu havia de saber? – digo, na defensiva, mas já um tanto envergonhada pela minha explosão de cólera – e por ter assumido, descaradamente, que ele estava ali só para se encontrar comigo.

– De que outra maneira podia eu estar a par deste trabalho? – pergunta, fazendo-me sentir cada vez pior.

– Sei lá... Algum contacto?

– Com o Drake? – pergunta ele com ar de gozo.

– Tu... *conheces* o Drake?

– Claro! – diz ele e junta dois dedos. – Assim...

– Ah... – murmuro, impressionada apesar de tudo.

– Estou a brincar... – diz ele. E explica-me que esteve a trabalhar como correspondente da UNICEF no decorrer do evento *AIDS Walk*²⁵ de Nova Iorque no ano passado, e que nessa altura conheceu alguns companheiros do Drake. – Resumindo, acabámos por conversar enquanto bebíamos umas cervejas... e, por fim, convidaram-me para fazer esta reportagem que eu, por minha vez, propus à *Platform*... *Et voilà*, o resto já tu sabes.

Eu vou ouvindo e assentindo, sentindo-me totalmente desarmada pela sua conversa sobre beneficência e jornalismo – tópicos que dificilmente se podem conotar com tentativas sórdidas de seduzir ex-namoradas casadas, em bares elegantes de Los Angeles.

– E, curiosamente – continua ele –, o dia em que a *Platform* me deu luz verde coincidiu com o dia em que te encontrei por acaso... E pareceu-me... sei lá, um acaso tão feliz, que me apeteceu ligar-te ao projecto fotográfico.

– Mas nós nem sequer falámos do meu trabalho – digo-lhe, no fundo tentando saber se me tinha procurado no *Google* ao chegar a casa, ou se tem vindo a acompanhar a minha carreira durante estes anos.

Ele sorri, comprometido, e confirma:

– Mas eu sei o que tens andado a fazer...

– O que é que isso quer dizer? – O meu tom é de mera curiosidade, mas a minha vontade de descobrir é mais forte do que o simples desejo de obter uma informação.

– Quer dizer que não é preciso falar com alguém para continuar a pensar nesse alguém... e mesmo averiguar, de tempos a tempos...

Estremeço, sentindo arrepios no corpo todo e os mamilos endurecendo sob o meu *top*.

– Está frio, aqui... – digo nervosamente e cruzando os braços sobre o peito.

– Achas?... Eu por acaso tenho calor – diz o Leo, inclinando-se sobre mim o bastante para eu sentir o cheiro da sua pele e o hálito a *whisky*. – Queres o meu blusão?

Olho o seu blusão de camurça, do género que tanto pode ser usado por um repórter como por um *cowboy*, e abano a cabeça numa recusa suave.

– Não, obrigada... – A minha voz sai num suspiro. Um suspiro que contrasta fortemente com o «Olá!» da Suzanne que nos surge de repente à frente.

Tenho um sobressalto que me deixa aturdida como se tivesse levado um soco. Afogueada, levanto-me para abraçar a minha irmã, gaguejando uma explicação:

– Eu... Já viste com quem eu me encontrei? Lembras-te do Leo?

– Claro! – diz a Suzanne alegremente, imperturbável. Enfia uma mão no bolso de trás dos *jeans* e estende a outra ao Leo. – Olá.

Ele aperta-lhe a mão e diz:

– Olá, Suzanne. É bom ver-te outra vez.

– Também gosto de te ver – diz ela com sinceridade. – Há muito tempo que não nos encontrávamos.

Segue-se uma pausa desconfortável, em que estamos os três em pé, a poucos centímetros uns dos

outros, em formação triangular, até que o Leo se afasta, dizendo:

– Bom, vou deixar-vos pôr a conversa em dia.

A Suzanne ri e vai sentar-se no sofá, como se quisesse dar-nos alguns metros – e segundos – de privacidade. Aproveito a ocasião, sentindo-me em pleno conflito: desejo que ele se vá embora e desejo que fique.

– Obrigada, Leo – digo finalmente.

Não sei, precisamente, o que lhe estou a agradecer. Aquele trabalho? A confissão de que nunca deixou de pensar em mim? A sua concordância em nos deixar sozinhas agora?

– De nada – diz ele, como se soubesse do que estamos a falar. Volta-se para se afastar, mas logo pára e vira-se para nós, olhando-me nos olhos: – Bem... Hoje vou comer qualquer coisa a um restaurante mexicano que é um espanto. Tem o melhor guacamole que eu alguma vez comi, e as *margaritas* também não são nada más... Não façam cerimónia, mas telefonem-me se vos apetecer vir comigo...

– OK – digo eu.

– Podes ligar-me para o telemóvel ou para o meu quarto. – Olha para a chave-cartão do quarto e diz: – É o quarto 612.

– Quarto 612... – repito, notando que fica precisamente por cima do nosso quarto, o 512. – 'Tá bem.

– Ouvi dizer que vou entrevistar o Drake num restaurante que tu escolheste...

Aceno que sim, grata por saber de antemão que o Leo vai lá estar. O Leo e o Drake na mesma sala...

– Sempre gostaste de um bom jantar – diz o Leo piscando-me o olho com cumplicidade e calmamente saindo do bar.

A expressão impenetrável da Suzanne transforma-se automaticamente num largo sorriso, assim que vemos o Leo a desaparecer.

– *Meu Deus*, Ellen!

– Que foi? – pergunto, preparando-me para a inevitável investida.

Abanando a cabeça, ela lança:

– Esta tensão sexual podia cortar-se à faca.

– Não sejas ridícula – digo eu.

– *Quarto seiscentos e doze?*... 'Tá bem. – imita-me ela, em tom de falsete.

– Não foi isso que eu disse. Não se trata de nada *disso*, Suzanne, garanto.

– OK... Então trata-se de quê?

– É uma longa história – respondo.

– Temos todo o tempo do mundo.

– OK, mas primeiro vai pedir uma bebida para ti – peço-lhe, para atrasar a coisa.

– Já pedi. Estive no balcão a apreciar os dois patetinhas, enquanto pedia um *Pretty Woman*²⁶. Sabias que o filme foi rodado aqui?

– Ah sim? – digo eu, tentando mudar a conversa para a deliciosa Julia Roberts. – Adorei esse filme! Não o vimos juntas?

– Só me lembro que glorificava a prostituição – diz, encolhendo os ombros. – Mas voltemos ao teu *ex de sonho*...

– Não é nada *de sonho*!

– É um pão e tu bem sabes! – diz ela. – Tem uns olhos... de tarar.

Tento disfarçar um sorriso, mas não consigo. O Leo tem *mesmo* uns olhos de tarar.

– Vá lá, Ellie, diz-me! Conta-me o que se está a passar, OK?

Solto um longo suspiro, deixo cair a cabeça entre as mãos e digo:

– OK... Mas por favor, não me julgues.

– Alguma vez te julguei?

– Estás a brincar?! – digo, olhando-a através dos meus dedos e rindo. – Quando é que tu *não* me julgaste?

– Tens razão. Mas prometo que desta vez não te vou julgar.

Suspiro de novo e mergulho de cabeça na história desde o princípio, desde aquele momento em que o meu coração parou, no meio da rua, em pleno cruzamento. A Suzanne não me interrompe senão para pedir outra bebida para mim, quando passa uma empregada com uma tacinha prateada cheia de salgadinhos. Acabo a minha história e pergunto-lhe se ela não pensa que eu sou uma pessoa horrível.

A Suzanne dá-me uma palmadinha na coxa, como costumava fazer quando éramos pequenas e eu enjoava no banco de trás da carrinha Buick da nossa mãe.

– Ainda não – diz ela.

– O que é que isso quer dizer?

– Quer dizer que a noite ainda é uma criança, tu ainda só bebeste um martini e avizinha-se uma... *pequena situação*.

– Ó Suzanne! – digo eu, horrorizada pelo que ela está a pensar. – Eu nunca seria capaz de trair o Andy. *Nunca*!

– Ellen... – diz a Suzanne levantando as sobrancelhas. – E quem falou em *trair*?

Duas horas, três bebidas e muita conversa mais tarde, a Suzanne e eu estamos de volta ao nosso quarto, perdidas de bêbadas e satisfeitíssimas. Assim que entramos, fazemos um *raid* ao mini-bar, comentando que quando se está esfomeado a este ponto, seis dólares por um pacote de M&M de amendoins não parece excessivo. E o meu pensamento flutua em direcção ao guacamole do Leo.

– Não achas melhor ligar para a recepção e pedir que nos sugiram um restaurante? – pergunto. – Apetecia-me um mexicano...

– A sério? Mas que coincidência... – diz a Suzanne, levantando o auscultador. – Já agora pedíamos já para ligarem ao Quarto 612... Melhor ainda, vamos ter directamente ao quarto dele.

Abano a cabeça e digo que ir ter com o Leo e jantar com ele, nem morta!

– Tens a certeza?

– Absoluta.

– É que eu penso que até seria divertido.

– Divertido?! Ver-me a torcer de embaraço?

– Não... Era divertido, porque o Leo é uma excelente companhia.

Não percebo se ela está a brincar comigo, a testar-me, ou simplesmente a cumprir a promessa que

fizera de não me julgar, mas tiro-lhe o telefone da mão – e o pacote de M&M.

– Vá lá... – insiste ela. – Não gostavas de saber o que o Leo tem andado a fazer durante estes anos todos?

– Acontece que *eu sei* o que ele tem andado a fazer. Reportagens e artigos, como sempre – respondo-lhe, descalçando os sapatos e enfiando os pés nos chinelos turcos do hotel. Meto uma mão cheia de M&M na boca e acrescento: – Foi assim que eu aqui vim ter, não te lembras?

– Sim, mas além da profissão.... Não sabes nada da vida pessoal dele, pois não? Nem sequer sabes se ele é casado.

– Não é casado.

– Tens a certeza?

– Não usa aliança.

– Isso não quer dizer nada. Há muitos homens casados que não usam aliança.

– Adoro o género... – murmuro.

– Não quer dizer que queiram pular a cerca – diz a Suzanne, assumindo uma posição totalmente oposta aos habituais discursos inflamados contra os pilotos namoradeiros e os homens de negócios engatões que não usam aliança e que frequentam as cabines de primeira classe onde ela trabalha. – Não usar aliança pode ser... um hábito, sei lá, da velha escola. O pai nunca usou aliança, lembras-te? E não me parece que andasse por aí à caça...

– Como é que se pode ser «da velha escola» se ainda não se tem quarenta anos?

– Claro que pode! É típico de um espírito de outros tempos... E eu acho que o Leo é um espírito de outros tempos – diz ela em tom apreciativo. Ocorre-me que chamar a alguém «um espírito de outros tempos» é sempre um elogio.

Olho-a espantada:

– E em que baseias tu essa teoria, exactamente?

– Não sei. Parece-me só... que ele não se deixou apanhar pelo materialismo, nem por nenhuma das outras artimanhas superficiais próprias da nossa geração.

– Suzanne! Onde foste tu buscar essas tretas? Estiveste com ele, no máximo, umas quatro horas ao todo!

– Faz um trabalho nobre – diz, referindo-se provavelmente à reportagem sobre o *AIDS WALK*.

– Lá porque ele se interessa pelas vítimas da SIDA não quer dizer que seja algum santo de pau carunchoso – digo eu em tom de brincadeira; mas, secretamente, tenho de admitir que ela tocou num ponto sensível do Leo que eu em tempos adorava: ao contrário de tantos homens, particularmente gente que conheci em Nova Iorque, o Leo nunca foi um arrivista social, nem um seguidor da moda. Não consultava a *New York Magazine*, nem a *Zagat* para escolher os restaurantes ou bares aonde íamos. Não usava os omnipresentes *mocassins* Gucci; nunca fazia grandes críticas a grandes obras literárias que tivesse lido, ou filmes intelectualóides que tivesse visto, ou pequenas bandas independentes que tivesse «descoberto». Nunca aspirara a viver numa mansão nos subúrbios, com uma esposa linda de morrer e um casinho de filhos. Sempre preferia viagens e novas experiências a bens materiais. E finalmente, o Leo nunca quisera «marcar posição» ou esforçar-se por ser alguém ou alguma coisa que não fosse verdadeiramente.

É o que eu digo agora à Suzanne, pensando alto, mas depois comparo em silêncio o Leo com o Andy. O Andy, que possui vários pares de *mocassins* Gucci, o Andy que frequentemente consulta as revistas da moda para escolher um restaurante; o Andy que está ansioso por abandonar a *melhor cidade do mundo* para poder viver numa mansão em Atlanta. E, embora o meu marido não possa ser acusado de jogar esse jogo urbano pretensioso que consiste em mencionar de passagem as bandas independentes mais recentes, ou filmes de autor, ou o último romance da moda, tenho de reconhecer que pelo menos *parece* ter um estilo de vida mais preocupado com o *status* do que o meu antigo namorado.

Uma onda de culpabilidade arrasta-me para o lado contrário, fazendo-me sentir como uma feroz defensora do meu marido. Qual é o mal em se apreciar as coisas boas da vida, incluindo as *de marca*? Qual é o mal em querer ter uma casa confortável e uma vida fácil para a família? Não se dá o caso de ele fazer as suas escolhas influenciado pelas escolhas do vizinho ou de seguir o rebanho sem pensar pela sua própria cabeça. O que acontece é que ele é um homem que tem gostos generalizados e adere às suas preferências sem pedir desculpa a ninguém, o que faz dele um homem tão independente como o Leo.

Além disso, porque hei-de sentir a necessidade de fazer comparações entre o Andy e o Leo, quando na verdade não há a mínima ligação entre os dois? Hesito, mas depois ponho esta questão a Suzanne esperando que ela tome uma posição diplomática e diga que eu não tenho nada que os comparar. Que o Leo não tem absolutamente nada a ver com o Andy e vice-versa.

Mas a reacção dela é:

– Primeiro que tudo, é impossível não fazer comparações. Quando uma pessoa numa estrada opta por uma bifurcação, é impossível não pensar no outro caminho da bifurcação deixado para trás. Não pensar no que teria sido a nossa vida, se...

– Talvez – digo, pensando que o caminho do Leo nunca foi uma opção real. Tentei seguir esse caminho e ele revelou-se um beco sem saída, escuro e gelado.

A Suzanne passa os dedos pelo seu longo cabelo ondulado e continua:

– Além disso, o Leo e o Andy estão ligados, pelo simples facto de os amares, ou teres amado, a ambos.

– Como assim? – pergunto, desconcertada.

– É simples: a questão é que não interessa quanto ou quão pouco duas pessoas que tu amas têm em comum... Seja em simultâneo ou com doze anos de distância entre os dois... Quer se odeiem mutuamente, quer não saibam rigorosamente nada um do outro... continuam a estar ligados, de um modo estranho. Pertencem a um mesmo grupo, tal como tu pertences ao mesmo grupo de todas as mulheres que o Andy amou. Existe uma espécie de afinidade, quer queiras quer não.

Enquanto eu rumino esta teoria, ela conta-me que encontrou recentemente a *stripper* com quem o Vince andou antes dela numa galeria de *bowling* e, embora se conhecessem apenas vagamente e tivessem poucos amigos em comum (o que é impossível evitar, quando se vive em Plymouth), acabaram por ter uma longa conversa, enquanto viam o Vince ganhar o seu primeiro e único *jogo perfeito* de trezentos pontos.

– E foi uma coisa estranhíssima... – continua a Suzanne. – Porque na verdade não falámos no

Vince, a não ser no seu estilo deselegante e desajeitado à boa moda de Brooklyn, mas foi como se ela percebesse perfeitamente aquilo por que eu passo... O que é amar o Vince, apesar dos seus disparates... E apesar de seres minha irmã e eu te ter contado muito mais coisas acerca da minha relação do que *jamais* lhe confessarei *a ela*, de certo modo ela sabe mais do que tu *alguma vez* saberás.

– Mesmo se já não gosta dele?

– Bom, baseando-me no olhar de adoração com que ela seguia as manifestações de júbilo do Vince, que correu a sala dando *fives* a toda a gente presente, a dúvida coloca-se, confesso... Mas a resposta é: sim. Mesmo já não gostando dele.

Descanso a cabeça numa almofada, sentindo abrandar o efeito do álcool, agora substituído por fadiga e uma fome de lobo. Pergunto à Suzanne se ela não preferia ficar por ali e pedir ao *room service* qualquer coisa para petiscar, mas depois lembro-me de que a vida dela é passada a voar entre cidades, sem nunca sair dos quartos de hotel. Por isso, digo-lhe que talvez ela me consiga convencer a sair.

– Não! Estás parva? – diz ela. – Não vim cá para ir curtir a noite.

– Ah... – digo eu, pregando-lhe uma repenicada beijoca na bochecha. – Vieste por causa da tua mana, não foi?

– Vai-te catar – diz ela, rindo.

– Vá lá, confessa... – insisto. Beijando-a na cara e a seguir na testa, gozando momentos como este, a única hipótese que eu tenho de beijar a minha irmã. Tal como o nosso pai, ela não se sente nada confortável perante demonstrações físicas de afecto, enquanto eu herdei o gene carinhoso da minha mãe. – Tu adoras a tua maninha! E é por isso que aqui estás. Vá, confessa!

– Nada disso. Estou aqui por duas razões.

– Ai sim? Para veres o Drake e que mais?

– Para te servir simultaneamente de *babysitter* e pau de cabeleira, minha maluca! – diz ela, atirando-me uma almofada à cabeça. – Para que havia de ser?

Está obviamente a brincar, mas é o incentivo de que eu preciso para vestir a camisa de noite, pedir duas sanduíches Club ao serviço de quartos e telefonar ao meu marido.

– Olá, querida! – diz ele. – Estão a divertir-se, as maninhas?

– Muito – respondo, pensando em como a voz dele é agradável e, de certo modo, reconfortante.

– E já engataram dois borrachos à altura? – brinca.

– Então?!... – digo, chocada, mas sentindo uma ferroadada de culpa ao lembrar-me do cheiro a álcool no hálito do Leo e o olhar demorado que ele me lançou ao sair do bar. Estou a vê-lo agora, bebericando uma *margarita*, não muito longe daqui.

– Assim é que é... linda menina! – diz o Andy num bocejo. – Adoro-te.

Sorrio e respondo-lhe:

– E eu a ti...

– O bastante para me trazeres um autógrafo?

– Tanto, também não... – *E penso: mas o suficiente para renunciar àquele guacamole e àquele homem que mais tarde vai adormecer no quarto 612.*

-
- 25 Famosas marchas organizadas inicialmente por todos os Estados Unidos e actualmente promovidas por todo o mundo, com vista à angariação de fundos para combater a epidemia. (N. da T.)
- 26 *Cocktail* baptizado com o nome do filme. Exibido em Portugal com o nome «Uma Mulher de Sonho» (N. da T.)

Capítulo 15

A meio da noite, acordo com o som da minha própria voz e a meio de um sonho com o Leo, tão real e explícito que me deixa perturbadíssima – ou melhor, envergonhada – uma sensação complicada quando nos vemos sozinhas, deitadas no escuro. Ao ouvir o suave ressonar da Suzanne na cama ao lado, recomponho-me, recupero o fôlego e reproduzo calmamente todos os pormenores tórridos: a silhueta dos seus ombros largos e musculados flectidos sobre mim; as suas mãos entre as minhas pernas; a sua boca no meu pescoço; e aquela primeira investida, tão suave e quente, dentro de mim.

Mordo o lábio superior com força, bem desperta pelo formigueiro que sinto pelo corpo todo só de saber que ele está já ali, num quarto do andar de cima, numa cama igualzinha a esta, quem sabe a sonhar com o mesmo que eu ou até absolutamente desperto, desejando que estivesse a acontecer. Tal como eu.

Teria sido tão fácil... dou por mim a pensar. Bastava-me ter pegado no telefone, ligado para o quarto 612 e murmurado: *Posso ir ter contigo?*

E ele teria respondido: *Claro, querida, vem já.*

Tenho a certeza que ele me teria pedido que subisse. Sei-o por causa do compromisso que temos amanhã – o facto concreto de estarmos *ambos* aqui em Los Angeles, instalados no *mesmo* hotel. Sei-o por causa do olhar inequívoco que ele me lançou no bar, um olhar que nem mesmo à Suzanne passou despercebido. Mas, sobretudo, devido ao quão fantástico sempre foi o sexo entre nós. Por mais que o queira negar ou ignorar, ou concentrar-me apenas no modo como as coisas acabaram, sei quão forte foi a nossa relação. E ele também se deve lembrar.

Fecho os olhos, o coração acelerado por algo muito parecido com medo, imaginando-me a levantar-me da cama, sair do meu quarto, percorrer os corredores do hotel, encontrar o quarto do Leo e bater à porta uma vez. Uma vez apenas, tal como ele fez quando foi ter comigo ao meu quarto na altura em que fomos ambos notificados pelo mesmo tribunal, já lá vai tanto tempo. Consigo ver claramente o Leo à minha espera, de barba por fazer e olhos de sono, conduzindo-me até à sua cama e despindo-me lentamente.

Já debaixo dos lençóis, não perderíamos tempo a discutir quem deixou quem, porque é que acabámos ou o que se passou nos últimos oito anos. Não falaríamos de fosse o que fosse, nem de fosse *quem* fosse. Não haveria sequer palavras trocadas. Apenas o som de dois corpos a ofegar em, a

beijarem-se, a devorarem-se.

Digo a mim mesma que *isso* nem sequer seria importante. Estando tão longe de casa. A meio da noite. Digo a mim mesma que seria apenas a continuação turva de um sonho demasiado gratificante, demasiado real para sequer resistir.

Quando acordo novamente, umas horas mais tarde, o sol brilha através das janelas e a Suzanne já anda a cirandar pelo quarto, a arrumar as coisas dela (e as minhas), enquanto olha para a televisão, acesa mas sem som.

– Que horror, que luz insuportável! – resmungo.

– Eu sei... Esquecemo-nos de correr os cortinados – responde casualmente, enquanto arruma os artigos de *toilette*.

– E também nos esquecemos de tomar Guronsan... – replico, semicerrando os olhos para me defender do doloroso pulsar da têmpora esquerda; uma sensação que tanto me faz recordar a faculdade: a manhã seguinte a uma noite de extremos com álcool a jorros e música aos berros, já para não falar nos beijos dados a alguém para quem, estando no nosso perfeito juízo, jamais olharíamos duas vezes. Contudo, obrigo-me a pensar que, neste caso, não era de toda a mesma coisa. *Nada* se passara na noite anterior. Tudo não passara de um sonho. Ponto final. E por vezes – *muitas vezes* – os nossos sonhos não significam *absolutamente nada*. Lembro-me de uma vez, ainda eu usava aquele sinistro objecto de tortura chamado «aparelho», ter tido um sonho, no mínimo *sugestivo* com o meu dentista, um tipo indescritivelmente feio, gordo e careca, pai de um colega de turma que, não desfazendo, tinha bem a quem sair. E posso garantir que jamais desejei o Dr. Popovich, nem sequer ao nível do subconsciente.

Contudo, no meu íntimo, eu sabia que *este sonho* não era desses. Este sim, significava algo. Mais importante ainda, eu sabia que o problema não era sequer o sonho *em si*, mas sim o modo como eu me tinha sentido depois, já acordada e bem acordada. O modo como me sinto *agora*, aliás.

Sento-me na cama, espreguiçando-me e sentindo-me muito melhor só por sair da posição horizontal. Depois, já levantada, passo para o *modo profissional*. Assumo perante a Suzanne uma atitude eficiente, enérgica e pronta para o que der e vier. Não me posso dar ao luxo de me deixar levar por fantasias ridículas e ilusórias quando tenho mesmo à minha frente uma excelente oportunidade de carreira. Parafraseando o meu ídolo e mentor, Frank, *Vamos a isto!*

Mas duas horas mais tarde, depois de verificar e contra-verificar o meu equipamento, de rever as minhas notas, de telefonar ao meu assistente *freelancer* para conferir a nossa agenda, e de confirmar com a gerente da cafetaria que *de facto* fecharia a casa durante duas horas – a pedido expresso do próprio Drake – enfio-me debaixo do chuveiro, com a água a ferver fustigando-me as costas... e ainda a pensar no Leo. A desejar ter-me lembrado de meter na mala um vestido mais giro para usar durante a sessão fotográfica. Imaginando quão mal me sentiria agora caso tivesse ligado ontem à noite para o quarto dele. Perguntando-me se teria valido a pena, e depois maldizendo-me só por pensar numa coisa dessas.

De repente, a Suzanne interrompe-me os pensamentos berrando-me através da espessa cortina de vapor:

– Morreste aí dentro ou quê?

– Não – respondo em tom lacónico, lembrando-me dos nossos tempos de adolescência em que ela conseguia abrir a porta da casa de banho com um gancho de cabelo, roubando-me o único momento de privacidade que eu conseguia ter no nosso sempre superlotado rancho.

– Isso são nervos ou sentes-te assim tão suja? – pergunta-me, limpando o espelho com uma toalha de bidé e preparando-se para lavar os dentes.

Fecho a água, saio da banheira, enrolo uma toalha na cabeça e acabo por admitir que sim, que estou nervosa. Só não lhe confesso que a razão principal do meu nervosismo tem muito pouco a ver com o facto de ir fotografar o Drake.

É absolutamente surreal a visão dos dois juntos, conversando animadamente, frente a um hambúrguer (o Leo) e uma salada grega (o Drake). Por um breve momento, perco-me na infinidade dos pormenores. Reparo que ambos têm o cabelo muito parecido, do mesmo tom castanho-escuro, mas enquanto o Drake ostenta uma barba de dois dias e o cabelo ligeiramente oleoso, o Leo surge impecavelmente barbeado, quase conservador, por comparação. Ambos vestem camisas pretas, mas a do Leo tem um ar muito *gap* quando comparada com a do Drake, muito mais *fashion* e justa (para além de ser seguramente cinco vezes mais cara). Aprimorou o seu atraente *look* com um discreto brinco em prata, vários anéis e os seus famosos óculos âmbar, uma imagem de marca.

Mas mais do que a roupa ou a aparência, é o ambiente plácido e relaxado da mesa que me deixa absolutamente fascinada. Para mérito do Leo, o Drake parece algo desprotegido, absorto mesmo, pelas perguntas a que certamente já terá respondido mil vezes, ao passo que o Leo se mostra cem por cento descontraído, com aquele à-vontade atraente e sensual. Noto que trocou o habitual bloco de notas amarelo por um pequeno e sofisticado gravador prateado, discretamente colocado em cima da mesa, junto ao saleiro e pimenteiro. De facto, e a não ser pela subtil presença do gravador e pelo facto do Drake ser *o Drake*, nada naquele ambiente indicava que estivesse a decorrer uma entrevista. Até mesmo o séquito de leais seguidores do Drake, com o seu *look* desleixado-chique, mantinha uma respeitável distância junto ao balcão. Já tinha visto gente das relações públicas pululando à volta de celebridades bem menos famosas e de entrevistadores bem menos acreditados, «cães de guarda» sempre atentos a eventuais perguntas estúpidas ou desapropriadas. Era óbvio que aquela matilha estava convencida de que Leo era um tipo íntegro, ou pelo menos um jornalista íntegro.

– Caraças... – segreda-me a Suzanne embasbacada a olhar para a mesa. – O gajo é *mesmo* giro.

Concordo com um aceno de cabeça, bem ciente de que não estamos a falar do mesmo homem, e lanço um último e discreto olhar de adulação ao Leo.

Até que finalmente digo:

– Bom, vamos mas é trabalhar. – E começo a preparar o equipamento, olhando em volta à procura do melhor *background*. – Finge que és a minha assistente, OK?

– Na boa – responde-me ela, enquanto a gerente da cafetaria, uma mulher atarracada e de expressão carregada chamada Rosa, nos vem perguntar pela terceira ou quarta vez se queremos tomar alguma coisa. Tenho a sensação de que o dia de hoje representa o grande momento da sua carreira, tal como para mim, se bem que apenas uma de nós tenha agora uma fotografia de 8x10 autografada

por Drake, prontinha a levar.

Digo à Rosa que não queremos nada, obrigada, e ela insiste com um «Nem sequer um café ou uma água?»

Já estou suficientemente nervosa para me arriscar a uma dose de cafeína, por isso aceito uma água enquanto a Suzanne aproveita a deixa para pedir um batido de morango.

– Excelente escolha! Somos famosos pelos nossos batidos – diz Rosa, orgulhosamente, antes de desaparecer para tratar do pedido.

Deito um olhar meio desaprovador meio divertido à minha irmã. Ela encolhe os ombros.

– Que queres que te diga? Funciono muito melhor com açúcar no sangue. Não queres o melhor para os teus funcionários?

Reviro os olhos, aliviada por verificar que o meu *verdadeiro* assistente acabava de chegar. Justin, com a sua carinha laroca plena de juventude, trouxe consigo alguns projectores e outro equipamento alugado, demasiado pesado para transportar num avião. Depois das devidas apresentações e dois dedos de conversa, ponho-o a par do tipo de fotos que tenho em mente e peço-lhe a opinião, algo que o deixa nitidamente agradado. O seu entusiasmo, por seu lado, faz-me sentir como a velha e experiente profissional, o que me proporciona uma dose extra de confiança. O Justin concorda com a minha visão quanto ao enquadramento e à iluminação, acrescenta-lhe uma ou outra ideia sua, e metemos ambos mãos à obra, montando projectores, fazendo medições de luz e disparando meia dúzia de planos de teste. Entretanto, a Suzanne presta-se a uma patética tentativa de auxílio enquanto, pelo canto do olho, tenta apanhar qualquer coisa da entrevista.

Enquanto nos movimentamos por entre os cubículos da pequena cafetaria, não consigo evitar ouvir uma ocasional pergunta do Leo, e umas quantas perolazinhas inspiradoras do Drake até que, por fim, o Justin e eu estamos prontos para começar. Dou uma olhadela ao relógio, percebendo que estamos perfeitamente à vontade e sinto-me finalmente relaxada pela primeira vez nesse dia, ou talvez mesmo na semana toda.

Isto, claro, até ouvir o Leo dizer o meu nome. Volto-me e deparo-me com ele e o Drake a olharem-me na expectativa.

– Chega cá! – diz o Leo, acenando-me como se fôssemos os amigos mais velhos e chegados do mundo.

Sinto o coração a falhar-me, por variadas razões. Ou pelo menos por duas.

– C’um caraças, ele está a olhar para ti cá de uma maneira... – murmura-me a Suzanne, bebericando o seu batido. E acrescenta: – Faças o que fizeres, por amor de Deus, não tropeces nesses cabos.

Respiro fundo, dizendo mentalmente umas quantas palavras encorajadoras e sentindo-me agradecida por não estar de saltos altos, e dirijo-me à mesa rodeada já por meia dúzia de solícitos elementos do *staff* do Drake.

Leo olha-me pelo meio deles, como se fossem invisíveis, e diz-me:

– Olá, Ellen!

– Olá, Leo – respondo.

– Senta-te – diz ele, provocando-me uma sensação de *dèjà vu*. Ontem tínhamos passado

exactamente pelo mesmo, o que talvez não justificasse o devido recuo histórico para um *dèjà vu*. *Pára com essas deambulações despropositadas*, penso, sentando-me ao lado dele no apertado cubículo vermelho. Ele afasta-se ligeiramente, mas só um pouquinho, de maneira a ficarmos suficientemente juntos para nos podermos tocar, caso nos desse para isso.

– Ellen, este é o Drake Watters. Drake, apresento-te a minha querida e velha amiga, Ellen – diz ele em mais um momento surreal. Não acredito que estou a ser apresentada ao Drake, e muito menos que é o Leo que nos está a apresentar!

Instintivamente estendo a mão ao Drake, mas de repente lembro-me de Frank me chamar a atenção para o facto de muitas celebridades serem misofóbicas²⁷, por isso opto antes por lhe dirigir um respeitável aceno de cabeça.

– Viva, Drake – saúdo, com o coração aos pulos.

– É um grande prazer conhecer-te, Ellen – diz ele no seu melodioso sotaque sul-africano. Tem um ar ainda mais *cool* do que eu imaginei, mas ao mesmo tempo há algo nele de intrigantemente simples, quase banal.

– Igualmente – respondo, lembrando-me automaticamente de outra coisa que o Frank me disse: a sentença de morte para um fotógrafo é aborrecer uma celebridade com conversa de chacha ou demasiado obsequiosa. Não que tivesse em mente dizer-lhe algo desse género, a não ser talvez: *Sou, sei lá, absolutamente louca por uma canção sua*. Se bem que até seja verdade, sei que jamais lhe diria algo tão ridículo. No entanto, sinto-me algo preocupada com a hipótese de vir a fazê-lo. Aquele tipo de medo absolutamente inconsciente que temos, por exemplo, de cairmos do último piso de um centro comercial.

Vejo um dos seus variados assistentes a esfregar as mãos uma na outra, indicando que não haveria mais conversa de chacha a partir daquele momento.

– Você é a Ellen Dempsey? – pergunta-me, igualmente com sotaque sul-africano, se bem que muito menos sensual do que o do Drake.

– Sou – digo timidamente, desejando ter também assumido profissionalmente o apelido do Andy quando casámos.

– Tem quinze minutos para as fotografias – diz-me outro assistente com um tom levemente condescendente.

– Tudo bem – respondo, desviando o olhar para o Drake. – Vamos a isto?

– Claro – diz ele num tom perfeitamente adequado a uma estrela do rock, *cool*, descontraído e muito simpático. – Onde é que me queres?

Aponto para um cubículo logo atrás do nosso, e passo para piloto automático. Não me resta tempo para ficar nervosa.

– Pode ser ali – oriento-o. – Sente-se descontraidamente e, por favor, pegue na sua chávena de chá. Acho que ficava giro na fotografia.

– Porreiro... Também ainda não a tinha acabado – observa com um sorriso simpático.

Ao vê-lo deslizar para o banco do cubículo que lhe indiquei, apanho o Leo a deitar-me um olhar que apenas pode ser descrito como *carinhoso*. Retribuo-lhe com um pequeno e sincero – *quase* carinhoso – sorriso.

– Boa sorte – murmura, olhando-me nos olhos.

Reajo, subitamente apanhada pelo seu olhar. Depois, e mais uma vez contra todos os meus intentos, dou por mim a perguntar-lhe:

– Esperas por mim?

– Como é óbvio... – respondi com uma sorriso. – Não te vias livre de mim assim tão facilmente.

Sorrio uma vez mais e de repente ocorre-me que não vou conseguir esconder para sempre a participação do Leo nesta história. O Andy e a Margot verão fatalmente o nome dele a assinar a entrevista. Aliás, *toda a gente* verá o nome dele na entrevista. Os nossos nomes surgirão impressos lado a lado, juntamente com o do Drake, e todos na mesma página! Mas ao pegar na minha câmara digo a mim mesma que este dia talvez valha umas quantas futuras complicações.

Os quinze minutos seguintes são de pura adrenalina: eu a disparar noventa e quatro fotos enquanto vou dando uma torrente de monótonas instruções ao Drake: *sente-se ali, um pouco mais para a esquerda, levante um bocadinho o queixo, um sorrisinho, um grande sorriso, não sorria agora, pegue na caneca, mãos na mesa, mãos no colo, olhe em frente, olhe pelo vidro, olhe para mim. Finalmente: OK, está ótimo, acho que chega. Obrigadíssima, Drake.*

E acabei. Sinto-me maravilhosamente. E a melhor parte, a que mais eufórica me deixa, é que sei que tirei *uma* fotografia fantástica. Uma obra-prima. Sei *sempre* quando isso acontece e hoje estou mais certa do que nunca de que a tirei: o Drake, com a dose certa de luz natural atrás de si, criando um suave efeito de halo; o vermelho do cubículo contrastando com o preto da camisa e o branco da caneca; as linhas sólidas da mesa, o vidro e a fantástica estrutura óssea do Drake. Perfeição.

– Obrigado eu, Ellen Dempsey – retribui, sorrindo. – Não doeu nada...

Eu sorrio, ou melhor, derreto-me para ele, retendo o modo como ele consegue fazer soar o meu vulgaríssimo nome como se fosse um poema ou uma das suas canções. Sinto-me com uma enorme *pedrada*, física e emocional.

Por fim, depois do Drake ter sido literalmente arrastado pelo seu séquito, do Justin ter arrumado o equipamento, da Rosa ter colado a sua fotografia autografada ao lado da caixa registadora e da Suzanne ter devorado («provado», segundo palavras suas) um gelado de chocolate com malte, vejo-me sozinha com o Leo, nos fundos da cafetaria, encostada a uma parede e olhando para os seus olhos... mais uma vez.

²⁷ A misofobia descreve o medo patológico do contacto com a sujidade e do pavor da contaminação por germes. (N. da T.)

Capítulo 16

– E então?... Como é que te sentes? – ouço-o perguntar-me, retendo o meu olhar com a força de um campo magnético.

Aquela pergunta dúbia deixa-me estonteada e não consigo deixar de me perguntar se ele estará a ser vago intencionalmente.

– Referes-te à sessão fotográfica?

– Claro – diz ele olhando-me fixamente. – À sessão fotográfica e a tudo o resto.

Ergo o olhar para ele, quase tentada a confessar que me sinto completamente extasiada. Que nunca tive uma hora de trabalho tão excitante, tão gratificante, e que raramente experimentei a química pura que sentia naquele momento; que muito embora lhe tenha dito que não queria ficar amiga dele, não conseguia descartar completamente essa hipótese; que muito embora estivesse *muito bem casada*, sentia uma estranha e fortíssima ligação a ele e que não queria que isso acabasse aqui, para sempre.

Mas, claro, não lhe digo nada disto, pelas mais óbvias e variadas razões. Em vez disso, dirijo-lhe um sorriso *blasé* e digo que tenho a certeza de ter conseguido algumas fotos bastante boas.

– Por isso não te preocupes. As minhas fotos não vão com certeza estragar a tua entrevista.

– Ótimo – diz, soltando uma gargalhada. – Confesso que estava meio preocupado com isso. Desde o minuto em que falei com o teu agente que pensei: «Que chatice, ela vai arruinar-me o texto».

Sorrio, um nadinha sedutoramente de mais, e ele devolve-me o sorriso nos mesmos moldes. Depois de um pesadíssimo silêncio de dez segundos, pergunto-lhe se conseguiu bom material.

O Leo assente, dando uma palmadinha no gravador guardado no bolso de trás das calças.

– Sim... Nem sabia muito bem do que estava à espera. Já tinha ouvido dizer que ele era um tipo porreiro, simpático e muito acessível, mas... nunca sabemos com que humor é que as pessoas estão, certo? Se há alguém que sabe do que estou a falar és tu...

Concordo.

– Pois... Os entrevistados renitentes nunca são fáceis. Se bem que, muitas vezes, a arrogância e o mau humor dão origem a fotografias bem melhores do que à partida se possa pensar.

O Leo avança um passo na minha direcção.

– É tudo uma questão de química, acho eu – diz ele sugestivamente.

– Pois – concordo, sentindo um sorriso ridículo a aflorar-me o rosto. – A química é muito

importante.

Outro desconfortável momento passou antes de o Leo me perguntar, de um modo tão ágil e casual que quase pareceu mordaz, o que eu ia fazer mais tarde. Uma pergunta que eu sonhara ouvir dúzias de vezes ao longo do dia, desejando ter reservado mais uma noite no Beverly Wilshire, mas sentindo-me ao mesmo tempo aliviada por ter um bilhete electrónico na carteira para me proteger de mim própria.

– Volto para Nova Iorque – digo-lhe.

– Ah... – murmura. E quase que podia jurar que o seu olhar descaiu ligeiramente. – A que horas é o voo?

– Vou no das nove e meia.

– Oh... que pena – diz Leo, deitando uma olhadela ao relógio.

Solto um som indicativo de alguma relutância em fornecer informações, e calculo mentalmente o tempo que ainda me resta em L. A. Frenética, a minha mente rebusca uma qualquer maneira de poder passar algum tempo com ele em vez da minha irmã, que continua alegremente atrás do balcão.

– Quer dizer que não te convenço a ficares mais uma noite?

Hesito, buscando desesperadamente uma solução. Uma forma de poder ficar mais um dia e, simultaneamente, manter a coisa honesta e transparente. Até que recordo o sorriso do Andy, as suas covinhas e os olhos azuis tão vivos e límpidos, e não me resta alternativa senão dizer:

– Não dá... tenho mesmo de voltar.

Não há mesmo maneira nenhuma de contornar a coisa.

– Compreendo – diz ele rapidamente, parecendo ter conseguido ler nas entrelinhas. Olha para baixo, ajustando a correia da sua mala de carteiro verde, uma cor mais viva do que eu esperava do Leo, e dou por mim a pensar se terá sido um presente, e quão bonita será a mulher que lha deu, e se ainda estarão juntos.

Ele olha para mim e pisca-me alegremente o olho:

– Tudo bem. Combinamos qualquer coisa da próxima vez que vieres a L. A.... fotografar o Drake.

– Claro – respondo, lutando para encontrar um sarcasmo à altura para lhe devolver. Arrisco: – Combinamos qualquer coisa da próxima vez que me deixares e me voltares a encontrar por acaso anos depois e me aliciares com um trabalho que pode muito bem representar um dos pontos mais altos da minha carreira.

Ele parece genuinamente surpreendido.

– De que é que estás a falar?

– Que parte é que não percebeste? – digo eu sorrindo, numa tentativa de atenuar aquela minha polémica pergunta.

– Eu não te *deixei* – diz ele.

Reviro os olhos e solto uma gargalhada.

– Pois não...

Ele parece sentido, ou pelo menos apanhado de surpresa.

– Não foi *bem* assim.

Estudo-lhe o rosto, supondo que ele esteja a querer poupar o meu orgulho, fingindo que a nossa ruptura foi mútua. Mas não lhe vejo qualquer sinal de estratégia, nenhum resquício de outra coisa

senão de genuína surpresa perante a minha «versão» da história.

– Ai não? Então foi como? – confronto-o.

– Nós... Não sei... Sei que fui uma besta e que me levei demasiado a sério... Lembro-me da véspera de Ano Novo... mas não me consigo lembrar *realmente* porque é que acabámos... Tenho mesmo a sensação de termos acabado por... *nada de especial*.

– Nada de especial? – digo eu sentindo-me, agora sim, mesmo à beirinha do desespero. Nesse preciso momento vejo a Suzanne aproximar-se.

Deve ter reparado na minha expressão, porque balbuciou um «desculpem», parando abruptamente. Forço um sorriso e digo-lhe:

– Não, deixa-te estar. Estávamos só aqui a falar... sobre... o Drake.

A minha irmã lança-me um olhar de quem não acreditou, mas resolve entrar no jogo.

– Ah... E o que acharam dele? É assim tão terra-a-terra quanto parece?

– Completamente – diz Leo. – Muito genuíno e boa onda.

– Muito mesmo – acrescento eu, sentindo as entranhas a revolverem-se.

– Qual foi a parte melhor da entrevista? – pergunta ela ao Leo. – Ou vou ter de esperar para comprar a revista?

Leo finge considerar a pergunta, mas depois sorri e diz-lhe que confia nela, desatando a dissertar sobre a entrevista feita ao Drake, detendo-se em pormenores sobre o trabalho dele no que se refere à defesa do perdão da dívida aos países do terceiro-mundo, bem como as suas mais acesas críticas à actual administração americana, tudo temas em que eu não me consigo focar. Em vez disso, luto contra o brotar de nostálgicos sentimentos que sinto no peito, e obrigo-me a pôr um ponto final naquilo tudo o mais depressa possível.

Aproveito então uma curtíssima pausa naquela animada conversa entre os dois para dizer:

– Bom, é melhor irmos andando.

Leo assente com um gesto de cabeça, assumindo uma expressão impassível que me é mais do que familiar.

– Claro – diz.

– Obrigada por tudo, mais uma vez – remato.

– Eu é que te agradeço. E fico ansioso por ver as tuas fotos.

– E eu por ler a tua entrevista. Sei que vai sair fantástica.

Sinto toda aquela excitação e entusiasmo que me invadiu até há poucos minutos esvair-se completamente do meu corpo. *Altos e baixos*, penso. Com o Leo, sempre foi assim: altos e baixos.

Suzanne finge observar um poster emoldurado e pendurado na parede atrás de nós, como que a querer dar-nos uns últimos minutinhos de privacidade, enquanto o Leo se limita a dirigir-me mais um obrigado. Por um breve momento, parece preparar-se para me dar um abraço. Mas não o faz. Diz-me apenas:

– Tem uma boa viagem.

Mas tudo o que eu ouço é: *Tem uma boa vida*.

Uma vez no táxi de regresso ao hotel, a Suzanne observa-me e as suas sobrancelhas franzem-se

numa expressão que demonstra simpatia. Finalmente, diz:

– Pareces triste. – O seu tom é suave. – Estás triste?

Não consigo reunir energia suficiente para mentir, por isso, confirmo-o com a cabeça – se bem que «absolutamente inconsolável» seja a expressão mais fiel para definir o meu estado.

– Não sei porquê – balbucio. – É tudo tão... estranho... Vê-lo novamente...

– É normal – diz a minha irmã, pegando-me na mão.

– Será? – pergunto eu. – Porque se queres que te diga, não *me parece* normal. E o Andy não iria achar isto nada normal, garanto-te.

A Suzanne olha pela janela antes de me colocar a derradeira questão:

– Ainda sentes alguma coisa por ele ou achas que é apenas nostalgia?

– Eu acho que é mais do que simples nostalgia – confesso.

A minha irmã suspira antes de observar:

– Pois, bem me parecia. – E depois, quase como se quisesse consolar-me: – Mas também te digo que percebo perfeitamente o que tu vês nele. Morenaço, *sexy*, inteligente...

Deixo escapar um risinho irónico:

– Pois, isso também não ajuda. Mesmo *nada*. Mas obrigada na mesma.

– Lamento – diz ela.

– Também eu... E sabes o que é que também não ajuda nada? – pergunto-lhe, enquanto o táxi pára à porta do hotel e nos vemos subitamente rodeadas de solícitos bagageiros.

A Suzanne olha-me, esperando a resposta.

– O facto de o Leo me ter dito que, por mais que se esforce, *não se lembra mesmo* das razões por que acabámos.

– Poça! – exclama ela de olhos escancarados. – Ele disse isso?!

– Pois disse...

– Essa é bestial!

Concordo, enquanto pago ao taxista.

– Pois é... Achas que ele estava a querer deixar-me maluca?

Ela faz uma pausa antes de retorquir:

– Por que raio é que ele faria uma coisa dessas?

– Não sei – digo eu, avançando pelas portas giratórias e dirigindo-me à recepção onde a nossa bagagem ficou guardada. – Talvez queira apenas fazer-me sentir melhor em relação ao passado. Ou talvez tenha sido uma... «*trip* de poder», sei lá.

– Pois, não sei... Eu não o conheço. O que é que *tu* achas?

Encolho os ombros e digo-lhe que não me parece provável. Nenhuma das teorias, aliás. Que não é o género do Leo querer fazer alguém sentir-se melhor e que também não o considero um jogador ou um manipulador.

Sentamo-nos em duas confortáveis poltronas na recepção e reparo que a minha irmã está com ar contemplativo. Por fim ouço-a observar:

– Bom, na volta aquilo que ele disse é mesmo verdade: não se consegue lembrar porque é que, *como é que*, a relação acabou. E talvez tenha querido dizer-te que gostaria que as coisas tivessem

acontecido de maneira diferente.

Passo as mãos pelo cabelo e respiro fundo.

– Achas mesmo que possa ter sido isso?

Ela assente.

– Claro. E isso até é bom não é? Afinal é o que todas nós desejamos em segredo: que o tipo que nos deixou se sinta culpado, arrependido e que acabe por vir ter connosco assumir isso... E o melhor disto tudo é que tu não te arrependes de nada.

Olho para ela.

– Pois não? – pergunta-me ela, subitamente na dúvida. Hesito. A resposta pode deitar muita coisa a perder. As minhas escolhas. O Andy. Tudo na minha vida.

– Claro que não – afirmo entusiasticamente. – Não me arrependo nem um pouquinho.

– Ótimo, então... – diz-me ela com a sua habitual convicção. – Está resolvido.

Três horas mais tarde, depois de termos partilhado uma refeição *fast-food* no aeroporto e de nos despedirmos efusivamente uma da outra, embarco no meu avião, sentindo uma forte dor no peito e a nítida sensação de «assunto mal resolvido». Ocupo o meu lugar do lado da janela na última fila, ouvindo vagamente as entediadas instruções da hospedeira e revisitando os acontecimentos do dia, especificamente o final abrupto daquele meu último encontro com o Leo. Em retrospectiva, desejava ter conseguido confessar à Suzanne que precisava de mais um tempinho com ele. Teria sido, no mínimo, estranho fazer-lhe esse pedido, mas uma hora ou até trinta singelos minutinhos teriam sido suficientes para evitar aquele desconsolado desfecho de uma sessão fotográfica tão emocionante. E serviriam também para eu tentar pôr uma pedra no tão inquietante assunto da nossa ruptura.

Não obstante o facto de eu não me arrepender particularmente de nada que tenha acontecido na minha vida, não consigo deixar de querer desesperadamente entender a minha intensa relação com o Leo, assim como aquela turbulenta fase entre a adolescência e a idade adulta, em que tudo nos parece cru, estimulante e assustador – e sobretudo a razão pela qual todos estes sentimentos me estavam a invadir novamente o espírito neste momento.

Tento ainda muito rapidamente ligar ao Andy para lhe dizer que o voo não se atrasou, mas ele não atende. Deixo mensagem, dizendo-lhe que a sessão fotográfica correu lindamente, que o amo e que tenho saudades. Depois dedico-me a observar atentamente o fluxo de passageiros que ainda se estão a instalar e rezo para que o lugar ao lado do meu fique vazio ou, pelo menos, seja ocupado por alguém silencioso e sossegadinho. Mas, um segundo depois, vejo um homem com ar desleixado e a cheirar a álcool e tabaco chegar junto de mim, com um enorme e oleoso saco de papel da Burger King numa mão, e na outra, uma garrafa de plástico de litro e meio cheia de um duvidoso líquido acastanhado.

– Ora viva! – berra-me. – Parece que fico ao seu lado!

Atendendo ao seu inequívoco «aroma», à garrafa que traz consigo, aos olhos raiados de sangue e ao volume excessivo, deduzo que já está bêbado, ou muito próximo disso. Antevejo uma longa noite de *cocktails*, um ocasional entornar de bebida para cima de mim acompanhado de profusos pedidos de desculpa, inapropriadas tentativas de me limpar e a habitual conversa de bêbado. A única alternativa que me resta é calá-lo já, frustrando-lhe desde logo quaisquer eventuais tentativas de

comunicação. Assim, nem sequer lhe respondo, esboço o mais pálido sorriso que me é possível e fico a vê-lo literalmente aterrar no seu lugar e automaticamente, para meu enorme horror, descalçar os ténis nauseabundos e exhibir as peúgas sujas. Furiosa, vejo os seus rechonchudos braços e cotovelos gretados a invadir o *meu* parco espaço.

– Fogo, já não podia com os chispes! – anuncia, depois de libertar os pés suados. E oferece-me uma batata frita. – É servida?

Contenho-me em soltar uma graça desagradável, murmuro um «não, obrigada» e enfio rapidamente os auscultadores nas orelhas, voltando-me para a janela e recostando-me no assento. Depois, procuro o canal de música clássica, fecho os olhos e tento pensar noutra coisa que não o Leo. Quinze minutos e uma dúzia de cotoveladas depois, sinto o avião a deslizar pela pista, ganhando velocidade antes de se inclinar enjoativamente para trás. Assim que começa a descolagem, cravo irracionalmente as unhas no meu apoio de braço, lutando por afastar do espírito imagens de chamas e de aço esmagado e derretido. *Não nos vamos despenhar*, penso. O destino não seria tão cruel ao ponto de me fazer passar os últimos minutos de vida junto àquela criatura sentada ao meu lado. Mas quando finalmente abro os olhos, o meu companheiro e o seu festim Burger King não estão lá.

No seu lugar engordurado, como que por magia, está nada mais, nada menos, do que o Leo.

Dirige-me um sorriso rasgado e exclama:

– Também vim no teu voo!

– Estou a ver – digo eu, esforçando-me por suprimir um sorriso rasgado, mas sem sucesso.

– E consegui... trocar de lugar – acrescenta ele.

– Também estou a ver – observo, já de sorriso assumidamente escancarado.

– És muito espertinho, não és?

– Espertinho? Acabei de te salvar daquele palhaço... que está bêbado e descalço e, neste preciso momento, muito confortável em executiva. Acho que fui mais *cavalheiro* do que *engraçadinho*, não te parece?

– Prescindiste de um lugar em *executiva*?! – exclamo, sentindo-me ao mesmo tempo lisonjeada e estranhamente poderosa.

– Sim... Já viste? E em troca de um lugar do meio, em plena cauda do avião.

– Realmente... Isso é que ser cavalheiro – observo.

– E que tal um «obrigada»?

– Obrigada.

Fico subitamente apavorada perante a perspectiva de passar as próximas cinco horas coladinha ao Leo sem a menor hipótese de fuga. O meu coração acelera.

– Não tens de quê – diz ele alegremente, reclinando ligeiramente o assento e abrindo e fechando o seu tabuleiro numa nítida atitude de nervosismo.

Estabelecemos um furtivo contacto visual, uma proeza algo complicada quando se está sentado lado-a-lado, antes de me decidir a sorrir, abanar a cabeça e desviar o olhar para a janela.

A hospedeira informa que o sinal de apertar os cintos ainda está aceso e que será o comandante a informar-nos do momento seguro para nos levantarmos. *Perfeito*, penso. Estou completamente encurralada e sem ter feito rigorosamente nada para isso.

Decorrem mais uns quantos minutos de carregado silêncio, comigo de olhos fechados e a pensar que, quase que por milagre, o meu pânico de voar desapareceu.

– Então, diz-me lá... – ouço o Leo dizer finalmente. Abro os olhos e apercebo-me de que o avião finalmente estabilizou, cruzando agora os céus da Califórnia. – Onde é que ficámos?

Capítulo 17

Não me lembro que resposta dei àquela primeira pergunta do Leo; lembro-me, sim, de termos conseguido com grande sucesso contornar o assunto «ruptura», como é que acabou exactamente a nossa relação, ou qualquer outra questão de natureza pessoal durante a maior parte do voo. Em vez disso, ficámo-nos por assuntos triviais como filmes, música, viagens e trabalho. O tipo de conversa que se tem quando nos acabaram de apresentar alguém que gostaríamos de conhecer melhor – ou com um velho conhecido que já não vemos há muito. Ficámo-nos pela superfície das coisas, e contudo também sentimos uma ligeireza subjacente, um fluir natural de perguntas e respostas, pautado por agradáveis períodos de silêncio. Tão agradáveis, de facto, que somos naturalmente conduzidos até terreno íntimo.

E isso aconteceu de modo inocente, quando eu lhe estava a contar uma recente sessão fotográfica que fizera nas Montanhas Adirondack.

– É uma sensação única fotografar uma terrinha pequena e os seus habitantes – estava eu a dizer. – Pessoas intrinsecamente amarradas à sua geografia... É tão gratificante...

Sinto a voz a falhar-me quando vejo que o Leo está a olhar-me fixamente. Volto-me para ele e ouço-o dizer-me:

– Tu amas mesmo o teu trabalho, não amas? – O seu tom expressa uma tal admiração, que sinto o coração flutuar.

– Amo – respondo em tom suave. – Amo mesmo...

– Apercebi-me disso durante a sessão de hoje... Adorei ver-te trabalhar.

Sorrio, resistindo à tentação de lhe dizer que também adorei observá-lo ao longo da entrevista. Mas prefiro deixá-lo continuar.

– É giro... – comenta ele, como se estivesse a pensar em voz alta. – Em algumas coisas pareces-me a mesma Ellen que conheci em tempos e noutras pareces tão... *diferente*...

Pergunto-me em que é que ele terá baseado aquele raciocínio, já que desde o momento em que esbarrámos um no outro naquele cruzamento da Broadway, não trocámos mais de meia dúzia de frases. Mas, por outro lado, sinto que a minha percepção do Leo também está a mudar e dou por mim a pensar que não só existem sempre duas versões da mesma história, como essas versões também podem mudar ou evoluir ao longo do tempo.

Vejo o Leo dar um gole no seu copo de plástico com *ginger ale* e gelo, e de súbito vejo-me a mim mesma através dos seus olhos. Antes e agora. Dois retratos absolutamente opostos, mas com um núcleo comum. Penso no meu antigo eu – a rapariguinha carente, só, órfã de mãe e perfeita estranha na grande cidade, lutando por encontrar a sua identidade, uma identidade apartada da sua sufocante terra natal, a sua reconfortante e superprotegida experiência universitária, a sua alegre e radiosa melhor amiga.

Vejo-me a apaixonar-me pela primeira vez e como aquele amor tão avassalador pelo Leo me pareceu ser a resposta a tudo o que eu procurava. Ele era tudo aquilo que eu aspirava ser: apaixonado, forte, nobre, e estar com ele fazia-me sentir, no mínimo, um subproduto de todas essas coisas. E contudo, quanto mais eu me esforçava por consolidar-me nessa relação, mais insegura me tornava. Na altura, considerei o Leo o único culpado, mas olhando para trás, consigo ver que também eu tive a minha quota-parte de responsabilidade. No mínimo, dá para perceber porque me tornei menos atraente aos seus olhos.

Retenho o comentário dele dessa manhã, de se ter levado demasiado a sério. Talvez seja verdade, mas agora sei que *eu* não me *leve*i suficientemente a sério. E foi justamente essa combinação letal que tornou a nossa ruptura inevitável.

– Pois é... É bom saber que cresci um bocadinho – acabo por dizer, enquanto me passam pela mente variadíssimos *flashes* da nossa relação, coisas que eu entretanto suprimi ou simplesmente esqueci. Recordo, por exemplo, o quanto o Leo adorava um bom debate, de como o seu rosto se franzia de desagrado quando eu não tinha opinião, e da sua frustração perante a minha falta de independência, a minha tendência em acomodar-me ou optar pela solução mais fácil – quer na vida profissional, quer na pessoal.

– Tivemos muito que aprender, tu e eu... Muita coisa a entender do mundo e muitas decisões a tomar – remata o Leo, confirmando a minha teoria de que não era eu a única a pensar na *nossa relação*.

– E então? – digo, algo hesitante. – Chegaste a alguma conclusão?

– A algumas, sim. Mas a vida é uma longa caminhada...

Assinto com a cabeça, lembrando-me da minha mãe. *Se tivermos sorte*.

Ficámos em silêncio durante algum tempo, enquanto me vou apercebendo de que, pela primeira vez desde que conheci o Leo naquela sessão de tribunal, já não conseguia categorizar tão claramente aquilo que ele representava para mim ao longo da nossa relação. Ele já não era o homem dos meus sonhos, o tipo perfeito que eu em tempos tinha colocado num pedestal; nem tão-pouco o vilão que a Margot tanta questão fizera em demonizar; nem, aliás, um homem qualquer nesse determinado *continuum*. Foi tão somente o homem errado para mim, nessa altura. Nada mais, nada menos.

– Deves estar exausta – diz o Leo espreguiçando-se longamente. – Vou deixar-te dormir um pouco.

– Não, tudo bem. Prefiro conversar mais um bocadinho – digo rapidamente.

Quase que ouço o sorriso na voz dele ao responder-me:

– Passavas a vida a dizer isso...

Nesse preciso instante vêm-me ao espírito uma dúzia de coisas diferentes, todas elas inusitadas e inapropriadas e que eu quase deixo escapar. Mas consigo controlar-me e, em vez disso, desvio a

conversa para a pergunta que estava doida para lhe fazer desde que o reencontrei naquela tarde chuvosa:

– Então e tu... Andas com alguém, agora?

Mantenho a expressão, preparando-me emocionalmente para a sua resposta, sentindo uma onda de ciúme que desesperadamente não quero sentir. Mas quando ele assente, sinto um estranho alívio, visualizando uma beleza escultural com um leve sotaque estrangeiro, de cativante inteligência e com um intrigante e irresistível toque de malícia. O tipo de diva que a Nico dos Velvet Underground descreve no tema «Femme Fatale». Imagino-a com *brevet* de piloto e exímia na preparação de *shots* para os rapazes, mas também a saber tricotar na perfeição camisolas para o Leo e cozinhar requintados e exóticos pratos com três tipos diferentes de azeite. Ela é graciosamente ágil, de pernas longas e bem delineadas, deslumbrante tanto num vestido de noite como numa *t-shirt* branca e nuns *boxers* do Leo.

– Isso é óptimo – digo, um tanto entusiasticamente de mais. – E tu estás... Quero dizer, a coisa é... séria?

– Acho que sim... Já estamos juntos há dois anos – responde. Logo a seguir surpreende-me levando a mão ao bolso de trás das calças, sacando da carteira e mostrando-me uma fotografia dela. O Leo que eu conheço (*conheci?*) era tudo menos o género de andar com uma foto da namorada na carteira, e muito menos de a exhibir a quem quer que fosse. Mas fico ainda mais chocada ao olhar para a fotografia e ver uma loira completamente desenxabida, posando junto a um enorme cacto verde-vivo.

– Como é que ela se chama? – pergunto, observando os seus braços fortes e bronzeados, o cabelo à rapazinho e o sorriso rasgado.

– Carol – responde-me.

Repito mentalmente aquele nome, concluindo que ela é exactamente isso mesmo, uma *Carol*: sã, descomplicada, generosa.

– É bonita – digo, devolvendo-lhe a foto. Pareceu-me o comentário mais apropriado a fazer, aliás, o único comentário possível.

Leo volta a guardar a fotografia e enfia a carteira no bolso de trás das calças, num gesto que me diz que concorda com a minha opinião, mas que não considera a aparência da namorada um assunto importante ou sequer interessante.

Ainda assim, e não obstante o seu *look* perfeitamente banal, sinto uma inesperada pontada de ciúme, que acho que não teria sentido caso ele me tivesse mostrado o mulherão que eu esperava ver. Uma coisa era ser confrontada com uma sósia da Angelina Jolie, outra era deparar-me com alguém tão simples, e quiçá menos atraente do que eu. Obrigo-me a pensar que isto não é nenhum concurso de beleza, ergo a cabeça e pergunto-lhe:

– E onde é que tu e a Carol se conheceram?

O Leo pigarreia, como se quisesse de alguma maneira embelezar a verdade, mas acaba por dizer:

– Não foi uma história nada especial.

Como é óbvio, a resposta deixa-me toda contente.

– Ora... conta lá! – insisto, rezando por ouvir a descrição de um banal *blind-date*, aquilo que eu

considero o mais baixo patamar da pirâmide do romantismo.

– OK... Conhecemo-nos num bar, na mais repugnante noite do ano... pelo menos em Nova Iorque.

– Na passagem de ano? – pergunto, exibindo um largo sorriso para disfarçar qualquer resquício de amargura.

– Quase... – diz, catrapiscando os olhos. – No St. Patrick's Day²⁸.

Sorrio, lembrando-me do desdém que ambos sentíamos pelo 17 de Março.

– Ora... Qual é o teu problema? Não me digas que não adoras um belo e ruidoso *pub* apinhado de bêbados aos pulos e aos saltos a emborcar cerveja logo de manhã?

– Claro que sim... – diz ele. – Quase tanto como adoro aqueles miúdos aos berros e podres de bêbados a vomitarem na estação de metro de Upper East Side, enquanto esperam pelo comboio das seis da manhã.

Rio-me.

– Mas que raio é que estavas tu a fazer num *pub* no St. Patrick's Day, afinal?

– Pois é, eu sei... Achas estranho, não é?... Mas deixa-me dizer-te que já não sou o bicho careta que conheceste em tempos. Sei lá, acho que um irlandês qualquer me deve ter arrastado para lá nessa noite em particular...

Resisto à tentação de dizer: *Coisa que eu nunca consegui fazer*. Em vez disso, pergunto:

– Então a Carol... é irlandesa?

Tenho a nítida noção de que foi uma pergunta estúpida e meramente de circunstância, mas pelo menos permite-me ficar a par da actual vida amorosa do Leo.

– Mais ou menos... Inglesa, escocesa, irlandesa, de tudo um pouco. – E acrescenta num tom de «mero acaso»: – Ela é de Vermont.

Forço um sorriso simpático, imaginando com alguma vergonha a doce Carol abrindo as portas do celeiro da casa de família, num frio e revigorante dia de Outono, exemplificando orgulhosamente ao namorado cosmopolita como mugir uma vaca... os dois rindo descontroladamente perante a absoluta e total inépcia dele para a tarefa... esguichando leite para a cara, antes de se desequilibrar e cair do banquinho de madeira para cima de um monte de feno... com ela a cair por cima dele, as fivelas de metal das alças das jardineiras de ganga a soltarem-se sensualmente...

Repudio a imagem e permito-me uma última incursão ao assunto *Carol*.

– O que é que ela faz? Profissionalmente, quero dizer.

– É cientista – diz. – Investigadora na área da medicina na Columbia University... Especializou-se em arritmia cardíaca.

– Uau! – digo, impressionada como, julgo eu, as pessoas que usam mais o lado direito do cérebro se impressionam perante as pessoas que usam mais o lado esquerdo, e vice-versa.

– Pois... Ela é mesmo um crânio.

Fico a olhar para ele à espera de mais, mas torna-se óbvio que desistiu finalmente de falar na Carol. Cruza as pernas e declara num tom falsamente casual:

– Agora é a tua vez. Fala-me do Andy.

Não é uma pergunta fácil de se responder, mesmo que quem a tenha feito não seja um ex-namorado, por isso, sorrio e observo:

– Ouve, eu sei que és jornalista e adoras perguntas *deixadas em aberto*, mas... podias ser um bocadinho mais específico? O que queres saber realmente?

– OK, queres que seja específico... Deixa ver... Ele gosta de jogos de tabuleiro?

Rio-me, lembrando-me de que como o Leo *já* se dignava a jogar um jogo de tabuleiro comigo.

– Gosta – acabo por dizer.

– Ah... que bom para ti – limita-se a comentar.

Sorrio, concordo com um sinal de cabeça e pergunto:

– Mais alguma coisa?

– Hmm... É do tipo de saltar o pequeno-almoço ou considera-o a refeição mais importante do dia?

– A última hipótese.

Ele parece ligeiramente pensativo, até que solta a seguinte:

– Acredita em Deus?

– Sim... E em Jesus Cristo também.

– Muito bem... E, diz-me lá... Tem por hábito meter conversa com pessoas nos aviões?

– Ocasionalmente – digo eu a sorrir. – Mas não com ex-namoradas... Pelo menos que eu saiba...

O Leo lança-me um olhar envergonhado, mas não morde o isco. Limita-se a suspirar ruidosamente e a prosseguir:

– OK... Ouve lá esta... O teu marido parece genuinamente surpreendido quando tira a carga da garrafa de Coca Cola e descobre que, *c’um caraças, que seca*, «Ainda Não Foi Desta Que Ganhaste»?

Desato a rir.

– Essa tem imensa piada! – exclamo. – Porque... Acertaste em cheio! Ele está sempre à espera de ganhar. É um eterno optimista.

– Estou a ver... – diz ele. – Parece que encontraste um belo e genuíno marido Jogador-de-Damas, Fundamentalista-do-Pequeno-Almoço, Temente-a-Deus e de personalidade Copo-Meio-Cheio.

Desato à gargalhada, até que me apercebo de que entreguei, ou antes, *traí* o Andy, através daquele ridículo questionário do Leo. Pior ainda: de certa maneira menosprezei aquilo que ele realmente é. Então resolvo rematar com uma observação decididamente fiel e leal:

– O Andy é um tipo fantástico. Uma excelente pessoa... Tenho muita sorte.

O Leo revolve-se desconfortavelmente no seu lugar e olha-me, com o sorriso a desvanecer-lhe do rosto:

– Ele também tem muita sorte.

– Obrigada – murmuro, sentindo-me corar.

– Acredita que é verdade – diz. – Sabes, Ellen... nem percebo como te deixei escapar.

Dirijo-lhe um sorrisinho tímido. Envergonho-me só de pensar o maravilhoso que é uma frase tão simples poder ser tão terapêutica, emocionante e desestabilizadora, tudo ao mesmo tempo!

E a coisa só piora – ou *melhora* – quando o Leo reclina o seu banco e põe o cotovelo no seu apoio ficando com o braço coladinho ao meu. Fecho os olhos, inspiro profundamente e sinto uma torrente de calor e energia que literalmente me corta a respiração. É aquela sensação de querer *tanto* uma coisa que ultrapassa uma vulgar necessidade física. E o poder, a *urgência* dessa necessidade deixa-

me absolutamente assoberbada.

Dou a mim mesma a ordem mental de retirar o braço, sabendo o quão imperativo é eu ter a atitude certa. Ouço nitidamente o grito dentro da minha cabeça: *Sou uma feliz recém-casada e amo o meu marido!* Mas não adianta. Por mais que queira, não consigo obrigar-me a retirar o braço. Não consigo mesmo. Em vez disso, reclino o meu assento até ficar alinhado com o dele e separo os dedos, desejando desesperadamente que ele os encontre. E é precisamente o que ele faz, de início com alguma indecisão, os nossos mindinhos mal se tocando, depois sobrepondo-se ligeiramente, depois um nadinha mais, e mais ainda, como se uma força invisível o empurrasse para mim; para cima de mim.

Pergunto-me se ele estará ainda a olhar para mim, mas recuso-me a abrir os olhos na esperança de que a escuridão me faça sentir menos culpada, que torne aquilo que estou a fazer menos real. Malogradamente, o efeito é precisamente o oposto – tudo parece *mais* real, mais intenso, do mesmo modo que conseguimos sempre concentrarmo-nos mais num sentido em particular quando os outros estão anestesiados.

O tempo vai passando, mas nenhum de nós fala agora que a mão do Leo se encontra já completamente em cima da minha. O peso dela, o seu calor, a sua delicadeza, são os mesmos que senti naquela cafetaria, no dia em que tudo isto começou, mas o gesto em si é completamente diferente. Este contacto não é accidental numa conversa. Ele é a própria conversa. E é também um convite. Um convite que eu aceito com um lânguido rodar do pulso até ficar com a palma da mão voltada para cima, tocando a dele... até que ficamos *oficialmente* de mãos dadas. Digo a mim mesma que se trata do mais inocente dos gestos. Os namoradinhos de liceu dão as mãos. Os pais e os filhos dão as mãos. Os *amigos* dão as mãos.

Mas não desta maneira. *Jamais* desta maneira.

Ouçó o som da sua respiração, o seu rosto próximo do meu, enquanto os nossos dedos se entrelaçam, se apertam, se acomodam. E assim voamos para Leste, eventualmente adormecendo, suspensos no céu, suspensos no tempo... juntos.

O período de tempo seguinte é nebuloso, comigo a adormecer e a acordar. Ouço muito vagamente os anúncios do comissário de bordo, mas só acordo completamente quando me apercebo de que estamos a iniciar a aterragem no aeroporto JFK. Olho pela janela, vislumbrando milhares de luzinhas minúsculas lá em baixo, e volto-me para o Leo que ainda dorme, com a sua mão sobre a minha. Tem o queixo levemente caído, o corpo ligeiramente enrolado e voltado para mim, o rosto iluminado pelas ténues luzes da cabine. Memorizo freneticamente aquelas belíssimas sobranceiras, as patilhas levemente desalinhas, a cana do nariz longa e direita, as pálpebras grandes e ovas.

Sinto o estômago a revolver-se ao perceber que estou a sentir-me exactamente da mesma maneira como me senti na manhã seguinte à nossa primeira noite de amor. Nessa manhã tinha acordado ainda de madrugada e recordo perfeitamente ter ficado assim, em êxtase, observando-lhe o rosto até ao mais ínfimo pormenor e perguntando-me: *E agora, como vai ser?*

Também agora faço a mim mesma essa pergunta, com a diferença de que obtenho uma resposta completamente diferente. Não há nada de esperançoso neste momento. Não se trata de um princípio,

mas de um fim. Está quase na hora de largar a mão do Leo. Quase na hora de nos despedirmos.

Poucos minutos depois aterramos e vejo o Leo sobressaltar-se e abrir escancaradamente os olhos. Boceja, endireita-se no banco e dirige-me um breve sorriso, algo desorientado, murmurando:

– Olá...

– Bom dia – digo suavemente. Sinto a garganta seca e apertada, mas não consigo precisar se é de sede ou de tristeza. Ainda pondero a hipótese de me debruçar e pegar na minha mala para tirar de lá a garrafa de água, mas ainda não me sinto preparada para quebrar o nosso contacto, e muito menos por uma simples necessidade de hidratação.

– Já é de manhã? – pergunta, espreitando a janela por cima do ombro.

– Quase... São seis e meia... Chegámos adiantados.

– Que chatice... – diz ele, com o rosto reflectindo o mesmo desalento e conflito íntimo que eu própria sinto.

– Que foi? – pergunto, desejando desesperadamente que ele o verbalize pelos dois, querendo ouvi-lo dizer-me que nem acredita que já estejamos de volta a Nova Iorque e que chegou o momento de seguirmos as nossas vidas. Separadamente.

Ele baixa os olhos para as nossas mãos entrelaçadas e comenta:

– Tu sabes a que me refiro...

Confirmo com a cabeça e acompanho-lhe o olhar até aos nossos polegares entrecruzados. Por fim, aperto-lhe a mão uma última vez antes de a largar.

Nos minutos que se seguem, seguimos a manada, recolhendo, cabisbaixos, a bagagem de mão, vestindo os casacos e saindo do avião em direcção ao terminal de desembarque. Seguimos ambos em silêncio, sem a menor comunicação até trocarmos um olhar assim que chegamos à porta das espaçosas casa de banho – um olhar que significa que vamos esperar um pelo outro.

Contudo, alguns minutos mais tarde, já depois de eu me ter penteado e lavado os dentes, ainda me surpreendo ao vê-lo à minha espera, encostado à parede cinzenta, tão fresco e com tão bom aspecto que me deixa abananada. Dirige-me um meio-sorriso, depois abre um pacote de pastilha-elástica, desembrulha uma e mete-a na boca, mastigando-a e estendendo-me o pacote.

– Queres uma?

– Não, obrigada – murmuro.

Volta a guardar o pacote no bolso do casaco e desencosta-se finalmente da parede colocando a mala a tiracolo.

– Pronta?

Baixo a cabeça e lá seguimos, de novo em silêncio, até à recolha de bagagem.

– Despachaste alguma bagagem? – pergunta-me ao descermos as escadas rolantes.

– Só o meu equipamento. Um saco... E tu? – pergunto-lhe, já sabendo de antemão que a resposta é *não*; o Leo viaja sempre o mais *light* possível.

– Não, nada... Mas espero por ti.

Obviamente não me oponho, e assim que chegamos ao tapete rolante das malas, dou por mim a rezar para que o pessoal da bagagem continue em plena pista, em amena cavaqueira e a fumar um cigarrinho. Mas não tenho essa sorte: vejo logo o meu saco preto a aproximar-se vagorosamente e

não tenho outro remédio senão pegar nele.

– Deixa, eu tiro-o – diz-me, empurrando-me levemente para o lado e tirando-me o pesado saco das mãos. Por um ínfimo segundo faço de conta que aquela é a minha vida real. O Leo e eu, jornalista e fotógrafa, regressando juntos de mais uma viagem de trabalho.

Com a mala dele a tiracolo e o meu saco na mão, o Leo pergunta-me:

– Tens carro?

– Não. Vou apanhar um táxi.

– Vamos no mesmo?

Digo que sim, mesmo sabendo estar apenas a prolongar o inevitável.

O rosto dele ilumina-se, deixando-me ao mesmo tempo surpreendida e reconfortada.

– OK, ótimo, então vamos lá! – diz ele alegremente.

Lá fora está uma manhã de início de Primavera límpida e fresca. Uma suave luz rosada ilumina um céu sem nuvens. Não há dúvida de que vamos ter um belo dia. Dirigimo-nos à fila de táxis, curta e a seguir com fluidez, e tomamos o nosso lugar. Minutos depois, o Leo está a pôr a nossa bagagem na mala do táxi.

– Para onde? – quer saber o taxista, já connosco instalados no banco de trás.

– Dois sítios diferentes – responde Leo. – Primeiro é para a Astoria-Newton Avenue com a 28th. E depois... – Olha para mim de sobrelance arqueada, à espera que eu lhe dê a minha morada.

– 37th com a Third Avenue – digo, imaginando de imediato o interior do meu apartamento naquele momento: persianas corridas e tudo em silêncio, à excepção dos sons abafados do trânsito matinal; o Andy, de *t-shirt* coçada e calças de pijama, a dormir todo enroladinho na nossa cama. Uma onda de culpa esmaga-me o peito, mas desculpo-me mentalmente pensando que em breve estarei em casa.

– Então vives em Murray Hill? – pergunta ele num tom aprovador. Ele nunca fora um grande fã do meu antigo bairro.

– Sim. Nós gostamos muito do sítio – afirmo. – É calminho e muito central...

Nós, penso. Eu e o meu marido.

Apercebo-me de que também o Leo registou o pronome, já que me faz um ligeiro aceno de cabeça a roçar o respeitoso. Ou, quem sabe, esteja apenas a pensar na outra metade do seu próprio *nós* – a Carol, que pode até estar neste momento em sua casa, esperando por ele na sua mais *sexy* camisa de noite. Enquanto percorremos a Long Island Expressway, chego à conclusão de que não faço a menor ideia se eles vivem juntos, ou sequer se o Leo vê o casamento, com ela ou seja com quem for, no seu horizonte.

Também me apercebo de que nunca referi ao Leo a minha provável mudança para Atlanta. Prefiro pensar que isso não passou de um mero esquecimento, mas bem no meu íntimo sei que se tratou de uma omissão intencional, mesmo não sabendo a causa. Terá sido por medo que ele interpretasse essa atitude como a velha e conformada Ellen indo incondicionalmente atrás do seu maridinho? Ou por receio que ele me descartasse completamente por causa da distância? Ou talvez porque, no fundo, eu *não me quero mudar*, apesar do que disse ao Andy?

Mais uma vez digo a mim mesma que vou ter mais do que tempo para este tipo de análise, quando já não estiver com o Leo. Agora, a única coisa que quero é desfrutar ao máximo da beleza do

momento que estou a viver – o nascer do sol no horizonte, o suave cantarolar da música egípcia na rádio, a sensação de ter o Leo ao meu lado no banco do táxi, enquanto percorremos juntos a última etapa da nossa jornada.

Minutos depois, saímos no Astoria Boulevard, mesmo debaixo da Triborough Bridge e do metro de superfície. Ergo o olhar para a treliça de carris e sinto-me inundada de recordações, de todas aquelas vezes que apanhei o metro da linha amarela para vir para esta parte da cidade. Mais recordações me invadem quando, ao virarmos para o bairro onde o Leo vive, me deparo com uma imagem mais do que familiar: as filas de casinhas de tijolo, pintadas em suaves tons de creme, vermelho e rosa, com os seus contentores cinzentos e toldos verdes. O Leo aponta para o seu edifício, mesmo a meio do quarteirão, e diz para o taxista:

– É já aí à direita, por favor... Onde está essa carrinha branca.

E, por fim, quando o táxi encosta, vejo-o a olhar-me fixamente, abanar a cabeça e dizer exactamente aquilo que me está a passar pela mente nesse momento:

– Isto é tão... estranho, bolas...

– A quem o dizes... – declaro. – Jamais pensei voltar aqui.

Ele morde o lábio inferior e diz-me:

– Sabes o que me apetecia fazer neste momento?

Meia dúzia de imagens ilícitas passam-me pela cabeça naquele segundo e pergunto, nervosa:

– O quê?

– Arrebatá-lo deste táxi e levá-lo ao colo para dentro de casa.

A voz dele é tão baixa que quase me hipnotiza.

– Fazer-te uns ovos com *bacon*... Café... Depois sentar-me contigo no sofá e... olhar para ti.

Olhar para ti e conversar... o dia todo.

O meu coração acelera, a querer saltar-me do peito, enquanto penso em todas as outras coisas que fizemos naquele segundo andar, a uma escassa dúzia de passos de onde me encontro agora. Todas as outras

coisas *para além de conversar*, é claro. Mergulho nos olhos dele, sentindo-me fraca e ligeiramente nauseada, enquanto me esforço desesperadamente por me convencer que entrar naquele apartamento com ele seria uma coisa perfeitamente decente. Porque não entrar e ficar só um bocadinho, para um cafezinho rápido? O Andy nem sequer acordou ainda, não iria sentir a minha falta por mais um hora ou duas. Que mal é que tinha, afinal?

Aclaro a garganta, esfrego nervosamente os nós dos dedos nas coxas, dou uma olhadela ao taxímetro que continua alegremente a marcar. Por fim, digo:

– Então é isso que te apetece? Um café e mais dois dedos de conversa?

Ele olha-me longamente – muito longamente *mesmo* – até que declara:

– OK, tens razão. Desculpa... – Depois passa a mão pelo cabelo, solta uma nervosa baforada de ar e tira duas notas de vinte da carteira.

Abano a cabeça, em recusa.

– Não, Leo, nem penses... Eu pago.

– Nem pensar – diz ele. É algo que ele e o Andy têm em comum: recusam-se terminantemente a

deixar uma rapariga pagar seja o que for. Mas enquanto que no Andy o gesto é de puro cavalheirismo, no Leo é uma mera questão de orgulho. Estende-me de novo as notas: – Vá lá...

– Isso é muito – protesto. – O taxímetro ainda só marca catorze dólares.

– Aceita, Ellen – diz ele. – Por favor.

Só por não querer que o nosso último momento se resuma a uma discussão parva sobre uns míseros dólares para o táxi, aceito o dinheiro e digo-lhe:

– OK, pronto. Obrigada.

– O prazer é meu... Aliás, nestas últimas quarenta e oito horas... o prazer foi todo meu. – As suas palavras são educadas, mas o tom é tudo menos mecânico. Ele *sente* o que diz. Adorou os momentos que passámos juntos... Tanto quanto eu.

Apanho o taxista a olhar-nos com ar desconfiado através do retrovisor, antes de sair do carro e se dirigir ao porta-bagagem, onde acende um cigarro e fica à espera.

– Seremos assim tão óbvios? – graceja o Leo.

– Pelos vistos – respondo, rindo-me nervosamente.

– Bom... Onde é que nós íamos?

– Já não me lembro – digo eu, sentindo-me tonta e muitíssimo triste.

O Leo olha em volta, depois para o tejadilho do táxi e de seguida para mim.

– Acho que podemos concluir que, na tua opinião, entrar comigo não é lá muito boa ideia, certo?

– Certo... – digo, num fio de voz.

– OK... – diz o Leo, de olhar ardente no *meu* olhar igualmente ardente. Então ficamos por aqui.

– Sim... – murmuro. – Ficamos por aqui.

Ele hesita e por um segundo, tal como na cafetaria, fico à espera que ele me abrace ou até me beije. Mais uma vez me engano. Dirige-me um sorrisinho triste e prepara-se para sair. Ouço a porta do táxi bater e vejo-o pôr a mala a tiracolo, atravessar a rua em direcção ao seu prédio e subir os degraus de dois em dois até à porta de casa. Não se volta para me acenar, nem sequer dirige um último olhar ao táxi. Abre a porta do prédio e desaparece no interior. Os meus olhos enchem-se de lágrimas à medida que seguimos pela rua e nos afastamos daquele bairro, e repito mentalmente aquelas palavras finais, uma e outra vez: ficamos por aqui.

²⁸ Dia de São Patrício, festa anual que celebra o mais importante padroeiro da Irlanda, habitualmente comemorado a 17 de Março um pouco por toda a América, com paradas e outras brincadeiras que incluem muitas vezes os célebres *leprechauns*, duendes verdes irlandeses que guardam o pote de ouro existente no final do arco-íris. (N. da T.)

Capítulo 18

Durante o meu curto percurso de Queens a Manhattan, passo de um estado de desalento e profunda tristeza, para outro, algo mais poético, melancólico e nostálgico – o que, pelo menos, representa um passo na direcção certa: o arrependimento. Mas quando abro a porta do nosso apartamento e vejo o Andy com o seu velho roupão escocês verde, o preferido, a barrar cuidadosamente uma *waffle* com manteiga, sinto apenas uma pura, inadulterada e dolorosa *culpa*. Estranhamente, contudo, é quase um alívio sentir-me assim – e uma prova de que não me extraviei assim tanto. Que, no meu íntimo, continuo uma esposa decente.

– Olá, querida! – diz o Andy, pousando a faca na bancada para me dar um forte abraço com cheirinho a *que saudades eu tinha de ti*. Sinto-lhe o aroma fresco e doce a rapazinho, tão diferente do de Leo, forte e almiscarado.

– Olá, Andy – digo, recorrendo ao formalismo de o tratar pelo nome, algo que os casais raramente fazem a não ser quando estão chateados ou quando chamam um pelo outro pela casa fora. Depois, ainda pioro a coisa ao perguntar, num tom mais acusatório do que agradavelmente surpreso, que faz ele a pé tão cedo. Não consigo evitar pensar que a transição seria mais fácil, bem menos abrupta, se ele ainda estivesse a dormir.

– Tinha saudades tuas – responde, beijando-me a testa. – Não durmo nada bem sem ti.

Sorrio e digo-lhe que também tive saudades, mas a desagradável sensação de que isso não passa de uma mentira, que não tive saudades *nenhumas* do meu marido, dá à minha culpa um toque de pânico. Tento desculpar-me, dizendo a mim mesma que até teria tido saudades, caso não reencontrasse o Leo. Afinal, tinha sido uma viagem curta e intensa. Tive muito trabalho, um trabalho sério e rigoroso. E passei uns bons momentos com a minha irmã. E conheci e fotografei o *Drake Watters*, por amor de Deus... Nestas circunstâncias, *não* ter saudades do cônjuge é perfeitamente natural, previsível mesmo. Justifico-me, pensando que aquele que fica em casa, na mesma rotina do dia-a-dia, é quem sente sempre mais a falta do outro. Eu, por exemplo, sinto-me *completamente* sozinha quando o Andy vai para fora em negócios.

– Tens fome? – pergunta-me.

Respondo que sim, pensando que também isso era previsível, depois de uma noite em claro tendo comido apenas um pacote de amendoins.

– Toma, come – diz-me, estendendo-me o prato com a sua *waffle*.

– Não, essa é tua – digo, peremptória. Porque, no fundo, uma coisa é viajar romanticamente toda uma noite, de mão dada com um ex-

-namorado; outra é roubar uma *waffle* quentinha e muito apetitosa ao marido esfomeado.

– Não, come tu esta – insiste ele, pegando num frasco de mel e regando a *waffle* com um amoroso e cursivo *E* e empurrando o prato na minha direcção.

Recordo como aceitei o dinheiro do Leo para pagar o táxi e decido que não posso, portanto, recusar esta singela oferta do meu atencioso marido.

– OK, obrigada – digo-lhe com um sorriso, tirando um garfo da gaveta dos talheres e encostando-me à bancada para comer.

O Andy observa-me enquanto como.

– Está boa? – pergunta com seriedade, como se fosse um *chef* e aquela *waffle* a sua mais recente inovação culinária. Relaxo e sorrio. É o meu primeiro sorriso genuíno dessa manhã. É incrível como o Andy consegue fazer do mais básico acontecimento doméstico um momento especial, imbuído da maior ternura e afecto.

– Deliciosa... – digo por fim. – A melhor *waffle* que comi na vida...

Ele sorri orgulhosamente e prepara-se para fazer outra para ele, servindo-nos dois copos de leite para acompanhar.

– Então conta lá como é que correu tudo – diz-me num tom animado e genuinamente interessado.

Sento-me à mesa da cozinha a saborear a minha *waffle*, enquanto lhe vou falando da viagem, e obviamente, deixando o Leo de fora da experiência. Falo-lhe do hotel, da minha irmã, da cafetaria, do excitante que foi conhecer o Drake e no quão satisfeita fiquei com as fotos.

– Estou doido para as ver – diz-me ele.

– Acho que vais gostar.

Muito mais do que do artigo.

– Quando é que posso vê-las?

– Logo à noite – digo, perguntando-me se terei forças para aguentar o resto dia sem uma sesta. – Ainda quero trabalhar um bocadinho nelas esta tarde...

O Andy esfrega as mãos e exclama:

– Então e o meu autógrafo? ConseguiSTE-me um autógrafo, espero...

A minha cara diz tudo. E odeio-me por me ter esquecido de pedir ao Drake esse embaraçoso favor. Tudo serviria para mitigar a culpa que sinto agora.

– Desculpa, amorzinho... – digo com sinceridade. – É que... não surgiu mesmo a oportunidade, a sério.

Ele solta um suspiro melodramático e bebe o último gole de leite. Fica com uns amorosos bigodes brancos que só servem para me apertar mais o coração. Por fim, limpa a boca a um guardanapo de papel e diz:

– Tudo bem, eu percebo. Não levo a mal essa tua *deslealdade*.

Está a brincar, obviamente, mas aquelas palavras são punhaladas desferidas em cheio no meu coração. Não há maneira de contornar a realidade: sou asquerosa. Sou uma *péssima* mulher. Talvez

não merecedora de uma tortuosa punição, mas, sem dúvida, digna de severas críticas. Por um segundo considero confessar tudo, pecado por pecado, até aquele desvio perfeitamente evitável pela Astoria-Newton Avenue. Mas o Andy quebra-me o momento, afastando os pratos sujos. Depois, olha para mim, estala os nós dos dedos e declara de sorriso aberto:

– Então... e queres saber das *minhas* novidades?

– Claro – murmuro, indagando o que se poderá ter passado por cá nos últimos dois dias que possa ser apelidado de *novidade*.

– Consegui apanhar um voo de última hora e *também eu* fiz uma viagensinha...

O meu coração pára. Sei exactamente o que aí vem e fico súbita e literalmente em estado de alerta.

– Fizeste?

– Sim... Até Atlanta. Para ver a nossa casa.

Olho para ele, sentindo um sorriso forçado a desenhar-se no meu rosto, ao pensar: *a nossa casa*.

Ele, por outro lado, está extasiado:

– É espantosa, Ellie! Adoro-a. A Margot *amou-a*, e a minha mãe nem se fala! Vais adorá-la, tenho a certeza. É perfeita! É ainda melhor... ao vivo!

Recolho o oxigénio suficiente para fazer a pergunta:

– Então... *compraste-a*?

Preparo-me psicologicamente, quase desejando que a resposta seja «sim», para não ter de tomar uma decisão final. E, mais importante, para ser *eu* a sentir-me enganada. Antevejo já a discussão, as lágrimas de indignação nos meus olhos ao dizer-lhe: *Devias ter falado comigo primeiro! Que tipo de homem compra uma casa sem consultar previamente a mulher?* Quer o Andy o saiba quer não, ficamos quites. Uma deslealdade conjugal por outra.

Mas, como é óbvio, ele abana a cabeça e declara:

– Não, é claro que não a *comprei*. Achas que o faria sem falar primeiro contigo? Se bem que... já tenha aqui uma oferta, prontinha a ser enviada por fax... Basta tu dares o sim! – Aponta para um envelope fechado que repousa em cima da mesa. – Acho que devemos agarrar isto com ambas as mãos, querida. A casa é muito melhor do que todas as outras que vimos até hoje... Chamosa, de excelente construção, acabamentos de luxo... É perfeita. E a dois passos da casa da Margot... Que tal metermo-nos num avião no fim-de-semana e ires lá vê-la? Gostava *mesmo* que a visses.

Olha-me na expectativa, com a inocência típica de um garotinho, o que me faz ter vontade de lhe gritar: *Por que raio pareces sempre tão feliz?! Num misto de louvor e de crítica. É uma das coisas que eu mais adoro no Andy, se bem que, neste momento, fosse igualmente aquilo que eu mais gostaria de conseguir mudar nele. Não torná-lo infeliz, claro, mas apenas um bocadinho mais... simples. Será que ele não vê as consequências que uma decisão destas acarreta? Não terá pelo menos algumas reservas em ir viver para tão perto da sua família? Em ir trabalhar com o pai? Em deixar a cidade que tanto amamos?*

De repente sinto o coração a encher-se de ressentimento, e ainda que me apeteça refrear parcialmente todo aquele fervor do Andy, sinto que as minhas emoções resultam de uma única fonte, de um único factor, de um único conflito interno.

O Leo.

Enquanto o Andy espera pela minha resposta, lembro-me que qualquer que seja a decisão tomada em relação àquela casa, ou sequer sobre a nossa mudança para Atlanta, a minha vida decorrerá *sem que o Leo faça parte dela*. Por isso, necessito absolutamente de apagá-lo desta equação e decidir o que é melhor para o Andy e para mim.

Mas, ao olhar nos olhos do meu marido, o muro entre os dois mundos desfaz-se – o mundo dentro do avião, na noite passada, e tudo o que poderia ter acontecido. Assim como a minha vida com o Andy, seguindo em frente, na nossa nova casa em Atlanta. Uma casa com dois, talvez três, carros na garagem. E um adorável *golden retriever* correndo atrás de bolas de ténis amarelas por um extenso e verdejante relvado. E a Margot, mesmo ao fundo da rua, pronta para trocar receitas e mexericos sobre a vizinhança. E o Andy a sair todas as manhãs para o jardim para ir buscar o jornal, no seu roupão de flanela axadrezado e chinelos de velhote. E crianças, rosadinhas e loirinhas de olhos azuis, de braçadeiras cor-de-laranja fluorescente a dar mergulhos na piscina das traseiras. E eu, à janela da cozinha, descascando maçãs para uma tarte e recordando com nostalgia a minha vida anterior e os empregos que tive. Recordando momentos como aquele em que fotografei o Drake Watters em Los Angeles e a última manhã em que vi o Leo.

Baixo o olhar para a mesa, perguntando-me quanto tempo levará até eu finalmente deixar de pensar no toque da sua mão, no avião. Até aquele momento final no banco de trás do táxi deixar de me estar cravado na mente, como uma imagem de um filme a preto e branco. E o medo que a saudade nunca acabe e me faça, um dia, deitar tudo a perder e gritar: *Vamos p'rá frente!*

No fundo, o Andy está apenas à espera da minha permissão para mandar um fax. E eu estarei apenas a alinhar numa mudança de casa, a fazer um investimento conjunto na compra de um bem imobiliário em Atlanta. Mas, no meu íntimo, sinto que é muito mais do que isso. No fundo, estarei a penitenciar-me. Estarei a provar o meu amor. A renovar os meus votos. A salvaguardar o meu casamento. A escolher o Andy.

– Não queres mesmo ir até lá vê-la pessoalmente? – pergunta-me outra vez, pousando com ternura a ponta dos dedos na dobra do meu cotovelo.

Aquela poderá ser a minha última saída, o subterfúgio que me resta. A única coisa que tenho a fazer é ir ver a casa e descobrir uma qualquer lacuna, *uma qualquer falha que seja*, algo que não esteja bem. Uma má vibração qualquer. Um *feng shui* desagradável em que o Andy e duas mulheres sulistas com um sentido estético irrepreensível possam não ter reparado. Posso soar irracional ou ingrata, mas a verdade é que preciso *mesmo* de ganhar algum tempo. Para quê não sei bem, mas preciso. Tempo para ir verificar as mensagens de voz em vão, esperando ouvir uma mensagem dele a dizer-me «mais qualquer coisa»? Tempo para o procurar em todos os cruzamentos, todas as cafetarias, todos os bares? Tempo para cometer o enormíssimo erro de me enfiar num táxi e voltar à Newton Avenue? Então luto contra aquilo que quero neste momento e digo: *Tudo bem, confio na tua opinião*.

O que até é verdade, bem entendido. Confio *mesmo* na opinião do Andy. Neste momento, até confio mais na dele do que na minha. Mas, por outro lado, sinto outras emoções, mais subtis, em curso – resquícios pouco saudáveis de agressividade passiva e uma resignação estóica em tornar-me a esposa tradicional, obediente e conformada com uma dinâmica desigual que, seja de que maneira

for, nunca existiu na nossa relação.

Estes sentimentos vão passar, penso. Isto não passa de um *bip* insignificante no radar da nossa relação. Mantém o rumo.

– Tens a certeza? – pergunta-me o Andy docemente.

A minha mão desloca-se instintivamente até ao meu peito, sobre o coração, e digo em voz bem alta e clara, como que para ficar eterna e irrefutavelmente registado: *Tenho. Vamos comprá-la. Tenho a certeza.*

Capítulo 19

A Margot desata a chorar quando lhe comunicamos que fizemos uma oferta para a casa, e a minha sogra sobe ainda mais a parada ao declarar que a sua prece foi ouvida. Bem vistas as coisas, a Margot sempre foi uma grande chorona, mesmo *não estando* grávida ou a assistir à sua telenovela preferida, e a Stella reza por coisas bem mais insignificantes do que o regresso a casa do seu filho adorado após tantos anos «a viver no Norte». Mas ainda assim... Não há como voltar atrás depois destas reacções – não se brinca assim com os sentimentos dos outros, sobretudo se *os outros* forem a família do nosso marido.

Posto isto, enquanto Nova Iorque recebe a Primavera, a minha decisão de impulso, tomada ao sabor de uma *waffle* com manteiga e no seguimento de uma noite em branco e de uma enorme dose de culpa, torna-se *oficialmente* irreversível.

Felizmente, assim que o Andy comunica a notícia à firma de advogados onde trabalha, também ele parece ficar com sentimentos ambivalentes em relação à nossa iminente mudança. No entanto, ele está mais centrado no grande cenário e, assim, acaba por se entregar à coisa num espírito de *alegre abandono* – mais ou menos como os finalistas do liceu se entregam ao baile e cerimónia de finalistas. Desata furiosamente a tecer planos com os nossos amigos mais íntimos, marca «últimos jantares» nos nossos restaurantes favoritos e consegue miraculosamente bilhetes para espectáculos na Broadway que há muito ansiávamos ver. Num domingo de manhã, faz mesmo questão de irmos apanhar o *ferry* até à Estátua da Liberdade – um monumento que eu jurei apenas ver da janela de um avião, quase que por uma questão de princípio. Então, enquanto nos confrontamos com manadas de turistas, uma irritante morrinha e um guia obscenamente chato e monocórdico, o Andy encoraja-me a tirar fotografias da vista para depois se escolher a melhor, ampliá-la e pendurá-la na parede da nossa nova sala. Gozo-o um bocado, mas não consigo deixar de pensar que uma foto emoldurada do porto de Nova Iorque, por mais espectacular que seja (e eu que o diga), não me vai servir de grande consolo quando eu sentir a falta da energia etérea e vibrante da grande cidade.

Quanto a mim, a esta altura do campeonato, são as pequenas coisas que me dão para o sentimentalismo, à medida que vamos tratando, um por um, de todos os assuntos por resolver na cidade, e enquanto vemos aproximar-se a passos largos a data da nossa mudança: início de Junho. São as coisas mais triviais e banais da minha vida quotidiana, as coisas a que nunca dei particular

importância, que agora *mexem mesmo* comigo. É o meu percurso diário para o emprego e a camaradagem silenciosa da classe trabalhadora que se cruza comigo na rua e no metro. É a Sabina e as constantes brincadeiras do Julian na nossa sala de trabalho, e o cheiro acre da impressora do Oscar. É a cara do simpático empregado da nossa lavanderia habitual, as suas rugas de expressão enquanto envolve as camisas do Andy em cabides com plástico protector e me deseja um excelente dia no seu sotaque turco, e a minha manicura coreana a mandar-me «escolê-le velniz» estando farta de saber que eu levo sempre o meu. É o suave gíngar do metro resvalando eficientemente pelos carris, e a satisfação de se conseguir apanhar um táxi em plena Village numa frenética noite de fim-de-semana. São os hambúrgueres do P. J. Clarke, o *dim sun*²⁹ da Chinatown Brasserie, e os *bagels* da pastelaria da minha rua. É saber que, ao sair do meu prédio para a rua, me irei deparar com algo diferente todos os dias. É a diversidade de escolhas e de gentes, a beleza urbana nua e crua, o infundável zumbido de possibilidades por todo o lado.

Enfatizando ainda mais tudo isto está naturalmente o Leo – a sua presença constante na minha cabeça, juntamente com a perturbadora sensação de que eu o associo inexoravelmente à cidade e vice-versa. Tanto que, de facto, deixar Nova Iorque é dolorosamente semelhante a deixá-lo a ele.

Ainda assim, não o contacto. Nem uma única vez. Nem mesmo vindo-me à mente uma mão cheia de desculpas perfeitas, todas elas relacionadas com trabalho, é claro, e pelo menos uma meia dúzia de teorias, todas muito plausíveis e muito inteligentes, de como um eventual encontro para acertarmos melhor a reportagem poderia ser uma coisa positiva para *todos*. Nem mesmo quando a tentação é tão grande que me chega a aterrar – do mesmo modo que, imagino eu, me sentiria em relação à cocaína se por acaso a experimentasse.

Em vez disso, agarro-me determinadamente a noções nobres como *certo versus errado*, *branco versus preto* ou *cem por cento de fidelidade para com o Andy*. Numa última e desesperada tentativa de salvação, faço questão de o manter perto de mim sempre que possível, o que neste caso significa «mal ele põe o pé de fora empresa.» Desafio-o a acompanhar-me à loja ou a eventuais sessões que tenho agendadas, vou atrás dele para o ginásio e planeio com ele *todas* as nossas refeições. Estou constantemente a entabular contacto físico com ele, quer seja à noite na nossa cama, quer seja em público, com gestos mais discretos. Repito vezes sem conta que o amo, mas nunca de modo repetitivo ou mecânico. Nada disso; penso muito bem nas palavras, no que elas realmente significam. *Amar* enquanto verbo. *Amar* enquanto compromisso.

Relembro constantemente a mim mesma que já estou mesmo, mesmo a cortar a meta. Que, muito em breve, as minhas emoções seguirão o seu curso natural, e as coisas voltarão ao normal – ou, pelo menos, ao estado em que estavam *antes* daquele momento fatídico no cruzamento da 11th com a Broadway. E se isso não acontecer antes de eu deixar Nova Iorque, irá de certeza acontecer assim que chegar a Atlanta, num novo e feliz contexto, bem longe do Leo.

Mas, à medida que os dias vão passando e a nossa mudança se avizinha, dou por mim a perguntar-me, afinal, *quão normais eram as coisas* nessa altura. Seriam normais quando eu e o Andy começámos a namorar? Eram normais quando ficámos noivos ou quando subimos ao altar? Teria eu esquecido completamente o Leo? Em tempos achei que sim, o mais possível, completamente. Mas só de o ver novamente – e de inocentemente darmos as mãos – o meu coração descascou tantas camadas

que me deu *realmente* que pensar. E terei realmente deixado de o amar, da maneira como é suposto deixarmos de amar seja quem for à exceção da pessoa com quem estamos? Se a resposta for não, então será que o mero passar do tempo ou uma simples mudança geográfica resolverá realmente o problema? E, independentemente da resposta, o que é que a *mera* pergunta diz da minha relação com o Andy?

E para tornar o cenário ainda pior, ainda mais preocupante, é a estranha e vaga sensação de que este terreno emocional não me é completamente estranho – que eu já vivi o mesmo género de experiência há muito tempo atrás, quando a minha mãe morreu. A comparação não é famosa, já que não há nada de *trágico* em deixar Nova Iorque ou em não falar com o Leo. Mas, de certa maneira, de um modo algo perturbador e nada fácil de descrever, existe alguma semelhança emocional.

Daí que uma bela noite em que o Andy foi sair com os amigos, eu tenha desistido de me atormentar sozinha e resolvido ligar para a minha irmã, na esperança de descobrir a oportunidade certa, e as palavras certas, para expressar aquilo que sinto, isto sem dar demasiada importância ao Leo ou desrespeitar a memória da nossa mãe.

A Suzanne atende-me muito alegre e bem-disposta e diz-me que o Vince também saiu com os amigos o que, no caso dele, é o pão nosso de cada dia. Damos dois dedos de conversa fiada durante cinco minutos, depois ouço-lhe pacientemente o desenrolar das queixas da semana, quase todas relacionadas com o Vince, à mistura com alguns episódios coloridos sobre hospedeiras e passageiros. A melhor é sobre uma velha maluca que viajava em primeira classe e que entornou um Bloody Mary para cima do passageiro do lado, não uma, nem duas, mas *três vezes* no mesmo voo, e que depois se mostrou algo agressiva quando a Suzanne se recusou a servir-lhe a quarta bebida.

– *Agressiva* como? – pergunto-lhe, deliciada com aquele autêntico drama aéreo.

– Chamou-me cabra... Porreiro, não?

Solto uma gargalhada e pergunto-lhe o que fez ela a seguir, sabendo já de antemão que terá havido alguma retaliação.

– Mande-i uns quantos polícias recebê-la, a ela e à sua descomunal «cadela», à saída do avião.

Desatámos ambas à gargalhada.

– Ela tinha razão. És *mesmo* uma cabra! – observo.

– Eu sei. É o meu maior talento.

Rimo-nos de novo e, um segundo depois, a Suzanne dá-me finalmente a deixa, perguntando-me se tenho sabido do Leo.

Quase lhe conto do nosso «voo de mãos dadas», mas acabo por considerar que isso é algo que prefiro manter secreto, íntimo, sagrado, para todo o sempre. Por isso, respondo-lhe que não, e solto um suspiro muito intenso, mesmo a pedir um seguimento da conversa.

– Eh, lá! – diz ela. – Que suspiro é esse?

Ganho coragem, hesito uns segundos e, por fim, lá consigo confessar-lhe que, desde Los Angeles, continuo a ter umas saudades doidas do Leo e que não há maneira de deixar de pensar nele. Que qualquer coisa no meu presente estado de espírito me faz lembrar «aquele Inverno» – que foi a forma velada que ambas encontrámos para nos referimos à morte da Mãe sempre que não nos apetece visitar a nossa dor.

– Caramba, Ellen... Estás a comparar o facto de não veres o Leo com a morte da Mãe?...

– Não – digo rápida e veementemente. Depois acrescento: – Talvez seja só melancolia por deixar Nova Iorque... Todas estas mudanças...

– E daí? Estás a comparar a saída de Nova Iorque com a morte?

– Não. Também não é bem isso – digo, apercebendo-me de repente que não me devia ter dado ao trabalho de partilhar um sentimento tão delicado como este, nem mesmo com a minha irmã.

Mas à boa maneira da Suzanne, ela insiste para que eu lhe explique aquilo melhor. Penso durante uns segundos e depois digo-lhe que é mais uma sensação de *fatalidade iminente* e que, por mais que me prepare para o que vem a seguir, não sei mesmo com o que contar.

– E há sempre um medo incrível que não me larga ao longo deste compasso de espera – digo, com indecisão. – Como com a Mãe... Nós já sabíamos há semanas que o fim estava mesmo muito próximo. Nada na morte dela foi uma surpresa. E, no entanto... não deixou de ser uma surpresa, pois não?

A Suzanne concorda, num fio de voz, e apercebo-me de que estamos ambas a recordar em silêncio aquele dia em que a directora da escola nos apareceu nas respectivas salas e como depois esperou connosco à entrada da escola, junto ao mastro da bandeira e perante um espesso manto de neve, que o nosso pai nos viesse buscar para nos levar para casa, para vermos a nossa Mãe pela última vez.

– E depois disso... – acrescento, esforçando-me por não chorar e sobretudo por não recordar nenhum outro pormenor daquele tenebroso dia, ou dos outros que se lhe seguiram. – Depois lembro-me de só querer desesperadamente acabar as aulas, entrar numa nova rotina... num sítio novo, que não me fizesse recordar constantemente da Mãe...

– Sim... – diz a minha irmã. – A ida para o campo de férias nesse Verão ajudou imenso.

– Se ajudou... – digo, pensando que foi isso que me fez procurar por universidades bem longe de Pittsburgh, em sítios aonde a minha Mãe nunca tinha ido ou referido, com pessoas que não soubessem que eu era órfã de mãe. Pigarreio e continuo: – Mas ao mesmo tempo, por mais que quisesse afastar-me de casa, das coisas da Mãe, das lágrimas do Pai e até *de ti*, também tinha imenso medo que quando finalmente fosse para longe, voltasse a página do calendário e vivesse uma vida completamente diferente da que tinha vivido até então, isso significasse perdê-la *permanentemente*. Que assim a apagasse da memória... para sempre.

– Percebo perfeitamente o que estás a dizer... – murmura a minha irmã. – *Perfeitamente*... Mas diz-me uma coisa...

– O quê? – pergunto docemente, antevendo uma pergunta difícil.

E não me enganei. A Suzanne faz uma pausa e lança:

– Porque *não queres* esquecer o Leo?

Fico calada durante um longo minuto, um silêncio pesado a preencher o vazio. Mas por mais que me esforce, não encontro a resposta adequada – nenhuma resposta, aliás.

²⁹ Espécie de menu de degustação chinês, composto por vários pratinhos e petiscos, tipo tapas. (N. da T.)

Capítulo 20

Estamos no primeiro sábado de Junho, o nosso último em Nova Iorque. Uma equipa de mudanças, composta por um corpulento trio de homens de pescoços grossíssimos, chegou ao apartamento logo de manhã, e nove loucas horas de empacotamentos depois, o apartamento ficou completamente vazio à excepção de uns quantos sacos e malas de viagem deixadas no *hall* de entrada, variados bocadinhos de fita adesiva colada na bancada e nos armários da cozinha, e dezenas de nuvenzinhas de algodão rodopiando alegremente pelo chão de madeira envernizada. O Andy e eu estamos exaustos e a suar em bica, de pé, naquela que foi em tempos a nossa sala, enquanto ouvimos o zumbido do velho aparelho de ar condicionado esforçando-se por funcionar.

– Acho que chegou a hora de nos pirarmos... – diz, a voz ecoando nas paredes brancas, paredes essas que nunca tivemos tempo de pintar num tom mais interessante. Limpa a cara à velha *t-shirt* branca esburacada, uma das trinta que ele em tempos pôs de parte para «mudanças e pinturas», isto não sem eu o gozar, lembrando-lhe que dificilmente ele se veria envolvido numa situação em que tivesse de pintar ou fazer mudanças durante trinta dias seguidos.

– Sim, vamos embora – peço, já com a cabeça na próxima etapa da jornada: a viagem de táxi até ao hotel que reservámos para tomar um duche e nos vestirmos para o jantar de despedida dessa noite. Foram os dois amigos mais antigos do Andy que organizaram o jantar, se bem que esteja previsto virem amigos nossos de todos os quadrantes possíveis e imaginários da nossa vida em Nova Iorque. Até mesmo a Margot e o Webb marcaram avião para estarem presentes, apesar de voltarem para Atlanta connosco na manhã seguinte, o dia oficial da nossa partida. Respiro fundo, esboço um sorriso amarelo e preparo-me para pegar nas nossas malas.

– Vamos a isto!

O Andy faz uma pausa, olha em volta e pergunta:

– Não devíamos fazer... qualquer coisa... de cerimonial?

– O quê, por exemplo?

– Sei lá... Tirar uma fotografia?

Abano a cabeça com uma careta, achando que o Andy já me devia conhecer o suficiente para saber que lá por ser fotógrafa, não sou a pessoa indicada para documentar momentos simbólicos como este – fins, inícios, ou sequer festas e ocasiões especiais. Prefiro mil vezes captar pormenores aleatórios

das fases intermédias algo que os nossos amigos e família consideram muito estranho e por vezes frustrante.

– Nah... – digo por fim. Fixo o olhar na janela e sigo o percurso saltitante de um pombo numa varanda do prédio em frente.

Após um longo momento, o Andy pega-me na mão e pergunta:

– Como é que estás?

– Bem – respondo, aliviada por perceber que até é verdade. – Só um bocadinho triste, mais nada...

Ele assente com a cabeça, como se quisesse convencer-se a ele próprio que os finais são sempre um nadinha tristes, mesmo quando existe do outro lado a perspectiva de um novo e melhor princípio. Por fim, e sem mais atrasos ou lamechices, voltamos costas e saímos da nossa primeira casa enquanto marido e mulher.

Uns minutos mais tarde, o nosso táxi pára à porta do Gramercy Park Hotel e eu apercebo-me, com um arrepio de pânico e remorso, de que o Andy e eu nos transformámos subitamente em *turistas*, numa cidade onde em tempos residimos.

Mas quando entramos no eclético e luxuoso *hall* do hotel, com as suas paredes em azulejos marroquinos, tapeçarias artesanais, lustres de cristal de Veneza e quadros de Andy Warhol, Jean-Michel Basquiat e Keith Haring, conforto-me a mim mesma com a ideia de haver um não-sei-quê de luxo e requinte no experienciar a cidade deste modo.

– Uau... – exclamo, deixando cair o queixo perante a beleza da desmesurada lareira toda em mármore, e a belíssima peça de escultura de um peixe-espada, transformada em candeeiro. – Isto é... fixe!

– Sim – assente o Andy sorrindo. – Fixe e boémio... como a minha miúda.

Devolvo-lhe o sorriso e dirigimo-nos ao balcão da recepção onde uma sensualíssima morena chamada Beata nos dá as boas vindas com um forte sotaque do leste europeu.

O Andy sorri-lhe e diz-lhe olá, e o seu lado bem-nascido e educado obriga-o a justificar o nosso mau aspecto.

– Acabámos de mudar do nosso antigo apartamento – murmura num tom de quem se desculpa.

A *sexy* Beata faz um ar de quem percebe perfeitamente e pergunta educadamente:

– E vão mudar-se para onde?

Respondo pelos dois, dizendo *Atlanta, Georgia* no tom mais grandioso que me é possível, acompanhado de um afectado gesto de mão, como se lhe estivesse a revelar um segredo bem guardado, uma jóia geográfica bem escondida e que ela deveria *mesmo* visitar um dia, caso ainda não conhecesse. Confesso que não sei muito bem porque senti a necessidade de promover Atlanta a uma perfeita estranha – se terá sido para me fazer sentir melhor comigo mesma ou para contrariar a sensação puramente defensiva que tenho quando digo a alguém que nos vamos mudar e, inevitavelmente, recebo em troca um olhar de pena ou até de crítica, como que dizendo: *Porquê Atlanta?*

O Andy leva sempre a coisa mais a peito, tal como eu quando ouço alguém dizer mal de Pittsburgh, mas eu até nem acho que esta reacção seja uma afronta a Atlanta, é mais uma característica típica de

um nova-iorquino ferrenho, com complexo de superioridade e a presunção de que o resto do mundo, ou pelo menos o resto do *país*, é estéril, aborrecidamente homogêneo e sem qualquer comparação. E, se bem que *neste preciso momento* eu até me ofenda com essa atitude, a verdade é que até nem discordo totalmente dessa teoria. E ainda me lembro bem de ter sentido o mesmo quando amigos nossos se mudaram de Nova Iorque – quer por um emprego melhor, quer por um relacionamento melhor, quer por optarem por criar os seus bebés nos subúrbios. *Antes tu que eu*, lembro-me de pensar, mesmo que no minuto antes tivesse estado a lamentar-me imenso sobre o caos de Nova Iorque. No fundo, acho que a coisa mais interessante e cativante de se viver em Nova Iorque é precisamente essa *intensidade* – e sei que vai ser disso que eu irei sentir mais falta.

Seja como for, o meu tom afectado e quiçá exagerado para com a Beata parece surtir o efeito desejado, já que a vejo sorrir e assentir enfaticamente com a cabeça dizendo: *Oh, sim, que maravilha...* como se eu tivesse dito *Paris, França*. Depois faz-nos o *check-in*, fala-nos um pouco sobre o hotel e estende ao Andy a chave do nosso quarto, desejando-nos uma excelente estadia.

Agradecemos-lhe e, tão discretamente quanto possível, atravessamos novamente o *lobby* até ao Rose Bar, que é tão magnificamente decorado quanto a recepção, com uma majestosa mesa de bilhar forrada a veludo carmim e outro magnífico Warhol em lugar de destaque. Sinto-me subitamente a afastar-me do Andy, recordando a última vez que estive num sumptuoso bar de hotel, mas recuso esses pensamentos e sorrio quando o ouço perguntar-me com uma estranha formalidade:

– Tomamos um aperitivo?

Folheio a elegante carta de bebidas e comento que o *mojito* de ananás e canela parece interessante. Ele concorda, pede as bebidas para levar para cima e minutos depois, estamos sós no nosso luxuosíssimo quarto com vista para o Gramercy Park, um dos meus sítios preferidos na cidade, mesmo nunca tendo passado os portões, regra geral fechados.

– Que maravilha – comento, beberricando o meu *mojito* e deleitando-me com a romântica vista do jardim privado, impecavelmente cuidado e mantido.

– Lembrei-me de quanto desejavas conhecê-lo por dentro – diz, rodeando-me os ombros com o braço. – Achei que era uma boa maneira de te despedires.

– Tu pensas sempre em tudo... – digo, sentindo uma onda de profundo e genuíno apreço pelo meu marido.

O Andy faz um sorrisinho modesto e dá um gole na sua bebida. Depois despe-se, ficando apenas em boxers, e desata a cantar a plenos pulmões «The Devil Went Down to Georgia».

Desato a rir e grito-lhe:

– Vai tomar um duche! – prometendo a mim própria estar feliz nessa noite. Mesmo estando exausta. Mesmo detestando ser o centro das atenções. Mesmo não gostando de despedidas. E mesmo perante a triste realidade de «aquela pessoa que eu cá sei» não comparecer e não fazer a mais pálida ideia de que estou de partida.

Uma hora mais tarde, a nossa festa no Blind Tiger, uma minúscula cervejaria na Bleecker Street, está super animada. A iluminação é suave e agradável, a música é excelente e eu já vou na minha quarta cerveja. Aquela que estou a beber agora, a Lagunitas Hairy Eyeball, é a minha preferida até ao

momento, mas talvez isso se deva ao meu actual estado de animação. Uma coisa é certa – pus de lado todas as minhas preocupações e angústias e estou a divertir-me ainda mais do que contava, em parte porque toda a gente se está a divertir imenso, o que nem sempre é previsível quando grupos diferentes se juntam no mesmo evento. De facto, os meus amigos fotógrafos têm muito pouco em comum com «a malta das leis» amiga do Andy, ou com o grupinho todo *fashion* do Upper East Side com quem eu e a Margot costumávamos sair quando ela vivia em Nova Iorque. Verdade seja dita, o mérito é todo da Margot. Foi ela que conseguiu com que as pessoas se misturassem lindamente umas com as outras, já que é ela, sem sombra de dúvida, a rainha da festa. Divertida, lindíssima, bem-disposta e extrovertida, sempre atenta à eventualidade de um qualquer bicho do mato se isolar ou se afastar do grupo e, naturalmente, não permitindo que isso aconteça. Vejo-a neste momento a cirandar graciosamente pela sala, de *daiquiri* sem álcool na mão, num magnífico vestidinho curto, rosa bebé e de corte império, e uns vertiginosos *stilletos* prateados. Grávida de quase seis meses, ostenta apenas uma leve barriguinha redonda e amorosa, mas não engordou um grama em mais lado nenhum, e as suas unhas, cabelo e pele estão ainda mais resplandecentes do que o habitual. Ela diz que é das vitaminas pré-natais, mas acredito que a bateria de massagens e tratamentos faciais que fez esta manhã no *spa* também deve ter ajudado um bocadinho. Em suma, é a grávida mais bonita que eu alguma vez vi, eu e pelo menos mais cinco pessoas presentes esta noite de quem ouvi o mesmo comentário, incluindo uma advogada da firma do Andy, grávida do mesmo tempo que a Margot, mas com a diferença de parecer ter sido insuflada com hélio em todo o corpo: nariz, tornozelos e até nos lóbulos das orelhas.

– Desaparece-me daqui, rapariga – diz ela à Margot em tom de brincadeira. – Fazes-me parecer um coiro!

– Ela faz *toda a gente* parecer um coiro – brinco. – Grávida ou não.

A Margot sorri modestamente e diz-nos para não sermos parvas, mas lá no fundo sabe bem que é a mais pura das verdades. Felizmente, é também muito mais divertida e «boa onda» do que nós, por isso ninguém consegue odiá-la ou sequer invejá-la.

Trocamos um olhar enquanto ela vem juntar-se a mim, ao Julian e à Hillary, a mulher do Julian, numa mesinha de madeira cheia de fendas, na parte detrás do bar, mesmo a tempo de ouvir a Hillary berrar o quanto admira o Andy por ele ter tido a coragem de abandonar o seu tão consagrado escritório de advogados. Esse é, aliás, um tema de conversa recorrente nessa noite, sobretudo no meio da malta descontente da advocacia e, para bem do Andy, isso faz-me sentir um nadinha melhor por nos irmos embora.

– Já me apetece deixar aquela firma há pelo menos uns bons sete anos – diz Hillary, rindo e abanando o bonito rabo-de-cavalo loiro. – Mas nunca arranjei coragem...

O Julian abana a cabeça com ar de tédio.

– Se me dessem um dólar por cada vez que eu já a ouvi dizer que se ia despedir, até dava para nos reformarmos *os dois*... Mas o que é que ela faz em vez disso?

– O quê? – indagamos eu e a Margot em uníssono.

O Julian dá uma palmada no ombro da mulher e afirma orgulhosamente:

– Não só fica, como... se torna sócia!

– Mentira!... Jura! Porque não disseram nada? – pergunto ao Julian batendo-lhe no braço.

– Só soubemos ontem – diz, fazendo-me pensar em todos os bons momentos da sua futura vida que eu vou perder, agora que não vamos partilhar um gabinete. Jurámos mantermo-nos sempre em contacto – e acredito que nos telefonemos e troquemos *emails* de vez em quando – mas não será nunca a mesma coisa e tenho medo que, eventualmente, ele, a Sabina e o Oscar passem para a categoria de *amigos a quem se manda um cartão no Natal* e nada mais. Mas ponho rapidamente essa ideia na «lista de coisas em que não quero pensar nesta noite» e opto por abraçar a Hillary e dar-lhe os parabéns.

– O Andy diz que é virtualmente impossível conseguir-se sociedade numa grande firma de advogados – digo.

– Sobretudo uma mulher – reforça a Margot, abanando a cabeça.

A Hillary ri-se e diz:

– Bom... De certeza que será por pouco tempo. Pelo menos é isso que eu espero... – E acrescenta, apontando para o Julian. – Seja como for, só lá fico até este me engravidar. Depois aproveito a licença de parto e fujo para bem longe daqui!

– Soa-me a um belo plano – comento.

– E vocês, pensam ter um bebé em breve? – pergunta-me o Julian.

É uma pergunta que nos têm feito imensas vezes desde que anunciámos a nossa mudança, por isso já tenho a resposta bem ensaiada:

– Para já, ainda não – digo, sorrindo vagamente. – Mas muito em breve, com certeza...

A Hillary e o Julian devolvem-me o sorriso, já que, pelos vistos, toda a gente parece gostar mais do «muito em breve» da minha resposta. E a encabeçar essa lista vem a Margot, é claro, que está agora aninhada perto de mim e com o braço por cima dos meus ombros. Inspiro profundamente o seu perfume enquanto a ouço explicar que nós gostaríamos que os nossos filhos tivessem idades próximas.

– Oh, sim, é claro! – comenta Hillary. – Isso vai ser óptimo para vocês... Quem me dera ter também alguém para me acompanhar nessas fases todas da gravidez e das fraldas, mas as minhas amigas já vão todas bem mais adiantadas. Muitas delas já têm filhos nos infantários, já estão todas bem mais à frente... Têm *tanta* sorte por serem assim tão amigas e por viverem tão perto uma da outra.

A Margot e eu murmuramos ambas que sim, que sabemos que somos uma sortudas, e por um breve momento, sinto o verdadeiro peso e significado disso. Evidentemente que o *timing* não é o ideal. Posso não estar preparada para deixar esta cidade, e os meus filhos estarão sempre uns aninhos atrás dos da Margot, mas isso são pormenores de somenos importância. O panorama geral é, sem dúvida, *maravilhoso*. A minha relação com a Margot, o meu casamento com o Andy, a nossa casa em Atlanta – tudo isto é *fantástico*.

E é este o meu pensamento final antes de ver a Cynthia, a minha agente, entrar de rompante pelo bar, olhar em volta e dirigir-se a mim, majestosa, decidida e sorridente. Como ex-modelo e atriz de teatro, a Cynthia tem uma exuberância, um porte sublime e uma atitude «cheguei para vencer» que faz com que as pessoas olhem para ela indagando-se se será famosa. Aliás, ela chegou a dizer-me que

muitas vezes a confundem com a Geena Davis e que, inclusivamente, chegou a dar falsos autógrafos e a responder a perguntas de fãs sobre filmes como *Thelma and Louise* ou *Beetlejuice*. Vejo-a parar junto ao Andy e cumprimentá-lo com dois sonoros beijos na cara e um despentear de cabelo, antes de prosseguir com a sua elegante e pomposa marcha na minha direcção, trazendo o meu marido a reboque.

– Espera... Espera só até veres o que trago aqui – ouço-a dizer-lhe quando estão quase a chegar à minha mesa. Segundos depois, estão os dois a meu lado e, quando lhe estou a agradecer por ter vindo, apercebo-me com aquele tipo de «pânico em câmara lenta» do que é que ela está prestes a revelar na nossa festa de despedida .

Efectivamente, os seus lábios cheios e ligeiramente sombreados de magenta, franzem-se dramaticamente ao tirar de dentro da sua elegante mala *Balenciaga* branca a enorme revista, que ela abana freneticamente no ar perante a sala cheia de gente:

– A *Platform*, acabadinha de sair... Ainda está quente!

– Mas... pensei que só saísse no fim do mês – digo, gaguejando e sentindo-me paralisada e completamente exposta só de imaginar, não as fotos do Drake que eu tirei com tanto brio e que tantas horas passei a aperfeiçoar, mas *a assinatura da reportagem*.

– E pensaste muito bem, minha linda – diz a Cynthia. – Só vai estar nas bancas daqui a quinze dias.

– Mas eu mexi os meus cordelinhos e consegui um exemplar antecipado só para ti... Achei que seria o presente de despedida ideal, querida. – Sorri abertamente e toca-me ao de leve no nariz com o dedo indicador.

– Bem! Isso é altamente, amiga! – exclama o meu entusiasmadíssimo marido. Esfrega as mãos de contente e chama mais alguns amigos para junto de nós, incluindo o Webb.

– Tu já viste as fotos, querido – digo num fio de voz, aflitíssima, como se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para evitar que a Cynthia atraia a atenção de todos.

– Sim, mas não numa capa tão bonita e sofisticada, boneca – diz o Andy, atrás de mim, massajando-me os ombros.

Outro longo e tortuoso minuto decorre enquanto a Cynthia prossegue com o seu *suspense*, mantendo a revista encostada ao seu vertiginoso decote e percorrendo num monólogo shakespeariano acerca de quão talentosa eu sou, de quão orgulhosa está de ser minha agente, e de quão bem-sucedida e glamorosa será a minha vida e a minha carreira, onde quer que eu viva.

Entretanto, fixo o olhar nas costas da revista, num anúncio a preto e branco com a Kate Moss – de longe, a minha manequim preferida e alguém que eu adoraria fotografar. Na foto, tem os lábios ligeiramente entreabertos, o cabelo sensualmente despenteado a cobrir-lhe parcialmente o olho direito, e uma expressão serena mas sugestiva. Ao olhar para aqueles olhos ardentes, fico com a sensação, ridícula e narcisista, de que ela não está naquela contracapa para promover os relógios do David Yurman, mas sim para me atormentar. *Devas ter-lhes contado antes, ouço-a dizer-me no seu sotaque britânico. Tiveste mais do que tempo para lhes contares, mas resolveste esperar por te veres numa sala apinhada de gente, no teu jantar de despedida e na tua última noite em Nova Iorque... Boa!*

– Vá lá, Cynthia – grita o Andy, interrompendo os meus paranóicos pensamentos. – Mostra lá o

raio da revista!

A Cynthia ri-se e exclama:

– OK, OK, pronto! – Depois volta a Kate Moss de pernas para o ar, ergue a revista à altura da cabeça e exhibe a capa para quem queira ver, revelando o Drake, em toda a sua glória. Por breves segundos, à medida que a sua pequena mas entusiástica audiência aplaude, assobia e dá vivas, invade-me a surreal sensação de satisfação de aquela ser, efectivamente, a *minha* capa. A *minha* foto do Drake Watters.

Mas o meu pânico regressa em todo o seu esplendor ao ver a Cynthia passar a revista ao Andy e dizer:

– Página setenta e oito, bichinho.

Sustenho a respiração e sinto todos os músculos do meu corpo a retesarem-se ao ver o Andy sentar-se ao lado do Julian e voltar freneticamente as páginas até encontrar o artigo do Drake. Entretanto, toda a gente o rodeia, atropelando-se para espreitar, soltando «aaahs» e «ooohs» perante as fotos em que eu tanto me empenhei e que memorizei virtualmente, mas para as quais neste momento nem me atrevo a olhar. Em vez disso, concentro-me no rosto do Andy, sentindo um profundo alívio por verificar que ele está tão ou mais «tocado» do que eu e, logo, não se encontra em condições de ler o artigo, quanto mais as minúsculas letras com o nome de quem o escreveu. Por isso, todo ele é sorrisos, deleitando-se com os variados comentários dos meus amigos fotógrafos que simpaticamente elogiam os elementos mais artísticos das minhas fotos, enquanto o resto da malta me rodeia a querer saber coisas sobre o Drake e como é que ele é em pessoa. No meio de tudo isto, a Margot, com o seu habitual jeitinho chique e educado, vai alertando as pessoas para não rasgarem, enrugarem ou entornarem seja o que for sobre as benditas páginas. Esta animação dura ainda um bom bocado, com a revista a ser passada de mão em mão à volta da mesa, até que acaba poisada em frente a mim e à Margot, aberta na última página do artigo.

– Está fantástica... – segreda-me ela. – Estou *tão* orgulhosa de ti.

– Obrigada – digo, vendo-a folhear elegantemente a revista para trás até regressar ao início da reportagem.

– Acho que esta é a minha favorita – comenta, apontando para a primeira foto que tirei ao Drake, emoldurada com o texto do Leo, com o nome dele a flutuar na parte de cima, bem centrado na página. Se bem que os meus olhos sejam automaticamente atraídos para esse nome, o tamanho da letra não é tão grande quanto eu temia, não estando sequer destacado ou em negrito. Assim sendo, enquanto a Margot vai tagarelando sobre quão *sexy* o Drake é, e como eu consegui tão maravilhosamente captar a sua essência, respiro de alívio, concluindo que consegui escapar ilesa àquela noite. Melhor ainda, é muito provável até que consiga safar-me disto *para sempre*. Sinto uma forte descarga de adrenalina – uma sensação de alívio e triunfo a dominar qualquer vergonha que eu sei que deveria sentir. Penso que deverá ser o modo como se sente alguém que rouba num supermercado quando, ao sair, se despede educadamente do segurança sentindo o peso dos artigos furtados no bolso.

Mas um escasso segundo depois, todo o meu alívio e triunfo se desvanecem ao ver a Margot paralisar mesmo à minha frente e depois esforçar-se por se recompor. Olho para ela e ela olha-me directamente nos olhos. Vejo perfeitamente que ela viu o nome do Leo, que registou a importância do

facto e... que sabe. Obviamente, não sabe *exactamente* o que é que eu fiz ou não fiz, mas sabe certamente que fui desonesta com ela e, pior ainda, com o irmão. Se se tratasse de outra pessoa qualquer, eu ficaria à espera de uma explosão de raiva, seguida de um desencadear de severas críticas e acusações. Mas eu conheço a Margot. Sei o quanto ela é contida, quão cuidadosa é com as palavras e como detesta confrontos. Além disso, sei que jamais, em tempo algum, ela diria ou faria fosse o que fosse que pudesse estragar esta festa, aliás, *qualquer* festa. Assim sendo, vejo-a remeter-se ao silêncio, o seu rosto assumindo uma expressão estóica e empedernida. Depois, fecha a revista, volta costas e mantém-se longe de mim o resto da noite.

Capítulo 21

– Achas mesmo que ela ficou lixada contigo por teres aceitado o trabalho? – pergunta-me a Suzanne na manhã seguinte, quando eu lhe ligo de uma lojinha de recordações no aeroporto para a pôr a par dos acontecimentos da noite passada, depois de lhe pedir ajuda sobre como abordar a Margot quando nos encontrarmos na porta de embarque dali a cinco minutos. – Não estarás só a ser paranóica?

Dou uma espreitadela nervosa ao Andy que está a uns metros dali, esperando um café na fila do Starbucks, e afirmo:

– Ela está muito chateada, sim. Não voltou a dirigir-me a palavra o resto da noite, a não ser para se despedir e mesmo assim...

A Suzanne pigarreia e diz-me:

– E isso é assim tão estranho numa festa com imensa gente? Não estavam com mais amigos? Ou vocês andam coladas tipo siamesas o tempo todo?

Hesito, tendo a perfeita noção de que aquelas perguntas são também acusatórias – uma forma muito pouco subtil que a Suzanne arranjou para criticar aquilo que ela acredita ser a minha «co-dependência com a Margot».

E se, em circunstâncias normais, eu retaliaria e defenderia a nossa amizade, sei que neste momento não tenho tempo para isso. Assim sendo, ignoro-lhe o tom mordaz e reafirmo:

– Ouve, Suzanne, ela não está *mesmo nada* satisfeita com esta situação... E para ser sincera... não a posso sequer criticar por isso. Sou casada com o irmão dela, lembras-te?... O que posso fazer agora?

Ouçõ o som de água a correr e o bater da loiça do pequeno-almoço – ou, no caso da Suzanne, aquilo que poderá muito bem ser os pratos sujos do jantar de ontem.

– Queres saber o que eu faria se estivesse no teu lugar, é isso?

– Sim! E despacha-te, o Andy está quase a aparecer.

– OK... – diz a minha irmã fechando a torneira. – Eu cá entrava numa de defensiva e mandava-a dar uma curva. Dizia-lhe para parar de ser tão superior e puritana.

Sorrio, não podendo deixar de pensar: *Claro, isso vindo de ti não me admira...* enquanto a deixo prosseguir com o sermão.

– Mas qual é o drama, afinal? O teu ex-namorado proporciona-te *a grande* oportunidade profissional da tua carreira: a hipótese de fotografares em exclusivo uma celebridade, e tu, como é óbvio, aproveitaste-a sensatamente. Pela tua carreira, convém dizer, e jamais para reatares um romance.

Como eu não respondo, ela instiga-me:

– Não foi?

– Foi – digo rapidamente. – Claro que sim.

– Muito bem. Nessa perspectiva, vais para Los Angeles e, para teu enorme espanto, o Leo também lá está. Não foi nada que tivesses planeado, certo?

– Sim, também é verdade – digo eu, bem mais animada perante a sua benévola e, até agora, absolutamente precisa versão dos acontecimentos.

– Depois, recusas *peremptoriamente* o convite que ele te faz para jantar – ou melhor dizendo, dás-lhe uma *enorme tampa* – e ficas comigo a noite toda.

Concordo com um vigoroso sinal de cabeça, desejando ter-me lembrado de ligar à minha irmã ontem à noite, da cervejaria; aquelas palavras poderiam ter-me poupado muitos amargos de boca e, sem dúvida, ter-me-iam levantado a moral.

– E no dia seguinte – prossegue –, durante a sessão, dás-lhe apenas uns meros dez minutos de atenção, e sempre numa atitude irrepreensível, numa conduta estritamente profissional. Certo?

Tecnicamente isto também é verdade, mas eu hesito recordando os pensamentos lascivos e super intensos que tive na noite anterior à sessão fotográfica; no olhar persistente que o Leo me lançou na cafetaria; e, claro está, naquelas longas, íntimas e intensíssimas horas de voo de mãos dadas. Por fim, aclaro a garganta e digo, já com menos convicção:

– Certo.

– E não tornaste a falar com ele desde que voltaste para Nova Iorque?

– Não – afirmo, sabendo que isso também é verdade e uma proeza hercúlea, dadas as vezes que *me apeteceu* telefonar-lhe. – Não falei.

– Muito bem. Então diz-me lá: em que é que isso representa uma tão terrível afronta à família Graham?

Pego num pequeno globo pisa-papéis a dizer «I Love New York» e agito-o levemente. Enquanto vejo os minúsculos flocos a caírem sobre o Empire State Building, murmuro:

– Em nada... acho eu.

– E achas bem. Aliás, diz-me outra coisa: a Margot sabe sequer se tu *estiveste* com o Leo?

– Bom... Não, não sabe – respondo. – Mas acho que ela terá assumido que tem de ter havido algum contacto... o que, de facto, houve.

– Contacto *profissional* – reforça ela.

– OK, já te percebi. Mas então... achas que eu devo ir directa ao assunto e contar-lhe como as coisas se passaram?

– Por acaso... não. Não acho. Não deves alinhar no joguinho passivo-agressivo dela. Acho que deves ficar quietinha e caladinha e esperar que seja ela a falar no assunto.

– E se ela não falar? – pergunto, lembrando-me da Courtney Finnerman, uma das maiores amigas

da faculdade da Margot com quem ela cortou relações depois de a Courtney ter apanhado uma bebedeira de caixão à cova na festa de finalistas e de lhe ter vomitado o Saab todo, novinho em folha. Se bem que a Courtney até se tenha mostrado genuinamente arrependida, jamais se ofereceu para lhe limpar o carro ou, pelo menos, pagar-lhe a lavagem dos estofos. Não foi pelo dinheiro, lembro-me de a Margot ter referido; foi pela falta de consideração em si e pela trabalheira que aquilo lhe deu. E também pelo facto da outra achar que, por a Margot ser podre de rica, não se importaria com certeza de mandar alguém lavar o carro. A Margot jamais conseguiu ultrapassar aquele episódio, e começou a reparar cada vez mais quão ordinária e egoísta a amiga realmente era. Contudo, e apesar do que sentia, jamais confrontou a Courtney. Em vez disso, limitou-se a ir desconstruindo aos poucos aquela amizade – de uma forma tão discreta, que nem a própria Courtney se apercebeu – até ao dia em que ficou noiva e convidou a Margot para dama-de-honor. Após uma breve consideração, a Margot decidiu que não conseguiria ter duas caras, logo, declinou educadamente o convite, sem lhe dar quaisquer explicações ou justificações. Ainda chegou a ir ao casamento, mas obviamente a amizade delas rapidamente se deteriorou depois disso e, hoje em dia, já nem sequer se falam, nem mesmo quando se cruzaram no ano passado num encontro de antigos alunos em Atlanta.

Mesmo que nunca nenhum incidente deste tipo tenha ocorrido entre mim e a Margot, não consigo deixar de sentir um aperto no coração ao dizer à Suzanne:

– Não é nada o género da Margot confrontar as pessoas.

– Tu não és *as pessoas*, Ellie. És *supostamente* a melhor amiga dela. Estás a querer dizer-me que ela não vai querer discutir um assunto desta importância contigo?

– Não sei. É possível que sim – digo, eriçando-me com aquele *supostamente*, enquanto me esforço por me lembrar de um exemplo em que a Margot tivesse sido directa comigo. Ironicamente, o exemplo que me ocorre está relacionado com o Leo. – Ela confrontou-me quando o Leo e eu acabámos e eu me transformei num verdadeiro farrapo humano e...

– Não te transformaste em nenhum farrapo humano. Ficaste de coração partido, é completamente diferente – interrompe a Suzanne violentamente.

Este argumento desarma-me, como é lógico, já que ninguém gosta de acreditar que se tornou um farrapo. Mas a questão é que o meu tempo se esgotou e o Andy está a vir na minha direcção, trazendo dois cafés.

– Ele vem aí! Rápido, faz-me o balanço! – digo, desesperada.

– O balanço é simples: tudo isto tem a ver apenas contigo e com o Andy... A tua cunhada não entra nesta equação, seja ela a tua *melhor amiga* ou outra coisa qualquer – diz-me, acentuando sarcasticamente o *melhor amiga*. – Mas se tu achas que deves aclarar as coisas, então força.

– OK – respondo.

– Mas faças o que fizeres, *por favor* não te humilhes. E, sobretudo, *não te acobardes*. Ouviste bem?

– Sim, ouvi... – digo, aceitando o café da mão do meu marido e dirigindo-lhe um sorriso agradecido. Não me lembro de alguma vez precisar tão desesperadamente de cafeína.

– E sabes porque te digo isto, Ellie?... – pergunta-me a minha irmã num tom levemente ameaçador.

– Diz lá...

– Porque se te humilhares e acobardares, estás a abrir um péssimo precedente na tua nova vida lá em Dixie.

O conselho da Suzanne não me sai da cabeça, enquanto compramos o globo pisa papéis, num mero capricho sentimental, antes de nos dirigirmos finalmente ao portão de embarque.

Não te humilhes nem te acobardes, penso, perguntando-me se terá sido essa a atitude que eu adoptei na noite passada. Sei que não me humilhei, visto que praticamente não trocámos palavra o resto da noite, mas... ter-me-ei acobardado? Terei evitado a Margot tanto ou mais do que ela me evitou a mim? Se sim, então ainda devo ter piorado as coisas, elevando a sua ligeira desconfiança para um estado de total e absoluta suspeita. E mesmo tendo a certeza de que ela reparou no nome do Leo, posso ter exagerado a análise da sua reacção, deixando que a minha consciência atormentada, e um ou dois copos a mais, distorcessem a realidade. Quem sabe eu veja e sinta as coisas de forma diferente esta manhã. Era uma coisa que a minha mãe me passava a vida a dizer – *amanhã as coisas não te vão parecer tão más*. Posto isto, e assim que nos aproximamos do Webb e da Margot já à nossa espera no portão de embarque, faço figas e espero que hoje não seja uma excepção a essa regra.

Respiro fundo e solto um *oláááá* super bem-disposto e entusiástico, esperando que ele não soe tão artificial quanto eu o sinto.

Como sempre, o Webb vem dar-me um abraço e uma beijoca repenicada, dizendo.

– Bom dia, querida!

A Margot, que está impecavelmente vestida com um *twin-set* azul marinho, calças brancas e umas sabrinas cor de cereja que combinam maravilhosamente com o batom, parece saídinha de um romance de Nicholas Sparks. Ao ver-nos, sorri e pergunta:

– Então? Como foi o resto da noite?

Os seus olhos azuis passam de mim para o Andy, depois novamente para mim, e não consigo detectar neles o menor vestígio de crítica ou ressentimento. Pelo contrário, está a mesma Margot de sempre, calorosa e bem disposta.

Aos poucos, vou relaxando enquanto me sento no banco ao lado dela e lhe atiro com uma resposta politicamente correcta

– Foi divertida.

– Talvez um tanto divertida *de mais* – diz o Andy, sentando-se do outro lado da Margot e deixando o nosso pequeno *trolley* de mão aos seus pés. – Talvez tivesse sido de evitar aquele último *shot* das duas da manhã...

A Margot dobra o cantinho da página do livro que traz no colo, fecha-o e enfia-o no seu enorme saco preto.

– A que horas voltaram para o hotel? – quer saber.

O Andy e eu olhamos um para o outro e encolhemos os ombros.

– Sei lá... às três, talvez... – arrisco, agora já completamente descontraída.

– Sim, mais coisa menos coisa – confirma o Andy, esfregando as têmporas.

A Margot solta uma gargalhada.

– Ah... Essa é umas das maiores vantagens de se estar grávida: não temos de lidar com ressacas durante nove meses!

– Querida... tu não lidas com ressacas há nove *anos* – graceja o Webb.

Rio-me, pensando que ele muito provavelmente terá razão. De facto, posso contar pelos dedos de uma mão as vezes que vi a Margot descontrolar-se com a bebida. E quando digo «descontrolar-se» não me refiro a dançar em *top-less* numa festa. A pior coisa que me recordo de a ver fazer foi atirar um par de lentes de contacto em óptimo estado para o meio de uns arbustos, à saída de uma festa a caminho de casa. Ah... fora aquela noite em que a vi devorar um pacote inteiro de batatas fritas com sabor a barbecue antes de ir dormir.

Passam-se uns minutos de conversa fútil, até que o Webb diz que quer comprar o jornal antes de embarcarmos. O Andy oferece-se para ir com ele, e a Margot e eu vemo-nos subitamente sozinhas, naquilo a que se pode eventualmente chamar de «momento da verdade».

E é precisamente do que se trata.

– OK, Ellie... – diz-me ela num tom de urgência. – Estou *doida* para falar contigo.

Pois olha que ninguém *diria*, penso, estudando-lhe rapidamente a expressão e concluindo que é mais de curiosidade do que de acusação.

– Eu sei – digo hesitantemente.

– O Leo? – diz-me ela, de olhos bem abertos e sem pestanejar.

Sinto o estômago a dar um salto só de ouvir o nome dele em voz alta, e dou por mim a desejar que ele tivesse um nome mais vulgar, tipo Scott ou Mark. Um nome que pudesse ser confundido com o de outros amigos ou conhecido nossos. Mas na minha vida existe apenas *um* Leo.

– Eu sei – repito, bebendo um longo gole de café frio. – Devia ter-te contado antes... E ia contar, a sério... mas a nossa mudança... o teu bebé... tem havido tantas outras coisas em que pensar.

Apercebo-me de que estou a gaguejar, e de que a Suzanne iria certamente classificar o tom daquelas palavras como «humilhante e acobardado», por isso, apresso-me a assumir outra atitude.

– Mas olha que as coisas não são nada o que parecem... Eu... cruzei-me há tempos com ele no meio da rua, pusemos rapidamente a conversa em dia e... Uns dias depois ele ligou à minha agente e conseguiu-nos a reportagem fotográfica para o artigo do o Drake. Foi só isso, mais nada...

E é suficientemente verdade para que não me sinta assim tão mal por ter feito aquela «colagem rápida» dos acontecimentos – omitindo obviamente que estive com ele em L. A. e, ainda mais obviamente, o nosso romântico voo de regresso.

A Margot parece genuinamente aliviada.

– Eu *sabia* que tinha de ter sido algo do género – diz-me. – Mas confesso que fiquei triste por não me teres contado. – O tom é de puro desapontamento.

– Eu sei... E ia contar-te antes da revista sair, acredita... – digo, não estando bem certa de estar a ser verdadeira mas dando a mim própria um generoso benefício da dúvida. – Desculpa.

Volto a lembrar-me dos conselhos da minha irmã, mas digo a mim mesma que um simples *desculpa* está longe de poder ser apelidado de «humilhante».

– Não tens por que pedir desculpa – diz a Margot rapidamente. – Está tudo bem.

Decorrem alguns segundos de silêncio e, quando eu já acho que me saí completamente desta, eis que a minha melhor amiga revira o brinco de diamante do lóbulo da orelha esquerda e me lança a bomba:

– E o Andy sabe?

Por uma qualquer razão, é uma pergunta que eu não previ e que só serve para me aumentar a culpa residual, já para não falar na ressaca. Abano a cabeça, ficando com a nítida noção de que esta *não é de todo* a resposta que ela esperava.

E não me enganei. A Margot deita-me um olhar piedoso e indaga:

– E... fazes tenções de lhe dizer?

– Não sei... Achas que devo? – pergunto timidamente.

A Margot passa a mão pela protuberante barriguinha e fica pensativa.

– Não sei... Talvez seja melhor não.

– Achas?

– Acho – diz, agora com mais certezas. – Eu não contava.

– E não achas que ele vai reparar... na assinatura do artigo? – pergunto, ocorrendo-me que já não incorríamos neste tipo de estratégia cúmplice há muitos anos. Mas a verdade é que nunca foi preciso. Tirando umas quantas discussões parvas que ocorreram durante os nossos planos do casamento (com a Margot sempre a defender-me), eu e o Andy nunca tivemos problemas conjugais de espécie nenhuma, pelo menos não daqueles que necessitam de «urgente intervenção da melhor amiga».

– Talvez não repare – diz-me. – Ele é homem...os homens raramente reparam nessas coisas. E mais: ele sabe sequer o apelido do Leo?

Respondo-lhe que não tenho a certeza. Em tempos soube, mas não sei se o terá retido.

– Além disso... – continua, descruzando e cruzando as pernas. – O que é que ganhas em contar-lhe, afinal?

Olho para ela, noventa por cento deliciada com a direcção que ela está a dar à conversa e dez por cento preocupada com a hipótese de poder ser uma armadilha montada com base na cumplicidade de dois fiéis irmãos.

O sangue é mais espesso do que a água, quase consigo ouvir a Suzanne dizer enquanto abano a cabeça sem entusiasmo, esperando que a Margot conclua o seu sensato juízo.

– O Leo também não foi propriamente o *grande amor da tua vida*, nem nada do género... – diz ela por fim.

Como não respondo imediatamente, ela ergue as sobrancelhas impecavelmente arranjadas, nitidamente à espera de uma veemente confirmação minha.

– Claro que não foi – respondo de imediato e o mais veemente que consigo.

Desta vez *tenho a certeza* de que estou a mentir, mas que alternativa me resta?

– Ele foi apenas... um caso que tiveste há muitos anos – diz-me ela num voz levemente hesitante.

– Pois... – digo eu, sentindo as pernas a tremer só de me lembrar do nosso voo conjunto.

A Margot sorri.

E eu obrigo-me a sorrir-lhe de volta.

Até que, no exacto momento em que a hospedeira anuncia o embarque, os nossos maridos

regressam, carregando uma pilha enorme de jornais, revistas e garrafas de água. A Margot chega-se a mim e segreda-me, cúmplice:

– Que me dizes então de mantermos este segredinho só para nós?

Pisco-lhe o olho e consinto com a cabeça imaginando-nos a varrer literalmente o lixo para debaixo de um caríssimo tapete oriental cantarolando juntas o genérico de *Golden Girls*, a nossa série preferida de todos os tempos – e que jamais perdíamos no final de um dia de aulas na faculdade.

– Tudo está bem quando acaba bem – segreda-me ela. Palavras que estranhamente conseguem, ao mesmo tempo, consolar-me e provocar-me uma sensação de mau pressentimento. Palavras que me ecoam na cabeça à medida que avançamos pela fila de embarque, rumando em direcção à minha nova vida, ao meu começar de novo... e a algo que me soa vagamente a *redenção*.

Capítulo 22

Nas duas semanas seguintes, à medida que eu e o Andy nos instalamos na nossa nova casa, faço os possíveis para não me desviar do caminho da redenção. Acordo todas as manhãs dirigindo a mim mesma palavras de ânimo, repetindo em voz alta clichés baratos durante o duche – coisas como: *a nossa casa é onde está o nosso coração* ou *a felicidade é um estado de espírito*. Digo ao Andy e à Margot e à Stella, e inclusive a estranhos – como o empregado da loja de produtos orgânicos e a mulher atrás de mim na fila da Direcção Geral de Viação – que estou super feliz por cá estar e que não sinto saudades *nenhumas* de Nova Iorque. Digo a mim mesma que *se desejar* que estas coisas sejam verdade, tudo se resolverá. E que, sobretudo, o Leo ficará para sempre esquecido e enterrado.

Mas apesar dos meus mais renhidos e bem-intencionados esforços, as coisas não correm assim tão bem. A verdade é que continuo a sentir-me desorientada e deslocada. Isto, independentemente do que faça; quer esteja a colocar amorosamente molduras com fotografias minhas e do Andy sobre a nossa magnífica lareira de pedra, a percorrer as prateleiras da Target for Rubbermaid à procura de caixas de arrumação giras, a mergulhar sobre toneladas de tecidos para sofás e cortinados com o decorador de interiores da Margot, ou a plantar flores brancas em enormes vasos de bronze à entrada da nossa porta.

Pior ainda, tenho a desagradável e persistente sensação de que há muito tempo não me sentia tão bem comigo própria como me senti durante aquelas horas enfiada naquele avião, e que foi um enorme erro deixar Nova Iorque. Um erro *crasso*. O tipo de erro que despoleta ressentimento e perigosas fissuras. O tipo de erro que nos faz doer o coração. O tipo de erro que nos faz ansiar por uma diferente alternativa, pelo passado, por outra pessoa.

Entretanto, a satisfação do Andy – para não dizer *regozijo declarado* – faz-me sentir ainda mais distante e deprimida. Não tanto porque «a tristeza adora companhia», mas por essa felicidade significar que a nossa mudança é permanente, que estou presa a esta vida para sempre. Presa à sua vida. A triste sina de me ver encalhada no trânsito aonde quer que vá, mesmo para tomar um simples café ou ir fazer uma manicura rápida. Um destino certo de hediondos *strip malls*³⁰ sem graça nenhuma, com poucos sítios onde encomendar comida. De uma acumulação fútil de tralhas inúteis – coisas brilhantes e desnecessárias – para preencher os espaços vazios da enorme casa. De adormecer ao som de um silêncio ensurdecador, em vez do tão agradável pulsar da cidade. De

Verões demasiado tranquilos e terrivelmente sufocantes, com o Andy a jogar golfe e ténis todos os fins-de-semana, e de absolutamente nenhuma perspectiva de um Natal com neve. Tudo isto rodeada de vizinhas loirinhas e de olhos azuis, maníacas de adoçante, viciadas em gamão e que só vestem Lilly Pulitzer³¹, e com as quais eu não tenho literalmente nada em comum.

Até que numa manhã de Agosto, depois de o Andy sair para o trabalho, dou por mim espedaçada no meio da cozinha, segurando uma tigela com restos de cereais que ele deixou displicentemente em cima da mesa, e apercebo-me de que tudo aquilo já deixou de ser um sentimento subtil. Trata-se de sufoco puro e duro. Atiro com a tigela para dentro do lava-loiça e corro a telefonar à Suzanne, completamente em pânico.

– Odeio isto – digo-lhe, lutando por conter as lágrimas. Só o facto de dizer aquilo em voz alta parece reforçar a minha posição e tornar os meus sentimentos não só oficiais como consolidados.

– As mudanças são sempre difíceis. Não detestaste Nova Iorque no início? – diz a Suzanne num tom encorajador.

– Não – afirmo, peremptória. – Nova Iorque foi um processo de adaptação, é evidente. Senti-me um tanto assustada de início, mas... nunca *detestei* a cidade. Nunca me senti como agora.

– Mas qual é o teu problema? – pergunta-me ela. E, por um segundo, acredito que ela está genuinamente preocupada comigo, até a ouvir acrescentar: – É o teu marido extremoso? A vossa fantástica casa? O teu Audi novo? Ou... espera lá, já sei: só pode ser o poderes dormir até tarde e não teres de te levantar para ir trabalhar. Acertei?

– Não sejas parva – digo, algo amuada e sentindo-me mimada e ingrata, como uma celebridade que se queixa da falta de privacidade e que insiste que tem uma vida *nada fácil*. Ainda assim, continuo a achar que os meus sentimentos são legítimos. – Estou a dar em doida porque a minha agente não me liga a propor-me trabalho, por passar os meus dias a podar magnólias no jardim das traseiras e por ver o Andy a cirandar pela casa de caixa de ferramentas em riste, a fingir que é habilidoso... E já não aguento a miudagem a vender limonada na esquina da minha rua e as amas a olharem para mim de lado como se eu fosse alguma pervertida! Quero imenso trabalhar e...

– Mas tu *não precisas* de trabalhar, Ellen! – lança-me a minha irmã, cortando-me o pio. – É *completamente* diferente, acredita.

– Sim, eu sei. Sei que sou uma sortuda, que devia estar super feliz, ou pelo menos *confortada* com tudo... *isto* – digo, olhando para a minha espaçosa cozinha, com as suas bancadas em mármore, o fogão *high tech* enorme e reluzente, e o magnífico chão todo em cedro. – Mas... não me sinto integrada. Não sei explicar.

– Tenta – diz-me.

Estou prestes a despejar a minha habitual litania de queixas, quando opto antes por lhe contar um episódio, algo anedótico mas simbólico, que se passou ontem à noite. Descrevo-lhe então a vinda cá a casa da miúda do lado, insistindo em vender-nos biscoitos dos Escuteiros, e o quão irritada eu fiquei por ver o Andy preencher alegremente o formulário da encomenda, como se se tratasse da decisão mais importante da sua vida. Imito-o, exagerando-lhe o sotaque: «Querida, encomendamos três caixas de *Tagalongs* e duas de *Thin Mints*, ou duas de *Tagalongs* e três de *Thin Mints*?».

– Sim... de facto, é uma decisão lixada – goza-me a minha irmã.

Ignoro-a e continuo:

– E depois, o Andy e a mãezinha da miúda ficaram em amena cavaqueira durante vinte minutos, dissertando sobre os dois anos escolares de diferença entre eles, o que, pelos vistos, é muito nesta terra, e sobre os seus conhecimentos comuns em Westminster...

– Westminster, Inglaterra?

– Não. Bem mais importante do que essa velha abadia europeia. Esta Westminster é nada mais nada menos do que a mais selecta e afamada escola de Atlanta... Ou, como ela fez questão de me salientar, «de todo o Sudeste, minha querida.»

A Suzanne ri-se, fazendo-me pensar que se bem que ela até deseje que eu seja feliz, também deve estar deleitada com esta situação. Afinal, ela foi a primeira a avisar-me dos perigos desta mudança. *Tu és uma estranha, lembra-te. Não és como eles. Jamais serás bem aceite.*

– Até que por fim... – continuo eu – ... já eu pensava que aquele martírio tinha acabado e que podia finalmente regressar à minha novela das sete, que foi algo que eu só comecei a ver quando vim para cá, convém dizer, eis que a mãezinha diz à miúda para agradecer e despedir-se «do senhor e da senhora Graham» e, num mero segundo de desorientação, olho em volta à procura dos pais do Andy. Até me aperceber de que *era eu* a Sra. Graham!

– E então? Não queres ser a Sra. Graham? – pergunta-me a Suzanne num tom mordaz.

Solto um suspiro.

– O que eu não quero é que o ponto máximo do meu dia se resuma à encomenda de *Thin Mints*.

– Mas olha que são deliciosos – brinca. – Sobretudo se os deixares um bocadinho no congelador.

– Por favor!

– Desculpa... continua.

– Não sei, sinto-me ... apanhada numa cilada... e isolada.

– Então e a Margot? – pergunta a minha irmã.

Considero por um momento aquela pergunta, sentindo-me dividida entre o sentido de lealdade para com a minha melhor amiga e aquilo que parece *de facto* tratar-se da triste realidade da questão: que, não obstante falar com a Margot várias vezes por dia, ultimamente nasceu em mim uma estranha sensação de distanciamento, que teve o seu início precisamente naquele olhar reprovador que ela me dirigiu no jantar de despedida, sentimento esse que não se dissipou apesar da nossa conversa no aeroporto, na manhã seguinte.

Na altura fiquei grata pelo seu apoio e compreensão, por ela continuar a manter-me sob a sua asa apesar da minha transgressão. Mas agora tenho a perturbadora e incómoda sensação de que ela acredita *mesmo* que eu lhe devo imenso assim como ao Andy e a toda a sua família. Que tenho *imensa* sorte por estar a viver aqui, sob o quente aconchego da dinastia Graham, e que não posso de maneira nenhuma sentir saudades de Nova Iorque nem me é permitido sentir seja o que for por algo que não seja a visão deles, a sua noção de decoro, ou os seus mais arreigados princípios e valores.

Aquilo que mais nos atrai é precisamente aquilo que mais nos angustia – penso – e é mesmo verdade. Em tempos considerei o mundo dos Graham algo absolutamente fantástico e maravilhoso. Admirava-lhes a riqueza, o sucesso, o sentido de união – pasmava perante o facto do mais rebelde elemento da família, o James (que finalmente já deixou a casa dos pais) continuar a aparecer todos os

Domingos na missa, apesar dos olhos vermelhos e do cheiro a tabaco impregnado na roupa. Achava o máximo que eles se consultassem sempre uns aos outros antes de tomarem qualquer decisão, admirava a forma como eles se orgulhavam do nome e das tradições da família e de como toda a gente punha a Stella num pedestal. E admirava-me o facto de ninguém na família morrer, divorciar-se ou mesmo desapontar quem quer que fosse.

Mas agora... Agora sinto-me apanhada. Por todos eles. Por tudo isto.

Quase sou tentada a admitir isto à minha irmã, mas sei que se o fizer estou lixada. Jamais poderei desdizer-me ou suavizar a coisa, e um belo dia, quando a tempestade acalmar, a minha querida mana pode muito bem atirar-me tudo isto à cara. É típico dela.

Por isso, limito-me a dizer:

– A Margot está ótima. Falamos imensas vezes por dia... Mas não estamos na mesma onda... Ela anda super excitada com a cena da gravidez, o que até é compreensível, acho eu...

– E achas que em breve ficarão as duas na mesma onda? – pergunta-me ela, obviamente curiosa quanto aos nossos planos de constituir família.

– Provavelmente. Sou menina para ter uma criança ou duas. Aliás, já nos comportamos como se as tivéssemos... Sabes que penso muitas vezes nos nossos amigos de Nova Iorque que têm filhos? Em como todos eles fazem a paternidade parecer uma coisa tão agradável... Não mudaram rigorosamente nada, continuam imaturos, bem-dispostos, boa-onda... Saem à noite, jantam fora, vão a espectáculos e a sítios fixes...

Suspiro, lembrando-me da Sabina e de como, em vez de levar as trigémeas a parques infantis e centros comerciais, as levava a museus e a festivais de música e a bailados. E em vez de as vestir com vestidinhos às flores e saias plissadas com camisinhas brancas, preferia enfiar-lhes *jeans* e *t-shirts* pretas e lisas de algodão orgânico, criando mini-Sabinas e esbatendo diferenças geracionais.

– Mas aqui é tudo tão... politicamente correcto – acrescento, entusiasmando-me cada vez mais com a conversa. – Aqui toda a gente é *irrepreensivelmente adulta*, mesmo antes de terem filhos. Parece que voltámos aos anos cinquenta, quando as pessoas ficavam iguaizinhas aos pais ao chegarem aos vinte e um anos... E eu sinto que nos estamos a transformar nesse tipo de gente, eu e o Andy... Já não há mistério, desafio ou paixão... As coisas são... *assim*, percebes? É a nossa nova vida, ponto final. Só que não é a *nossa vida*. É a vida do Andy.

– Mas... e ele? Está contente por tu teres cedido? Não sente remorsos nem nada no género?

– Népia. Anda encantado... Passa os dias a assobiar. Assobia pela casa, assobia pelo jardim, assobia na garagem. Assobia quando vai trabalhar com o paizinho ou quando vai jogar golfe com a rapaziada...

– «A rapaziada»?! Julguei que tu e o Andy odiavam essa expressão.

– E odiávamos... mas aqui é impossível não a utilizar, acredita.

Ouçõ a Suzanne a rir enquanto vejo um fio de leite cor-de-rosa escoar pelo ralo do lava loiças e não consigo deixar de me espantar perante as actuais opções de pequeno-almoço do Andy... Afinal, que tipo de *adulto* come, logo de manhã, uma taça de cereais em forma de coração e com sabor a morango, vendidos numa caixa com um amoroso coelhinho em calções?

– Já tentaste dizer-lhe como te sentes? – pergunta a minha irmã.

– Não... Não vale a pena.

– Não vale a pena seres sincera?

Sorrio. É o tipo de frase que eu lhe costumava atirar quando ela e o Vince tinham problemas. *Abre-te. Transmite-lhe os teus sentimentos. Desabafa.* Apercebo-me, de repente, que não só trocámos de papéis como aquele tipo de conselhos são bem mais fáceis de dar do que de seguir. É tudo muito mais fácil quando se trata de problemas relativamente *pouco importantes*. E, neste momento, os meus problemas estão longe de ser pouco importantes.

– Não quero que o Andy se sinta culpado – digo. O que é rigorosamente verdade.

– Pois, mas talvez fosse bom ele sentir-se culpado – remata a Suzanne. – Foi ele que te influenciou a mudar.

– Ele não *me levou* a coisíssima nenhuma, Suzanne – reclamo, sentindo um súbito desejo de defender o meu marido. – Ele apresentou-me uma série de alternativas possíveis. Eu é que não as aproveitei... Não ofereci a menor resistência, o erro foi meu.

– Pois foi um erro muito estúpido, esse – diz-me ela.

Afasto-me do lava-loiças, sentindo-me uma miudinha de dez anos com vontade de ripostar: *Estúpida és tu!*

³⁰ Mini centro comercial aberto para a rua, composto por um grupo de lojas com um estacionamento na frente. (N. da T.).

³¹ Famosa *socialite* e designer de moda americana, cujas criações assentam basicamente no romântico dos vestidinhos estampados e no chique dos linhos e algodões puros. (N. da T.)

Capítulo 23

Uns dias depois, tenho a Oprah a proporcionar-me ruído de fundo enquanto me dedico ao meu próprio TOC³² fazendo elegantes etiquetas para as gavetas da cozinha. À medida que vou imprimindo cuidadosamente numa delas a palavra *espátulas*, ouço um bater na porta das traseiras e levanto o olhar, vendo a silhueta da Margot através do vidro fosco.

Antes mesmo sequer de conseguir acenar-lhe, ela abre a porta e diz:

– Olá, querida, sou eu.

Tiro o som da televisão e poiso o meu marcador especial para etiquetas, sentindo-me dois terços grata pela companhia e um terço chateada por aquela sua mania irritante de entrar sem a menor cerimónia. E talvez também um nadinha envergonhada por ser apanhada a ver televisão àquela hora da manhã coisa que eu *já* fazia em Nova Iorque.

– E então? – diz, dirigindo-me um caloroso sorriso. Vem com um bibe sem mangas branco, *leggings* pretas e havaianas e, pela primeira vez, está com aquele ar «farta de estar grávida», pesadona mesmo, pelo menos segundo os seus próprios padrões. Até os pés e tornozelos parecem inchados. – Sempre jantam lá em casa logo à noite?

– Claro. Já te tinha tentado ligar a confirmar. Onde é que andaste? – pergunto, apercebendo-me que não é nada normal eu não saber do *exacto paradeiro* da Margot.

– No ioga pré-natal – diz, atirando-se para cima do sofá com um gemido. – E tu? Que andas a fazer?

Acabo de imprimir a etiqueta das *colheres de pau* e exibo-a:

– A organizar-me – respondo.

Ela faz-me um educado aceno de aprovação e pergunta:

– Que tal *Josephine*?

Olho-a confusa, até que percebo que ela está a falar dos nomes para o bebé. *Outra vez*. Nos últimos tempos parece ser o nosso único tema de conversa. De um modo geral, até gosto do «jogo dos nomes» e entendo obviamente a importância de escolher o nome certo para uma criança, mas confesso que já estou a ficar um bocado farta do assunto. Se, ao menos, a Margot soubesse o sexo da criança, a tarefa ficaria bem mais facilitada, mas enfim...

– *Josephine*... – digo em voz alta. – Gosto... Soa bem... É pouco comum... Muito bonito.

– E *Hazel*? – diz ela.

– Hmmm... Um bocado pretensioso. Além disso... esse não é o nome da filha da Julia Roberts?

Agora estás numa de copiar os nomes dos filhos das celebridades? Poupa-me...

– Pois é... Tens razão. E que tal *Tiffany*?

Não gosto especialmente do nome e parece-me um tanto ou quanto desadequado na lista de nomes clássicos da Margot, mas ainda assim pondero bem no que dizer. Dizemos que não gostamos do futuro nome de um filho de uma amiga pode ser perigoso (é como dizer-lhe que não gostamos do namorado – é quase certo que acabarão por casar).

– Não sei... – digo, cautelosa. – É bonito mas um bocadinho «frou-frou». Não eras tu que só querias nomes tradicionais?

– Sim, claro. E Tiffany era o nome da prima do Webb, aquela que morreu com cancro de mama... Mas a Mamã acha que é muito anos oitenta, um bocadinho piroso... Sobretudo agora que a marca se tornou tão comercial³³.

– Sim, realmente... eu conheço várias Tiffanys de Pittsburgh – observo. – Por isso a tua mãe deve ter razão quanto ao ser piroso.

A Margot não percebe aquela minha farpa subtil e continua alegremente:

– Faz-me lembrar o filme da Audrey Hepburn, *Breakfast at Tiffany's*, que eu adorei e... Espera lá! E que tal Audrey?

– Gosto. Prefiro Audrey a Tiffany... Se bem que rime com *tawdry*³⁴, o que é chato.

A Margot ri-se; sempre foi uma grande fã daquela minha mania de liceu de encontrar rimas para tudo.

– E achas que uma criança sabe sequer o que *tawdry* quer dizer?

– Hoje em dia nunca se sabe – digo eu. – Além disso, se mantiveres o apelido de família *Sims*, o monograma dela seria *ABS*... e aí era melhor que fosse feia de magra ou ainda corrias o risco de ter uma filha com eternos distúrbios alimentares...

– És mesmo passada de todo... – comenta a Margot, divertida, soltando uma gargalhada e abanando a cabeça.

– E porque não *Louisa*? Não era o teu preferido desde o início?

Há semanas que *Louisa*, outro nome de família, era o nome mais votado por toda a gente, no caso de ser uma rapariga. A Margot chegou mesmo a comprar um fato de banho em miniatura onde bordou um *L* – para o caso de ter *mesmo* uma menina. O que, aliás, é *claramente* o que a Margot quer, o que me faz ficar preocupada perante a eventualidade de vir aí um rapaz. Ainda ontem à noite disse ao Andy que, no momento do parto, a Margot vai ficar como aquelas atrizes nomeadas para o Oscar à espera de ouvirem o seu nome. Suspense total seguido de êxtase puro no caso de «ganhar» – tendo que fingir esse mesmo êxtase se «não ganhar».

A Margot suspira e diz-me:

– Adoro o nome *Louisa*, mas ainda não me rendi completamente a ele.

– Pois é melhor que te decidas. Seja lá por que nome for. Já só tens quatro semanas.

– Eu sei... – suspira ela. – O que me faz lembrar que tens de te apressar com essa sessão de fotografias, como combinámos... Vou fazer madeixas na segunda-feira e o Webb diz que pode vir

mais cedo para casa qualquer noite da próxima semana. Por isso, quando te der mais jeito...

– Certo – digo, lembrando-me da conversa que tivemos há uns meses em que ela me pediu, e eu concordei, que eu lhe tirasse, e estou a citá-la, «uma daquelas fotografias artísticas a preto e branco a mostrar a barriga». Na altura pareceu-me uma excelente ideia, mas devido ao meu recente estado de espírito, deixou de me apetecer fazê-lo, sobretudo quando soube que o Webb também queria aparecer. Já o estou a ver a olhar para a esposa amorosamente com ar embevecido, acariciando-lhe a barriga ou até, pior ainda, plantando-lhe um beijo no umbigo saliente. *Que horror!* O estado a que eu cheguei... Se não me puser a pau, terei passado de repórter fotográfica da revista *Platform* para a tia extremosa que limpa baba, muda fraldas e abana rocas.

Assim sendo, e com tudo isto em mente, atrevo-me a dizer:

– Tu não achas que isso é um bocado... sei lá, *mauvais goût*?

Não sei porquê, mas pôr o termo em francês pareceu aligeirar um bocadinho o desagradável da observação.

Por um momento a Margot parece ficar ofendida, mas depressa se recompõe, afirmando categoricamente:

– Não, de todo. Gosto imenso dessas fotografias. Claro que não será para a expor no meio da sala, mas para a guardar num álbum... A Ginny e o Graig também tiraram e ficaram espantosas.

Contenho-me em dizer-lhe que dificilmente aspiro a ser como a Ginny e o Greg que, convém salientar, encabeçam a lista dos meus «ódios de estimação em Atlanta».

A Ginny é a amiga mais antiga da Margot – e, até eu a ter destronado, a mais íntima. Ouvi dezenas de vezes a história de como elas se conheceram, a maior parte delas pela boca da própria Ginny. Resumindo a coisa, as respectivas mães conheceram-se num grupo de mamãs frequentadoras de um parque infantil, mas em breve decidiram ambas afastar-se do grupo ao perceberem que as outras mães não eram dignas de partilhar os seus gostos e sensibilidades. A gota de água, aliás, aconteceu quando elas souberam que uma das mães dava aos filhos *Cheerios*³⁵ secos como lanche matinal. O que até seria passível de ser perdoado caso a dita senhora não tivesse o costume de oferecê-los aos outros adultos. Numa tigela de *plástico*! Facto que a Ginny categorizou, utilizando uma afectada e irritante expressão do Sul, como: «'Tadinha, não tem noção». Tradução: «Que *pindérica*».

Posto isto, as mães retiraram-se do grupo e formaram outro, naturalmente. A partir daí, foi o que se viu. Pelos álbuns de fotos da Margot dá bem para perceber que as meninas se tornaram inseparáveis ao longo de toda a infância e adolescência, quer como animadoras de claque (com a Ginny sempre a agarrar o calcanhar esquerdo da Margot quando faziam a «pirâmide», um gesto que eu considero simbólico da sua amizade), ou passeando-se pelo Clube de Campo de biquínis amarelos iguais, ou organizando chás, quermesses e bailes de debutantes. Sempre de sorrisos abertos, impecavelmente bronzeadas, e constantemente rodeadas por um bando de admiradoras menos bonitas. A anos-luz de tudo isso estou eu e a meia dúzia de fotos que ainda guardo de mim e da Kimmy, a minha melhor amiga de infância, patinando no velho ringue do nosso bairro, com o cabelo escalado, *tops* fluorescentes e filas e filas de pulseiras de corda coçadas e gastas.

Seja como for, tal como eu e a Kimmy seguimos caminhos separados depois de acabarmos o liceu (ela seguiu Cosmética e é hoje a orgulhosa proprietária de um cabeleireiro de bairro em Pittsburgh),

também a Ginny e a Margot se foram distanciando. Se bem que a formação delas tenha sido a mesma, já que a Ginny também entrou para a Universidade da Georgia, e também frequentou uma República, a verdade é que viveram diferentes experiências com diferentes pessoas, o que lhes retirou finalmente o título de «Melhores Amigas Para Sempre». Finalmente, enquanto a Ginny se manteve fiel às tradições da boa e velha elite de Atlanta (a maioria dos colegas de liceu seguiu para a Universidade da Georgia), a Margot tresmalhou-se optando pela Wake Forest, *embarcando em cenas diferentes*. Uma parte importante dessas *cenas diferentes* foi o ter-me conhecido *a mim*, uma ianque que não parecia jamais poder vir a enquadrar-se na ordem social de Atlanta. Agora que penso nisso, acho até que a decisão da Margot em adoptar-me como melhor amiga teve a ver com uma necessidade velada de se redescobrir e redefinir, quase como se tivesse fugido de casa para se juntar a uma nova banda, irreverente e pouco convencional. Acredito que uma morena de olhos castanhos, católica, com um forte sotaque de Pittsburgh representasse uma radical e apetecível lufada de ar fresco no seio de uma sociedade tradicional e elitista. Francamente, também acho que a Margot gostou que eu fosse esperta, talvez até mais esperta do que ela, em comparação com a Ginny, que apesar de boa aluna, não tinha a menor curiosidade intelectual. Aliás, lembro-me bem de as ouvir falar ao telefone nos tempos da faculdade e de perceber que os interesses da Ginny não iam muito para além de roupas, festas e rapazes, se bem que a Margot partilhasse desses interesses, tinha visivelmente muito mais substância do que a amiga.

Daí que fosse mais do que previsível que a Ginny se mostrasse competitiva e tivesse ciúmes de mim, sobretudo durante aqueles primeiros anos da «gradual transferência de poderes». Claro que essa atitude nunca foi visível ou declarada; ela mostrava-me apenas uma certa frieza ou então, ocasionalmente, gostava de relembrar episódios íntimos e cúmplices com a Margot na minha presença. E até pode ser paranóia minha, mas eu sentia que ela fazia questão de discutir questões com as quais eu não me podia relacionar – como os respectivos faqueiros em prata (as respectivas avós tinham comprado ambas os faqueiros das netinhas na conceituada *Buckhead's Beverly Bremer Silver Shop*, no dia em que elas nasceram) ou os últimos mexericos do Clube de Campo, ou os quilates ideais para os brincos de diamantes (pelos vistos, qualquer coisa abaixo de um quilate é *demasiado quinze aninhos* e acima de dois e meio é *super novo-rico*).

Ao longo do tempo, e à medida que a amizade delas se tornou mais arreigada ao passado e a minha passou a ser diária e praticamente siamesa, primeiro na faculdade e depois em Nova Iorque, a Ginny viu-se obrigada a render-se às evidências. Depois, quando o meu namoro com o Andy se tornou sério e ela percebeu que, por mais antiga que fosse a amizade dela com a Margot, eu iria muito em breve passar a ser *da família*, tornou-se um dado *completamente* adquirido que eu iria usurpar-lhe o título e ser nomeada dama-de-honor da Margot – o equivalente adulto a usar «pulseiras de melhores amigas». E por mais que a Ginny tivesse subitamente passado a ser muito simpática comigo em todos os almoços e jantares de noivado que a Margot organizou, fiquei com a nítida sensação de que ela tinha a firme convicção de que tanto a Margot como o Andy «mereciam melhor.»

Não obstante tudo isto, este «drama infantil de melhores amigas» nunca foi algo a que eu tivesse dado uma especial atenção; isto até a Margot ter regressado de vez para Atlanta. De início, ela deu sinais nítidos de uma enorme relutância em fixar-se definitivamente no *velho cenário*. E nunca deixou

de se mostrar leal à sua amizade com a Ginny – este, aliás, sempre foi um dos melhores traços de personalidade da Margot – mas ocasionalmente deixava escapar uma observação mais crítica à estreiteza de vistas da amiga, comentando o facto de ela não ter a menor vontade de ir de férias para lado nenhum que não fosse Sea Island³⁶, ou de como ela nunca lia jornais e do *curioso* que era o facto da Ginny *jamaís* ter trabalhado na vida. (E quando eu digo *jamaís*, quero mesmo dizer *nunca*. Nem um trabalho de férias de verão como socorrista, nem um trabalho temporário num escritório antes de se casar e de ter, logo a seguir, um menino e, dois anos depois, uma menina. A mulher nunca recebeu um salário na vida. Ora, isso para mim, que trabalho desde os quinze anos, era muito para lá de *curioso*. Era mais esquisito do que conhecer pessoalmente um caso de gémeos-siameses ou ter um caso com um acrobata de circo. Era bizarro e também um pouco triste).

Mas desde que me mudei para Atlanta, constatei que a Margot parece ter-se «esquecido» destas *particularidades* da Ginny e, pior ainda, abraçou-a como a «boa e velha amiga de sempre que os anos não conseguiram afastar». E se bem que adultas emocionalmente estáveis e equilibradas (como eu gosto de me considerar) não alinhem nessas tretas de «despique de melhor amiga», não consigo deixar de ficar nervosa perante a presença da loirinha ex-rival, agora que me vejo forçadamente inserida no seu mundinho homogéneo e sofisticado da velha Buckhead.

Por isso, ao ouvir a Margot dizer: «A propósito, também convidei a Ginny e o Craig para lá jantarem. Espero que não te importes», sorrio abertamente e respondo:

– Claro que não, acho *faaantááástico*...

Um adjectivo bem apropriado ao meu novo estilo de vida georgiano.

Nessa noite, consigo a proeza de me atrasar ao arranjar-me para o jantar, um fenómeno curioso visto não ter tido *rigorosamente nada* para fazer durante o dia. Enquanto seco à pressa o cabelo molhado e passo descuidadamente hidratante na cara, ouço o Andy chegar e subir as escadas a correr anunciando-se com aquele tom «o mundo é perfeito»:

– Querida, já cheguei!

Não sei porquê, lembro-me de um texto que li, retirado de um típico Manual de Economia do Lar dos anos 50 e que, de vez em quando, corre pela Internet, que descreve os «sins» e os «nãos» da dona-

-de-casa perfeita e esposa irrepreensível. Referia-se concretamente à forma de tratar os maridos no regresso ao lar após um cansativo dia de trabalho. *Faça desta noite a noite dele... Ponha um laço no cabelo e surja-lhe fresca e airosa... Ofereça-se para lhe descalçar os sapatos... Fale com ele num tom suave e caloroso.*

Dou ao meu marido um beijinho nos lábios e digo-lhe num tom delico-doce e ligeiramente sarcástico:

– Boas notícias, querido... A Ginny e o Craig também jantam connosco esta noite.

– Ora, vá lá... Vê lá se és simpática, eles não são assim tão execráveis.

– São pior – digo eu.

– Vê se és simpática – alerta-me de novo, fazendo-me pensar se aquilo também viria nas regras que li: *Seja sempre simpática, em detrimento da verdade.*

– OK – digo eu. – Serei simpática até à quinta vez que ela empregue o termo *superbem*. Depois disso, já não me responsabilizo. Combinado?

O Andy ri-se enquanto eu continuo a imitar a Ginny.

– Esse vestido é *superbem*... Este vosso berço é *superbem*. A Jessica Simpson e o Nick Lachey ficavam *superbem* juntos, vocês não acham? Sei que há coisas mais importantes, como os distúrbios no Médio Oriente e assim, mas a notícia da separação deles deixou-me *absolutamente arrasada*...

O Andy ri-se de novo e fica a ver-me abrir o meu gigantesco roupeiro, ocupado apenas a um terço, e escolher um par de *jeans*, umas havaianas em pele e uma *t-shirt vintage* da Orange Crush³⁷.

– Achas que vou bem assim? – pergunto-lhe, enfiando a *t-shirt* pela cabeça ainda molhada e quase desejando que o Andy critique a minha escolha.

Mas em vez disso, ele beija-me o nariz e diz:

– Claro, estás *muito bem* assim!

Como já era de esperar, a Ginny está elegantemente vestida, com um extravagante vestido-tubo, sandálias de tiras e colar de pérolas, e a Margot está com um adorável vestido pré-mamã azul pálido, e igualmente com um colar de pérolas. (Bem entendido, as da Margot são modernas, grandalhonas e desiguais, enfiadas num colar de atar atrás com uma larga fita branca de cetim, em vez do requintado colar clássico oferecido pela avó, mas são pérolas verdadeiras na mesma.)

Lanço ao Andy um olhar que lhe passa despercebido ao vê-lo baixar-se para dar uma festa na mascote da Ginny, uma cadela Chinês Cristado chamada «Delores» sem a qual a Ginny nunca sai de casa (e, pior ainda, a quem aplica habitualmente protector solar). Juro que ela gosta mais da cadela do que dos filhos – pelo menos do filho, que sofre de um TDAH³⁸ tão grave que a mãe se gaba de estrategicamente lhe dar anti-histamínicos antes de uma viagem de carro mais longa ou quando vão a restaurantes.

– Sinto-me tão mal vestida... – queixo-me, estendendo à Margot uma garrafa de vinho que trouxe de casa. Passo as mãos pelas ancas num gesto desconfortável: – Não disseste que era um jantar informal?

A Ginny não consegue disfarçar o seu contentamento, completamente alheia ao facto de eu secretamente me sentir lindamente nos meus *jeans* e *t-shirt* e de achar que *ela* é que está *demasiado chique* para a ocasião. Enquanto ela se dirige a mim toda sorridente para me assentar dois daqueles falsos beijinhos, mal tocando com a boca na minha cara, a Margot agradece-me o vinho e diz:

– Pois disse. E estás giríssima. – Depois serve-nos *margaritas* em enormes copos de balão e acrescenta: – Meu Deus, quem me dera ter a tua figura... Diz lá, Ginny, não morres de inveja *destas pernas*?

A Ginny, que nunca chegou a fazer ginástica pós-parto – apesar de ter um *personal trainer* e ter feito uma operação plástica à barriga, da qual não era suposto eu ter conhecimento, deita-me uma olhadela rápida às pernas e faz um aceno de concordância muito pouco convincente. Ela prefere claramente dirigir-me elogios de tipo mais ambíguo – como aconteceu, por exemplo, quando repartimos entre as duas a tarefa de escolher os convites para o *baby shower* da Margot (um acontecimento pelo qual eu não anseio mesmo nada, diga-se de passagem). Estávamos ambas na loja,

já depois da escolha feita: papel *couché acetinado rosa pálido*, impresso a *carvão*, sobre o motivo clássico *carrinho de bebê antigo*. Dei assim por finda a missão e preparava-me para sair da loja quando a Ginny me toca no ombro com um sorriso condescendente e me diz:

– A fonte, querida. Não escolhemos a fonte.

– Ah, pois não... – digo eu, lembrando-me do meu antigo e saudoso emprego em Nova Iorque e do tanto que aprendi com o Oscar sobre fontes. Muito mais do que alguma vez a Ginny terá aprendido com a organização do seu casamento e mais meia dúzia de festas e bailes de caridade. Por isso, morro secretamente de riso ao perguntar-lhe:

– Calculo que Times New Roman não sirva...

Ao que a Ginny, esforçando-se por disfarçar o seu horror perante a simpática senhora ruiva que nos atendia, retorquiui:

– Oh, Ellen, nem sabes como eu admiro esse teu jeitinho relaxado em relação aos pormenores... Eu bem tento, sabes, mas... sei lá, não consigo mesmo...

Tradução: «Tadinha, não tem noção».

Bom, mas seja como for, eis-me sentada na glamorosa sala de estar da Margot, com a minha *t-shirt* Orange Crust, a única cor viva e alegre no meio daquela imensidão de pastel chique e sofisticado que me rodeia. E sou também, pelos vistos, a única a não saber do mais recente e escaldante mexerico: a Cass Phillips descobriu que o marido, Morley, comprou uma harpa de trezentos dólares para oferecer à namorada de vinte e um anos que, por acaso, é afilhada da sua melhor amiga. Episódio que, como se calcula, provocou uma autêntica revolução no Cherokee, o clube de campo a que toda a gente que é gente pertence.

– Uma... harpa? – digo eu. – Qual é o mal do velho e habitual *negligée*?

A Ginny olha-me com desdém, como se eu tivesse passado completamente ao lado da questão, e diz:

– Ora, Ellen, a miúda é música, toca harpa.

– Ah, OK... – digo eu, perguntando-me que tipo de miúda de vinte e um anos toca harpa em pleno século vinte e um.

O Andy pisca-me o olho e diz:

– Como a Elizabeth Smart.

Sorrio, não conseguindo deixar de me maravilhar perante o inefável talento do meu marido de repescar exemplos para praticamente todas as situações, enquanto a Ginny ignora a nossa troca de olhares e me informa que ela e o Craig tiveram uma harpista a tocar na festa de noivado deles para além, obviamente, do quarteto de cordas.

– Elizabeth quantas? – pergunta o Craig, voltando-se para o Andy e esforçando-se por situar aquele nome no seu limitado *contexto de Buckhead*.

– Não te lembras?... – pergunto. – Aquela rapariga Mórmon que foi raptada e encontrada um ano depois passeando-se alegremente de roupão por Salt Lake City, de braço dado com o seu raptor barbudo.

– Ah, sim, essa... – comenta o Craig com indiferença. Ao vê-lo cortar uma fatia de Brie e metê-la entre duas bolachas de água e sal, não posso deixar de pensar que não obstante as suas semelhanças

com o Webb, (são ambos rosados, furiosos desportistas e bons contadores de anedotas) ele não tem de todo a mesma afabilidade do Webb nem o mesmo talento natural para pôr os outros à vontade. Pensando bem, nem nunca o vi interessado em conversar comigo ou sequer a olhar para mim duas vezes. Sacode umas quantas migalhas das suas caríssimas bermudas de *seersucker* e comenta:

– Ouvi dizer que essa miúda da harpa era podre de boa...

– Craig! – berra a Ginny, lançando-lhe um olhar chocado como se o tivesse apanhado a masturbar-se em frente a uma *Penthouse*.

– Desculpa, querida – diz-lhe ele beijando-a de uma forma tal que se diria que só namoravam há dois meses, quando na verdade ficaram praticamente noivos no primeiro dia de faculdade.

O Webb parece divertido ao perguntar como é que Morley foi apanhado.

A Ginny explica que Cass descobriu o talão do VISA com a compra da harpa, achou estranho e ligou para a loja.

– Depois foi só juntar esse pormenor ao seu curioso e recentíssimo interesse por música sinfónica – acrescenta ela de olhos esbugalhados perante aquele inusitado escândalo.

– Mas será que ele não pensou que, dada a reputação de engatatão que tem, era previsível que a mulher lhe controlasse o cartão de crédito?

Craig assente com a cabeça e deixar escapar um comentário:

– Eu rasgo sempre os meus...

Ginny põe um ar ameaçador e murmura novamente o nome do marido, não deixando de salientar:

– Deixava-te no minuto seguinte.

Sim, sim, já me tinhas dito, penso eu. Ela é *completamente* o género de mulher que aguenta todas as traições do marido. Tudo para manter as aparências daquele casamento perfeito.

À medida que o grupinho vai dissecando a sórdida saga da harpa, a minha mente desvia-se para o Leo e faz-me reconsiderar, pela centésima vez, pelo menos – e numa perspectiva *puramente técnica*, tipo «um inquérito feito a cem pessoas na rua» –, se de facto fui infiel ao Andy naquela noite no avião. Até agora sempre quis que a resposta fosse «não», tanto para bem do Andy como meu. Mas esta noite apercebo-me de que uma pequena parte de mim quase que *deseja* cair nessa imoral categoria. Queria muito ter um segredo que me distanciasse da Ginny e do seu mundo «dona-de-casa desesperada» onde me vi subitamente caída. Já estou a ouvi-la comentar com as suas amiguinhas Betty Feias: «Não imagino *de todo* o que é que a Margot vê naquela ianque pindérica, que usa *t-shirts* e que tem um péssimo gosto para pormenores...»

Enfim, a noite lá decorre sem especial animação, resumindo-se a conversas sobre golfe e negócios entre os meninos e sobre bebés entre as meninas, até chegarmos mais ou menos a meio do jantar, quando a Ginny dá um gole no seu copo de vinho tinto, faz uma careta e comenta:

– Margot, *querida*, que coisa é esta que estamos a beber?

– É um Merlot – diz Margot rapidamente, com algo no tom de voz que me avisa que vem aí problema. Olho para a garrafa e vejo que é a que eu trouxe de casa, e que após uma observação mais cuidada concluo ser a *mesma* que o meu pai e a Sharon nos deram, a mim e ao Andy, quando nos mudámos para o apartamento de Nova Iorque.

– Acredito, mas sabe a *caca* – diz a Ginny com um afectado sotaque britânico que me deixa

completamente fora de mim. (Há pouco, tinha referido que ela e Craig estavam a planear uma viagem ao *Mé-rrri-có*).

A Margot lança à amiga um olhar cúmplice de aviso – o tipo de olhar que se diria ter sido ensaiado e aperfeiçoado nos tempos de liceu – e que a Ginny ou não percebeu ou ignorou intencionalmente, prosseguindo com a sua provocaçãozinha:

– Onde é que o compraste? Na mercearia chinesa cá de baixo?

Antes da Margot poder responder-lhe, o Craig pega na garrafa, estuda-lhe o rótulo e observa com ar trocista:

– Pennsylvania. É da Pennsylvania. Pois... Toda a gente sabe quão conceituadas são as vinhas de Philadelphia, não é verdade?

Ri-se, orgulhoso da sua piada, orgulhoso por poder ostentar a sua sofisticação, o seu requintado gosto pelas melhores coisas da vida. Depois, e deitando à Margot um olhar trocista, rematou:

– Não merecemos tanto, querida... – contando que, com esta, o resto da mesa rebentasse à gargalhada.

O Andy olha-me como que dizendo *Deixa, não liguês*. Tal como a mãe e a irmã, ele odeia conflitos seja de que género forem. E no meu íntimo, eu sei que será essa a melhor atitude a ter. Sei que nenhum deles pretendeu ofender-me – nem ele nem a Ginny perceberam que fui eu que trouxe o vinho – e que aquilo não passou de uma saudável e inocente brincadeira entre amigos PRÓXIMOS. O tipo de *gaffe* que toda a gente pode cometer.

Mas como o comentário veio da Ginny e do Craig, e porque eu não gosto deles e eles não gostam de mim, e porque neste momento me apetece estar em qualquer sítio menos na minha nova cidade, sentada a uma mesa a jantar com a Ginny e o Craig, ataco, elevando a voz:

– Por acaso é de Pittsburgh.

– Pittsburgh? – pergunta-me o Craig, confuso.

– Isso mesmo, Pittsburgh... e não Philadelphia – digo eu, ardendo de indignação. – É um dos melhores Merlots de *Pittsburgh*.

O Craig, que obviamente não faz a mais pálida ideia de onde é que eu sou, e nem nunca se deu ao trabalho de perguntar, continua com ar confuso, enquanto eu apanho o Webb e a Margot a trocarem um olhar de desconforto.

– *Eu sou* de Pittsburgh – esclareço, num tom meio irónico, meio justificativo. – E fui eu que trouxe o vinho. – Desvio o olhar para a Ginny e dou um gole no meu copo. – Peço desculpa se não é suficientemente bom para vocês.

E com isto, vendo o Craig endireitar-se embaraçosamente na cadeira, a Ginny a tartamudear algo inaudível, a Margot a rir nervosamente, o Webb a mudar estrategicamente de assunto, e o Andy a não fazer absolutamente *nada*, ergo plácida e silenciosamente o meu copo e emborco de uma vez o resto do meu vinho tinto barato.

³² Transtorno Obsessivo-Compulsivo, do inglês, OCD, *Obsessive-Compulsive Disorder*. (N. da T.)

³³ Referência à famosa marca de jóias *Tiffany & Co*, eterno ícone do bom gosto e objecto de desejo. (N. da T.)

³⁴ Piroso, de mau gosto. (N. da T.)

³⁵ Conhecida marca de cereais feitos de argolinhas de aveia caramelizadas. (N. da T.)

- 36 *Resort* exclusivo situado numa pequena península da costa atlântica do Sul da Georgia. (N. da T.)
- 37 Refrigerante com gás de sabor a laranja, nascido nos anos vinte e ainda hoje muito apreciado nos Estados Unidos e Brasil (N. da T.).
- 38 Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperactividade. (N. da T.).

Capítulo 24

Durante o curto e abafado percurso de regresso a casa nessa noite, fico à espera que o Andy corra em minha defesa, ou que pelo menos faça uma referência, por breve que seja, ao episódio do vinho. A esta altura do campeonato estou disposta a gozar com o assunto, ou quando muito, a tecer algumas considerações sobre a Ginny e o Craig: o carácter insípido dela, a inusitada superioridade dele, a snobeira de ambos, quase cómica de tão implacável.

Mas, surpreendentemente, Andy não diz uma palavra acerca deles, o que me deixa francamente desapontada. Pior ainda, não diz uma palavra acerca de *coisa nenhuma*, mostrando-se ensimesmado e distante, o que me faz concluir que terá ficado chateado *comigo* por ter provocado mau ambiente na *simpática soirée* da irmã. Chegados à porta de casa, fico tentada a ir directa ao assunto e perguntar-lhe o que se passa, mas acabo por não o fazer por recear que ele pense que me sinto de algum modo culpada. E culpada é a última coisa que me sinto. Sei que não fiz nada de mal.

Assim, decido ignorar a questão, enterrá-la completamente e encetar uma conversa neutra e despreocupada:

– Aqueles filetes estavam deliciosos, não achaste? – pergunto.

– Sim, estavam óptimos – diz Andy, acenando a um *jogger* nocturno que passa por nós a correr, vestido com um inacreditável fato de treino fluorescente e reflector da cabeça aos pés.

– Caramba, não há a menor hipótese daquele tipo ser atropelado – comento entre risinhos.

O Andy ignora a minha gracinha pouco entusiasta e prossegue o diálogo num tom sério:

– E a salada de milho que a Margot fez também estava óptima.

– Se estava! Tenho de lhe pedir a receita – digo eu, num tom já ligeiramente mais cáustico do que pretendia.

O Andy lança-me um olhar que eu não decifro – meio compungido, meio defensivo – antes de me largar a mão e procurar as chaves no bolso das calças. Depois sobe rapidamente a rampa até à entrada de casa, abre a porta e pára para me dar passagem. Um gesto que ele sempre teve, se bem que esta noite esteja revestido de uma certa formalidade, ou mesmo de alguma tensão.

– Obrigada, cavalheiro – digo, com aquela frustrante sensação de me apetecer simultaneamente iniciar uma discussão e sentir-me mais próxima dele.

Mas o Andy não reage. Em vez disso, desvia-se de mim como se eu fosse um par de ténis deixado

na escada e dirige-se decidido ao nosso quarto.

Sigo-o com alguma relutância e fico a vê-lo despir-se, desejando desesperadamente decodificar aquela tensão no ar mas recusando-me a ser eu a dar o primeiro passo.

– Vais-te já deitar? – pergunto, olhando para o relógio da mesa-de-cabeceira.

– Vou. Estou estoirado – diz ele.

– Mas ainda são só dez da noite – comento, sentindo-me ao mesmo tempo triste e irritada. – Não queres ver um bocadinho de televisão?

– Tive uma semana muito cansativa – diz, abanando a cabeça. Depois hesita, como se se tivesse esquecido do que queria fazer, até se dirigir à cómoda, abrir a gaveta de baixo e tirar o seu melhor pijama de algodão egípcio. Abre-o e comenta com ar surpreso: – Passaste isto a ferro?

Confirmo com um gesto de cabeça, como se não fosse nada, quando na verdade passei por um verdadeiro martírio ontem à tarde a engomar aquele pijama, com direito a goma e tudo. *Pulverizar, suspirar, engomar. Pulverizar, suspirar, engomar.*

– Não era preciso – diz ele, abotoando o casaco lenta e intencionalmente, para evitar contacto visual comigo.

– Claro que era. Não me custou nada – minto, admirando-lhe a curva do pescoço, suave e delgada, e pensando que não tinha nada melhor para fazer em Atlanta.

– Não precisavas, eu não me importo com as rugas.

– As do pijama ou as da minha cara? – brinco, na vã esperança de conseguir quebrar o gelo, para *depois* discutir.

– Nem umas nem outras – responde ele, mantendo o ar sério.

– Ainda bem – comento displicentemente. – Porque como deves calcular, eu não sou nada do género *botox*.

– Pois não, eu sei.

– A Ginny é. Completamente – digo, sentindo-me um bocadinho infantil por atirar aquela boca, mas desejosa por atrair as atenções para aquilo que sinto *verdadeiramente* naquele momento. Curiosamente, o Andy não morde o isco.

– Ai é?... – murmura com desinteresse.

– Podes crer. De dois em dois meses vai às injeções – digo, já em desespero de causa. Como se a frequência com que a Ginny vai ao cirurgião plástico conseguisse fazê-lo transpor aquela linha imaginária e chegar até mim e à minha causa.

– Pois... – limita-se a dizer. – Cada um é como cada qual.

Respiro fundo, agora sim, completamente preparada para iniciar uma discussão das feias. Mas antes sequer de eu poder abrir a boca, ele dá meia volta e enfia-se na casa de banho, deixando-me sentada aos pés da cama como se *eu* é que fosse a má da fita.

Para piorar ainda mais a coisa, o meu marido adormece assim que cai na cama; a atitude mais irritante que se pode ter depois de uma discussão ou, como no nosso caso, numa situação de impasse. Nada de virar costas na cama, ficar a espumar de raiva no escuro ou ir dormir para o sofá. Apenas uma frieza distante no beijo de boa noite que me deu, seguida de um sono profundo. Como é óbvio,

isto provocou em mim um efeito exasperante, deixando-me de olho aberto, revendo mentalmente a noite, depois as últimas semanas, e por fim os últimos meses. Não há dúvida que basta uma pequena discussão-indutora-de-insónia para nos transportar rapidamente para um estado de hiper-análise frenética e de fúria.

Daí que, quando o «relógio do avô» do *hall* de entrada (um presente de boas vindas da Stella que eu detesto, não só pelo seu aspecto algo lúgubre como pelo tiquetaque para lá de enervante) bate as três, eu já tenha atingido um estado tal de angústia e ansiedade que me vejo deitada no sofá da sala, recordando o início do nosso noivado – a última vez que me lembro de ter tido uma sensação defensiva sobre as minhas origens.

Para ser sincera (algo que não me apetece *mesmo nada* ser neste momento), os nossos planos para o casamento resumiram-se basicamente a uma «navegação em águas calmas». Em parte, posso gabar-me de ter sido uma noiva relativamente tranquila e descontraída, já que apenas me preocupei com as fotografias, os nossos votos e, sabe Deus porquê, o bolo (a Suzanne continua até hoje a achar que isso não passou de uma desculpa da minha parte para poder provar a imensidão de amostras). Em parte, acho que as coisas correram lindamente porque a Margot supervisionou tudo até ao mais ínfimo pormenor e porque nem eu nem o Andy tivemos o menor prurido em copiar o casamento dela, escolhendo a *mesma igreja*, o *mesmo* clube de campo, a *mesma* florista e a *mesma* banda. Mas, fundamentalmente, acho que correu tudo muito bem porque tínhamos apenas *uma* mãe envolvida e eu tive o maior prazer em deixá-la organizar as coisas.

A Suzanne nunca percebeu isto – até hoje não consegue entender como é que eu pude render-me tão facilmente às firmes convicções da Stella e ao seu gosto demasiado tradicional.

– Rosas vermelhas não são nada *o teu género* – disse-me ela na altura, quando estávamos a vasculhar CD à procura de boas músicas para abrir o baile.

– Mas eu gosto de rosas vermelhas, ora essa – disse-lhe eu.

– Por favor... E mesmo que isso seja verdade, então e o resto?

– Tipo o quê?

– Tipo tudo o resto... Não sei, parece que eles estão à espera que te tornes um deles – disse, elevando a voz.

– E não é disso que se trata o casamento? – indaguei calmamente. – É suposto eu tornar-me uma Graham, por assim dizer.

– Sim, mas também é suposto que seja a união de *duas* famílias... e este casamento dá a sensação de ser muito mais *deles* do que *teu*. É quase como se eles... te quisessem adoptar. Passar gradualmente uma borracha sobre a tua família.

– Porque é que dizes isso? – perguntei, algo confusa.

– Pensa comigo... Primeiro: estás no território deles. Porque raio te vais casar em Atlanta, diz-me lá? Não é tradição o casamento ser na cidade natal da *noiva*?

– Acho que sim... Tradicionalmente. Mas faz todo o sentido a cerimónia ser em Atlanta uma vez que é a Stella que está a organizar tudo.

– E a passar os cheques todos – recordou-me ela, o que finalmente me fez ficar na defensiva e dizer-lhe que ela estava a ser muito injusta.

Contudo, hoje pergunto-me se o factor financeiro não terá sido de facto relevante. Posso afirmar categoricamente que não me casei com o Andy pelo dinheiro e que não fui de maneira alguma, como a Suzanne insinuou, *comprada*. Mas a um determinado nível, acho que me senti de alguma maneira *em dívida* para com os Grahams, logo, cúmplice quando se tratou dos pormenores.

Para lá do dinheiro, houve igualmente outra coisa em jogo; algo obscuro que eu nunca quis aprofundar, até este momento, a meio da noite, esparramada no sofá da sala. Um sentimento de inépcia. A angústia de sentir que, a um determinado nível, eu não era suficientemente boa. Que talvez não tivesse correspondido às expectativas do Andy e da sua família. Nunca me envergonhei das minhas origens, das minhas raízes ou da minha família, mas à medida que me fui arreigando mais no seio da família Graham, no seu modo de vida, nas suas tradições e costumes, passei a olhar para o meu passado através de uma nova luz. E foi precisamente por esta preocupação – talvez apenas subconsciente na altura – que eu senti um enorme alívio quando a Stella me sugeriu planejar e organizar o casamento em Atlanta.

Na altura, justifiquei os meus sentimentos. Disse a mim mesma que tinha deixado Pittsburgh por uma razão. Queria um tipo de vida diferente; não uma vida *melhor*, apenas diferente. E isso incluía um tipo de casamento diferente. Não queria casar na minha igreja cheia de correntes de ar, nem comer salsichas com lombardo requentadas, nem dançar os «Passarinhos a Bailar» na sociedade recreativa. Não queria bolo de noiva esfregado no nariz, nem uma liga de renda azul-bebé retirada da minha coxa pelos dentes do meu marido, nem o meu *bouquet* apanhado por uma miúda de nove anos porque *literalmente* todas as outras convidadas já são casadas e com filhos. Não queria que os amigos do noivo me atirassem arroz – os poucos que não tivessem ainda caído de bêbados – nem seguir viagem numa limusina preta com latas de refrigerante a chocalhar atrás, a caminho do hotelzinho de 3 estrelas onde passaria a noite antes de viajar para Cancún para desfrutar do nosso Pacote de Lua-de-Mel. Não é que eu torcesse o nariz a tudo isto, apenas tinha um conceito diferente de «casamento de sonho».

Agora vejo que não era apenas a questão daquilo que eu queria para mim, mas também o facto de ter medo do que os Grahams e os seus amigos pensariam de mim. Nunca tentei esconder como fui criada mas não queria que observassem de perto de mais, temendo que alguém chegasse à terrível conclusão que eu não era suficientemente boa para o Andy. E foi esta sensação, este medo, que se manifestou quando comprei o meu vestido de noiva.

Tudo começou quando o Andy pediu a minha mão ao meu pai, tendo-se metido propositadamente num avião para Pittsburgh para o poder levar a almoçar ao Bravo Franco, o seu restaurante preferido, e fazer-lhe o pedido pessoalmente. Esse gesto conquistou o meu pai, que se mostrou tão feliz e orgulhoso quando me contou esse episódio que, durante anos a fio, eu brinquei com ele dizendo-lhe que ele estava era doido para me ver casada, e com medo que eu acabasse solteirona (brincadeira que parou imediatamente assim que nos começámos a aperceber que esse poderia bem vir a ser o destino da Suzanne). Seja como for, durante esse almoço, e já depois de o meu pai nos ter dado a sua exultante bênção, teve um momento de total sinceridade e falou ao Andy do fundo que ele e a minha mãe tinham economizado ao longo dos anos – uma poupança de sete mil dólares para ser utilizada como nós muito bem entendêsemos. Além disso, confessou ao Andy que fazia questão de

ser ele a oferecer o vestido de noiva, já que era algo que a minha mãe sempre desejara fazer com as filhas e um dos maiores desgostos por ela manifestados nos últimos dias de vida.

Assim, depois de ficarmos oficialmente noivos, o Andy partilhou comigo esses pormenores, expressando a sua gratidão perante a generosidade do meu pai, dizendo-me o quanto gostava do meu velhote e o quanto desejava ter podido levar também a minha mãe a esse almoço. No entanto, tanto eu como o Andy sabíamos, sem o dizer, que sete mil dólares não dariam sequer para pagar as flores da nossa faustosa boda, e que seriam os Grahams a cobrir esse imenso e significativo défice. E eu não tive o mais pequeno problema em relação a isso. Não tive problema em desempenhar o papel de nora amorosa e agradecida, e sabia que não precisava de magoar o meu pai ao dizer-lhe que a contribuição dele não chegaria sequer para pagar as benditas rosas vermelhas.

O problema foi o vestido. A dada altura, o meu pai insistiu para lhe enviarem a conta directamente. Ora, isso deixou-me com duas alternativas igualmente desagradáveis: ou optava por um vestido barato, ou escolhia um que o meu pai não pudesse pagar. Assim, atormentada por este dilema, lá fui às compras com a Stella, a Margot e a Suzanne, constantemente a espreitar as etiquetas do preço, desesperada por descobrir qualquer coisa abaixo dos quinhentos dólares. Algo que pura e simplesmente *não existe* em Manhattan, pelo menos não nas lojas de alta-costura da Madison e da 5th Avenue que a Margot tinha previamente definido. Olhando para trás, sei que podia perfeitamente ter confessado tudo aquilo à Margot e que ela teria certamente descoberto uma boutique em Brooklyn adequada ao orçamento do meu pai.

Mas não. Tive de me apaixonar por um vestido *Badgley Mischka* obscenamente caro no Bergdorf Goodman³⁹... Era o vestido de sonho que eu jamais imaginei que existisse até o ver: um vestido-tubo, muito simples mas muito sofisticado, em crepe cor-de-marfim e todo revestido a pequenas contas e pérolas. A Stella e a Margot juraram a pés juntos que eu *tinha mesmo de o comprar*, e até a Suzanne ficou de lágrima no olho quando me viu sair do provador, descalça e em biquinhos dos pés, exibindo pela sala de provas aquela verdadeira obra de arte.

Quando chegou a altura de pagar, a Stella sacou do cartão de crédito, insistindo que, *a sério*, fazia questão. Ainda hesitei mas acabei por aceitar a sua generosa oferta, passando vergonhosamente por cima do meu pai – e pior ainda, da minha mãe – alegando uma série de teorias para justificar o injustificável. *Aquilo que ele desconhece não o magoa. Não terei a minha mãe no casamento. Finalmente vou poder ter o meu vestido de noiva de sonho. A minha mãe ia querer que eu fizesse isto.*

No dia seguinte, após muita consideração e angústia, arranjei finalmente a estratégia perfeita para me desculpar a mim mesma e deixar intacto o orgulho do meu pai. Voltei ao Bergdorf, escolhi um belíssimo véu de quinhentos dólares e informei a empregada que o meu pai fazia questão de ser ele a pagar e ainda nesse dia lhe telefonaria a dar os dados do seu cartão de crédito. Também lhe disse que gostaria que ele achasse que também estava a pagar o vestido. A empregada, uma senhora de lábios finos, altíssima e de excelente estrutura óssea, de nome Bonnie – cujo afectado sotaque do Upper East Side eu *já* esquecerei – assentiu, *compreendendo perfeitamente*, chamou-me «querida» e disse-me com ar cúmplice que «trataria de tudo, sem qualquer problema».

Mas estava escrito que a querida Bonnie iria fazer asneira: mandou ao meu pai a factura e o véu.

Se bem que ele nunca me tenha dito nada, a expressão dos seus olhos quando me deu a caixa com o véu, já em Atlanta, disse tudo. Tive a nítida noção de quanto o magoei, e ambos soubemos porque é que eu fiz aquilo. Nunca me senti tão envergonhada em toda a minha vida.

Nunca contei ao Andy este episódio – nunca o contei *a ninguém* –, tal foi o desejo de o apagar da memória. Mas as emoções voltaram à superfície esta noite, à mesa de jantar da Margot, e agora novamente, a meio da noite, no sofá, já que me sinto inundada de vergonha da cabeça aos pés. Uma vergonha que me faz desejar poder voltar atrás no tempo e usar um vestido diferente no dia em que me casei. Algo que conseguisse apagar aquela tristeza na expressão do meu pai. Algo que obviamente jamais poderei fazer.

Mas *posso*, isso sim, confrontar as Ginnys deste mundo. E posso fazê-la saber, a ela e ao resto do mundo, que tenho muito orgulho de quem sou e de onde venho. E posso dormir no sofá como forma de represália caso o meu marido não entenda isto.

³⁹ Mark Badgley e James Mischka são dois conceituados estilistas americanos que a partir de 93 se especializaram em vestidos de noiva. Bergdorf Goodman são uns grandes armazéns de luxo de renome mundial situados na prestigiosa 5th Avenue. (N. da T.)

Capítulo 25

Na manhã seguinte acordo no sofá e deparo-me com o Andy de pé, à minha frente e a olhar para mim. Já está arranjado e vestido com um pólo verde-vivo, calções de xadrez e um cinto castanho de cabedal entrelaçado.

– Olá... – digo eu, aclarando a garganta e não resistindo a pensar que os calções de xadrez ficam ridículos em qualquer ser humano com mais de cinco anos de idade.

– Bom dia – diz ele tão secamente que me faz concluir que uma noite de sono não lhe resolveu o problema. Não *nos* resolveu o problema.

– Onde vais? – pergunto, reparando que tem as chaves do carro na mão e a carteira no bolso de trás dos calções.

– Tratar de uns assuntos – diz.

– OK – digo, sentindo a raiva a ressurgir perante a sua firme recusa em falar na noite passada, em perguntar qual é o problema, em querer saber porque é que eu dormi no sofá ou em preocupar-se sequer se eu serei feliz aqui em Atlanta.

O Andy faz girar o porta-chaves no indicador, um tique que já começa a mexer com os meus nervos, e diz:

– Vemo-nos mais logo, então?

– Sim... Como queiras – resmungo.

Ainda o vejo avançar com ar despreocupado em direcção à porta, até que não aguento mais e disparo:

– Olha lá...!

Ele volta-se e olha-me friamente.

– Mas qual é o teu problema, afinal? – atiro, irritadíssima.

– O *meu* problema?! – pergunta ele com um sorrisinho irónico.

– Sim, o *teu* problema! – digo, apercebendo-me de que não temos um estilo nada chique de discutir, provavelmente por não estarmos habituados a fazê-lo. Pensando bem, não me lembro sequer de termos discutido uma única vez desde que casámos. Algo de que eu costumava orgulhar-me e gabar-me a toda a gente.

– *Tu* é que vieste dormir para o sofá – faz-me ele notar, especado em frente à lareira e continuando

a brincar com as chaves. – Que raio de cena foi essa? Sempre dissemos que jamais faríamos isso...

Atiro violentamente para trás a manta com que me tapei a meio da noite, endireito-me e vou directa ao assunto:

– E tu? Porque raio não me defendeste ontem à noite?

O Andy olha-me como se estivesse a considerar cuidadosamente a questão, até que diz:

– E desde quando é que precisas que alguém te defenda? Pareces tão contida e tão controlada, ultimamente.

– Isso quer dizer o quê?

– Sabes bem o que quer dizer – diz ele, deixando-me ainda mais irritada.

Estará ele a referir-se ao facto de eu ficar aqui feita parva o dia inteiro enquanto ele vai trabalhar ou jogar golfe? Ou a insinuar que eu não tenho nada em comum com as *senhoras da vizinhança*? Ou a pensar no facto de, nos últimos tempos, praticamente já não fazermos amor – e, quando fazemos, nem sequer trocarmos uma palavra a seguir?

– Não, por acaso não sei *mesmo* o que queres dizer – respondo, cada vez mais furiosa. – Mas há uma coisa que *eu sei*: é que teria sido simpático o meu marido ter dito qualquer coisa àquela *cabra* e ao imbecil do maridinho quando eles...

– Poupa-me, por favor! Quando eles o quê? Quando mandaram uma boca por causa do vinho?!

– Uma boca muito engraçada, diga-se de passagem... – observo.

– Por amor de Deus... Ela achou que o vinho era da Margot. Isso faz dela uma cabra?

– Não, uma cabra já ela é. A boquinha infeliz faz dela uma *snob* insuportável e, o que é pior, sem a menor graça, OK? – respondo, considerando que realmente *esse* é o lado mais desagradável da Ginny e do marido. Os *snobs* são sempre desagradáveis, mas não é assim tão mau quando têm *algum charme* na sua prepotência – se é que isto faz algum sentido. Mas a Ginny e o Craig não têm sequer essa chispa. Não passam de uns chatos insuportáveis cuja identidade está intrinsecamente amarrada a *bens materiais*: automóveis topo de gama, vinhos caros, pérolas clássicas e calções *seersucker*.

– OK, ela é *snob*... – prossegue o meu marido, encolhendo os ombros. – E daí? Tu dantes rias-te desse tipo de pessoas e agora... De repente assumiste uma constante atitude «vai-te lixar, Atlanta!» e levavas tudo demasiado a peito.

– A noite de ontem *foi* para levar a peito – digo.

– Por acaso, eu até acho que não foi – diz ele. – Mas vamos partir do princípio de que foi...

– Vamos – respondo eu, atirando-lhe um sorriso amarelo.

– Achas que isso mereceu teres feito a minha irmã sentir-se desconfortável? – continua, ignorando o meu sarcasmo.

A *minha irmã*, retenho. O Andy nunca se refere à Margot como «a minha irmã» quando está a falar comigo, e não consigo deixar de pensar que isto é absolutamente revelador do seu estado de espírito. Um estado de espírito que está a começar a espelhar o meu. *Será sempre tu versus eles*, ouço a Suzanne dizer. *Tu não pertences ao meio deles*.

– Bom, pelos vistos eu achei que sim – digo, pensando que era aquele o preço a pagar por se ter amigos tão imbecis.

– E pelos vistos eu achei que não – remata ele.

Olho para o meu marido, sentindo-me completamente derrotada e só, concluindo que é praticamente impossível discutir com um marido tão controlado e que se julga tão superiormente virtuoso, e que acabou de afirmar, mesmo que não por estas palavras, que privilegia os sentimentos das outras pessoas. Que os privilegia em relação *a mim*, bem entendido. Assim, respondo-lhe simplesmente:

– Muito bem... És claramente muito melhor do que eu.

– Ora, Ellen, vá lá... Pára lá com esse ressentimento todo, por favor.

Dou por mim a achar que ele tem toda a razão; tenho de facto imenso ressentimento. Toneladas dele. Ainda assim, esta súbita constatação não me adoça o coração. Bem pelo contrário, torna-me ainda mais raivosa, e mais determinada a continuar assim.

– Vai lá tratar dos teus assuntos – digo-lhe, apontando-lhe a porta. – Eu vou ficar por aqui a passar a ferro o resto do dia.

Ele revira os olhos e suspira.

– OK, Ellen, faz de mártir, se é isso que queres. Seja feita a tua vontade. Até logo. – E com isto, vira costas e sai porta fora.

Com uma careta de desagrado faço um gesto feio com os dedos nas suas costas e fico a ouvir a porta da garagem a abrir-se e o BMW a arrancar, deixando-me envolta num silêncio ensurdecedor. Fico ali sentada por um momento, cheia de pena de mim própria, perguntando-me como é que nos deixámos chegar àquele estado, referindo-me não só ao *estado* da Georgia como ao *estado* de tensão emocional do nosso casamento. Um casamento que nem sequer um ano tem. Pensando sobretudo no facto da maioria dos recém-casados viverem em estado de permanente paixão e amor sufocante no primeiro ano, e perguntando-me quando é que as coisas melhoram, *se é que* melhoram. E é nesse momento de infeliz introspecção que sucumbo à maneira contemplativa e resignada em que tenho vivido desde que cheguei a Atlanta.

Levanto-me e subo as escadas até ao escritório. Depois vasculho freneticamente a gaveta da secretária à procura da proibida revista *Platform* para a qual não voltei a olhar desde aquela noite do jantar de despedida em Nova Iorque. Nem sequer quando, dias depois, a vi junto à caixa do supermercado, nem muito menos quando o Andy ofereceu orgulhosamente um exemplar aos pais.

Pego na revista e por um longo momento fico a estudar o rosto do Drake na capa. Depois, algo no meu interior faz um clique que me leva a suspirar, a sentar-me e a procurar a reportagem. O coração parece querer saltar-me do peito quando leio o nome do Leo a assinar o artigo e o meu assinando as fotos – fotos que evocam nitidamente todas as emoções daquele dia – a antecipação de me fazer revirar o estômago, o desejo insuportável. Emoções inexistentes nos dias de hoje. Fecho os olhos, e quando os abro novamente, começo a ler, ávida e absolutamente faminta, literalmente devorando a história. Quando chego ao fim, volto a lê-la, uma e outra vez, lenta e metodicamente, como se procurasse no texto algum segredo, uma mensagem velada, um duplo significado escondido naqueles parágrafos, frases, palavras – algo que consigo *de facto* encontrar, uma vez e outra e mais outra, até sentir a cabeça a andar à roda e um incontrolável desejo de falar com o Leo.

E desta vez, nem hesito.

Ligo o computador, acedo ao correio electrónico, selecciono o seu endereço e teclo uma simples

mensagem:

Leo,

Acabei de ler o teu artigo. Está perfeito. Tão gratificante... Obrigada por tudo, mais uma vez. Espero que estejas bem.

Ellen

Por fim, e antes que me arrependa, clico em *Enviar*. Só enviar a mensagem dá-me a sensação de estar também a enviar toda a minha frustração, o meu ressentimento, a minha raiva. Bem no meu íntimo sinto que estou a fazer asneira. Sei que estou a racionalizar as minhas acções e temo inclusivamente estar a *fabricar* problemas com o Andy só para obter este resultado. E também sei que estou apenas a abrir a porta a mais problemas na minha vida. Mas neste momento, sinto-me bem. *Muito bem*, mesmo. Melhor do que me tenho sentido desde há muito, muito tempo.

Capítulo 26

Exactamente *quatro* minutos depois, o nome do Leo aparece-me na Caixa de Entrada. Fico a olhar para o ecrã absolutamente boquiaberta, como se fosse a minha avó, impressionada pelas maravilhas da tecnologia – *Como é que isto me apareceu aqui?* – e por um segundo, arrependo-me daquilo que fiz. Chego mesmo a considerar a hipótese de apagar o email dele, ou pelo menos levantar-me, afastar-me do computador e dar uma voltinha para tentar desfazer o nó que se me formou na garganta.

Mas a tentação é demasiado forte. Assim, opto por racionalizar a situação e pensar que não cheguei a este ponto facilmente, ou de forma leviana. Eu *não* contactei o Leo por capricho. Não lhe mandei uma mensagem depois de viver uma crisezinha conjugal sem importância. Foi necessário viver semanas de solidão, de depressão e de frustração, à beira do desespero, para chegar aqui. Foi preciso o meu marido virar-me as costas ontem à noite – e de novo esta manhã. Além disso, só lhe mandei um email. Qual é o problema?

Assim, respiro fundo e abro o email do Leo, com o coração a bater cada vez mais depressa à medida que leio a mensagem, toda em minúsculas, amorosamente infantil:

obrigada, ainda bem que gostaste, foi um dia fantástico. leo
p.s. porque demoraste tanto tempo?

Sinto-me a corar ao responder-lhe, teclando rapidamente:

A ler o teu artigo ou a contactar-te?

Ele respondeu-me imediatamente:

as duas coisas.

Sinto o stresse a desaparecer e sorrio enquanto penso em algo inteligente para lhe dizer. Uma resposta cuidadosa que dê para manter aquela conversa, mas que não arrisque a fazê-la cair em território de *flirt*. Por fim, decido-me por um:

Mais vale tarde do que nunca?

Clico em *Enviar*, depois debruço-me sobre o computador, os dedos pousados no teclado na

posição de *descanso*, tal como aprendi no liceu nas aulas de dactilografia, todo o meu corpo treme de antecipação. Segundos depois chega a resposta:

sempre te disse isso.

Inclino a cabeça, de boca semiaberta, tentando decifrar o real significado daquela frase. Relembro todos estes anos em que não tivemos absolutamente nenhum contacto, e depois os dias que antecederam o nosso *voo conjunto*. Penso no difícil que foi (e continua a ser) para mim resistir-lhe, na nossa perigosa química. Pergunto-me o que será que tudo isto significa – tem de significar *qualquer coisa*. E esse *qualquer coisa* aterroriza-me e enche-me de uma terrível culpa de adolescente.

Mas depois visualizo o Andy carrancudo e silencioso ontem à noite, apertando os botões do casaco do pijama antes de se deitar, e hoje de manhã, a olhar para mim em frente ao sofá, com uma expressão de profundo ressentimento. E imagino-o neste momento, às voltas pela cidade, cumprimentando tanto os conhecidos como os estranhos, fazendo conversa de chacha aqui e ali. Conversa de chacha no campo de golfe, conversa de chacha na igreja, conversa de chacha na bomba de gasolina. Conversa de chacha fútil, contentinha e *muito* desinteressante.

Sinto-me a arquejar enquanto teclo:

Tenho saudades das nossas conversas.

Fico a olhar para aquela frase, depois apago-a, vendo as letras desaparecerem de trás para a frente. No entanto, mesmo já depois de apagadas, consigo vê-las no ecrã. Continuo a senti-las gravadas no coração. É a verdade, *exactamente* o que eu sinto, *rigorosamente* aquilo que quero dizer. Tenho saudades de falar com o Leo. E sinto essa saudade há muitos anos – mas sobretudo desde aqueles momentos partilhados no avião. Por isso, volto a escrever a frase, fecho os olhos e envio-a, sentindo-me de imediato nauseada e aliviada. Quando volto a abrir os olhos, o Leo já tinha respondido:

também tenho saudades tuas, ellen.

Contenho um grito sufocado. Há qualquer coisa no facto de ele se dirigir a mim pelo meu nome. E qualquer coisa naquele *também* – como se ele soubesse, sem o dizer, o quanto sinto a *sua falta*, para além de conversar com ele. E há qualquer coisa na forma como as palavras me surgem no ecrã – directas, francas, sentidas, como se fosse o facto mais *verdadeiro*, mais *inegável* e mais *óbvio* do mundo. Completamente paralisada, considero as minhas opções enquanto me apercebo da entrada de uma nova mensagem:

ainda aí estás?

Faço que sim com a cabeça, imaginando a cara dele, ansiosamente à espera da minha resposta e pensando que o Andy bem podia voltar para casa naquele preciso momento e provocar um incêndio na cozinha que eu ficaria exactamente como estou: sentada em frente ao computador e a olhar

fixamente para o ecrã.

Sim.

Clico em *Enviar* e aguardo. Ele responde:

ótimo.

E, segundos depois, outra mensagem:

isto era bem mais fácil pelo telefone... posso ligar-te?

Isto? penso. *Isto, o quê?* Esta conversa? Esta confissão? Este arriscado passo em direcção à infidelidade? Hesito, sabendo perfeitamente que trocar emails é uma coisa, e deixar que ele me ligue representa já todo um outro patamar. Mas a parte de mim que anseia falar com ele, que quer perceber o sentido do que aconteceu entre nós e porque tudo acabou, não me deixa escrever outra coisa senão:

Sim

E então ele liga. Ouço o toque abafado do telemóvel dentro da minha mala, atirada para dentro do roupeiro na noite anterior, e corro a atender antes que entre para o *voice-mail*.

– Olá... – digo, tentando ao mesmo tempo recuperar o fôlego e falar num tom casual, como se não estivesse *completamente extasiada* por ouvir de novo a sua voz.

Percebo perfeitamente que ele está a sorrir quando diz:

– Olá, Ellie.

O meu coração derrete-se e sorrio-lhe de volta.

– E então? – diz ele. – Só agora é que leste o meu artigo? A sério?

– A sério... – digo, olhando pela janela para a entrada da nossa casa.

– A tua agente não te deu um exemplar? – pergunta.

– Deu, claro – respondo, sentindo-me estranhamente compungida por me mostrar tão indiferente pelo seu artigo.

Mas ele deve saber, de certeza. Deve saber o importante que foi para mim aquele dia – e que foi precisamente essa a razão pela qual levei tanto tempo a ler o artigo. Ainda assim, invento rapidamente uma desculpa, acabando por dizer:

– Eu é que tenho andado... muito ocupada, ultimamente.

– Ai sim? – comenta o Leo. – Tens trabalhado muito?

– Não propriamente – respondo, ouvindo ao fundo o Bob Dylan a cantar «Tangled Up in Blue».

– Então? Andas ocupada com quê? – insiste.

A fazer etiquetas para as gavetas, a ver a Oprah e a passar a ferro, penso. Mas respondo:

– Bom, antes de mais nada porque mudei-me para Atlanta... – Faço uma pausa, sentindo-me novamente culpada por ter dito «mudei-me». Mas não me corrijo. Afinal, ultimamente é como me sinto: *eu* e não *nós*.

– Atlanta?! Jura! – diz, mal disfarçando o seu espanto.

– É verdade.

– E gostas de aí estar?

– Detesto – respondo com uma ironia alegre e despreocupada.

O Leo solta uma gargalhada e diz:

– A sério? Tenho um amigo que vive em Atlanta... em Decatur, acho eu. Ele diz que é porreiro, há imenso para fazer... boa música, cultura.

– Olha que não – digo eu, pensando que talvez não esteja a ser justa para com Atlanta. Muito provavelmente é com a *versão Graham* de Atlanta que eu lido mal. O que, claro está, constitui um *sério* problema.

– E o que é que não gostas daí? – pergunta o Leo.

Hesito, desejando ser vaga, breve e sucinta, mas acabando por lhe descrever minuciosamente o meu enorme cepticismo acerca da suposta «qualidade de vida», lançando palavras como *insular*, *futilidade*, *alpinismo social* e *sufocante*.

– Caramba – diz ele, depois de um ruidoso assobio. – Isso está mesmo mal...

Sorrio, apercebendo-me que me sinto muito melhor depois daquela diatribe – e melhor ainda ao ouvir o Leo dizer, num tom esperançado:

– E não podes pura e simplesmente voltar para Nova Iorque?

Solto uma gargalhadinha nervosa e obrigo-me a proferir o nome do meu marido:

– Acho que o Andy não ia achar muita piada à ideia...

O Leo pigarreia:

– Ah, pois... Ele é daí, não é?

– É – digo, e penso: *É mesmo o herói da santa terrinha*.

– E já lhe disseste o que sentes *realmente* pela sua cidade natal? – pergunta o Leo. – Que viver noutro sítio que não seja Nova Iorque é como beber uma Coca Cola morna que perdeu o gás?

– Não exactamente – digo com falsa ligeireza. Sempre achei que dizermos mal da nossa carametade é ainda pior do que a traição física. Eu acho que preferia que o Andy beijasse outra mulher do que saber que ele disse que eu sou, sei lá, péssima na cama. Por isso, e apesar da nossa briga de ontem à noite, mudo o tom e esforço-me por ser o mais justa possível. – Ele é muito feliz aqui... Está a trabalhar com o pai e... Sabes como é, está próximo da família... E, além disso, acabámos de comprar uma casa.

– Deixa-me adivinhar – brinca o Leo. – Uma vivenda enorme, fabulosa, excelentes acabamentos e tudo do bom e do melhor?

– Isso mesmo – digo, sentindo-me embaraçada pela minha opulência, mas também defensiva. Afinal, eu alinhei e concordei com tudo isto. *Escolhi* o Andy. A família dele. Esta vida.

O Leo solta um sugestivo *Hmm* que mostra que está a contemplar toda a situação.

– A família dele *morria* se nós fôssemos embora agora – continuo.

– Pois... A Margot também vive aí, não é? – pergunta ele com um ligeiríssimo toque de desdém.

Sentindo-me em conflito, respondo:

– Sim, mudou-se para cá há um ano, mais ou menos... E agora está quase a ter um bebé... Como deves calcular, não é a melhor altura para nos irmos embora.

Ouço-o proferir um som indistinto, como se se estivesse a rir ou a inspirar profundamente.

– O que foi? – pergunto.

– Nada.

– Diz lá... – insisto, suavemente.

– Bom... Não éramos nós que costumávamos dizer que... nunca é demasiado tarde?

Fico como se tivesse levado um murro no estômago, abro os olhos de espanto e penso *porra!*

Estou lixada... E este sentimento ainda se intensifica mais ao ouvi-lo dizer:

– E achas que te sentirias melhor se viesses cá em trabalho?

– A Nova Iorque? – pergunto, hesitante e cheia de esperança.

– Sim – diz ele.

– Encontrar-me contigo? – pergunto, hesitante e cheia de esperança.

– Sim... Para trabalhares comigo.

Inspiro, mordo o lábio inferior, e digo:

– Não sei se será lá muito boa ideia... – A minha voz vai-se desvanecendo até nos deixar aos dois mergulhados num pesado e ensurdecador silêncio.

Ele pergunta porquê – mesmo sabendo a resposta.

– Deixa cá ver... – digo eu, valendo-me da muleta do sarcasmo. – Talvez por eu ser.... *casada*? E tu seres meu... *ex-namorado*? – E, apesar de saber que não devo, não resisto a acrescentar: – Um ex-namorado que desapareceu sem deixar rasto há muitos anos, que eu nunca voltei a ver ou sequer a ouvir falar, até esbarrar com ele na rua, por mero acaso, há coisa de uns meses?

Fico à espera que ele responda, nervosa por ter dito o que disse. Após o que me pareceu uma eternidade, ele diz o meu nome – *Ellen* – que me soa exactamente da mesma maneira como soava quando ele o dizia, no início.

– Sim...? – digo eu num murmúrio.

– Tenho de te perguntar uma coisa...

Sinto-me a gelar, antecipando a sua pergunta enquanto o incentivo:

– Então pergunta.

Ele pigarreja e diz:

– A Margot chegou alguma vez a dizer-te que eu te procurei?

O meu cérebro dispara feito louco em todas as direcções, perguntando-se de que raio estará ele a falar, e prevendo o pior – que curiosamente é ao mesmo tempo o *melhor*.

– Procuraste-me? – digo por fim, completamente tonta pelo impacto daquela assombrosa revelação. – Quando é que *me procuraste*?!

– Mais ou menos dois anos depois – diz ele.

– Depois de quê? – pergunto, já sabendo a resposta.

Como é óbvio, ele responde:

– Dois anos depois de termos acabado.

– *Quando*, exactamente? – atiro, tentando desesperadamente reconstituir o cenário e situá-lo no tempo – cerca de um mês depois de eu e o Andy começarmos a namorar, quem sabe até no *próprio dia* da nossa «primeira vez»: vinte e nove de Dezembro.

– Não sei, foi logo a seguir ao Natal...

Digiro aquela louca e improvável cronologia, até que lhe pergunto:

– Foste lá a casa?

– Sim, estava nas redondezas e... sei lá, apeteceu-me ver-te e apareci. Ela não te disse nada, pois não?

– Não – digo, completamente alterada. – Ela nunca... Nunca me contou isso.

– Pois... Foi o que eu calculei.

Fico calada, sentindo-me fraca, nauseada e ainda mais perturbada do que me lembro de ter ficado quando esbarrámos um no outro naquele cruzamento.

– O que é que lhe disseste? O que é que tu querias?

– Não me lembro... exactamente – diz ele.

– Não te lembras do que querias? Ou do que disseste?

– Oh, lembro-me *muito bem* do que queria...

– E então?

– Queria dizer-te que... lamentava... Que sentia a tua falta...

Profundamente perturbada e completamente tontinha, fecho os olhos e digo:

– E chegaste a dizer isso à Margot?

– Não. Não tive oportunidade.

– Porque não? O que é que se passou? Conta-me tudo! – ordeno-lhe.

– Bom, ela nem sequer me abriu a porta, preferiu descer... Falámos à entrada do teu prédio. E ela deixou bem clara a opinião que tinha de mim.

– E qual era?

– Basicamente... que me odiava. – diz ele. – Depois contou-me que tinhas uma pessoa... e que estavas muito feliz. Disse-me para te deixar em paz, que tu não querias *nada* comigo. Algo deste género...

Tento processar a informação enquanto ele continua, perguntando-me:

– Era verdade? Tinhas alguém nessa altura?

– Sim, tinha acabado de o conhecer – murmuro.

– Era o Andy?

– Era. – Abano a cabeça, sentindo a raiva apoderar-se das minhas entranhas e sacudir-me o corpo todo. Raiva pelo *timing* . Raiva de mim mesma por me estar a sentir tão exposta e fragilizada. E, acima de tudo, raiva da Margot por me ter escondido algo tão importante. Mesmo passados todos estes anos.

– Não posso acreditar que ela não me tenha contado uma coisa dessas – digo, com as lágrimas a marejar-me os olhos, perguntando-me por que raio é que ele não me ligou ou mandou um email. Como é possível que ele tivesse confiado na Margot?

– Pois... – diz ele. – Se bem que também não tivesse feito grande diferença.

O silêncio instala-se novamente, enquanto eu considero o que dizer a seguir. Sei muito bem o que *devo* dizer. Devo dizer que sim, que ele tem toda a razão, que não teria feito diferença. Devo dizer-lhe que teria sido tarde demais e que eu não teria voltado atrás, nem mudaria de atitude ou de

decisão. E que no lugar da Margot teria feito exactamente a mesma coisa, que ela só estava a pensar no meu bem, na minha felicidade. E que na altura a minha felicidade era o Andy. E que *continua* a ser.

Mas não consigo dizer nada disto. Não consigo ultrapassar a horrível sensação de ter sido enganada. No limite, terei sido enganada por falta de alternativa para uma vida diferente – uma opção que representa um legítimo direito meu e que *ninguém* deveria ter feito por mim. No limite, fui enganada pela absoluta ignorância de um conhecimento fulcral – um conhecimento que teria feito toda a diferença na segunda pior coisa que me aconteceu na vida (sendo a primeira a morte da minha mãe), bem como a hipótese de reconciliar os meus sentimentos pelo Leo, pela forma como as coisas acabaram entre nós. Sim, acabámos. Sim, foi o Leo que teve a iniciativa. Mas arrependeu-se. Amava-me o suficiente para querer voltar atrás. Eu era digna desse passo. E isso podia não ter feito grande diferença na minha vida, mas sem dúvida que teria feito toda a diferença *no meu coração*. Fecho os olhos, invadida por uma súbita onda de ressentimento e indignação. E raiva, cada vez mais raiva.

– Enfim... – diz o Leo, soando pouco à-vontade ao tentar mudar de assunto e regressar ao presente.

– Enfim... – digo eu.

Até que, e assim que ouço o som da porta da garagem a abrir e o Andy a regressar de onde quer que tenha estado, vou directa à pergunta que há que tempos estou mortinha para fazer:

– E então... Fala-me lá desse trabalho que tens para mim.

– Quer dizer que vens? – pergunta ele nitidamente feliz.

– Sim – digo eu. – Quer dizer que vou.

Capítulo 27

Durante os minutos seguintes, ouço o Leo fazer-me um breve resumo do trabalho, uma reportagem sobre Coney Island, enquanto rezo para que o Andy não entre pelo escritório e me apanhe em flagrante, completamente alterada e de faces coradas. É claro que terei de lhe dizer que tenciono ir a Nova Iorque, mas não quero associar este trabalho à nossa briga. Não teve *nada a ver* com a nossa briga.

– Vou precisar que fotografes a praia, o calçadão... as barraquinhas de jogos, o parque de diversões... – explica-me ele.

– Claro – digo, distraidamente. Ainda não me apetece desligar, nem por sombras!, mas também não pretendo abusar da sorte.

– Não é nada de tão glamoroso como o teu último trabalho, eu sei... – comenta o Leo, como se eu tivesse aceitado este trabalho pelo *glamour* da coisa.

– Tudo bem – digo, nervosa e desejosa de saber mais pormenores. – Para que publicação é?

– Para a *Time Out*.

Faço que sim com a cabeça e pergunto:

– E para quando precisas das fotos?

– Durante as próximas duas semanas. Achas que consegues?

– Sim, claro – digo, tentando mostrar-me descontraída e fingindo que já esqueci o facto de ele me ter ido procurar. – Adorava saber mais coisas sobre o trabalho, mas...

– Tens de desligar? – pergunta ele, com uma pontinha de desapontamento na voz.

– Tenho... O Andy acabou de chegar.

– Já percebi – diz ele, num tom que parece consolidar o nosso recente estatuto de conspiradores.

Ao contrário da reportagem sobre o Drake, nesta estamos juntos. Do princípio ao fim.

– Ligo-te logo que possa – digo eu, já com a voz a ficar embargada.

– Quando? – diz ele, e se bem que o tom não demonstre ansiedade, sem dúvida que a pergunta a revela.

Sorrio, lembrando-me de quando eu o chateava com aquele tipo de perguntas, sempre a querer saber quando é que ele ligava e quando é que nos veríamos. Então, atiro-lhe com uma das suas respostas típicas da altura, que espero que ele recorde com um sorriso igual ao meu:

– Tão breve quanto humanamente possível. – Dou por mim a perguntar-me se ele também usará esta expressão com a não-sei-quantas.

O Leo solta uma gargalhada. *Bingo*, ele lembrou-se! Lembra-se de tudo, tal como eu.

– Ótimo – diz, num tom bem-disposto. – Fico à espera.

– OK – digo, sentindo um arrepio na espinha ao pensar no quanto ansiei ouvir-lhe a voz, o quanto resisti a ligar-lhe, o quanto levei a finalmente deixar de resistir.

– Então... adeus, Ellen – diz ele, novamente com o sorriso instalado na voz. – Até breve.

– Adeus, Leo – digo, desligando e respirando fundo durante alguns segundos para me recompor. Depois apago o registo das chamadas recebidas do telemóvel e dirijo-me à casa de banho. *É só trabalho*, penso, enquanto me olho ao espelho. *Só uma tentativa de recuperar a minha felicidade, só isso.*

Lavo os dentes, passo a cara por água fria e visto uma t-shirt branca e uns calções de ganga. Depois vou lá para baixo, sentindo-me revigorada e preparadíssima para enfrentar o Andy. Se bem que ainda sinta alguma raiva residual pela cena desta manhã, a minha conversa com o Leo suavizou-me o coração, substituindo a raiva por um misto de excitação, tolerância e sentimento de culpa. É provável que o Andy esteja no jardim das traseiras a jogar *croquet* com a Ginny, e honestamente não me apetece nada dar-lhe o prazer de nos ver chateados. Até sou menina para lhes servir uma bebida.

Mas em vez da Ginny, deparo-me com a Stella em amena cavaqueira com o Andy; e em vez do *croquet*, vejo uma série de sacos do Neimam Marcus⁴⁰ poisados na bancada da cozinha. O meu marido está a retirar o papel de seda branco que envolve uma grande moldura de prata, e assim que me vê lança-me um olhar que pode traduzir uma de duas coisas: ou um pedido de desculpa ou uma súplica para que eu mantenha a nossa recente tensão conjugal só entre nós – talvez as duas coisas. Dirijo-lhe um sorriso reconciliador, a roçar o paternalismo, e assumo a atitude de nora amorosa.

– Olá, Stella – digo alegremente, contendo-me no cumprimento com medo de lhe estragar a postura perfeita – esforçando-me, como sempre, por falar mais baixo e mais afectadamente quando estou com ela.

– Olá, querida – diz ela fazendo-me uma festa no ombro.

Inspiro o seu sofisticadíssimo aroma de primavera – um misto de essência cítrica e óleo de sândalo – e ouço-a dizer:

– Espero que não te importes, comprei umas moldurazinhas cá para casa...

Olho para a bancada e deparo-me com pelo menos uma dúzia de molduras de tamanhos diferentes, todas elas em prata, claro, todas elas clássicas, todas elas exageradamente ornamentadas e, sem dúvida, todas elas obscenamente caras.

– São lindas... Mas não precisava ter-se incomodado – digo, desejando sinceramente que ela *não se tivesse incomodado*. Porque, se bem que bonitas, aquelas molduras não são o meu género. As que temos cá em casa – simples, lisas e em madeira preta, essas sim são o meu género.

– Ora, não foi nada – diz a Stella, abrindo uma pesadíssima moldura e metendo-lhe dentro uma antiga fotografia de família a preto e branco, com toda a gente vestida de elegante linho branco, exibindo rasgados sorrisos a bordo de um bote de madeira envernizada, algures em Charleston. O típico instantâneo de Verão, super chique e elegante. Ela sopra uma imaginária partícula de pó do

vidro e limpa uma mancha igualmente imaginária do canto da moldura. – São prendinhas para a casa nova, mais nada.

– Já nos deu tanta coisa – digo, lembrando-me do «relógio do avô», das toalhas de mão em linho natural para o nosso lavabo da entrada, dos móveis italianos para o alpendre, impecáveis e imaculados (se bem que em segunda mão), do retrato a óleo do Andy em menino – tudo «prendinhas para a casa nova», tudo coisas que eu não pude recusar e tudo a condizer com a benevolente atitude passiva-agressiva da Stella. É tão querida, tão atenciosa, tão generosa, que achamos que temos mesmo de fazer o que ela quer. E fazemos.

Faz um gesto afectado com a mão e comenta:

– Não foi nada, a sério.

– Então muito obrigada – digo, em tom lacónico, pensando que foi a Margot que me ensinou a regra de *protestar educadamente uma vez ou duas*, mas *jamais recusar* uma prenda ou um elogio.

– Não tens de quê, querida – diz a Stella, dando-me uma palmadinha paternalista na mão. Tem as unhas impecavelmente pintadas de *vermelho-paixão*, condizendo com a saia plissada e a malinha Ferragamo, e dando um toquezinho patriótico à descomunal safira do anel do indicador direito.

– Olha lá, El... – diz o Andy finalmente, parecendo algo ansioso. – Que me dizes de aproveitarmos as molduras novas para as fotografias do nosso casamento e da lua-de-mel? Aquelas que estão no *hall* de entrada?

A Stella dirige-me um sorriso radioso, como que à espera da devida aprovação da senhora da casa.

– Claro – digo, sorrindo e pensando que até é a opção mais acertada, uma vez que o casamento também foi feito à boa maneira da Stella.

O Andy reúne então uma série de molduras e dirige-se ao *hall* de entrada.

– Então anda, vamos lá tratar disso.

A Stella solta um murmúrio de satisfação e começa a dobrar amorosamente os sacos das compras. Eu reviro os olhos sem que ninguém veja e sigo o Andy até ao *hall*, na nossa missão conjunta «melhores molduras para as melhores fotografias».

– *Desculpa lá isto* – sussurra-me ele assim que nos afastamos o suficiente.

Depois debruça-se sobre a mesa de mogno brilhante (outra «prendinha para a casa» dos pais dele), onde as *minhas molduras* com as fotografias do nosso casamento se encontram alinhadas. A sua expressão e linguagem corporal são do mais sincero possível, mas eu não consigo deixar de me perguntar se este súbito arrependimento não estará associado ao facto de a mãe dele estar em nossa casa. E penso no hábito que os Grahams têm de fazer *tudo* em função uns dos outros.

– Lamento muito – insiste o meu marido.

– Também eu – digo, sentindo-me em guerra comigo mesma ao evitar olhar para ele. Uma parte de mim deseja desesperadamente fazer as pazes com o Andy e sentir-me novamente próxima dele, mas outra quase deseja manter as coisas frias para que eu possa justificar aquilo que tenciono fazer. *Seja lá o que for* que tenciono fazer.

Cruzo os braços firmemente sobre o peito e deixo-o continuar.

– Eu devia ter dito alguma coisa ontem à noite, sim... Depois da boca sobre o vinho – assume o

Andy.

Finalmente decido-me a olhar para ele, sentindo-me levemente desapontada por ele *achar mesmo* que a nossa briga teve a ver com uma simples garrafa de tinto de Pittsburgh. De certeza que ele sabe que se está a passar qualquer coisa de muito mais grave entre nós – coisas bem mais sérias do que as da noite passada. Como por exemplo, o facto de eu me sentir super infeliz aqui em Atlanta, a questão de não sermos tão compatíveis como sempre achámos que éramos, e as razões do nosso casamento parecer tão tenso e crispado ultimamente.

– Tudo bem – digo, perguntando-me se seria assim tão conciliadora se não tivesse acabado de falar com o Leo. – Eu também exagerei um bocado.

O Andy acenou com a cabeça, como que a concordar, o que me deixa novamente irritada, ao ponto de não hesitar em acrescentar uma pequena nota de rodapé:

– Mas a questão é que eu não suporto *mesmo* a Ginny e o Craig.

– Eu sei... Mas olha que eles são e serão sempre muito difíceis de evitar...

– Mas podemos tentar, não? – digo, já com um sorriso genuíno no rosto e deixando cair os braços.

– Claro... – diz o Andy, sorrindo. – Podemos tentar.

Sorrio-lhe de volta e ouço-o dizer:

– E na nossa próxima briga... por favor, vamos esforçar-nos por fazer as pazes antes de dormir, OK? Os meus pais *nunca* foram para a cama zangados um com o outro – e provavelmente por isso é que estão casados há tanto tempo...

Mais uma nota de petulância para a mais-que-perfeita família Graham, penso. Mas digo apenas:

– OK, mas tecnicamente eu não fui para a cama zangada... Fui para o sofá zangada.

Ele sorri.

– Pois... Mas também não vamos voltar a fazer isso, OK?

– OK – digo, com um risinho cúmplice.

– Então já estamos bem? – quer saber o meu marido, já visivelmente despreocupado.

Sinto ainda uma pontinha de ressentimento por ele achar que podemos, a partir de aqui, seguir alegremente com a nossa vida, passando por cima dos nossos problemas, dos *meus* sentimentos.

– Sim – digo com alguma relutância. – Estamos bem.

– Só «bem»? – pressiona-me ele.

Olho-o nos olhos e quase que decido contar-lhe tudo. Contar-lhe que estamos a meio de uma crise que se adivinha perigosa. Contar-lhe *tudo*. No meu íntimo, sei que seria essa a única maneira de podermos resolver as coisas, de ficarmos *novamente* *unos*. Mas como ainda não estou preparada para ficar *novamente* *una*, esboço um meio-sorriso e digo:

– Estamos algures entre *bem* e *óptimos*.

– Bom, já é um começo – diz ele, chegando-se a mim para me dar um abraço. – Amo-te muito – murmura-me ao ouvido.

Fecho os olhos, suspiro e correspondo àquele afecto, abraçando-o com força, tentando esquecer a nossa discussão, as minhas constantes angústias sobre a nossa vida e, sobretudo, o modo como a Margot adulterou o meu passado, mesmo sem intenção.

– Também te amo – digo ao meu marido, sentindo uma onda de afecto e atracção, e mais do que

aliviada por constatar que ainda sinto isso por ele.

Mas, no segundo exacto antes de nos separarmos, ali mesmo perante as fotos do nosso casamento e de olhos ainda fechados, tudo o que vejo é o Leo, especado no meu *hall* de entrada, tantos anos atrás. E vejo-o agora, sentado no seu apartamento de Queens, a ouvir Bob Dylan à espera que eu lhe ligue.

⁴⁰ Famosos armazéns americanos só com lojas de luxo. (N. da T.).

Capítulo 28

Apesar do desejo quase constante de falar com o Leo, consigo aguentar o resto do fim-de-semana sem lhe ligar, mandar um email ou uma mensagem escrita. Em vez disso, faço tudo direitinho, tudo aquilo que é suposto eu fazer. Ponho as fotografias do casamento e da lua-de-mel nas molduras novas. Mando à Stella um cartão de agradecimento, esfuziante, amoroso e *quase* absolutamente sincero. Vou à missa e ao *brunch* de domingo com o clã Graham inteirinho. Tiro à vontade umas cem fotografias belíssimas a preto e branco ao Webb e à Margot, mais a sua barriguinha. E, no meio de tudo isto, digo constantemente a mim mesma que não aceitei este trabalho por raiva, vingança ou vontade de revisitar o passado. Que vou a Nova Iorque para trabalhar e passar um tempinho com o Leo. Tenho o *legítimo direito* de trabalhar, assim como de ser amiga do Leo. E nenhuma destas coisas deve, seja de que maneira for, influenciar o meu casamento ou a minha amizade com a Margot ou a minha vida em Atlanta.

Assim, no domingo à noite, enquanto estou sentada ao computador a pesquisar voos para Nova Iorque, já estou plenamente convencida de que as minhas intenções, mesmo que não *absolutamente* puras, são *suficientemente* puras. Contudo, quando me deparo com o Andy na sala a ver uma partida de golfe na televisão e lhe refiro casualmente que tenho agendada uma reportagem fotográfica em Coney Island para a revista *Time Out*, sinto o coração inundado de culpa.

– Isso é óptimo – comenta ele, de olhos fixos no Tiger Woods.

– Se é... Estou a pensar apanhar um avião, não na próxima semana mas na outra... para fazer a reportagem... e ficava lá uma noite... se calhar aproveitava para rever alguns amigos... – digo, como se estivesse a pensar em voz alta. Sinto o coração a palpitar de preocupação antecipada. Cruzo os dedos rezando para que o Andy não faça demasiadas perguntas, para que eu não tenha de mentir sobre a forma como arranjei o trabalho.

Mas quando ele se limita a dizer «Porreiro», em vez de me matraquear com perguntas, não consigo deixar de me sentir ignorada, se não mesmo completamente negligenciada. Quer dizer, nós *sempre* debatemos os casos dele, as relações pessoais do seu escritório; a interacção com o pai, as secretárias e os outros associados juniores. Ele ensaia habitualmente as suas alegações iniciais e finais à minha frente. E, na semana passada, cheguei mesmo a assistir a um importante interrogatório dele a uma testemunha fulcral num caso de uma indemnização indevidamente cobrada a uma

companhia de seguros. Lá estava eu na sala de tribunal, toda aperaltada e sentada na primeira fila, incentivando-o em silêncio enquanto via o pleiteante – alegadamente «vítima de severas injúrias físicas» e engessado dos pés à cabeça – a enterrar-se com um chorrilho de mentiras, para de imediato ser desmascarado pelo meu marido através da exibição de um vídeo conseguido na véspera, onde o vemos alegremente a correr e a lançar um *frisbee* no Piedmont Park. Mais tarde, já no carro, rimos e batemos as mãos tipo «dá cá mais cinco!», repetindo a nossa deixa preferida do filme «Uma Questão de Honra»: *O senhor não tem estofo para a verdade!*

E no entanto, é *isto* que eu recebo quando se trata do *meu* trabalho? Uma simples e generalizada palavrinha de entusiasmo... Porreiro?

– Pois vai – comenta ele, franzindo a testa ao ver o Tiger arriscar um *putt* longo. A bola vai direitinha ao buraco, entra, mas volta a sair. O Andy dá um murro na mesinha de apoio e berra: – Merda! Como é que esta não entrou?!

– Como é que ele fica agora? Com *uma* pancada a mais? – pergunto.

– Sim. Caramba, precisava mesmo de acertar esta... – diz ele, abanando a cabeça com ar contristado e enfiando mais fundo na cabeça o boné verde da Masters Cup que ele usa sempre que assiste a um jogo com o seu ídolo; segundo ele, *para dar sorte*.

– Ora, o Tiger ganha sempre – comento eu, vendo o realizador dar um plano da belíssima esposa de Woods, sentada no meio da assistência.

Dou por mim a pensar como é sólido o casamento deles, enquanto ouço o meu marido dizer:

– Nem sempre...

– Também é bom dar hipóteses aos outros de vez em quando – digo. Mesmo estando um bocado aborrecida com o Andy, também me sinto irritada comigo mesma por estar a tentar iniciar um debate sobre um tópico tão pouco controverso quanto o *universalmente adorado* Tiger Woods.

– Sim... – diz o Andy, mal me ouvindo. – Isso é verdade.

Olho para ele e estudo-lhe a linha da nuca, o sensual nascer de cabelo claro que lhe desce até ao queixo, as orelhas que parecem sobressair levemente quando ele usa boné e o azul balsâmico dos seus olhos, que combinam maravilhosamente com as riscas azul-celeste do pólo que tem vestido. Sento-me junto dele no sofá, de modo a não deixar espaço entre nós e fazendo com que as nossas coxas se toquem. Deito a cabeça no peito dele e entrelaço os nossos braços. Depois, fecho os olhos e ordeno a mim mesma para deixar de ser tão irritadiça. Não é justo pô-lo à prova – sobretudo quando ele não tem a menor noção de que está a ser julgado. Passam-se alguns minutos enquanto nos deixamos ficar assim, naquela posição tão próxima e aconchegante, ouvindo a voz tranquilizadora dos comentadores desportivos e os ocasionais aplausos da assistência, e digo a mim própria, uma e outra vez, que sou feliz.

Mas, uns minutos mais tarde, quando qualquer coisa corre mal ao Tiger Woods e o Andy se levanta de um salto, esbracejando freneticamente e berrando para a televisão coisas como «Anda lá, amigo, tu consegues! Nunca falhas estas!» – oferecendo naquele momento ao seu ídolo mais apoio do que o que me tem dado a mim – não consigo evitar de sentir uma nova onda de indignação.

Não admira que estejamos a passar por uma crise, penso, pondo um rótulo oficial naquilo que até agora me pareceu apenas uma sensação unilateral. O meu marido mostra um maior entusiasmo pelo

golfe – pior ainda, pelo golfe na *televisão* – do que pela nossa relação.

Observo-o durante mais alguns minutos, assistindo estoicamente à cena doméstica que, por si só, acabou de me aliviar de qualquer culpa que eu possa sentir por ir para Nova Iorque. Depois levanto-me do sofá, subo ao escritório, pego no telemóvel e ligo para o Leo.

Ele atende ao quarto toque, parecendo meio afogueado, como se tivesse corrido para o telefone.

– Não me vais dizer que mudaste de ideias... – diz ele, antes sequer de eu poder dizer «olá».

Sorrio e afirmo, decidida:

– Claro que não.

– Então vens?

– Vou.

– De certeza?

– Absoluta.

– Quando?

– Na próxima segunda-feira.

– Porreiro! – diz o Leo, exactamente da mesma maneira com que o Andy acabou a nossa conversa há minutos.

Olho para o tecto, perguntando-me por que razão a mesmíssima palavra consegue soar de forma tão *diferente* quando dita pelo Leo. Como tudo parece diferente com o Leo.

Na manhã seguinte, enquanto tomo o pequeno-almoço sentada à mesa da cozinha, ligo para a Suzanne, apanhando-a na sua deslocação matinal para o aeroporto, e ponho-a a par do mais recente capítulo da aparentemente infundável saga do Leo. Quando chego à parte da omissão da Margot, ela fica furiosa, como aliás eu já previra.

– Mas quem é que essa gaja julga que é?! – berra-me ela.

Eu sabia que o foco de atenção da minha irmã seria a Margot, por isso sinto-me ao mesmo tempo irritada e na defensiva quando lhe digo:

– Eu sei, ela devia ter-me dito... Mas acredito mesmo que tenha feito o que fez pelo meu bem.

– Correção: pelo bem do *irmão dela* – diz-me ela, ainda indignada. – Não pelo teu.

– É a mesma coisa – digo, pensando que nas melhores relações o bem de um e de outro estão perfeita e intrinsecamente ligados. E apesar dos nossos problemas, agrada-me pensar que eu e o Andy ainda temos um elo tão estreito.

– Não, desculpa, mas nunca é a mesma coisa – protesta a minha irmã, inflexível.

Enquanto aqueço o meu café pela segunda vez, penso nesta sua frase e pergunto-me quem terá razão. Estarei eu a ser demasiado idealista ou estará a Suzanne simplesmente a ser amarga?

– Além disso... – acrescenta a minha irmã. – Quem é que ela se julga para fazer de Deus dessa maneira?

– Dificilmente lhe chamaria «fazer-se de Deus», Suze. Não foi nenhum caso de eutanásia, ela só me quis poupar a...

– Poupar-te?! A quê? – interrompe Suzanne.

– Ao Leo... e a mim mesma – murmuro.

– O que queres dizer? Que terias voltado para o Leo, é isso? – pergunta-me com um leve tom de júbilo.

Sinto uma onda de frustração a invadir-me, desejando que ela conseguisse ser mais imparcial nestas alturas. Desejando que ela fosse mais parecida com a nossa mãe, cujo primeiro instinto era sempre o de ver o lado melhor das pessoas, ver a coisa pela positiva. E daí... talvez tenha sido a morte da nossa mãe que tenha feito a Suzanne ficar assim – prevendo sempre o pior e nunca acreditando nas coisas enquanto elas não acabarem bem. Afasto estes pensamentos, apercebendo-me da quantidade de vezes que a morte da minha mãe consegue complicar questões que pouco ou nada têm a ver com ela. O quanto ela consegue colorir as coisas, mesmo estando ausente. *Sobretudo* estando ausente.

– Gosto de pensar que lhe teria dito o mesmo que a Margot lhe disse – afirmo, esforçando-me ao máximo para ser honesta com a minha irmã e comigo mesma. – Mas não sei... Podia ter-me dado para repensar os meus sentimentos ao ponto de lixar a minha relação com o Andy. Podia muito bem ter cometido esse terrível erro.

– E tens a certeza de que teria sido assim tão terrível? – pergunta ela.

– Tenho – digo, lembrando-me de imediato de uma frase que lera há pouco num dos meus variados diários, uma frase escrita na altura em que eu e o Andy começámos a namorar, precisamente a altura em que o Leo me foi procurar. Hesito, mas acabo por partilhá-la com a minha irmã: «Estou tão feliz por estar a viver uma relação estável, saudável e *de igual para igual*».

– Escreveste isso? – pergunta-me ela. – Usaste essas palavras?

– Sim, mais ou menos – respondo.

– Estável e saudável, hã?... Pois isso soa-me a... *agradável* – observa ela, querendo obviamente salientar que *agradável* não é algo que mereça um grande esforço da nossa parte para preservar. Que *apaixonado* é melhor do que *agradável*. Em toda e qualquer circunstância.

– *Agradável* é dizer pouco. Muito pouco. – digo eu, pensando que metade da América seria capaz de matar por um *agradável* nas suas relações. Eu própria aceitaria de bom grado um *agradável* nos dias que correm.

– Se tu o dizes... – diz a Suzanne.

– É melhor do que o que tive com o Leo – digo.

– Que foi exactamente o quê?

– Um constante sobressalto. Insegurança... Preocupação constante... Tudo me parecia tão diferente com o Leo.

– Diferente como? – pergunta ela automaticamente, implacável.

Abro a porta da cozinha e saio para o alpendre das traseiras com a caneca de café na mão, lutando para encontrar uma resposta. Mas sempre que tento expressar-me, sinto que estou a menosprezar o Andy, sugerindo de alguma maneira uma dicotomia de «paixão *versus* amor platónico.» E também não é *verdadeiramente* assim. Aliás, ainda ontem à noite eu e o Andy tivemos uma bela noite de sexo – de *excelente sexo* – que foi iniciada por mim, não por um sentimento de culpa ou de obrigação, mas porque o achei *absolutamente irresistível* nos seus boxers justinhos, deitado na nossa cama e mesmo ali ao meu lado. Beijei-lhe a «linha de bronzado do golfe», admirei-lhe o estômago firme e liso,

igualzinho ao de um miúdo de dezasseis anos. O Andy beijou-me lenta e demoradamente, fazendo-me pensar na quantidade de mulheres que se queixam que os maridos ignoram os preliminares e no facto de o meu marido nunca deixar de me beijar.

– Ellen? – ouço a voz da minha irmã do lado de lá.

– Sim, ainda aqui estou – digo, de olhos semicerrados pelo sol que bate em pleno no jardim das traseiras. Ainda não são nove da manhã e a temperatura já ronda os 38 graus. Demasiado calor para café. Dou um último gole na caneca e despejo o resto para um monte de aparas de relva.

– Diferente como? – volta a Suzanne a perguntar, se bem que eu tenha o pressentimento de que ela sabe *perfeitamente* a que diferença me refiro. *Todas* as mulheres sabem a diferença entre aquele com quem casaram e aquele que se foi embora.

– Diferente como... a praia da montanha – digo finalmente, procurando desesperadamente uma analogia adequada.

– Qual deles é a praia? – indaga a Suzanne, enquanto ouço ao fundo o som de um carrinho de aeroporto a fazer *bip bip* através do terminal, seguido de um «*informamos os senhores passageiros do voo CA543...*».

Sinto um súbito e ardente desejo de estar naquele momento no aeroporto, prestes a apanhar um avião para qualquer parte. *Fosse para onde fosse*. Pela primeira vez, sinto uma pontinha de inveja do emprego da Suzanne – da sua liberdade *física*, do seu constante movimento. E talvez seja precisamente isso que a atrai, e a razão pela qual se mantém num emprego que ela própria descreve muitas vezes como «o de uma empregada de mesa sem as gorjetas».

– O Andy – digo, olhando para o céu raiado de branco. É quase como se esta implacável onda de calor o tivesse *descolorado*, roubando-lhe o azul e deixando apenas uma desenxabida expansão de nada. – O Andy é um dia de sol, uma praia com águas calmas cor de turquesa e... um copo de vinho.

Sorrio, sentindo-me momentaneamente animada pela visão de nós dois algures numa praia qualquer. Talvez umas boas férias sejam tudo o que necessitamos. Talvez o que eu precise é de me meter num avião *com o Andy*, em vez de fugir dele. Mas lá no fundo, sei que uma mera escapadela romântica não iria resolver o nosso problema, e que eu regressaria fatalmente para enfrentar as mesmas angústias existenciais.

– E o Leo? – quer saber a minha irmã.

– O Leo... – O nome enrola-se-me na língua e acelera-me o coração. – O Leo é uma caminhada montanha acima. Debaixo de chuva fraca. Quando nos sentimos algo desorientados e com fome e a noite prestes a cair.

Rimo-nos as duas em uníssono.

– Nem há contestação possível – diz ela. – A praia ganha.

– Sempre – digo eu com um suspiro.

– Mas então... qual é o problema?

– O problema é que... eu gosto de estar lá fora, em plena montanha. Gosto do escuro... do sossego. É misterioso... emocionante. E a vista lá de cima... quando se olha através dos pinheiros para o vale lá em baixo é...

– Do caraças – diz a minha irmã, acabando-me a frase.

– Isso mesmo – digo, fechando os olhos e pensando nos fortes bíceps do Leo, nos seus ombros volumosos. No seu *bom aspecto* enfiado numas Levi's coçadas, caminhando sempre um nadinha à minha frente, sempre a controlar a situação. – É *mesmo* do caraças...

– Bom, sendo assim... Vai em frente e desfruta da vista – sugere a minha irmã.

– Achas? – digo, à espera que ela me estabeleça parâmetros mais precisos, dizer-me o que devo e o que não devo fazer.

Mas em vez disso, limita-se a dizer:

– Só não te aproximes demasiado do precipício.

Deixo escapar uma risadinha nervosa, sentindo-me mais ansiosa do que divertida.

– Ou ainda te dá para saltares – acrescenta.

Contudo, nos dias que antecederam a minha viagem, e apesar do conselho da Suzanne e da minha determinação em manter-me a uma prudente distância do Leo, a verdade é que me sinto cada vez mais próxima do precipício e a ser sugada para a sua órbita. A nossa formalíssima troca de emails inicial rapidamente evolui para uma frenética e quase diária «tagarelice familiar» – com um toquezinho de *flirt* – que por sua vez, dá lugar a um constante fluir de emails cada vez mais longos, cada vez mais íntimos, muitas mensagens escritas e algumas conversas ao telefone. Até eu me ver já completamente obcecada, tal como nos velhos tempos, e esforçando-me sempre por me convencer que *não estou* obcecada. Que *não é* nada como nos velhos tempos.

Até que, num piscar de olhos, vejo chegada a manhã da véspera da minha partida – que, por acaso, coincide com o dia do *baby shower* da Margot, um acontecimento que de certa maneira eu já temia, devido ao facto de a Ginny ter tomado as rédeas da organização, transformando num evento formal e espalhafatoso algo que deveria ser uma simples reunião de amigas íntimas festejando a chegada de um «bebé muito querido e desejado». Mas agora, e mais do que nunca, eu encaro esta festa como *uma seca que terei de suportar*, e da qual tentarei escapar-me o mais rapidamente possível para me pisgar para Nova Iorque, retomar o ponto onde eu e o Leo ficámos naquele nosso romântico voo nocturno, e chegar finalmente ao verdadeiro âmago da questão – seja ele qual for.

Espreguiço-me debaixo dos lençóis, tendo acabado de me despedir do Andy com um beijinho, desejando-lhe uma excelente partida de golfe, e eis que ouço o telemóvel tocar e vejo-o vibrar, deslizando alegremente pela mesa-de-cabeceira fora. Pego-lhe, esperando que seja o Leo, desejosa de receber o seu «relatório matinal». Naturalmente, é o nome dele que me surge no visor.

– Estou? – digo, ensonada e feliz, com o coração aos saltos de antecipação.

– Olá... – diz ele, num tom ainda sonolento. – Estás sozinha?

– Sim – digo, perguntando-me pela centésima vez se ele ainda estará com a namorada. A julgar pelos seus «desligares abruptos» ocasionais, tenho quase a certeza que sim, e se bem que o meu lado ciumento e possessivo deseje que ele não tenha ninguém, também me agrada pensar que ele mantém uma relação estável. De certa maneira, «ela» torna o cenário mais justo, dando-lhe a ele também «algo a perder».

– Que estás a fazer? – pergunta.

– Estou deitada... A pensar.

– Em quê?

Hesito antes de lhe oferecer o que sinto ser uma confissão completa.

– No dia de amanhã – digo, fervilhando ao mesmo tempo de euforia e medo. – Em ti.

– Que coincidência... – diz ele, num tom franco e directo se bem que algo tímido. – Estou doido para estar contigo.

– Também eu – murmuro, sentindo um formigueiro pelo corpo todo imaginando-nos aos dois em Coney Island, caminhando pela praia, tirando fotografias naquela hora de ouro, romântica, imediatamente antes do pôr-do-sol, rindo e conversando e apenas... *estando* juntos.

– Então... o que queres fazer? – pergunta-me o Leo, soando tão nas nuvens quanto eu me sinto.

– Neste momento? – brinco.

Ele ri-se, com aquele seu riso ofegante.

– Não, claro que não é *neste momento*. Amanhã. Depois do nosso trabalho.

– Oh, sei lá, tanto me faz... Tens alguma ideia? – digo, arrependendo-me de imediato da minha reposta, por medo de lhe fazer lembrar a «Ellen de antigamente»: sem vontade própria e deixando sempre que fosse ele a decidir as coisas.

– Posso levar-te a jantar? – pergunta ele.

– Claro – respondo, desejosa que amanhã chegue o mais depressa possível. – A ideia soa-me *lindamente*...

– *Tu* é que soas lindamente – diz ele. – Adoro essa tua vozinha roufenha. Traz-me boas recordações...

Sorrio, rebolando na cama e passando do lado do Andy para o meu, sentindo ainda o seu cheiro nos lençóis. Fecho os olhos e desfruto daquele silêncio íntimo e excitante. Passa pelo menos um minuto, talvez mais, até que regresso ao nosso passado conjunto. A um tempo anterior ao Andy. A um tempo em que me sentia exactamente como me sinto agora, sem remorsos, sem culpa. Nada para além de puro e sentido prazer. Até que finalmente me entrego, cedendo ao desejo que me queima as entranhas, ao profundo anseio físico que se tem vindo a gerar em mim há tanto, tanto tempo.

Depois, digo a mim mesma que ele nem desconfia do que acabei de fazer – e que de certeza que não terá feito o mesmo. Digo a mim própria que tenho *mesmo* de o tirar da cabeça, do coração, e que teremos de nos cingir a uma relação puramente profissional – ou, quando muito, dois bons amigos com um romântico *incidente de percurso* no passado. E acima de tudo, digo a mim mesma que, aconteça o que acontecer, *eu amo o Andy*. E que *sempre* o amarei.

Capítulo 29

Umas horas depois, o *baby shower* da Margot chega ao fim, todas as convidadas já saíram, e eu dou por mim a deambular pela majestosa e *elegantíssima* sala da Ginny (primorosamente decorada com quadros a óleo dos seus cães, uma tapeçaria com o brasão de família do Craig e um piano de cauda em miniatura que ninguém lá em casa sabe tocar, e muito menos está autorizado a mexer), enfiando resmas de papel de embrulho rasgado, fitas, lacinhos e pedaços de fita-cola para dentro de um saco de lixo, e sentindo-me basicamente *insegura*. Como geralmente me tenho sentido nos últimos tempos, mas sobretudo agora, na véspera da minha partida.

Por um lado, sou constantemente invadida por pensamentos perturbadores sobre o Leo, fazendo e desfazendo mentalmente a minha mala vezes sem conta, imaginando o momento em que o vou ver, e o momento em que teremos de nos despedir de novo. Por outro, e surpreendentemente, diverti-me *imenso* naquela festa, em parte graças ao contínuo e incessante fluir de *mimosas*⁴¹. Claro que continuo a achar que o círculo social de Buckhead é intrinsecamente fútil e superficial, e chato como tudo, mas, individualmente, as mulheres daquela festa eram, na sua maioria, genuínas e bem mais interessantes do que se imagina quando as vemos ao volante dos seus *Range Rovers*, tagarelando ao telemóvel e exibindo as cadeirinhas de bebé último modelo no banco de trás.

Além disso, quando me sentei no sofá ao lado da Margot, com a digníssima função de ler os cartões que acompanhavam os presentes, senti na pele um fortíssimo sentimento de pertença, de comunhão, um grande orgulho em ser uma Graham. Mulher do Andy. Cunhada da Margot. Nora da Stella.

A certa altura, o meu dilema emocional materializou-se quando uma das vizinhas da Stella me perguntou onde viviam os meus pais, e eu tive de tomar uma daquelas «decisões num segundo» quanto a dizer (ou não) que o meu pai continua a viver na sua terra natal e que a minha mãe morreu há anos. Entretanto, a Stella, mestre na arte do pensamento rápido, apertou-me discretamente a mão e respondeu naquela que poderia ser considerada a forma mais natural do mundo se ela não estivesse a responder por mim.

– O pai da Ellen vive em Pittsburgh, na *mesmíssima* casa em que ela cresceu. Ela e a Margot têm isso em comum! – exclamou alegremente, enquanto a luz do imponente lustre de cristal incidia directamente sobre o seu anel de diamantes. Lancei-lhe um olhar agradecido, aliviada por não ter

sido obrigada a adular ou subestimar a morte da minha mãe só para evitar aquele momento desconfortável quando vemos a nossa audiência de olhar combalido e temos de optar entre parecermos à beira das lágrimas ou, pelo contrário, tentarmos aliviar o desconforto com um alegre e despreocupado «Tudo bem, isso já foi há muito tempo».

Porque no fundo, se bem que *tudo tenha sido há muito tempo*, jamais ficará *tudo bem*.

E agora, enquanto espero que o Andy me venha buscar, depois de cumpridos os seus trinta e seis buracos de golfe, sinto uma nova pontada de «orfandade». Ali sentada com a Margot, a Ginny e as suas *duas* mães, bebericando champanhe e desfrutando do habitual *post-mortem* de uma festa, comentando tudo e todos, incluindo o *melhor presente* (um carrinho de bebé *Bugaboo* verde-vivo oferecido pelas companheiras do ténis da Margot), o *mais pindérico* (um envelope com dinheiro a que se juntou uma mantinha de bebé que, fruto da distração de quem a ofereceu, ostentava ainda o nome da filha bordado a branco: *Ruby*), a *mais bem vestida* (com um fatinho *vintage* Chanel), a *mais mal vestida* (exibindo um top curtinho em croché rosa-velho com um sutiã preto por baixo), e especulando sobre quem *por amor de Deus* poderá ter entornado vinho tinto numa das cadeiras da sala de jantar.

– Oxalá tivesse ligada a câmara que controla a *babysitter*... – lamenta-se a Ginny com um risinho divertido, algo periclitante em cima dos seus saltos agulha e antes de se deixar cair num cadeirão forrado a pele de leopardo.

Sorrio, não podendo deixar de pensar que ela é bem mais suportável, quase *agradável*, quando está de grãozinho na asa e sem as suas constantes poses e maneirismos, e *sobretudo* sem a irritante mania de querer a todo o custo provar que é muito mais íntima da Margot do que eu. Continua uma cabra, convencida que tudo lhe é permitido, mas ao menos é uma cabra simpática, convencida que tudo lhe é permitido.

– Jura que tens uma câmara dessas! – diz a Stella, olhando para o tecto.

– Não a vai descobrir facilmente. Por alguma razão se chama *câmara escondida*... – comento, brincando com uma fitinha de ráfia amarela. O meu lado poupadinho leva-me a desejar secretamente levar o saco de lixo para casa, uma vez que a Margot desembulhou as prendas todas com um extremo cuidado – mas dado o actual desequilíbrio emocional em que me encontro, é capaz de não fazer grande sentido querer reciclar papel de embrulho usado.

– Mas é *óbvio* que ela tem de ter uma câmara dessas, Stella... Está ali – diz a Pam, a mãe da Ginny, apontando para um arranjo floral artificial entalado numa estante entre dois livros de decoração. E acrescenta, com um ligeiro toque de desprezo no tom de voz. – E a Margot também devia pensar seriamente em instalar uma... sobretudo com um recém-nascido em casa e perante a perspectiva de vir a ter a casa cheia de enfermeiras, amas e outros criados.

Dou por mim a pensar naquele termo tão utilizado aqui em Buckhead: *criados* – que cobre praticamente tudo, desde jardineiros a amas, contabilistas, pessoal da manutenção da piscina, até, como no caso da Pam, *motoristas* (ela não se mete ao volante de um carro há vinte e dois anos – um curioso motivo de orgulho para ela). Para ser franca, quer seja para ouvir esta gente gabar-se ou queixar-se dos seus *criados*, se há coisa que eu não suporto *mesmo* no mundo da Margot é esse tema de conversa – um tema que se encontra praticamente *ex aequo* com o dos colégios privados dos

filhos e o das galas de *smoking* e vestido comprido (que muitas vezes são galas *organizadas pelos* colégios privados dos filhos...).

A Stella prossegue:

– Já alguma vez apanhaste alguém a... fazer alguma coisa? – Abre muitos os olhos, enquanto me apercebo que a minha sogra, habitualmente tão dinâmica e controladora, parece muito mais passiva, quase submissa, na presença da sua mandona e presunçosa melhor amiga. Observo-as juntas, perguntando-me vagamente se *eu própria* serei diferente do meu *eu habitual* quando estou com a Margot.

A Ginny abana a cabeça, retirando um amoroso *petit four* em miniatura de uma bandeja de prata, herança de família, que, quase que aposto, ela mandou *um criado* limpar e polir esta manhã.

– Até agora, nunca... Mas nunca se é cauteloso de mais, sobretudo quando envolve os nossos filhos.

Todas assentimos em silêncio, como que a ponderar nesta *pérola de profunda sensatez* proferida pela Ginny – pérolas essas que ela lança sempre num tom profético, como se fosse a primeira pessoa do mundo a ter uma noção daquelas. A minha favorita, que lhe ouvi quando se especulava que a Margot iria certamente ter um rapaz, já que a barriga estava tão bicuda, foi: «Ainda bem que ela e o Webb resolveram esperar até ao fim para saber! Hoje em dia, é a *única* surpresa que podemos ter na vida.» Ahh, Ginny, és tão original! Nunca tinha ouvido essa... Aliás, e isto é apenas um aparte, se bem que eu não tenha uma opinião formada acerca de uma decisão tão pessoal como essa, não posso deixar de achar curioso o facto de tantos casais não aproveitarem os variados benefícios das ecografias em prol daquilo a que chamam o *factor surpresa*. Mais: que raio significa essa teoria de já não haver surpresas nos dias que correm? Não se continuam a organizar jantares e festas-surpresa? Não continuamos todas a receber *de surpresa* flores e bombons? Não percebo.

Acabo o meu champanhe, volto-me para a Ginny e anuncio:

– Eu acho que sei quem entornou o vinho.

– Quem? – dizem todas em uníssono, até mesmo a Margot que percebe sempre quando eu estou a gozar ou a preparar alguma.

– Aquela pindérica muito *feia* – digo eu, suprimindo um sorriso de gozo.

– Quem? – dizem todas outra vez. E a Ginny desata a atirar nomes ao acaso da lista das suas convidadas do lanche.

Vou abanando a cabeça, até que declaro orgulhosamente:

– A Lucy. – Refiro-me à Lucy *do Andy*. A sua eterna namoradina de liceu que a Margot fez questão de convidar, depois de me ter pedido autorização prévia.

– Se não te sentires confortável com a situação, eu não a convido – disse-me ela mais do que uma vez, fazendo sempre questão de explicar que ambas tinham imensos amigos e conhecimentos em comum, isto para lá da inevitável e infeliz relação familiar, mesmo que distante (a Lucy casou-se com um primo afastado do Webb).

Disse variadíssimas vezes à Margot que não tinha *o menor* problema com isso, e que até tinha uma certa curiosidade em conhecer o *primeiro amor* do Andy – tomando uma nota mental para não me esquecer de ir primorosamente maquilhada para a festa. Mas secretamente, acho que as minhas

razões tinham sobretudo a ver com o Leo. O facto de a Lucy vir à festa serviria de pretexto ou, melhor dizendo, de *racionalização ideal* na minha bateria de desculpas interiores: *o arquitecto paisagista que idealizou o jardim da Margot é ex-namorado dela; a ex do Andy vem ao baby shower da irmã dele. Porque é que eu não posso trabalhar ocasionalmente com o meu ex?*

Seja como for, é claro que eu agora estou a brincar, uma vez que a Lucy está *longe* de ser feia. As suas feições de boneca, pele de marfim e profusos caracóis ruivos colocam-na directamente na categoria «bonita», e o seu corpo é talvez o mais espectacular que eu vi numa mulher – uma perfeita ampulheta de Betty Boop, que pareceria ainda mais escultural se ela não se vestisse de um modo tão conservador. A Margot e a Stella riem-se com gosto – enquanto as respectivas *patéticas imitações* trocam um olhar satisfeito, doidas para assistirem a um *showzinho* caseiro de ciúmeira feminina.

Reviro os olhos e digo:

– Por amor de Deus, estou *a brincar*. A mulher é um espectáculo.

A Ginny mostra-se desapontada pela total ausência de controvérsia enquanto a Pam atira a cabeça para trás soltando uma gargalhada sarcástica e dizendo, com *exagerado* entusiasmo:

– É linda de morrer, não é?

– Se é... – digo, lembrando-me da conversa que tivera com Lucy umas horas antes, como a achei adorável, quase nervosa, ao dizer que estava muito feliz por finalmente me conhecer. Disse-lhe que também sentia o mesmo, e estava a ser sincera. Depois, e esforçando-me por afastar a imagem dela com dezoito aninhos agarrada no meu marido, acrescentei: «Ouvi dizer tão bem de ti...».

A Lucy, que certamente estaria a ter a mesma imagem que eu, corou, sorriu e riu-se. Depois falou no Andy, e no tempo em que estiveram juntos, num registo perfeito, *politicamente correcto*, não escondendo o facto de terem namorado, mas dando muito mais ênfase à época, e ao amor de juventude em geral do que propriamente ao namoro *deles*.

– Só espero que ele se tenha desfeito daquelas fotografias *horrendas* do baile de finalistas! Eu era um horror, com aquele cabelo todo armado... Como é que se podia ser *tão* pirosa? Também usaste o penteado à anos oitenta, Ellen?

– Se usei? – digo, rindo-me com gosto – Deves estar a gozar! Eu sou de Pittsburgh, rapariga, a terra onde foi filmado o *Flashdance*! Usava cabelo armado e perneiras!

Ela soltou uma gargalhada, e passámos alegremente para o presente, falando sobre o seu filho de cinco anos, Liam, o seu problema de autismo e como a terapia do hipismo o ajudou tremendamente. Depois abordámos a nossa mudança para Atlanta e o meu trabalho (fiquei agradavelmente surpreendida ao saber que a Margot contara à Lucy, e às restantes convidadas, que eu tinha tirado fotografias *fabulosas* do Drake.) A conversa tinha ficado por ali, e ambas cirandámos pela sala para falar com outras pessoas. No entanto, e várias vezes ao longo dessa manhã, apanhei-a a olhar-me com curiosidade – um olhar revelador de que ela ainda sentia qualquer coisa pelo Andy. Facto que, naturalmente, provocou em mim todo um misto de sentimentos – com a culpa e a gratidão no topo da lista.

Volto a sentir agora esse turbilhão de emoções, vendo a Stella olhar-me nos olhos e dizer-me com profunda e total sinceridade:

– A Lucy é muito bonita, sim, mas tu és *muito* mais bonita, Ellen.

– E muito mais esperta – acrescenta Margot, ajustando a fitinha de cetim do seu elegante vestidinho amarelo-pálido.

– O Andy tem tanta sorte por te ter... – remata a minha sogra.

Assim que abro a boca para agradecer, a Ginny interrompe aquele momento de *agradável cumplicidade familiar*, dizendo:

– Mas onde é que andam os rapazes? Já são quase três da tarde... e o Craig prometeu-me que me ficava com os miúdos à tarde para eu puder digerir este champanhe todo com uma sestina...

Estendo a mão para a minha carteira, pensando que quando os pais passam algum tempo de qualidade com os próprios filhos não deveria jamais chamar-se a isso *ficar com os miúdos*.

– O Andy é capaz de já me ter ligado – digo, sacando do telemóvel no exacto segundo em que ele toca, exibindo o nome *Leo* no visor. O estômago revira-se-me de excitação, e se bem que a prudência me aconselhasse a voltar a pôr o telemóvel na carteira, atendo, levanto-me e ouço-me a dizer: – Desculpem-me um segundo, tenho mesmo de atender... É sobre o meu trabalho de amanhã.

Todas assentem em concordância enquanto corro para a cozinha – já limpíssima e imaculada graças às diligências dos eficientes *caterers* da Ginny e da sua invisível governanta – e atendo com um efusivo «Olá!».

– Sempre vens amanhã? – pergunta-me o Leo.

– O que é que achas?... – murmuro, sentindo uma nova descarga de adrenalina.

– Era só p’ra confirmar – diz ele.

Ouve-se um ribombar de sonoras gargalhadas vindo da sala, que faz com que o Leo pergunte:

– Onde estás?

– Num *baby shower* – murmuro.

– Estás grávida? – pergunta-me, impassível.

– Sim, sim, então não?... – respondo, sentindo-me agradavelmente aliviada por *essa* não ser uma possibilidade, e logo a seguir culpada por sentir um tal alívio.

– OK, quanto a amanhã... Como é, vens ter directamente a minha casa e saímos daqui?

– Claro – murmuro. – Está combinado.

– OK... Então... vou desligar, vai lá à tua vida – diz ele, dando a nítida sensação de querer continuar a falar.

– OK... – digo com relutância.

– Até amanhã, Ellen.

– Até amanhã, Leo... – digo, sentindo-me coquete e «toda tremeliques» ao fechar o telemóvel. Volto-me para me dirigir à sala e deparo-me com a Margot à porta da cozinha olhando-me fixamente. As minhas palpitações de adolescente apaixonada desaparecem como que por magia.

– Quem era? – pergunta, com os olhos faiscantes de suspeita e feroz desconfiança.

– Era acerca da sessão fotográfica de amanhã – respondo, reproduzindo mentalmente a minha conversa com o Leo e perguntando-me o que terá ela ouvido exactamente. É óbvio que me ouviu dizer o nome dele, assim como certamente se terá apercebido do meu tom de voz meloso, uma vez que me lança sem dó nem piedade:

– Como é que tu podes fazer isto?

– Fazer... o quê? – murmuro, sentindo-me corar violentamente.

Ela arqueia um sobrolho e os seus lábios apertam-se numa linha estreita.

– Vais para Nova Iorque ter com ele, não é?

– Vou para Nova Iorque... *em trabalho* – digo, o que claramente não é uma negação.

– *Em trabalho?* A sério, Ellen? – diz, num tom que não me esclarece se estará magoada ou furiosa.

– Sim, *é* em trabalho, Margot – afirmo, com um vigoroso aceno de cabeça e agarrando-me desesperadamente àquela réstia final de verdade. – É uma sessão fotográfica *normalíssima* em Coney Island.

– Sim, eu sei... Conheço bem Coney Island – diz ela, abanando a cabeça, enquanto eu recorro às duas ou três perguntas que ela me fez há dias acerca deste trabalho, e as respostas vagas e evasivas que lhe dei antes de desviar o assunto para águas mais seguras. Ela prossegue: – Mas o trabalho é *com ele*, certo? Vais estar com ele, não vais?...

Limito-me a fazer que sim com a cabeça, rezando pela sua misericórdia, pelo seu apoio e compreensão – exactamente como eu fiz quando se tratou da *sua decisão*, já lá vão alguns anos.

– O Andy sabe? – pergunta-me sem mais rodeios. Exactamente a mesma pergunta que me fez no aeroporto; só que, desta vez, dá perfeitamente para perceber que ela atingiu os limites da sua boa vontade.

Olho para ela, mas nada digo – o que lhe serve na mesma de resposta, ou seja, um rotundo «não».

– Porquê, Ellen?... Porque é que estás a fazer isto? – pergunta.

– Porque... tenho de o fazer – digo, num tom apologetico mas determinado.

– *Tens* de o fazer? – diz ela, descansando a mão sobre a barriga e juntando as suas sabrinhas Lanvin uma à outra. Mesmo num momento de crise, ela continua serena e graciosa.

– Margot... – digo. – Por favor, tenta entender...

– Não. Não, Ellen – diz ela, interrompendo-me. – Não me peças isso, não consigo *mesmo* entender. Não dá para entender como é que fazes uma coisa tão... imatura... tão perigosa ... e destrutiva... Teres feito a sessão com o Drake foi uma coisa, mas *isto*... Isto é de mais.

– Não é o que tu pensas... – digo, na defensiva.

– Eu ouvi-te, Ellen. Ouvi a tua voz, o modo como falaste com ele... Nem acredito nisto... Estás a dar cabo *de tudo*.

E, ao vê-la descansar a outra mão sobre a barriga, percebo o que ela quer dizer com aquele «tudo». O *baby shower*. A amizade. O meu casamento. A nossa família. *Tudo*.

– Lamento muito... – murmuro.

E se bem que até lamente, sinto a minha vergonha transformar-se de certo modo em pretensão de superioridade moral, já que me ocorre que muito provavelmente não estaríamos a ter esta conversa se ela tivesse sido franca e honesta comigo há uns anos. Se ela se tivesse lembrado que éramos amigas *antes* sequer de eu começar a namorar com o Andy. Sinto a mente num turbilhão, na dúvida se lhe devo ou não dizer que sei o que ela fez – temendo que isso possa de alguma maneira piorar ainda mais as coisas. Mas opto por fazer uma discreta alusão ao assunto, dizendo:

– Eu só preciso de... resolver uma série de coisas que deviam ter ficado resolvidas há muito tempo...

Obviamente não atingindo, ela abana a cabeça com veemência e diz:

– Não. Não há rigorosamente nada que justifique isto que tu...

– Ah não? – digo eu, interrompendo-a. – E qual é a *tua* justificação, Margot?

– Justificação para quê? – pergunta, visivelmente confusa. Dou por mim a questionar-me se ela terá esquecido mesmo a visita do Leo ou se terá apagado propositadamente esse episódio da sua memória.

– Para o facto de nunca me teres contado que ele apareceu à minha procura – digo. A minha voz é calma, mas o coração está aos saltos.

A Margot pisca os olhos, parecendo momentaneamente desorientada e apanhada de surpresa. Mas rapidamente se recompõe para me dizer:

– Tu estavas com o Andy. Tinhas uma relação *séria* com o Andy!

– E daí? – comento.

– *E daí?* – diz ela, absolutamente horrorizada. – *E daí?!*

– Espera... não me interpretes mal. O que quero saber é: o que te faz pensar que o facto de me contares que o Leo tinha voltado poderia vir a ameaçar a minha relação com o Andy?

Ela cruza os braços e solta uma gargalhada sarcástica:

– Olha, pelos vistos podia... Podia *e pode*, como se pode verificar pelos recentes acontecimentos.

Fixo o meu olhar no dela, recusando-me a misturar as duas coisas.

– Devias ter-me dito – digo, levantando a voz. – Eu tinha *o direito* de saber. Tinha o direito de tomar fosse que opção fosse. Por mim própria, sem a intervenção de terceiros... E se tu achas que deixar o Andy era uma *possibilidade*... bom, então mais uma razão para me teres contado do Leo.

A Margot volta abanar a cabeça, num sinal de absoluta e total negação, e eu apercebo-me de que não a ouvi ainda pedir-me desculpa ou dizer que lamentava – ou admitir que o que fez foi errado. Pensando melhor, *nunca* a ouvi pedir desculpa. Por nada. A ninguém. Nunca.

– Pois o Andy também tem o direito de saber *disto* – diz ela, ignorando o meu ponto de vista. – Tem o direito de saber o que a mulher anda a fazer.

E com esta, vira costas, levanta o queixo e começa a sair da cozinha. Pára à porta, volta-se para mim e remata num tom gélido:

– E se não fores tu a dizer-lhe, Ellen... serei eu.

⁴¹ *Cocktail* à base de champanhe e sumo de laranja (N. da T.)

Capítulo 30

Nesse preciso momento, o Craig, o Webb, o Andy e o James irrompem pela porta da cozinha, suados, bronzeados e com ar satisfeito. Respiro fundo, lutando por recuperar a compostura, e vejo a Margot fazer o mesmo. Por um segundo, temo que ela faça uma cena sem precedentes e «vomite» tudo ali mesmo, em frente a toda a gente. Mas a verdade é que ela seria a última pessoa do mundo a embaraçar o próprio irmão dessa maneira. Assim, vejo-a literalmente a correr para os braços do marido, encostando a cabeça ao seu peito como se quisesse procurar refúgio na sua própria relação sem mácula.

Observo-os aos dois, espantada por constatar que eu própria já me senti assim em relação ao Andy – considerando-o o meu rochedo – e não vai assim tanto tempo. Agora permaneço ali, uns quantos metros afastada dele, sentindo-me completamente sozinha, dividida, separada.

– Quem ganhou? – pergunta a Margot, deitando ao irmão uma olhadela furtiva, na esperança que tenha sido ele. Já que a mulher está prestes a traí-lo, bem merece ter tido uma manhã gloriosa no campo de golfe.

– E quem havia de ser, mana? – responde o meu marido com um sorriso vaidoso e eternecedor

– Fogo, este tipo tem cá uma sorte! – lamenta-se o James, enquanto a Ginny, a Stella e a Pam se juntam a nós na cozinha, parecendo todas absolutamente maravilhadas por se verem novamente na companhia dos seus homens.

– O Andy ganhou! – exclama a Margot, numa aclamação algo artificial, enquanto os rapazes se atropelam para nos descrever as suas melhores proezas no *green*, incluindo uma descrição «vocês tinham de ter visto» do Craig, num rasgo de frustração, a deitar abaixo um arbusto de magnólias ao volante do seu novíssimo carrinho de golfe. Mais do que uma vez. Toda a gente se ri à excepção de mim e da Margot, enquanto o Craig faz questão de salientar *o caríssimo que foi o raio do carrinho*. Entretanto, abre o frigorífico e saca de quatro *Heinekens* geladinhas, abrindo-as com uma rapidez tal que me faz lembrar um *barman* em acção em plena *happy hour* – um emprego que eu tenho a certeza absoluta que ele nunca teve. Depois estende-as aos amigos e emborça a sua pelo gargalo, encostando a garrafa fria à testa.

– E a festa, que tal correu? – pergunta o Andy, pelos vistos o único homem presente, incluindo o futuro pai, a lembrar-se que o grande acontecimento daquele dia não foi o golfe. Aprecio-lhe aquela

sua manifestação de simpatia, apesar de ter a certeza de que ao longo da manhã não terá pensado uma única vez no *baby shower* da irmã.

A Margot põe a cabeça de lado, esboça um sorriso apagado, e diz:

– Muito bem, correu tudo lindamente.

– Uma *maravilha* – dizem a Stella e a Pam em uníssono e com a mesmíssima inflexão. Depois trocam um olhar sorridente e cúmplice, fazendo-me desejar poder partilhar essa dinâmica com a Margot –, e temendo a hipótese de a ter perdido para sempre.

– E recebeste muitas coisas boas? – pergunta o James à irmã, num afectado tom nova-iorquino, rodando a sua pala de forma a conseguir o seu melhor *olhar matador*.

A Margot força outro sorriso e diz que sim, que recebeu presentes óptimos, enquanto a Ginny, não conseguindo conter a excitaçãozinha maldosa, diz:

– E a Ellen conheceu finalmente a Lucy!

Sinto a barriga às voltas só de pensar no quão mais excitadinha vai ficar a Ginny quando a Margot lhe descrever a total ironia da situação.

– A sério? – diz o Andy, olhando para mim de sobrolho levantado e com uma expressão de curiosidade divertida que, noutras circunstâncias, me teria feito sentir ciumenta e insegura.

– E o que é que achaste dela? – pergunta-me o James com o seu típico sorrisinho cínico, não querendo certamente perder aquela oportunidade de ouro para quebrar o refinadíssimo protocolo da mamã.

– Achei-a muito simpática – digo calmamente, enquanto o James, fiel a si mesmo, faz um comentário jocoso acerca dos «belos marmelos» da dita cuja.

– James! – berra a Stella, falsamente indignada.

– A mãe sabe *sequer* o que são marmelos? – comenta o James, sorrindo cinicamente.

– Tenho uma leve ideia... – diz a Stella, abanando a cabeça.

Entretanto, o Andy finge ignorar a conversa, tendo inclusivamente a gentileza de se mostrar levemente entediado pelo assunto «Lucy», o que apenas serve para intensificar ainda mais a indignação da Margot.

– Bom... – diz por fim, visivelmente incapaz de continuar mais um minuto que seja na minha presença. – Estou exausta. – Olha para o Webb e diz: – Talvez seja melhor irmos andando antes que me dêem outra vez as falsas contracções, querido...

O Webb massaja o pescoço e diz:

– Claro, querida, vamos lá pôr-te na caminha.

– Sim... – diz o Andy, bocejando e acabando a sua cerveja. – É melhor nós irmos andando também. Amanhã a Ellen tem um dia em grande, vai para Nova Iorque fazer uma cobertura fotográfica importante.

– Já soube – comenta a Margot. A sua expressão é vazia e a voz não expressa a mínima emoção, mas continua a ser perfeitamente óbvio, pelo menos para mim, que está perturbada por algo bem mais grave do que potenciais contracções falsas. Olho-a, desesperada por estabelecer um último contacto visual, se bem que não saiba muito bem o que é que desejo comunicar-lhe. Um apelo à sua misericórdia? Uma explicação final? Um declarado pedido de desculpa? Quando ela finalmente olha

para mim, lanço-lhe um olhar de profunda tristeza, que abrange todas as hipóteses acima indicadas. Ela abana a cabeça em sinal de recusa, baixa os olhos para o belo chão de mármore da cozinha da Ginny, e move os lábios de maneira imperceptível, como que ensaiando aquilo dirá ao irmão quando for preciso.

Nessa noite, depois de regressarmos a casa, somos o fiel retrato de um casal normalíssimo, partilhando um jantar de domingo. Preparamos juntos uma salada para acompanhar a pizza de *pepperoni* que encomendámos. Vemos televisão, fazemos *zapping*. Eu ajudo-o a pôr o lixo lá fora para a recolha matinal do dia seguinte. Ele senta-se ao meu lado enquanto eu pago umas contas. Vamos para a cama ao mesmo tempo. No entanto, por dentro estou feita num oito, reproduzindo mentalmente e vezes sem conta a minha conversa com a Margot, sobressaltando-me de cada vez que o telefone toca, e tentando desesperadamente reunir as palavras certas – e a força necessária – para proceder à minha confissão.

Até que, por fim, eu e o Andy nos vemos na cama, de luzes apagadas, e eu sinto que aquela é a minha última oportunidade de dizer alguma coisa. *Qualquer coisa*. Antes de a Margot a dizer por mim.

Passam-me milhares de «frases de abertura» pela cabeça, até que o Andy se debruça sobre mim para o habitual beijinho de boas noites. Correspondo, prolongando-o uns segundinhos mais do que é habitual, sentindo-me ao mesmo tempo nervosa e profundamente triste.

– Gostei imenso de conhecer a Lucy – digo, quando finalmente nos separamos, sentindo-me absolutamente patética por me estar a agarrar à conversa muleta «dá perfeitamente para sermos amigos dos ex».

– Pois, é uma miúda porreira – diz o Andy. Suspira e acrescenta: – Pena é ter casado com um imbecil.

– O marido dela é imbecil?

– Se é... Acreditas que não chegou a tempo do nascimento do próprio filho?

– Bom, isso pode perfeitamente acontecer... Ele deu alguma justificação válida? – pergunto, na esperança que aquele meu súbito espírito de «capacidade de perdoar» seja contagioso.

– Acredito que *possa* acontecer – comenta o Andy. – Se o bebé nascer prematuramente ou coisa assim... Só que ele meteu-se numa viagem de negócios no dia em que estava previsto o nascimento do filho... E depois, surpresa das surpresas, não conseguiu voltar a tempo.

– Quem é que te contou isso?

– A Luce.

Apesar de tudo, dou por mim a reagir àquele *Luce*, ao sentido de intimidade que ele representa. E o Andy deve ter percebido isso porque pigarreia levemente e corrige-se, dizendo:

– Foi a Lucy que me contou.

– Quando? – pergunto, procurando vergonhosamente uma culpa partilhada. – Pensei que vocês não se falassem.

– E não falamos – responde ele rapidamente. – Ela contou-me isso há muito tempo.

– O filho dela tem cinco anos. E nós já estamos juntos há mais de cinco anos.

– O miúdo tem quase seis – diz o meu marido, cobrindo-se melhor com o edredão.

– Sabes de cor o dia de anos dele? – lanço-lhe eu, só meio a brincar.

– Calma aí, Inspector Gadget... – ri-se o meu marido. – Sabes perfeitamente que eu já não falo com a Lucy há anos. Foi só uma simples conversa de circunstância que tivemos, só para saber da vida um do outro e...

– Sim, aquele tipo de conversa em que ela diz quão infeliz se sente com a actual relação? E que o actual marido não chega sequer aos calcanhares do seu primeiro amor?

O Andy ri-se.

– Não. Por acaso ela até nem achou que o facto de o marido não ter estado presente no nascimento do filho fosse assim tão condenável. Foi apenas um comentário que ela fez, nada mais... E ela é daquele tipo de mulheres que gosta manifestamente mais dos filhos do que do marido.

– E quando é que ela te ligou?... Ou foste tu que lhe ligaste? – pergunto, sentindo-me cada vez mais nauseada comigo mesma.

– Sei lá, Ell... Honestamente já não me lembro... A conversa foi muito breve... Acho que só queríamos saber um do outro, se estava tudo bem... Que não tinha ficado qualquer ressentimento entre nós, sei lá...

– E ficou?... Algum ressentimento? – pergunto, pensando que eu e o Leo nunca tivemos uma conversa desse género. Nunca fizemos nenhum... *fecho de contas*, isto sem contar com o nosso voo nocturno, que acho que não pode servir de exemplo.

– Não – diz ele. Depois endireita-se na cama e pergunta num tom suave: – Onde queres chegar com isto tudo?

– A lado nenhum – digo. – Só gostaria que soubesses que... não ficava nada aborrecida se me disseses que falaste com ela... Acho perfeitamente natural que vocês queiram ficar amigos.

– Vá lá, Ellen... Sabes bem que não tenho o menor desejo de ficar amigo da Lucy.

– E porque não?

– Não sei... – limita-se a dizer. – Para já, não tenho amigas mulheres. E depois... acho que já nem sequer a *conheço*.

Fico a matutar naquela frase, apercebendo-me de que, não obstante a minha ruptura hostil com o Leo, e apesar do facto de não termos falado durante muitos anos, *nunca* senti isso em relação a ele. Posso não ter sabido pormenores da sua vida quotidiana, mas nunca senti que já não o *conhecia*.

– Isso é muito triste – murmuro, perguntando-me qual daqueles dois cenários será mais triste. Depois, e pela primeira vez, dou por mim a pensar como seria se eu e o Andy nos separássemos, em que tipo de ruptura nos integrariámos. Afasto esse pensamento, dizendo a mim mesma que tal coisa jamais acontecerá. Ou... quem sabe?

– Triste porquê? – pergunta o Andy em tom descontraído.

– Oh... não sei... – digo, num fio de voz.

Sinto o Andy aproximar a sua cara da minha, enquanto me esforço por habituar os meus olhos ao escuro.

– O que tens, Ell? – pergunta-me. – Estás chateada por causa da Lucy?

– Não – digo rapidamente. – Nem pensar. Gostei *mesmo* de a conhecer, a sério.

– OK, ótimo... – diz ele, aliviado.

Fecho os olhos, sabendo ter chegado o *meu* momento da verdade. Aclaro a garganta, passo a língua pelos lábios, e adio a coisa por mais alguns segundos.

– Andy... – digo por fim, sentindo a voz começar a tremer. – Tenho de te contar uma coisa.

– O que é? – pergunta docemente.

Inspiro profundamente, expiro e ganho coragem:

– É sobre o meu trabalho de amanhã.

– O que tem? – indaga, estendendo a mão para o meu braço.

– A sessão... é com o Leo – digo, sentindo-me simultaneamente aliviada e nauseada.

– O Leo?... O teu ex-namorado?

Obrigo-me a dizer que sim.

– É com ele... em que sentido? – pergunta o Andy.

– Ele é que vai escrever o artigo – esclareço, escolhendo delicadamente as palavras. – E eu tiro as fotografias.

– OK – diz ele, esticando-se para acender o candeeiro da mesa-de-cabeceira do seu lado e obrigando-me a fechar os olhos pela súbita incidência de luz. Parece tão calmo e confiante que, pela primeira vez, considero seriamente a hipótese de desistir da minha viagem.

– Mas... como? Como é que isso veio à baila?

– Cruzámo-nos um dia, estávamos ainda em Nova Iorque – digo, tendo a nítida noção de estar a confessar *muito* pouco, e *muito* tarde. – E ele propôs-me este trabalho...

– Quando? – insiste o Andy. Está claramente a tentar conceder-me o benefício da dúvida, mas vejo perfeitamente que está a entrar numa de nítido «interrogatório de advogado». – Quando é que se reencontraram?

– Há uns meses... Não foi nada de especial...

– Então porque não me contaste? – atira. Uma pergunta perfeitamente lógica e que representa o ponto crucial da questão. É claro que *foi algo de especial*, sim, e que, *por isso mesmo*, eu resolvi ocultar ao meu marido. Por um breve momento pergunto-me se, acaso pudesse voltar atrás, teria feito as coisas de maneira diferente.

Hesito um pouco antes de dizer:

– Tive medo que ficasses zangado.

Isto é verdade – uma verdade cobarde, mas a verdade.

– O facto de me teres escondido isto é que me deixa zangado – diz ele, visivelmente magoado.

– Eu sei... Desculpa... Mas é que... eu quero mesmo este trabalho, este género de trabalho – digo, esforçando-me por dar uma justificação minimamente aceitável ao meu *pecado*. No meu íntimo, sei que parte da razão que me leva a fazer esta viagem é o trabalho em si. Que preciso de algo mais na vida do que passar os meus dias a vaguear por um magnífico casarão, à espera que o meu encantador esposo regresse ao lar. Que preciso de voltar a sentir o prazer de trabalhar, de criar. Sentindo-me ligeiramente estimulada, com a leve esperança de que ele possa entender o meu ponto de vista, acrescento: – Sinto *mesmo* a falta de Nova Iorque.

O Andy belisca uma orelha, e o rosto ilumina-se-lhe por uns breves segundos ao dizer-me:

– Havemos de lá voltar brevemente... Para um jantar, um espectáculo...

– Não é disso que sinto a falta ... Sinto a falta de *trabalhar* em Nova Iorque. De fazer parte da sua... energia.

– Então vai trabalhar para lá...

– É precisamente isso que vou fazer amanhã.

– Mas porquê com o Leo? Não consegues arranjar trabalho sem ele? Conseguieste a oportunidade única de fotografares o Drake Watters para a capa da *Platform*, e agora precisas de um empurrãozinho do teu ex para arranjares trabalho? – pergunta-me ele, soando tão natural naquela suposta armadilha que me lançou, que quase me leva a crer que terá reparado no nome do Leo a assinar o artigo sobre o Drake. Ou quem sabe a Margot lhe terá contado a verdadeira história desse artigo. Nem mesmo o Andy tem tanta sorte neste tipo de contra-interrogatório.

– Bom... por acaso... – começo, olhando para as unhas recém arranjadas, antes de regressar ao seu olhar inquisitório. – Também foi ele que me arranjou *esse* trabalho.

– Espera lá... O quê? – diz ele, já com os primeiros sinais de raiva a surgirem-lhe no rosto. Vê-se que está a tentar reconstituir a coisa. – Como assim? Como é que ele te arranjou esse trabalho?

Preparo-me para o pior e digo:

– Também foi ele o autor da história do Drake... E ligou para a minha agente a saber se eu estaria interessada e disponível.

– Mas ele também esteve em L.A.? – pergunta-me o Andy, num tom de voz cada vez mais alto e desagradado. – Estiveste com ele?

Faço que sim com a cabeça, num esforço inglório para atenuar a minha confissão.

– Mas eu juro-te que não sabia que ele ia lá estar... Não combinámos rigorosamente nada... Nem estivemos juntos, nem jantámos, nem nada disso... Estive com a Suzanne o tempo todo... A coisa foi exclusivamente profissional... Mais nada.

– E desta vez? – diz ele, deixando no ar uma pergunta à qual nem eu própria sei responder e que me deixa a tremer dos pés à cabeça.

– Desta vez... temos outro trabalho em conjunto – digo.

– E isso quer dizer o quê? Vão os dois trabalhar em equipa, é isso? – explode ele, saltando da cama, cruzando os braços e olhando-me fixamente.

– Não – digo, abanando a cabeça. – Não é nada disso.

– Então é o quê? Explica-te – diz ele, com o peito a arquejar pela súbita descarga de testosterona.

– Nós... somos amigos – digo. – Trabalhamos juntos de vez em quando... Aliás, duas vezes. Nem se pode chamar a isso *de vez em quando*.

– Pois é... não sei se me sinto confortável com isso.

– Porque não? – indago, como se pudesse haver alguma dúvida.

– Porque... Porque nunca ouvi uma única coisa agradável ou positiva sobre esse gajo... E tu agora... pretendes reatar uma relação de amizade com ele?

– A Margot não é justa em relação a ele. Nunca foi.

– Tu mesma me contaste coisas horríveis sobre ele.

– Estava magoada.

– Pois estavas... – diz ele revirando o olhos. – *Por ele.*

– Ele é boa pessoa.

– É um sacana!

– Não é sacana... É alguém de quem gosto... Ele é...

– É o quê?

– É... *importante* para mim.

– Porreiro! Isso é porreiro, Ellen! – diz ele, com a voz sufocada pelo sarcasmo. – O teu ex-namorado é importante para ti... Isso é tudo aquilo que qualquer marido quer ouvir!

– A Lucy também foi ao *baby shower* da tua irmã – digo eu, querendo desesperadamente dar a volta à coisa. – E o Ty concebeu e construiu o jardim de casa dela.

– Sim – diz ele, andando de um lado para o outro pelo quarto. – Só que a Lucy foi convidada para a festa e o Ty fez o jardim precisamente *porque não são importantes*. São pessoas do nosso passado, com quem, por acaso, namorámos há muitos anos... Ponto final... Não me parece que possas dizer o mesmo acerca do Leo.

Percebo que aquilo é mais uma pergunta do que uma afirmação; que ele está doido para que eu me precipite e altere a minha resposta – que renuncie a quaisquer sentimentos pelo Leo.

Mas eu não consigo. Pura e simplesmente não consigo mentir ao Andy.

Assim, em vez disso opto por dizer:

– Não confias em mim? – Fazer aquela pergunta ajuda-me a sentir muito melhor. Faz-me, de certo modo, confiar em mim própria.

– Sempre *confiei* – diz ele, querendo obviamente dizer que já não é o caso.

– Jamais te enganei – afirmo, arrependendo-me automaticamente daquela frase, sabendo que deveria ser um dado adquirido. Algo que *não é necessário* dizer.

Como já era de esperar, o Andy aproveita a deixa para lançar em tom de escárnio:

– Ena pá, Ellen, porreiro... Isso é bestial. Obrigado. Vou ver se não me esqueço de referir isso na tua candidatura a Esposa do Ano.

– Andy... – suplico.

– Não, a sério, obrigado. Obrigado por jurares que não me enganaste com o teu ex-namorado, *tão* importante para ti e de quem gostas *tanto*. – Apercebo-me que jamais tinha visto o meu marido tão furioso.

Respiro fundo, assumindo em desespero de causa a velha tática de «o ataque é a melhor defesa»:

– OK, eu não vou. Assunto resolvido. Cancelo a viagem e fico por cá a tirar fotografias à barriga da tua irmã e a fazer... bolos e limonada... enquanto espero que tu regresSES a casa... depois do golfe.

– O que é que isso é suposto querer dizer? – diz ele, agora visivelmente desorientado.

– Quer dizer que a tua vida é fabulosa. E a minha é uma merda. – Detesto o tom amargo da minha voz, e, no entanto, ele exprime *exactamente* aquilo que eu sinto. *Amargura*.

– OK, então deixa-me ver se eu percebo... – grita-me o meu marido. – Vais para Nova Iorque ter com o teu ex-namorado porque eu gosto de golfe? Estás a querer vingar-te de mim por eu jogar golfe?

– Pára de simplificar as questões! – berro-lhe eu de volta, quando o que quero dizer realmente é:

Pára de ser tão básico.

– Mas a ideia que tu dás é que a culpa é minha.

– Não, a culpa não é tua, Andy... Não é de ninguém, aliás.

– De alguém terá de ser – diz ele.

– Eu... não sou feliz aqui – digo, com os olhos marejados de lágrimas. Esforço-me por mantê-los bem abertos de forma a não chorar.

– Aqui?... Aqui, onde? – o Andy exige saber. – Neste casamento? Em Atlanta?

– Em Atlanta. Na *tua* terra natal... Estou tão cansada de fingir...

– De fingir o quê, concretamente? Que queres estar comigo?

– De fingir que sou alguém que não sou.

– E quem é que te pede que faças isso? – pergunta, imperturbável perante o meu estado abalado, uma atitude que tem o estranho efeito de me fazer saltar as lágrimas contidas. Ele acrescenta: – Quando é que te pedi para seres alguém que não és?

– Eu não pertenço aqui, não me consigo adaptar – digo, limpando a cara ao lençol. – Não dá para veres isso?

– Até parece que eu te obriguei a vir para cá! – diz ele com o rosto contorcido de indignação e frustração – Quando foste *tu* que me disseste que *querias* vir.

– O que eu queria era fazer-te feliz.

O Andy solta uma gargalhada sarcástica, ao mesmo tempo triste e defensiva, antes de dizer:

– Pois claro! É essa a tua missão na vida, Ellen. Fazer-me feliz... Vê-se, aliás.

– Desculpa... – murmuro. – Mas tenho mesmo de fazer isto.

Ele observa-me por uns segundos, como se estivesse à espera de algo mais, uma melhor explicação, um pedido de desculpa mais sentido, a garantia de que ele é o amor da minha vida. Mas ao perceber que eu não encontro as palavras certas – ou quaisquer outras, aliás – baixa o olhar para o tapete e pergunta:

– Porque é que *tens* de fazer isto?

– Não sei – respondo, quando ele finalmente ergue os olhos para mim.

– Não sabes?!

– Acho que já não sei nada...

– Pois é, Ellen... – diz ele enfiando rapidamente os *jeans* e os sapatos e pegando na carteira e na chave do carro. – Acho que já somos dois.

– Onde é que vais? – pergunto, entre lágrimas.

– Vou sair – diz secamente, passando a mão pelo cabelo como que a querer penteá-lo. – Não vou de certeza dormir aqui esta noite e amanhã dar-te um beijinho de despedida e desejar-te boa viagem como se fosse algum otário.

Olho para ele, de coração desfeito e em total desespero, conseguindo ainda murmurar:

– Mas... não podemos conversar mais um pouco sobre isto? Não dissemos que nunca mais nos deitávamos zangados?

O Andy pára à porta do quarto e olha-me. Primeiro *para* mim, depois *através* de mim:

– Sim, dissemos... – diz tristemente. – Mas também dissemos tantas outras coisas... não é

verdade?

Capítulo 31

Num momento mais surreal do que triste, vejo-me de pé, à janela do nosso quarto, vendo o Andy sair de marcha-atrás pela rampa da garagem e depois ligar o pisca e sair para a rua principal do nosso quarteirão. Quase consigo ouvir o som – *blinka, blinka, blinka* – no silêncio do interior do seu carro ainda a cheirar a novo, e convenço-me de que alguém que se dá ao trabalho de ligar o pisca não pode estar assim *tão* chateado. Não sei se isto representa uma prova reconfortante ou intrincada de que não estava destinado ficarmos juntos. Que a Suzanne tinha razão – falta-nos *paixão*, e temos apenas um envolvimento solidário e *agradável*, e que já nem sequer é assim tão agradável nos dias que correm.

Afasto-me da janela, dizendo a mim própria que não estou à procura de provas de coisíssima nenhuma, nem de tipo nenhum. Talvez esteja em negação, mas a única coisa que quero é meter-me amanhã de manhã num avião para Nova Iorque, e fazer o meu trabalho, e ver o Leo, e tentar sentir-me melhor em relação a tudo – o passado, o meu casamento, a minha amizade com a Margot, o meu trabalho, eu própria. Não faço ideia como é que vou conseguir isso, mas sei que não vai acontecer se ficar aqui, enfiada nesta casa.

Apago a luz do candeeiro do lado do Andy e volto para a cama, sentindo que *devia* chorar, mas apercebendo-me com um misto de alívio e medo que estas minhas emoções são versões diluídas e amortecidas daquilo que senti ainda há escassos minutos, quando o Andy ainda estava aqui comigo. Aliás, estou tão serena e indiferente que é quase como se estivesse de fora a observar o rescaldo de uma séria discussão de *outro casal qualquer*, simplesmente à espera de saber o que acontecerá a seguir. *Será que ela fica ou será que vai?*

Fecho os olhos, exausta e absolutamente certa de conseguir adormecer num piscar de olhos e sem o menor esforço. Mas não quero sequer tentar; sei que tenho *alguma* razão do meu lado, e dormir poderia vir a apagá-la totalmente, transformando-me na *esposa insensível e calejada* que dorme que nem um bebé, enquanto o marido passa a noite inteira às voltas dentro do carro pelas ruas vazias e escuras da cidade.

Assim, em vez de dormir ligo para o telemóvel do Andy, na esperança de lhe ouvir a alegre mensagem de *voice mail*, com aquele familiar e tão divertido som de fundo de um táxi errante buzinando no meio do trânsito. *Nunca mudes a tua mensagem de voice mail*, pedi-lhe há tempos,

sem saber muito bem se era pela sua voz alegre e bem-disposta ou se por aquele frenético ruído de fundo de Nova Iorque. Seja como for, ele não me atende – nem agora, nem nas três vezes seguintes em que volto a tentar. É óbvio que ele não quer falar comigo, e como não faço a menor ideia do que lhe quero dizer, não deixo mensagem. Desisto da ideia de ligar para casa da Margot, onde sei que ele acabará por ir parar. Eles que se juntem contra mim. Eles que convidem a Stella para se lhes juntar, que abram uma boa garrafa de vinho e que fiquem a curtir a sua superioridade. Deixá-los ficar na deles, que eu fico na minha. Olho para o escuro, sentindo-me sozinha e, curiosamente, *feliz* por estar sozinha.

Algun tempo depois, desço até à sala onde tudo está escuro e arrumado, tal qual eu e o Andy deixámos quando nos fomos deitar. Vou direita ao bar e sirvo-me de vodca pura num copo de sumo. Beber sozinha faz-me sentir parte de um velho cliché e se há coisa que eu não quero ser é precisamente isso. Contudo, um copo de vodca é tudo o que quero neste momento e *o que a Ellen quer* parece ser o tema emergente dessa noite. Ou pelo menos, seria isso que o Andy certamente diria.

Depois dou por mim no meio da cozinha, subitamente desesperada por um pouco de ar fresco. Então dirijo-me à porta das traseiras, reparando que o Andy a trancou e ligou o alarme antes de sair; pode odiar-me mas ainda deseja que eu fique segura. *Já quer dizer qualquer coisa*, penso, enquanto me sento no degrau de cima, – que se tornou há muito o meu lugar preferido de toda a Atlanta – bebericando o meu vodca e ouvindo a suave sinfonia das cigarras.

Muito depois de ter acabado a minha bebida, ligo uma última vez para o Andy, que continua sem atender, volto para dentro, tranco de novo a porta e deixo o copo no lava-louça. E deparo-me com o seu bilhete. Nem sei como é que não o vi antes. Está mais do que visível, bem no meio da bancada, escrito num bloco *post it* amarelo, o mesmo que geralmente usamos para lembretes de vários tipos. Como “Amo-te” ou “Tem um bom dia” ou “Preciso de *gillettes*”. Cai-me o coração aos pés ao descolar a folha do bloco e ler, sob a luz do fogão, quatro singelas palavras escritas em maiúsculas:

SE FORES, NÃO VOLTES.

Fico a olhar para o bilhete e considero não aquilo que *não devo* fazer amanhã de manhã, mas simplesmente o que fazer ao bilhete. Escrever uma resposta no espaço que sobrou na sua... *instrução*? Deixá-lo na bancada, todo amarrotado? Deitá-lo no lixo? Colá-lo na minha agenda como uma infeliz memória de um triste momento? Nenhuma das alternativas me parece boa – por isso, volto a colá-lo no bloco, acertando cuidadosamente os cantos para dar a impressão de não ter sido mexido, nunca ter sido lido. Olho para ele uma última vez, sentindo uma aguda pontada de remorso e arrependimento. De profunda pena por aquilo em que nos tornámos: o típico casal que não só discute a meio da noite, como deixa na cozinha ultimatoss escritos em *post-its*.

Talvez nos tenhamos mesmo transformado no futuro «casalinho tema de conversa» das gentes de Buckhead, durante uma festa, ou num *cocktail* no Clube. *Já soubeste da Ellen e do Andy? Soubeste o que ela lhe fez? E do ultimato que ele lhe fez?*

Já estou a ouvir as Ginnys todas deste mundo: *E depois, o que aconteceu?*

Ela foi.

E ele deixou-a.

Fico ali, apoiada à bancada durante muito tempo, recuando ao passado longínquo, depois ao passado recente – e a meia dúzia de *flashes* pelo meio – tentando perceber se devo ou não acreditar nas palavras do Andy. Decido que devo. Ele até pode vir a mudar de ideias, mas neste momento está a falar a sério.

E, estranhamente, em vez de sentir um pânico profundo a invadir-me o coração ou uma qualquer sensação de impasse, sinto-me cada vez mais calma, decidida e indignada, enquanto me dirijo de volta ao quarto e me volto a deitar. Como é que ele se atreve a fazer-me um ultimato destes? Como se atreve a não tentar sequer perceber aquilo que eu sinto? Como se atreve a encurralar-me desta maneira com as suas exigências? Tento pôr-me no lugar dele, imaginando como me sentiria se por acaso ele tivesse saudades de casa e vontade de reatar fosse o que fosse com algo ou com alguém. E aí apercebo-me de que foi precisamente por isso que eu vim para Atlanta. Foi por *ele*. É por ele que eu estou aqui neste momento.

Acabo por adormecer, tendo sonhos dispersos e aleatórios, quadros absolutamente triviais como o de mandar forrar o cadeirão do nosso quarto, ou entornar chá com açúcar no teclado do computador, ou inventar à última da hora um fato de cigana para uma festa de *Halloween* organizada pelo nosso bairro. Sonhos que não fazem o menor sentido, uma vez que me encontro numa terrível encruzilhada, a viver uma grave crise.

Quando finalmente acordo, são quatro e cinquenta e nove, um minuto antes do despertador tocar. Levanto-me, tomo um duche, visto-me e passo pela rotina habitual da preparação de um dia de viagem. Reúno o meu equipamento fotográfico, reorganizo a minha mala, imprimo o bilhete electrónico e chego até a informar-me sobre o tempo em Nova Iorque. Temperatura a rondar os 15 graus e possibilidade de aguaceiros. Por estranho que pareça, já nem sequer imagino o que seja viver sob 15 graus de temperatura média, talvez por estar há tanto tempo a viver debaixo de um calor abrasador, por isso concentro-me antes na chuva e enfio na mala um guarda-chuva e uma gabardina preta.

Durante todo este tempo, penso no bilhete do Andy, dizendo a mim mesma que posso sempre mudar de ideias à última da hora. Assim que o sol nascer, posso perfeitamente decidir ficar. Posso meter-me no MARTA⁴² até ao aeroporto, passar pela segurança, deambular até à minha porta de embarque, e ainda assim voltar para casa.

Mas lá no fundo, sei que isso não vai acontecer. Sei que já estarei bem longe daqui quando o Andy regressar a casa e se deparar com o seu *post it* exactamente como ele o deixou, na bancada da cozinha.

Cinco horas depois, estou finalmente na fila de táxis do aeroporto de La Guardia, os sons, os cheiros e as imagens tão dolorosamente familiares. *Estou em casa*, penso. Mais do que Pittsburgh, mais do que Atlanta, mais do que qualquer outro lugar do mundo, esta cidade, esta fila de táxis fazem-me sentir regressar *a casa*.

– Para onde vai? – pergunta-me a jovem atrás de mim, interrompendo-me a solidão. De *jeans*

rasgados, rabo-de-cavalo e uma mochila enorme, tem o típico ar de estudante. Imagino que estará praticamente tesa e a querer partilhar um táxi comigo até à cidade.

Pigarreio, apercebendo-me de que hoje ainda não disse uma única palavra.

– Vou para Queens – digo, na esperança que ela vá para Manhattan. Não me apetece grandes conversas, mas não teria coragem de lhe negar uma boleia.

– Que chatice... – diz ela. – Estava na esperança de podermos dividir um táxi... Contava ir de autocarro, mas estou cheia de pressa.

– Para onde vai? – pergunto, não por querer saber, mas porque percebo que está doidinha para que eu pergunte. Aposto que há um homem metido nisto. Há *sempre* um homem metido em tudo.

E não me enganei, obviamente.

– Vou ter com o meu namorado que mora em Tribeca – responde ela.

Disse aquele *Tribeca* num tom orgulhoso, como se fosse uma palavra acabada de aprender. Talvez tenha acabado de saber que é a abreviatura de *Triangle Below Canal Street*. Dou por mim a lembrar-me de quando aprendi isso – tal como me lembro de pronunciar mal *Houston Street*, dizendo-a do mesmo modo que a cidade do Texas, e de como a Margot me corrigiu, admitindo que até há bem pouco tempo também ela dizia mal.

– Hmmm... – murmuro. – Excelente zona.

– Pois é – diz ela, com um leve sotaque canadiano ou do Minnesota. – Ele descobriu um *loft* absolutamente espantoso! – Exacerba aquele «*loft*» tal como, imagino eu, o namorado terá feito para a impressionar. Pergunto-me se ela já terá visto esse espaço *espantoso*, imaginando-o lúgubre, triste e cinzentão – mas ainda assim *absolutamente espantoso*.

– E você? Vive onde? – pergunto com um leve sorriso.

Ela tira um blusão de ganga todo amarrotado de dentro da malinha de rodas, fazendo-me pensar: *ganga com ganga: nada aconselhável*. Abotoa-o praticamente até acima, o que consegue piorar ainda mais o quadro, e diz:

– Em Toronto... O meu namorado é artista.

De novo uma gloriosa incongruência que prova o amor *dela*, e que prova que tudo gira em torno *dele*.

Perigoso, penso, mas sorrio-lhe uma vez mais e digo:

– Isso é ótimo – perguntando-me como se terão conhecido, há quanto tempo namoram, se ela estará a pensar mudar-se para Nova Iorque para viver com ele. Como acabará a sua história. *Se irá* acabar.

A fila avança um pouco. Aproximando-me mais um pouco do Leo.

– E você? Está de regresso a casa? – pergunta-me ela.

Deito-lhe um olhar confuso, até que ela me esclarece:

– Não vive em Queens?

– Ah... Não, não vivo – digo. – Vou lá ter com... uma pessoa... em trabalho.

– É fotógrafa? – quer saber.

Por uns segundos, fico parva pela sua intuição, mas depois lembro-me do meu saco com o equipamento.

– Sou – digo, sentindo-me cada vez mais *eu* a cada minuto que passa.

Sou fotógrafa. Estou em Nova Iorque. Vou estar com o Leo.

– Que fixe! – diz ela.

Chegada a minha vez de apanhar o táxi, despeço-me da minha nova amiga sem nome.

– Adeus – diz ela, num tom super feliz. Acena-me, um gesto no mínimo estranho quando se está a um passo da outra pessoa.

– Boa sorte – desejo-lhe.

Ela agradece, mas lança-me um olhar inquisitório, como que a perguntar o que é que a sorte tem a ver com seja o que for. Só me apetece responder-lhe: *tem e muito*. A sorte tem a ver com tudo. Mas opto apenas por lhe dirigir um último sorriso e passo as minhas malas ao motorista do táxi.

– Para onde? – pergunta ele, assim que nos vemos instalados.

Dou-lhe a morada há muito memorizada, verificando nervosamente a maquilhagem no espelho do pó compacto. Tenho apenas rímel e brilho nos lábios, e resisto à tentação de acrescentar mais qualquer coisa. Sinto-me bem assim, estou de *jeans*, camisa branca de mangas arregaçadas, sabrinhas pretas e rabo-de-cavalo. Esta viagem pode ser algo mais do que trabalho, sim; mas pelo menos vesti-me *para trabalhar*.

Tiro nervosamente o telemóvel da carteira no exacto momento em que o Leo me envia uma mensagem escrita: *Já cá estás?*

O coração bate mais forte ao imaginá-lo já todo arranjadinho, olhando nervosamente para o relógio, à minha espera.

Respondo: *Estou no táxi. Até já.*

Segundos depois, ele manda-me um *smile*, apenas isso, o que me deixa ao mesmo tempo relaxada e espantada. O Leo nunca foi do género de mandar bonequinhos, à excepção daquele símbolo :-/ com que ocasionalmente acabava os emails, gozando com a leve assimetria dos meus lábios – algo em que o Andy nunca reparou, ou se sim, nunca referiu.

Devolvo o sorriso ao telemóvel, não obstante o meu estado de espírito – que não é mau, mas está longe de ser... *sorridente*. Depois enfio os auscultadores, ligo o *iPod* e fico a ouvir o Bryan Adams cantar *La Cienega Just Smiled*, uma das minhas canções preferidas e que me faz sentir ou *muito feliz* ou *muito triste*, dependendo das circunstâncias. Neste momento estou as duas coisas, e ao ouvir as palavras da letra, fico pasmada com quão complementares essas emoções podem por vezes ser:

I hold you close in the back of my mind,

*Feels so good but, damn, it makes me hurt.*⁴³

Aumento o volume e recordo-me de a minha mãe me dizer «Ainda ficas surda, Ellie». Por fim fecho os olhos, pensando no Leo, depois no Andy, depois novamente no Leo.

Afinal, penso, não há sempre um homem envolvido em tudo?

⁴² No original, *MARTA train*. O MARTA (Metropolitan Atlanta Rapid Transit Authority) é um sistema de metropolitano e de carreiras de autocarro, inaugurado em 1971, em Atlanta. Conta com quatro linhas, num total de 48 kms. (N. da T.)

⁴³ *Tenho-te tão fresca na minha memória, / Sabe tão bem, mas, raios, como me faz sofrer.* (N. da T.)

Capítulo 32

Assim que entramos na Newton Avenue, não consigo dizer se foi há uma eternidade ou apenas ontem que ali estive pela última vez, deixando o Leo em casa no nosso regresso de Los Angeles, absolutamente convencida de que a coisa acabava ali. Revisito fugazmente as emoções dessa manhã – e o quão profundamente triste me senti – perguntando-me se de facto *terei acreditado* que não voltaria a vê-lo. E perguntando-me também o que é que, exactamente, me terá trazido de volta até cá, neste preciso momento. Terá sido a mudança para Atlanta e tudo o que ela acarretou? O ter sabido daquele longínquo dia de Dezembro em que o Leo tentou voltar para mim? Ou foi apenas o inexplicável e inexorável *efeito Leo* no meu coração? Paramos mesmo na esquina em frente à casa dele e pago a viagem, esperando encontrar ainda hoje algumas respostas. *Preciso* de encontrar respostas.

– Quer factura? – pergunta-me o motorista, puxando a alavanca que abre o porta-bagagem e saindo do táxi.

– Não, obrigada – digo, mesmo sabendo que deveria reunir os comprovativos das minhas despesas; ajudaria a *legitimar* o cariz profissional da minha viagem.

Ao sair do táxi tenho o primeiro vislumbre do Leo: está debruçado sobre o varandim da entrada do prédio, descalço, de *jeans* e *sweat* antracite com capuz, olhando para o céu como que a sondar se vem aí chuva. Sinto o coração aos saltos mas tento acalmar-me, desviando o olhar e concentrando-me unicamente na tarefa de tirar os sacos do porta-bagagem para o passeio. Nem acredito que aqui estou, nem mesmo quando finalmente arranjo coragem para receber o olhar do Leo. Levanta um braço e sorri, parecendo completamente à-vontade.

– Olá – digo, a minha voz perdendo-se numa súbita rabanada de vento e no ruidoso bater da mala do táxi. Sustenho a respiração, vendo o meu táxi afastar-se até desaparecer de vista. A minha visita é agora *oficial*.

Segundos depois, tenho o Leo ao meu lado.

– Conseguieste! – diz ele, como que adivinhando que não me bastou apenas meter-me num avião para agora ali estar. *Tem toda a razão no comentário*, penso, lembrando-me do bilhete em cima da bancada e vendo o Andy chegar e reparar que ele continua lá e a mulher... nem por isso.

– Sim... – digo, sentindo uma onda de culpa. – Consegui.

Ele olha para as minhas malas e diz:

– Dá cá, eu levo isso.

– Obrigada – digo, enchendo depois o silêncio desconfortável com um: – Não te preocupes... Não penso ficar aqui. Tenho hotel reservado. – O que, claro está, torna a situação ainda mais esquisita.

– Não estou nada preocupado com *isso* – diz ele, como se estivesse preocupado, sim, mas com outra coisa completamente diferente.

Vejo-o pegar na minha mala com a mão direita, ignorando a ajuda das rodinhas, e pendurando o pesado saco do equipamento no ombro esquerdo. Disfarço o meu anseio enquanto o sigo pelos degraus de acesso ao prédio, e depois escada acima até ao seu apartamento onde sou surpreendida pelo agradável cheirinho a café misturado com o familiar aroma da sua velha casa. Olho em volta, observando a sala, inundada por uma avalanche de recordações, na sua maioria muito boas. *Sobrecarga* sensorial, penso, sentindo-me fraca, tonta, de novo com vinte e três anos.

– E então?... O que é que achas? – pergunta o Leo.

Não percebo muito bem a que se refere, por isso – e à cautela – concentro-me noutras coisas que não o passado.

– Tens móveis novos – digo, olhando em volta com um sorriso de aprovação.

– Sim – diz ele, apontando para o quadro de uma pintura abstracta a preto e azul e para o sofá em pele cor de canela por debaixo dele. – Fiz umas alterações aqui e ali... Gostas? – diz, lançando-me um olhar feliz e despreocupado.

– Adoro – digo, tentando relaxar, tentando não olhar na direcção do quarto dele, tentando não me lembrar de demasiados pormenores. Pelo menos, não por agora.

– Ainda bem – diz ele, com contido alívio. – Tu casaste e foste viver para a Georgia... Acho que tinha o direito de arranjar um sofá novo.

Não consigo evitar sorrir.

– Bom, acho que conseguiste um bocado mais do que isso – digo, referindo-me ao seu trabalho, mas também à Carol. Olho novamente em volta, desta vez à procura de indícios de coabitação. Não há rigorosamente nada. Nenhum toque feminino, nenhuma fotografia da Carol. Aliás, nenhuma fotografia, ponto.

– Procuras alguma coisa? – lança ele, provocando-me, como se soubesse perfeitamente aquilo que estou a pensar.

– Sim... – respondo, o mais descontraída possível. – O que fizeste à minha fotografia?

Ele aponta-me o indicador, como quem pede um momento para pensar, depois dirige-se a uma cristaleira, velha e em mau estado, abre uma das portas e vasculha pelo interior.

– Referes-te a... esta? – diz, mostrando-me a minha célebre fotografia em criança, sorridente e desdentada.

– Por amor de Deus... – digo, corando.

Ele encolhe ligeiramente os ombros, parecendo ao mesmo tempo petulante e envergonhado.

– Não acredito que ainda guardes isto – digo, mostrando-me bastante mais agradada do que devia.

– É uma excelente foto – diz ele, equilibrando-a numa prateleira supostamente pensada para loiça mas atafalhada de jornais e revistas. Como de costume, tudo em casa do Leo é minimalismo puro, à

excepção de tudo o que é papel. Livros, jornais, revistas, cadernos e blocos de notas estão espalhados e empilhados literalmente por todo o lado. pelo chão, na mesa de centro, em cima das cadeiras, sobre as prateleiras.

– E diz-me lá... – diz ele, dando meia volta e entrando na cozinha, a única divisão que continua exactamente na mesma, incluindo o chão de linóleo «verde anos setenta». – Tens fome? Posso preparar-te alguma coisa?

– Não, obrigada – digo, pensando que mesmo que tivesse esfomeada, seria incapaz de comer fosse o que fosse neste momento.

– E café? – pergunta, enchendo a sua caneca. Uma caneca *cor de pêssego*. Aha! Penso. A Carol.

– Sim, pode ser – digo. – Mas só meia chávena, por favor.

– Meia chávena? – graceja ele, arregaçando as mangas. – Mas quem és tu? A minha avó?

Respondo com um sorriso e uma careta, lembrando-me da sua mal-humorada e rabugenta avó. Conhecera-a apenas uma vez – numa festa de anos do sobrinho do Leo – mas era aquele tipo de velhota viva, excêntrica e sem papas na língua, que dizia exactamente aquilo que estava a pensar e ninguém a criticava por respeito à sua idade.

– E como está a tua avó? – pergunto, apercebendo-me de que praticamente não falámos nas respectivas famílias durante aquele voo nocturno.

– Está viva e recomenda-se... Com o mesmo feitiozinho danado – diz ele, pegando noutra caneca e servindo-me café. A caneca tem qualquer coisa escrita num dos lados, mas que não consigo ler àquela distância.

– Isso é espantoso – comento. A minha mãe invade-me o espírito, como acontece sempre que a conversa recai sobre familiares velhotes e ainda vivos e de boa saúde, mas recuso-me a deixar que ela ocupe um lugar na minha já sobrelotada mente.

– Só meia caneca, a sério, ‘vó?

Sorrio e faço que sim com a cabeça.

– Tudo bem, seja, *uma* caneca... Só acho que...

– Que... o quê?

– Que era melhor irmos andando...

– Qual é a pressa?

– Vem aí chuva.

– E...?

– E eu tenho de tirar fotografias – digo, num tom decidido.

– Eu sei disso – diz ele, num tom igualmente decidido.

– Bom... – digo, como se tivesse dito a coisa mais lógica do mundo e... problema dele se não percebeu.

– Não podes fotografar à chuva?

– Claro que posso.

– E então? – diz ele, imitando-me a inflexão.

Estamos ambos em nítido *modo de provocação* – um terreno perigoso quando estamos determinados a *não fazer* algo de que nos venhamos a arrepender.

– Então... nada. É só uma constatação – digo, recorrendo à minha frase preferida dos tempos de liceu que serve rigorosamente para toda e qualquer situação desconfortável.

– OK, e eu digo-te, *e é só uma constatação*, que fotografares Coney Island debaixo de chuva não tem problema nenhum... ou tem?

– Acho que não – digo, pensando que até é coisinha para as fotos saírem *melhor*. E que passar um tempinho com o Leo debaixo de chuva me parece uma ideia... *fantástica*.

– Então senta-te – diz ele, interrompendo-me o romantismo dos pensamentos. Aponta para o sofá, olha-me nos olhos e acrescenta: – Fica mais um bocadinho.

Retenho o seu olhar, certa de estarmos ambos a *temer* e a *desejar* aquilo que esse «mais um bocadinho» possa vir a originar. Depois vou sentar-me na ponta mais afastada do sofá, descansando o cotovelo no apoio de braço, esperando pelo meu café, esperando por ele. Observo-o, enquanto me serve o café, deixando apenas o espaço suficiente para uns pinguinhos de leite e duas colheres de açúcar.

– Fraquinho e doce, certo? – pergunta.

– O que te leva a crer que eu ainda gosto do café assim? – pergunto-lhe com um sorriso tímido.

– Ora, *tenho a certeza*... – diz ele, esforçando-se por se mostrar impassível mas sem conseguir evitar o tom de *flirt*.

– Como é que sabes? – insisto, devolvendo-lhe o *flirt*.

– Porque foi assim que o tomaste na cafetaria – diz ele, passando-me a caneca e sentando-se no sítio perfeito, próximo, mas não demasiado próximo. – Naquele nosso reencontro em Janeiro passado.

– Reparaste no meu café?!

– Reparei *em tudo*.

– Tipo... o quê? – provoco-o, sentindo aquelas familiares tonturas Leo-induzidas a invadirem-me.

– Tipo... a camisola azul que usavas... Tipo... o modo como puseste a cabeça de lado quando eu entrei... Tipo... a expressão que assumiste quando me disseste que estavas casada e...

– E que expressão foi essa? – interrompo-o, desejando que ele evitasse o termo *casada*.

– Sabes bem a que expressão me refiro.

– Não, não sei. Descreve-ma.

– Sei lá, uma expressão... *odeio-te*.

– Eu nunca te odiei.

– Mentirosa.

– OK... – admito. – Mas só um bocadinho.

– Eu sei que sim.

– E agora? – atrevo-me, olhando-lhe directamente nos olhos castanhos. – Ainda vês em mim essa expressão?

Ele observa-me, como que a procurar a resposta no meu rosto. Depois abana a cabeça e murmura:

– Não... Desapareceu. Essa expressão desapareceu no... no nosso voo de regresso de Los Angeles... Quando te salvei daquele tipo asqueroso que te calhou ao lado.

Solto uma gargalhada e simulo um estremecimento.

– Ele era nojento.

– Pois era... graças a Deus. Senão não terias ficado tão feliz por me veres.

Abano a cabeça, não como negação, mas como quem o diz: *Não faço comentários que é melhor...*

– O que foi? – pergunta.

– Nada – digo. Dez minutos passados na minha «viagem de trabalho» e já me encontro a pisar terreno potencialmente perigoso.

– Diz lá – insiste ele.

– Diz-me *tu* – respondo, dando o primeiro gole no meu café. Está um nadinha quente de mais, mas ótimo.

– OK, deixa ver... o que te posso dizer? – O Leo olha para o tecto enquanto eu lhe admiro a linha do pescoço suave e recém barbeado, as patilhas cuidadas, a pele bronzeada. – Posso dizer-te que... estou muito contente que tenhas vindo... Feliz por te ver... *Muito* feliz por te ver, aliás.

– Também eu – digo, sentindo-me invadir por uma súbita e inesperada timidez.

– Ótimo – diz ele, bebericando o seu café e pondo os pés em cima da mesa de centro. – Isso joga a nosso favor, certo?

– Certo – digo, enquanto olhamos ambos para o chão. – Joga mesmo.

Segundos depois, o nosso olhar volta a cruzar-se, os nossos sorrisos desvanecem-se e, mesmo sem saber porquê, fico com a certeza que o coração dele bate tão forte quanto o meu. Penso no Andy e apercebo-me de que a minha culpa está a começar a dissipar-se – o que só faz com que eu sinta uma nova onda de culpa, sobretudo quando ouço o Leo aclarar a garganta e pronunciar o nome do meu marido em voz alta.

– O Andy sabe que estás aqui? – pergunta.

É uma pergunta simples, mas que deixa no ar a suspeita de que eu estou ali para algo mais do que uma mera sessão fotográfica.

– Sim – respondo, apercebendo-me de que a minha resposta não é esclarecedora de coisíssima nenhuma. O meu *sim* pode significar que considero aquela minha viagem puramente profissional, logo, que contei ao meu marido apenas a parte do trabalho. Ou pode querer dizer que lhe confessei *tudo*. Ou pode ainda significar que lhe contei o suficiente para resultar numa briga séria e num ultimato num *post-it*.

– E... Ele achou alguma graça à ideia? – pergunta o Leo, parecendo apreensivo.

Baixo os olhos para a caneca do café e abano a cabeça, na esperança que isso diga tudo.

E deve ter dito, já que o Leo se limita a dizer:

– Lamento.

Agradeço com um leve aceno de cabeça, constatando que uma parte significativa da nossa interacção tem a ver – e sempre teve – com o não-dito, o subjacente, o que se passa debaixo da *nossa superfície*.

– Então... e tu? Como estão as coisas com a tua namorada? – pergunto, virando o bico ao prego.

Ele abana levemente a cabeça, faz um gesto significativo com a mão e diz:

– Isso... acabou.

– Acabaram?

– É...

– Quando? – pergunto – quando o que me interessa mesmo saber é: *Porquê? Quem é que acabou?*

– Há coisa de umas semanas – diz ele vagamente.

– Queres... Apetece-te falar no assunto?

– E a *ti*? Apetece-te falar no assunto? – diz ele.

– Se tu quiseses – respondo, com indecisão.

O Leo encolhe os ombros, e depois começa a falar com aquele tipo de frases entrecortadas e muito pragmáticas, dizendo:

– Disse-lhe que tinha voltado a falar contigo. Ela não achou piada nenhuma. Disse-lhe que não era nada nesse sentido, e que tu estavas casada. Ela perguntou então *em que sentido é?* Eu disse que não tinha mal nenhum, mas ela acusou-me de ainda sentir qualquer coisa por ti. – Finalmente, ele olha para mim, enquanto eu baixo o meu olhar dos seus olhos para o seu queixo, depois para os seus lábios.

– E...? – digo.

– E... – ele encolhe os ombros. – Não consegui dizer-lhe aquilo que ela queria ouvir... Por isso, foi-se embora.

Idealizo a conversa: agreste, dolorosa, doentia. E dou por mim a sentir-me solidária com uma mulher que nem sequer conheço.

– E tu... deixaste-a ir? Assim? – digo, pasmada perante a sua sinceridade, que também pode ser interpretada como crueldade. Uma das melhores, e piores, características do Leo.

Ele assente lentamente. Depois pousa a caneca na mesa, volta-se completamente para mim, e diz:

– Pois... O problema é que... ela tem razão no que disse. Eu... ainda sinto qualquer coisa por ti, Ellie.

Engulo em seco, sentindo o coração já na garganta, nos ouvidos, em cima da mesa de centro, reproduzindo mentalmente as suas palavras e, mesmo sabendo que não devo, perguntando-lhe:

– *Qualquer coisa...* como?

– Qualquer coisa de muito forte e que eu já devia ter assumido há muito tempo – diz ele, olhando-me por um segundo e desviando de imediato o olhar para a sala em seu redor. – *Qualquer coisa* que se reacendeu quando te reencontrei... *Qualquer coisa* que não deveria sentir por... uma mulher casada.

E ele a dar-lhe! Casada...

Abro a boca para responder, mas não consigo encontrar as palavras certas. Pelo menos palavras que possa dizer em voz alta.

– E pronto... – diz ele, libertando-me daquele impasse. Esfrega as mãos, fecha-as e passando os nós dos dedos uns contra os outros antes de me lançar outra daquelas frases de que ele tanto gosta: profundas mas que não querem dizer rigorosamente nada: – As coisas são como são.

Eu assinto e nada digo.

– O que é que se pode fazer...? – remata.

É uma pergunta de retórica, mas ainda assim eu respondo, o mais cautelosamente que me é possível:

– Não sei – digo, abanando a cabeça.

Ele lança-me um olhar compreensivo, como se soubesse exactamente aquilo que eu sinto, aquilo que quero dizer – e significando que, quanto mais não seja, estamos nisto juntos.

Capítulo 33

Uma hora de conversa de chacha (e duas canecas de café) depois, eu e o Leo estamos numa carruagem de metro literalmente vazia, a caminho do extremo sul do Brooklyn. Já assumimos ambos um ar muito *profissional*, mas o subjacente mantém-se e, há que dizê-lo, torna-se tão mais forte quanto mais *tabu*.

Enquanto vou memorizando as paragens e calculando que nos resta ainda cerca de meia hora naquela carruagem, o Leo baixa-se para apertar melhor os atacadores do seus ténis pretos. Quando se volta a endireitar, olha para mim com ar incrédulo e pergunta:

– A sério que *nunca* vieste Coney Island?

Abano a cabeça.

– Não... Mas é como se tivesse vindo, não sei porquê. Talvez seja de já a ter visto tantas vezes no cinema e em fotografias.

O Leo concorda:

– Eu também sinto o mesmo em relação a imensos sítios.

– Como por exemplo...? – quero saber, sempre curiosa em relação a *todos* os pensamentos e sentimentos do Leo, por mais triviais que sejam e por menos relacionados que estejam *connosco*.

– Sei lá... Stonehenge⁴⁴, por exemplo – diz ele. – Quem no seu juízo perfeito gostaria de lá ir depois de ver fotografias? Aquilo não passa de meia dúzia de pedras enormes em cima umas das outras em campo aberto.

Rio-me perante aquele exemplo totalmente aleatório e, mudando de assunto, indago:

– Fala-me lá no teu artigo. Já o escreveste?

– Sim, está quase todo – diz ele. – Só preciso de o rever e melhorar algumas coisas.

– É sobre o quê, exactamente?

– Bom... Acho que se pode dizer que é basicamente acerca do conflito entre a velha e a nova Coney Island. E das inevitáveis mudanças que se avizinham.

Olho para ele com curiosidade, apercebendo-me de que para alguém que tentou convencer tudo e todos – incluindo eu própria – de que aquela viagem era puramente profissional, sei muito pouco, praticamente nada, acerca do tema que é suposto fotografar. Aliás, sei muito pouco acerca de Coney Island, ponto.

– Que mudanças? – indago.

O Leo abre o fecho da sua mala de carteiro e tira de lá um folheto de Coney Island. Depois aponta para uma fotografia aérea da praia e comenta:

– Resumindo muito a coisa, houve uma imobiliária de peso que comprou quatro quilómetros quadrados do parque de diversões e tenciona investir aí cerca de dois mil milhões de dólares – reurbanizar toda a zona, construir torres de apartamentos, condomínios de luxo, etc.... Há quem defenda que é precisamente o que Coney Island precisa, tipo, o revitalizar de uma zona moribunda... devolvendo-lhe a sua dimensão, a sua glória, 'tás a ver?

– E as opiniões contrárias?

– Passam pela perspectiva mais nostálgica. Preocupam-se que as novas construções possam vir a desalojar as gentes locais, que prejudiquem seriamente a vista, que representem a morte do comércio tradicional e dos passeios turísticos... Que basicamente destruam o que resta do carácter *kitsch* e conservador do chamado Império do Níquel.

– Império do Níquel? – pergunto, enquanto sentimos o metro abrandar na aproximação à estação de Queensboro Plaza. Abrem-se as portas, deixando entrar uma mão-cheia de passageiros, que, após olharem na nossa direcção, optam por ocupar outros lugares.

– Sim, em tempos idos tudo em Coney Island custava um níquel. As viagens custavam um níquel, os célebres cachorros-quentes do Nathan's custavam um níquel... Coney Island começou por representar um centro turístico para ricos, mas em breve se transformou num refúgio para a classe trabalhadora, onde apenas era necessário um níquel para alguém se divertir e fugir um pouco dos seus problemas – explica-me o Leo, enquanto seguimos viagem em direcção ao East River, à 59th Avenue e à Lex. – E quanto a mim, em muitos aspectos, Coney Island continua a ter esse espírito.

– Entrevistaste muita gente?

– Sim, passei lá dias e dias, passeando pela praia, visitando a *Astroland*, calcorreando a Mermaid Avenue de uma ponta à outra, falando com as gentes locais... os velhos lobos-do-mar, como eles próprios gostam de se chamar. Nem imaginas a quantidade de aventuras... *picantes* que eu ouvi passadas naquele calçadão, bem como no parque de diversões. – Sorri e acrescenta: – Não há quem não tenha o seu próprio *episódio* na *Cyclone*.

– A montanha-russa?

– Sim.

– Andaste nela?

– Claro... em miúdo. – diz ele. – E deixa que te diga... aquela cena é fabulosa! Tem setenta anos de construção, toda feita em madeira, e não é brincadeira!... Tive aliás uma conversa fantástica com o responsável daquilo... Um velhote cheio de tatuagens que já toma conta da *Cyclone* há mais de trinta anos, mas *nunca* andou nela.

– Jura... – digo. – A sério?

O Leo assente

– Mas porquê? Tem medo das alturas?

– Nada disso, já trepou até lá acima imensas vezes... Não tem é a menor vontade de sentir a adrenalina da viagem.

Sorrio, pensando na quantidade de vezes que o próprio Leo me provocou essa sensação de revirar de estômago...

– Mas enfim... Coney Island está numa verdadeira encruzilhada – diz ele num tom grave. – O velho contra o novo.

– E tu? De que lado estás? – pergunto. – Do velho ou do novo?

O Leo pondera a minha questão por uns segundos, até que responde:

– Não sei... A mudança pode ser boa... por vezes – observa, algo céptico. – Mas nunca é fácil abandonarmos o passado.

Não consigo descortinar se aquilo será uma *indirecta*, mas, ainda assim, opto por concordar com um murmúrio, enquanto o metro dá uma sacudidela numa curva, deixando-nos novamente mergulhados num silêncio ensurdecedor.

A tarde apresenta-se inóspita e sombria quando finalmente emergimos do subsolo, desembocando em plena Stillwell Avenue. Nuvens espessas e cinzentas pairam no céu, prometendo uma eminente carga de água. Não está propriamente frio, mas o meu primeiro instinto é apertar um pouco mais o cinto da gabardina e cruzar os braços sobre o peito, enquanto olho ao meu redor, memorizando o primeiro vislumbre deste famoso pedaço de Nova Iorque. É exactamente como eu imaginei que fosse durante a época baixa: lúgubre, apagado, deserto – mas ainda assim mágico, *especial*. A cena dos grandes fotógrafos. O pano de fundo das memórias indeléveis.

– E pronto... cá estamos – diz o Leo, num tom vagamente estóico.

– Pois – digo.

– Começamos pela praia? – pergunta.

Concordo e dirigimo-nos, lado a lado, à extensa plataforma toda em madeira. Aí chegados, encontramos um banco onde nos sentamos, observando a vasta extensão de praia de areia suave e rebentação escura e sem cor definida. Sinto um ligeiro arrepio, do fresco da beira-mar, da vista deslumbrante e de ter o Leo junto de mim.

– Lindo! – consigo finalmente dizer, recuperando o fôlego.

O rosto do Leo ilumina-se – como se ele mesmo tivesse sido um velho lobo-do-mar, com as suas próprias histórias para contar. Subitamente imagino-o em menino, na sua praia de infância, no pico do Verão, de pá e balde na mão. Depois, já em adolescente, no parque de diversões, dividindo um algodão-doce com uma miúda de rabo-de-cavalo e apontando cuidadosamente a pressão-de-ar ao alvo, na esperança de lhe conseguir ganhar um unicórnio de peluche.

– A sério? Achas mesmo? – pergunta-me ele.

Assinto com a cabeça e digo:

– Sim, é lindo... E com tanta... personalidade.

– Fico feliz por gostares – diz ele, passando uma mão pelo cabelo. – A sério, fico *mesmo*.

Ficámos ali, assim, durante bastante tempo – levemente recostados no nosso banco, assimilando o cenário, observando a meia dúzia de almas que se decidiram a passear por ali num dia tão pouco apetecível –, até que me decido a tirar a câmara do saco, passar para o lado de lá da plataforma de madeira e entrar na praia, em direcção ao mar. Tiro uma dúzia de instantâneos sem qualquer

propósito específico, sentindo-me em paz, super relaxada, como me sinto sempre que começo a trabalhar. Fotografo céu e areia e oceano. Fotografo uma mulher de meia-idade, de cabelos longos e um casaco castanho de *tweed*, considerando que não tem suficientemente mau aspecto para ser uma sem-abrigo, mas que está visivelmente abatida, triste com a vida. Volto-me e aponto a câmara às montras das lojecas semeadas ao longo do calçadão, a maioria fechada, algumas entaipadas, e tiro mais fotos, desta vez a um bando de gaivotas saltitando em torno de um pacote de pipocas às riscas vermelhas e brancas, em busca de bocadinhos de milho remanescentes. Depois, num capricho final, fotografo o Leo sentado no banco, de braços atrás da cabeça e cotovelos espetados, observando e esperando.

Faz-me um leve aceno e esboça um discretíssimo sorriso de apreço quando me vê aproximar-me dele.

– Esta última eu vou querer – diz ele, fazendo-me recordar aquela célebre foto que lhe tirei um dia no Central Park, exactamente assim, sentado num banco, super casual, e de como a Margot a comentara com desdém, chamando-lhe petulante e afectado. Recuo até esse dia, compreendendo que ela estava completamente enganada em relação a esse momento captado em película. Aliás, ela estava completamente enganada em relação a *muitas coisas*.

Ponho a câmara ao ombro e sento-me junto dele, soltando um suspiro que soa mais cansado do que o que eu tencionava.

O Leo deita-me um olhar pretensamente severo, dá-me uma cotovelada simpática e diz:

– Lembras-te do que te disse, Dempsey? As pessoas vêm aqui para *esquecerem* os seus problemas.

Dempsey, retenho, enquanto passo com o polegar esquerdo sobre a minha aliança. Forço um sorriso e digo:

– Claro... tens razão. – E ficamos a olhar para as ondas a bater na praia, uma e outra vez. Passados uns minutos, pergunto ao Leo se a maré está a encher ou a vazar.

– A encher – esclarece-me ele, tão rapidamente que me deixa impressionada. Do mesmo modo que me impressionam os condutores, geralmente *homens*, que sabem instintivamente que estão a seguir para, digamos, noroeste.

– Como sabes isso? – indago, percebendo que não estamos ali há tempo suficiente para se poder observar uma tendência.

– Não há areia molhada – responde o Leo, enquanto ouvimos um trovão ecoar à distância. – Se estivesse a vazar, haveria uma faixa de areia molhada.

– Pois claro... – digo eu, assentindo. E logo a seguir: – E queres saber uma coisa?

– O quê? – diz ele, de expressão alerta, expectante, como se estivesse à espera de ouvir uma grande confissão, ou talvez apenas algo profundo.

– Estou *morta* de fome.

– Também eu – diz ele com um grande sorriso. – Queres um cachorro?

– Esta é a terra dos cachorros, certo? – digo, lembrando-me de um folheto promocional de Coney Island que vi algures. Talvez até em casa do Leo, há muito, muito tempo.

– Certo! – diz ele, sorrindo.

Levantamo-nos ao mesmo tempo e dirigimo-nos lentamente até ao famoso cruzamento Stillwell e Surf, o exacto local do Nathan's original que, segundo o Leo, fora construído em 1916. Deparamo-nos com uma fila maior do que o previsto – tendo em conta que são duas da tarde e estamos em época baixa – mesmo estando perante os melhores cachorros-quentes do mundo. Tiro umas fotos ao restaurante, aos clientes e ao homem super suado que está atrás do grelhador, enquanto o Leo me pergunta o que eu quero comer.

– Um cachorro... – digo, lançando-lhe um olhar *daaah*.

– Importas-te de ser mais específica? – pergunta ele, sem deixar de sorrir. – Simples? Um *chili-dog*? Com *pickles*? Batatas fritas?

– Quero o mesmo que tu – digo, poupando-nos aos detalhes.

– Cachorro com queijo *cheddar*, batatas fritas e *root beer*⁴⁵ – diz ele, decidido.

– Perfeito – digo, lembrando-me do quanto ele adora *root beer*.

Passado um momento, depois do Leo ter pago e de eu ter ido buscar guardanapos, palhinhas e saquinhos de mostarda e *ketchup*, escolhemos uma mesa junto à janela no preciso momento em que começa a chover.

– Que *timing* perfeito! – diz o Leo.

Olho para ele sentado à mesa, e dou por mim a imaginar o Andy sentado à secretária, de fato e gravata. Pasma com o contraste entre aqueles dois mundos – um restaurante de cachorros no Brooklyn e um reluzente e sofisticado escritório de advogados em Buckhead. E pasmo ainda mais pelo contraste entre os dois homens – e o modo como cada um deles me faz sentir.

– Nem por isso... – digo eu, retendo-lhe o olhar. – Acho que até foi um péssimo *timing*.

O Leo ergue olhar da sua caixinha de batatas fritas cortadas em ziguezague, depois pega numa, aponta para mim com ela, e diz:

– Tu.

– Não, *tu* – digo.

– Tu – insiste, peremptório.

Sempre falámos assim. Com uma *linguagem nas entrelinhas*, aparentemente sem sentido mas cheia de significado. Nunca falei assim com o Andy – que é sempre tão aberto e sincero. Penso, pela centésima vez naquele dia, que nenhuma das linguagens é melhor do que a outra; são apenas *diferentes*.

Acabamos o nosso almoço em silêncio, literalmente. Depois, e sem a menor hesitação, levantamo-nos e saímos para a rua, confrontando-nos com uma chuva fraca mas persistente, e deambulamos pelas avenidas Surf, Neptune e Mermaid. O Leo protege-me com o chapéu-de-chuva enquanto eu vou tirando dezenas de fotografias. Fotografias das barraquinhas de jogos e das zonas de diversões, todas elas fechadas. Da famosa *Cyclone* e da icónica e impossivelmente grande Roda Gigante. Do espectacular campo de *street basket*. Dos terrenos estéreis a perder de vista, cheios de lixo. Das gentes locais – um homem do talho, um alfaiate, um padeiro.

– Que giro, parece mesmo o cenário daquela canção infantil...

– Pois é... Só nos falta descobrir o artesão de velas⁴⁶ – ri-se ele.

Rio-me, reparando em duas adolescentes que observam a montra de uma loja de tatuagens.

– Oh... adoro aquela orquídea! – diz uma delas. – É tãããã gira...

– Eu adoro aquela borboleta! – diz a outra. – Ficava giríssima no ombro. Mas... em roxo?

Tiro-lhes uma foto, pensando: *Não façam. Hão-de arrepender-se um dia.*

Chega o entardecer a Coney Island, e eu dou-me finalmente por satisfeita, pelo menos no que respeita às fotografias. A chuva parou e as nuvens dissiparam-se, anunciando uma noite de Outono fria e ventosa. O Leo e eu regressamos ao nosso banco, molhados, cansados e cheios de frio. Sentamo-nos – desta vez bem mais juntinhos um ao outro – e ele passa discretamente o braço sobre os meus ombros num gesto que eu considero ao mesmo tempo romântico e confortável. Resisto à tentação de repousar a cabeça no seu ombro, e fecho os olhos, apercebendo-me de que tudo isto seria bem mais fácil se eu conseguisse classificar melhor os meus sentimentos. Se o Leo fosse uma coisa e o Andy outra, completamente diferente. Mas as coisas não são assim tão claras e simples – e pergunto-me se alguma vez serão quando se trata de assuntos do coração.

– Em que é que estás a pensar? – pergunta-me o Leo, a suave e quente respiração sobre o meu cabelo.

Rendo-me à verdade.

– Estou a pensar naquele dia de Dezembro... quando me foste procurar... – digo suavemente.

O Leo volta a respirar sobre o meu cabelo, desta vez já quase no pescoço, provocando-me uma cascata de arrepios pelos braços e pernas abaixo.

– Dava tudo para ter sabido disso... – acrescento.

– E eu dava tudo para que o tivesses sabido – diz ele. – E quem me dera ter sabido que teria feito diferença.

– Podes crer que teria – confirmo por fim, sentindo uma onda de melancolia e amargura, culpa e saudade.

– As coisas *ainda podem* ser diferentes, Ellie – diz o Leo, levando a mão ao meu queixo e forçando-me a enfrentá-lo.

– Leo... Eu sou casada – digo, afastando-lhe gentilmente a mão, pensando no Andy, nos nossos votos. No quanto ainda o amo, apesar de não amar todas as coisas na nossa vida. Apesar de estar aqui neste momento.

O Leo deixa cair a mão.

– Eu sei, mas...

– Mas... o quê? – pergunto, já exausta de tanta subtilidade, de tanta especulação, de tanta interpretação, de tanta dúvida.

– Mas eu não consigo deixar de... querer muito ficar contigo – diz ele.

– Agora? Esta noite? – pergunto, desconcertada.

– Sim... – responde-me – Esta noite... e amanhã... e no dia a seguir...

Cheiro-lhe a pele e murmuro o seu nome, sem saber muito bem se estarei a protestar ou a render-me.

Ele abana a cabeça, põe o dedo nos meus lábios, e sussurra:

– Eu... amo-te, Ellie.

É uma declaração, mas soa mais a uma promessa e, sentindo o coração explodir, não consigo evitar fechar os olhos e dizer-lhe o mesmo.

44 Monumento megalítico da Idade do Bronze, situado na planície de Salisbury, no condado de Wiltshire, no Sul de Inglaterra (N. da T.)

45 Refrigerante feito a partir da mistura de raízes de várias plantas, muitíssimo popular nos Estados Unidos. Também existe a versão alcoólica da bebida, a que se junta cerveja. (N. da T.)

46 Alusão a uma conhecida canção infantil, *Rub-a-dub-dub*, cujos personagens são um talhante, um padeiro e um artesão de velas. (N. da T.)

Capítulo 34

O resto do mundo deixa de existir quando o Leo e eu nos encafuamos numa carruagem de metro completamente apinhada de gente, apertando-nos um contra o outro, sussurrando, ziguezagueando através do Brooklyn, percorrendo Manhattan e regressando a Queens. Aquela nossa viagem parece-nos fugaz, do mesmo modo que uma viagem de regresso parece sempre mais rápida do que a de ida – além de que o medo e o desejo a tornam sem dúvida ainda mais veloz.

Sei que aquilo que vou fazer é errado, condenável e indefensável, mas mantenho-me firme na minha decisão, alimentando a minha indignação com uma dieta rica em motivos de queixa: o Andy não entende os meus sentimentos. Pior, nem sequer *tenta* entender os meus sentimentos. Ele *deixou-me* ontem à noite. Ainda não me telefonou hoje, nem alterou minimamente a sua postura agressiva. Foi *ele* que me encostou à parede. É *ele* quem parece preferir a família, a cidade natal, o emprego, *tudo*, a mim. Mas talvez a razão principal, subjacente a tudo o resto, seja por *ele não ser o Leo*. Ele não é aquele que, desde o primeiro dia em que o conheci, me conseguiu virar completamente do avesso, como nunca ninguém conseguiu – para o melhor e para o pior.

E é aqui que estamos. Exactamente no momento em que ficámos, naquele voo nocturno, de dedos entrelaçados, expectantes. Não sei o que se passará a partir daqui, mas sei que vou ser honesta comigo mesma, com o Andy, e com o Leo. Vou seguir o meu coração, seja onde for que ele me leve. Devo isso a mim própria. Devo isso a toda a gente.

Quando chegamos à paragem do bairro do Leo, esperamos que as portas se abram, saímos um atrás do outro e percorremos a plataforma de cimento que eu tão bem recordo. O meu pulso acelera, e contudo sinto-me estranhamente em paz. A noite está linda, límpida – aquele tipo de noite em que conseguimos vislumbrar milhões de estrelas desde que estejamos noutra sítio qualquer que não a cidade. À medida que descemos os degraus, recordações de outras noites como esta invadem-me o espírito. Consigo perceber que também o Leo está a pensar no passado quando me dá a mão e saímos daquela estação de metro com um propósito fundamentalmente sexual. Nenhum de nós fala, até virarmos para a rua dele – onde ele me pergunta se tenho frio.

– Não – digo, apercebendo-me de que estou a tremer, mas não de frio.

O Leo lança-me um olhar discreto e dá-me de novo a mão, no preciso momento em que o meu telemóvel, enfiado no bolso da gabardina, toca pela primeira vez em todo o dia. Ambos fingimos que

não ouvimos, acelerando o passo, quase como que se a nossa passada rápida o conseguisse fazer calar. Finalmente ele cala-se, mas poucos passos mais à frente, insiste, parecendo cada vez mais alto, cada vez mais urgente. Largo-lhe a mão e procuro o telemóvel no fundo do bolso, *esperando e receando* ao mesmo tempo que seja o Andy.

Se fores, não voltes, ouço-o dizer. Sustenho a respiração e vejo o nome da Suzanne a catrapiscar alegremente no visor, o que me provoca uma sensação simultânea de alívio e desilusão. O Leo desvia o olhar e nada diz, enquanto eu resolvo não atender e volto a guardar o telemóvel no bolso, mas deixando lá a mão.

Agora, já a poucos passos da entrada de sua casa, e uma súbita e inesperada onda de adrenalina e culpa faz-me parar de repente. O Leo pára junto a mim, olha-me nos olhos e diz:

– O que foi?

Faço um ligeiro encolher de ombros e esboço um sorrisinho que diz que não tenho resposta. Mas aquilo que estou a pensar é que oxalá pudesse congelar este momento, adiar, sabe-se lá como, a minha decisão final, e ficar exactamente aqui, no equilíbrio entre dois sítios, dois mundos, dois amores.

Subimos os degraus da entrada do prédio e eu fico ao lado do Leo vendo-o a abrir a porta. Uma vez lá dentro, o cheirinho familiar do passado atinge-me de novo. O meu estômago é uma rede de nós. Esta podia muito bem ser aquela noite do veredicto do júri, a primeira noite em que estivemos juntos – a estonteante antecipação é igualzinha, mesmo sem as bebidas. Tudo, *absolutamente tudo*, pode acontecer. E algo *vai* acontecer. Deixo o equipamento fotográfico e a carteira no chão, logo à entrada, e o Leo faz o mesmo à sua mala de carteiro. Sem uma palavra dirigimo-nos ao sofá, mas não nos sentamos. Em vez disso, o Leo atira as chaves para cima da mesa de centro e debruça-se sobre uma mesinha de apoio para acender um pequeno candeeiro com um *abat-jour* vermelho e opaco. Depois olha o relógio e anuncia:

– A nossa reserva é daqui a vinte minutos.

– Onde? – pergunto, se bem que nem me interesse saber.

– Num restaurantezinho italiano perto daqui – diz ele, algo indeciso, nervoso. – Mas teríamos de nos apressar... Ou preferes que ligue para lá e marque para mais tarde?

Por uma estranha razão, os nervos dele acalmam-me. Tiro o casaco e deixo-o no braço do sofá, enquanto digo descaradamente aquilo que ele quer ouvir:

– Por mim... não quero ir a lado nenhum.

Ele murmura um *nem eu* e estende-me a mão, virada para cima, pedindo a minha. Dou-lha e abraço-me desesperadamente a ele, os meus braços rodeando-lhe a cintura com todas as forças do meu ser. Sinto os seus ombros, peito, braços, – *tudo* tão quente, tão sólido, tão forte – ainda melhor do que me lembro. Fecho os olhos ao estreitarmos o nosso abraço, gingando ao som de uma música imaginária – uma balada triste e melancólica, aquelas que nos fazem chorar inadvertidamente, mesmo que não tenhamos vontade.

Ouço-o sussurrar o meu nome. Sussurro-lhe de volta o dele, de olhos marejados de água.

Até que ele diz:

– Há muito que te persigo nos meus sonhos, Ellie. – Assim, sem mais nem menos. Da boca de outra

pessoa qualquer aquelas palavras soariam artificiais. Mas vindas do Leo, são a declaração mais do que sincera da nossa própria balada épica, saída directamente do coração.

Estará isto realmente a acontecer? pergunto-me, fazendo logo a seguir a pergunta em voz alta.

O Leo assente e murmura:

– Sim.

Penso no Andy – *claro* que penso no Andy – mas ainda assim, ergo lentamente a cabeça ao sentir a do Leo baixar. Os nossos rostos inclinam-se e encontram-se, colidindo suavemente. Face contra face, depois nariz contra face, depois nariz contra nariz. Fico muito quieta, ouvindo o som do seu respirar, sincronizando o meu respirar com o dele. Passa o que me parece uma eternidade antes do seu lábio superior aflorar o meu, e fazemos um ligeiro ajustamento final, antes das nossas bocas se juntarem, os lábios abrindo-se. Depois, quando passamos ao inconcebível, ao inevitável, sinto a mente esvaziar-se-me por completo, e tudo e *todos* fora daquele pequeno apartamento de Queens desaparece dos meus pensamentos. E somos apenas os dois, agarrando-nos desesperadamente a algo que não consigo descrever.

Até que o meu telemóvel volta a tocar.

O som sobressalta-me tanto quanto o de uma súbita voz naquela sala. A voz do *Andy*. Mas assim que o tiro do bolso da gabardina, o nome da Suzanne surge-me de novo, desta vez como remetente de uma mensagem assinalada como *urgente*. Por uma estranha razão entro em pânico, imaginando que algo terá acontecido ao nosso pai e antevendo desde logo as palavras «*o pai morreu*». Mas não. Suspiro ao ler a ordem da minha mana mais velha: *Liga-me já*. Ainda movo o cursor para baixo à espera de ler mais qualquer coisa, mas não há mais nada.

– Está tudo bem? – pergunta o Leo, baixando os olhos para o meu telemóvel e desviando logo a seguir o olhar, como que considerando que o que quer que venha do meu telemóvel não é da sua conta. Pelo menos *para já*.

Fecho-o e dou por mim a gaguejar:

– Não... sei.

– É o Andy? – pergunta.

Estremeço, sentindo uma guinada de culpa e digo:

– Não. É a minha irmã. Acho que... acho que vou ter de lhe ligar... Desculpa...

– Tudo bem – diz ele, esfregando o queixo e recuando dois passos. – Eu... espero... – Aponta para o quarto, e vira costas dirigindo-se para lá. Luto contra o desejo de o seguir, ansiando desesperadamente deitar-me na sua cama, ficar a olhar para ele olhando para mim.

Dirijo-me ao sofá e marco o número da minha irmã, pensando que o momento até pode ter sido quebrado, mas não o desejo.

A minha irmã atende logo ao primeiro toque e diz exactamente aquilo que eu estava à espera:

– Onde estás?

– Em Nova Iorque – digo, evasiva.

– Onde?

– Em... Queens – digo, sentindo-me culpada.

– Ellen... *Onde* tu estás?! – ordena-me.

– Em casa do Leo... Chegámos agora da sessão fotográfica... Lembras-te? Aquela que eu tinha em Coney Island? – digo, perguntando-me por que raio me deu para estar com todos aqueles rodeios com a minha irmã – alguém que sempre esteve do meu lado. Mesmo antes de haver sequer um lado para estar.

– O que se passa? – indaga ela, nitidamente ansiosa.

– Nada – digo, mas deixando a dúvida no ar, facto que ela imediatamente aproveita.

– Beijaste-o? – pergunta, directa e incisiva.

Hesito, deixando-a intuir do meu silêncio. E é precisamente o que ela faz.

– E.... dormiste com ele?

– Não – respondo, provavelmente sem parecer suficientemente ofendida. Talvez porque essa ideia me tenha passado pela cabeça mais do que umavez nas últimas horas, minutos e segundos.

– Mas beijaste-o?

– Sim – afirmo peremptória. E algo no facto de o dizer em voz alta torna tudo muito mais real. Aquilo que sinto pelo Leo. A minha deslealdade para com o Andy. O meu casamento na corda bamba.

– Tens de sair daí – diz ela, numa voz carregada de angústia e urgência. – Sai daí *já*.

– Suzanne... *não* – digo simplesmente.

Ela faz uma pausa até que me diz:

– Vais-te arrepender.

– Talvez não.

– Vais sim, Ellen... Meu Deus, não quero que te arrependas. Não te quero arrependida, isso é horrível.

Penso que a única coisa de que me arrependo neste segundo é de ter ligado à minha irmã – ou, antes de mais nada, de ter o telemóvel comigo, mas digo-lhe:

– Eu e o Andy tivemos uma gravíssima discussão ontem à noite. Ficou tudo péssimo.

– OK... Sei perfeitamente o que isso é – diz ela, pelo menos fingindo paciência e compreensão. – Mas tu... estás a piorar imenso as coisas.

Ora aí está algo que eu não posso negar. Assim, defendo-me com uma justificação de menina de liceu:

– *Ele deixou-me* – digo. – Ontem à noite. Deve ter ido para casa da irmã e...

– Não, não foi para casa da irmã. Foi para um hotel... e ligou à *tua* irmã. – interrompe a Suzanne.

Pisco os olhos de espanto. Depois olho directamente para a luz do candeeiro vermelho até começar a ver pontinhos na parede branca à minha frente. Só então pergunto:

– Ele... ligou-te?

Ela diz que sim, ainda não eram dez da manhã, e novamente há menos de meia hora. Depois deixo de a ouvir, imaginando o resto da frase dela – *enquanto beijavas o Leo*.

– O que é que disse ele? – pergunto, sentindo-me devastada, anestesiada.

– Ele está muito em baixo, Ell. Está assustado... e só quer falar contigo. – Detecto-lhe um leve tom de crítica na voz, mas acima de tudo preocupação; e alguma tristeza, também.

– Não quer nada. Ele ainda não me ligou, nem uma única vez.

– Ele está muito magoado, Ell... *Muito*, mesmo. E preocupadíssimo.

– Ele disse-te isso?

– Disse... Por outras palavras, mas... disse.

– E o que lhe disseste? – pergunto, sem saber muito bem que resposta quero ouvir.

– Disse-lhe para não se preocupar... Que foste a Nova Iorque para trabalhar, *não* para estares com o Leo, e que ele tem de aprender a confiar em ti.

Baixo o olhar para os meus sapatos, ainda molhados da chuva, perguntando-me se acaso estaria aqui se o Andy não tivesse saído de casa, se não me tivesse deixado o *post-it* na bancada da cozinha. Seria esta uma decisão anunciada? Ou nem por isso?

– OK... – diz a Suzanne. – Não estou a dizer que o Andy é perfeito. Longe disso. E sabes bem aquilo que eu penso das tretas controladoras e egocêntricas da Margot. E... caramba, nem tenho palavras para descrever o facto de ela não te ter contado nada sobre o Leo te ter ido procurar... *Mas...*

– Mas... o quê?

– Mas... eles são a tua família, Ellen. E tens muita sorte em teres... uma família.

Penso no meu pai, na forma como ele reabsorveu a vida da Sharon, dos filhos dela. Depois penso no Vince – de como ele se recusa sistematicamente a comunicar com a minha irmã e no frustrante que a vida deles deve ser. E, claro, penso na nossa mãe. Penso *sempre* na nossa mãe.

– Tu também és a minha família – digo, sentindo-me culpada de uma forma que não previra.

– Eu sei – diz ela. – E tu és a minha, mas... Vá lá, Ell, sabes bem o que eu quero dizer... Eles são o protótipo da *verdadeira família*. E incluem-te em *tudo*. Acolhem-te como fazendo parte deles. E tu *fazes parte* deles.

Fecho os olhos e penso no brinde que o Sr. Graham me fez no dia do nosso casamento, nas bonitas palavras que proferiu. Em como a Stella me trata como a uma verdadeira filha, como a Margot me trata como a uma irmã – mesmo *antes* de eu me casar com o Andy.

– Queres mesmo abrir mão de tudo isso? – diz a Suzanne, num tom maternal, doce, cauteloso. – Queres desistir do Andy?

– Não sei... – digo, sentindo a realidade da situação a ensombrar-me, tornando-se nua e crua, assustadora. E contudo... recuso-me a tomar decisões baseadas no medo.

Decorrem uns bons segundos de silêncio, até que a Suzanne diz:

– Posso perguntar-te uma coisa?

– Claro – digo eu.

Ela faz uma pausa antes de dizer:

– Tu ama-lo?

Não percebo muito bem a quem é que ela se refere – se ao Andy, se ao Leo – mas seja como for, respondo que sim.

– Então não faças isto – diz ela, obviamente referindo-se ao Andy.

– Suzanne... – digo eu, olhando na direcção do quarto do Leo. – Não é assim tão simples.

– É, sim – diz ela, cortando a conversa. – A questão é só essa, Ell. É assim tão simples, sim.

Capítulo 35

Desligo o telefone e ponho a cabeça entre as mãos, literalmente esmagada pela enormidade da situação. Sinto-me demasiado confusa para conseguir descrever a mim própria aquilo que estou a sentir, quanto mais ao Leo, que entretanto saiu do quarto e está agora à minha frente, observando-me em silêncio. Uma coisa é certa: por melhor que seja a racionalização que eu consiga evocar a partir daqui, jamais me recomporei do *despertar* e da *auto-sensibilização* que a conversa com a minha irmã despertou em mim. Já não tenho como retomar as coisas a partir do momento em que o Leo e eu ficámos. O *momento* quebrou-se, não há como o resgatar. O Leo obviamente apercebe-se disto e senta-se no sofá ao meu lado, visivelmente desconfortável.

– Estás bem? – diz ele, com a testa crivada de preocupação, a mão ousando timidamente tocar o meu joelho, onde fica por uns segundos até ele cautelosamente a decidir recolher.

– Nem sei... – respondo, ainda atordoada pelo conselho da Suzanne, muito frontal, e contudo, estranhamente enigmático. – Não sei o que *estou a fazer*.

O Leo sopra para as mãos em concha.

– Isto é... realmente complicado... Lamento, Ellie.

Olho para ele, tentando interpretar aquele *lamento*, perguntando-me se será um genuíno pedido de desculpa, se aquele tipo de expressão simpática, manifestada perante uma qualquer desgraça alheia, um divórcio, uma morte. Por outras palavras, ele sabe que a nossa situação é grave, extrema – mas não se arrepende minimamente do nosso beijo, nem dos seus sentimentos. Quanto a mim, não sei se posso dizer o mesmo. Ainda é muito cedo para saber.

Faço um gesto de agradecimento com a cabeça, enquanto me ocorre que a Suzanne não se referiu especificamente uma única vez ao Leo, ou aos meus sentimentos por ele. Pergunto-me por que razão, antes de lhe lançar uma pergunta que me soa totalmente fora de contexto:

– Achas que a nossa relação... teria dado certo?

Ele olha-me, notoriamente confuso e provavelmente melancólico, talvez, tendo reparado no termo que eu utilizei: *teria dado certo* em vez de *dará certo*.

– O que é que queres dizer? – pergunta.

– Tu sabes... Se tivéssemos reatado... teríamos *ficado* juntos?

– Para sempre, queres dizer? – diz ele, num tom que por si só já é uma resposta. Ele não acredita

no *para sempre*. Nunca acreditou.

Mas *eu* acredito – pelo menos em teoria.

– Sim. Para sempre – digo, pensando em casamento e em filhos, tudo aquilo que *ainda* desejo.

– Quem sabe?... – diz ele com ar distante, filosófico.

Penso na nossa ruptura, depois na *sua* mais recente ruptura, indagando se os cenários terão sido minimamente semelhantes. Por fim, faço a pergunta o mais casualmente que me é possível, dadas as circunstâncias:

– Porque é que tu e a Carol acabaram?

– contei-te isso esta manhã – diz ele.

– Nem por isso – digo, sentindo-me tonta.

Ele faz um gesto com a mão que traduz um sentimento de *desconhecimento* total, o que me faz recordar imediatamente o modo como ele se mostrou completamente *ignorante* quanto à nossa própria ruptura, quando o assunto veio à baila na cafetaria em Los Angeles.

– Houve certamente todo um conjunto de razões – diz ele, enquanto o vejo nitidamente a querer fechar-se. As pálpebras pesam-lhe, a expressão torna-se vaga.

– Como por exemplo...?

– Como por exemplo... Não sei... Ela era uma miúda fantástica... mas simplesmente... Não era *a tal* – responde.

– E como sabes que ela não era *a tal*? – insisto, procurando as minhas próprias respostas. Procurando uma qualquer «prova de fogo» secreta e misteriosa para o verdadeiro amor. Uma definição de «alma-gémea».

– Simplesmente... sei – murmura, levando nervosamente a mão a uma patilha. – Sabe-se sempre.

– E também terá sido por essa razão que *nós* acabámos? – pergunto, sentindo-me estranhamente carente.

O Leo suspira e diz:

– Vá lá, Ellen... – A sua voz denota algum cansaço e aborrecimento, o que despoleta em mim vívidas recordações, *más* recordações, do passado.

Mas não perco a compostura, mantendo-me firme.

– Diz-me. Preciso de compreender.

– OK, ouve... Nós já falámos nisto... Acho que a nossa ruptura teve a ver, antes de mais nada e acima de tudo, com... *timing*. Éramos ambos demasiados jovens.

– Não éramos assim *tão* jovens.

– Éramos jovens q.b. Eu não estava pronto para... *isto* – remata ele, finalmente admitindo o óbvio: que o problema foi *ele*, e não eu. Foi ele que acabou comigo.

Concordo com um sinal de cabeça, mesmo que na realidade não concorde. Sim, éramos jovens, mas de certa maneira, o amor jovem acaba sempre por ser o mais forte, o mais idealista, menos sujeito às «agressões diárias». E o Leo desistiu antes de sermos *realmente* postos à prova. Talvez porque não *quisesse* ser posto à prova. Talvez por ter assumido logo à partida que falharíamos. Ou talvez porque, na altura, não me amasse o suficiente.

– Achas que se tivesses ficado comigo na altura teria sido por... *comodismo*? – pergunto.

O termo *comodismo* ecoa-me na cabeça, corroendo-me o coração e deixando-me toda a tremer. É uma palavra que eu já ando a evitar há meses, mesmo nos meus mais íntimos pensamentos, mas que subitamente já não consigo evitar. De certo modo, faz-me lembrar o temível âmago da questão – o medo de eu própria me ter *acomodado* quando disse «sim» ao Andy. Que deveria antes ter procurado incessantemente *este* tipo de amor. Que deveria ter acreditado que o Leo, um belo dia, voltaria para mim.

– *É claro que não!* – diz o Leo, abanando a cabeça de frustração. – Não foi nada disso e tu sabes.

Ainda tento culpabilizá-lo um pouco mais, mas ele interrompe-me subitamente com uma inesperada e espontânea justificação:

– Ouve, Ellie. Tu *eras* a tal... Tu *és* a tal... Se é que isso existe mesmo.

Olho-o nos olhos, vendo-lhe as pupilas perderem-se no castanho-escuro que as rodeia. Sinto a cabeça a andar à roda ao desviar o olhar, recusando-me a ser novamente sugada para aqueles olhos, logo agora que está tanta coisa em risco.

– OK... – limito-me a dizer.

É uma resposta absolutamente inadequada, mas a única que me parece suficientemente cautelosa neste emergente momento da verdade.

– E então... o que pensas *tu* sobre tudo isto? – diz ele. – O que é que *tu* queres?

Fecho os olhos, sentindo-me suspensa no tempo e um tanto desorientada, como por vezes nos sentimos quando acordamos num sítio estranho e nos esquecemos momentaneamente onde estamos. Depois volto a olhar para o Leo, apercebendo-me subitamente – com grande choque e terror – que esta *escolha*, que me foi roubada há muitos anos, primeiro pelo Leo, depois pela Margot, está agora nas minhas mãos. Finalmente. Sem querer, imagino-me como numa bifurcação numa estrada, aquelas típicas dos filmes de terror da Disney. Duas rodopiantes estradas de terra. Dois sinais presos em árvores retorcidas, apontando em direcções opostas. Para a direita: Andy. Para a esquerda: Leo.

Descruzo os braços, deixando-os cair para os lados, junto aos joelhos, as unhas raspando o suave cabedal do sofá novo do Leo. Depois, o meu cérebro reproduz lentamente as palavras finais da Suzanne e pergunto-me se a minha irmã, eternamente desencantada e «infeliz nos amores», não terá, sem querer, batido na tecla certa. Não se trata do que «poderia ter sido». E não se trata de saber se eu sinto actualmente um amor genuíno pelo Leo, por debaixo desta forte camada de nostalgia, luxúria e sentimentos não correspondidos. Nem sequer se trata do próprio Leo.

Trata-se do *Andy*, pura e simplesmente.

Trata-se de eu amar *realmente* o meu marido.

– Acho que é melhor ir-me embora – digo, a resposta, desde sempre presente no meu coração, finalmente materializando-se na minha mente.

O Leo volta a colocar a mão sobre a minha perna, desta vez com mais pressão.

– Ellen... não vás.

Sinto a cabeça a mil à hora – e já só ouço metade do que ele diz a seguir. Qualquer coisa sobre não me querer perder outra vez. Qualquer coisa sobre ele saber que eu sou casada mas achar que é pecado não ficarmos juntos. E fecha com um «Tenho saudades *nossas*», o que é bastante mais forte e cativante do que ter apenas saudades *minhas* – sobretudo porque eu sinto exactamente o mesmo.

Também sinto saudades nossas. Sempre tive, e provavelmente, sempre terei. Esmagada por uma dor insuportável e por uma fortíssima sensação de perda, iminente e total, ponho a minha mão na sua. Por vezes não há finais felizes. Aconteça o que acontecer, irei sempre perder alguma coisa, *alguém*.

Mas talvez seja a isto que tudo se resume: ao amor, *não* como um surto de paixão, mas como uma *escolha*. A escolha de nos comprometermos com qualquer coisa, com *alguém*, quaisquer que sejam os obstáculos ou tentações que nos surjam pelo caminho. E talvez o facto de fazermos essa escolha, uma e outra vez, dia após dia, anos após ano, diga mais sobre o amor do que se nunca tivermos sequer a hipótese de escolha.

Olho para o Leo, olhos nos olhos, de coração partido mas decidida e, de certo modo, liberta.

– *Tenho* de ir – declaro, levantando-me lentamente, reunindo metodicamente as minhas coisas como se me estivesse a mover em câmara lenta.

O Leo também se levanta, ajudando-me com relutância a vestir o casaco e seguindo-me até à porta, depois até aos degraus da entrada. Enquanto os descemos, e como que por milagre, vejo um táxi surgir ao longe, vindo na nossa direcção, percorrendo lentamente a rua a esta hora deserta. Um nítido sinal para eu não me desviar do meu caminho. Desço até ao passeio, saio da esquina, enfio-me pelo meio de dois carros estacionados e aceno ao motorista. O Leo está a poucos metros de mim, observando.

– Para onde vais? – quer saber. Tem a voz calma, mas o olhar desesperado. Um olhar que eu nunca lhe vi antes. Há poucos minutos, eu teria certamente ficado deleitada, ter-me-ia sentido vitoriosa, liberta, curada. Mas agora só me faz sentir ainda mais triste.

– Para o meu hotel – digo, vendo o motorista pôr as minhas malas na bagageira.

– Ligas-me quando lá chegares?

– Ligo – digo, pouco segura de vir a cumprir a promessa.

O Leo aproxima-se de mim, põe a mão no meu ombro, e diz o meu nome num protesto final.

– Desculpa – digo, afastando-me e entrando no táxi. Forço um sorriso corajoso, sinto a visão a começar a toldar-se-me pelas lágrimas que a todo o custo tento conter. Por fim, fecho a porta do táxi e encosto a palma da mão ao vidro em sinal de adeus. Exactamente como na manhã seguinte ao nosso voo nocturno.

Só que desta vez não choro, e não olho para trás.

Capítulo 36

Atravessamos a ponte de Queensboro em tempo recorde, ziguezagueando por entre a massa compacta do trânsito dos subúrbios, acelerando em direção às luzes de Manhattan. Algo naquela velocidade desenfreada – e nas manobras bruscas e arriscadas do taxista – faz parecer a minha saída do apartamento do Leo uma fuga desesperada.

Sentada a meio do banco de trás e acompanhando o percurso pelo pára-brisas, luto para digerir as últimas vinte e quatro horas, e sobretudo os últimos minutos, sentindo a primeira pontada de remorso por ter atravessado aquela fronteira *física*, tão potencialmente perigosa.

Não posso acreditar que tenha enganado o meu marido – o *Andy*.

Com alguma dose de ironia egocêntrica, desculpo-me a mim própria dizendo que talvez eu *precisasse* de beijar o Leo para definitivamente o esquecer – e apagar completamente a ideia de que o meu casamento tem simplesmente a ver com *comodismo*, ou que estou com o Andy apenas por falta de alternativa. Sim, porque *acomodarmo-nos* significa não termos mais nenhuma opção. No fundo, trata-se de aceitar aquela situação por não termos outra melhor. Só que agora, eu *tive* outra opção. E optei.

Depois desta epifania fez-se-me subitamente luz no espírito, ao constatar que durante muito tempo eu considerara o Andy perfeito, e a nossa vida como casal perfeita. E por uma estranha razão, assim que o Leo regressou à minha vida, o meu casamento começou a soar-me como sinónimo de comodismo. Comodismo pela perfeição, por todas as coisas que é *suposto* desejarmos na vida. Uma linda família. Uma casa fantástica. Saúde. Era quase como se eu tivesse posto de parte os meus sentimentos – uma vez que não seria possível que, *para além de tudo*, ainda pudesse estar apaixonada pelo Andy. No meu subconsciente devo ter assumido que quaisquer sentimentos que eu pudesse ter pelo Leo, distante, difícil e inatingível, *tinham de ser* mais legítimos. Aquele tipo de coisas que ouvimos nas canções de amor tristes.

Enquanto nos aventuramos pelo meio do trânsito do Upper East Side, lembro-me de um dia a minha mãe me dizer que é tão fácil amarmos um homem pobre como um rico, uma daquelas suas noções que me soavam sempre antiquadas e muito pouco aplicáveis a mim – e não por na altura ser apenas uma criança. Estávamos no estacionamento em frente ao banco e tínhamos acabado de nos cruzar com um ex-namorado dela dos tempos de liceu, um tipo chamado Mike Callas com quem a

minha mãe acabara quando conheceu o meu pai. Eu e a Suzanne já o tínhamos visto imensas vezes em fotografias de liceu antigas, e achávamos que, apesar das orelhas de abano, o tipo era giríssimo, com o seu cabelo preto, farto e ondulado. Mas naquele súbito reencontro, o cabelo tinha ido à vida, fazendo as suas orelhas parecerem ainda maiores e, em suma, o *giraço* tinha-se transformado em mais um daqueles homenzinhos de meia-idade, apagados e desinteressantes. Para piorar ainda mais a coisa, na despedida o tipo tinha ostentado um sorriso exageradamente falso – em parte talvez por se ter enfiado num reluzente Cadillac, imediatamente a seguir a ter beijado a mão da minha mãe, fazendo-a soltar um risinho tímido. Ainda assim, não senti a menor nostalgia ou saudade por parte da minha mãe – nem mesmo depois daquela sua frase tão pouco romântica –, talvez por na altura não ter idade suficiente para descortinar esse tipo de coisas.

Mas agora pergunto-me no que estaria ela *realmente* a pensar naquele momento, e no que teria ela realmente sentido pelo meu pai e pelo Mike. Ter-se-á alguma vez arrependido das suas escolhas? Terão sido as suas decisões bem mais claras e definidas do que as minhas – ou trata-se, uma vez mais, da velha questão do «nunca nada é completamente preto ou completamente branco no que respeita aos assuntos de coração»? *Quem me dera poder perguntar-lhe*, penso, mas subitamente *sinto* a resposta dela, tal como visualizo o Andy na nossa cozinha, com a gravata desapertada e o fato amarrotado. Vejo-o a ler atentamente as instruções de uma caixa de *pizza* congelada, na dúvida entre simplesmente enfiá-la no microondas ou aventurar-se a usar o forno – e, no meio disto tudo, esforçando-se por me esquecer e evitando olhar para o *post-it* na bancada.

Se fores, não voltes.

Apercebo-me com um surto de pânico de que lá por eu ter feito a *minha* escolha, não significa que o Andy faça a mesma. Sobretudo se eu lhe contar o que se passou entre mim e o Leo – algo que me parece incontornável, inevitável. O pânico aumenta ainda mais quando pondero a hipótese de ter perdido o meu marido. De repente, a coisa que mais desejo é voltar a ver a cara dele – algo que nos acontece amiúde quando nos vemos perante uma perda iminente.

– Mudança de planos – anuncio ao taxista, inclinando-me ligeiramente para ele.

– Então para onde é? – pergunta-me ele.

Sinto o coração a dar um pulo no peito enquanto lhe dou a morada do meu antigo apartamento. O *nosso* antigo apartamento. Preciso de lá ir. Preciso de me lembrar de como foi. De como tudo poderá voltar a ser, com muito esforço e alguma sorte.

O taxista assente com ar descontraído e vira na 2nd Avenue. Pela janela vejo passar pessoas, semáforos, táxis, imagens que aos poucos se vão toldando. Fecho os olhos e quando os volto a abrir estamos já a virar na 37th. Inspiro fundo, expiro lentamente, sentindo-me ao mesmo tempo aliviada e cheia de remorsos. Pago a corrida, saio do táxi e reúno a minha bagagem.

Já sozinha no passeio, ergo o olhar para o velho edifício, o breu da noite a envolvê-lo. Depois sento-me nos degraus de pedra da entrada e procuro o telemóvel no bolso da gabardina. Antes que mude de ideias, ligo ao Andy, arrepiando-me só de lhe ouvir de novo a voz:

– Olá – digo, com a sensação de terem passado dias, anos, desde a última vez que falámos.

Espero que ele diga alguma coisa, mas ele não o faz.

– Adivinha onde é que estou... – digo, tímida, esperançada.

– Onde? – pergunta, num tom distante, triste e muito, muito cauteloso. Obviamente que não está com disposição para jogos de adivinhas. Não o posso culpar por isso. Aliás, não o posso culpar por nada.

– No nosso antigo apartamento – digo, tremendo dos pés à cabeça.

Ele não pergunta porquê. Talvez *por saber* porquê. E eu também sei, mesmo tendo dificuldades em expressá-lo.

– A nossa casa tem as luzes acesas – digo, olhando para cima, para a janela da nossa antiga sala e imaginando quão acolhedora e quente deve estar. Ocorre-me que os novos inquilinos podem ser infelizes, mas, não sei porquê, duvido.

– Ai sim?... – comenta ele com indiferença.

– Sim – digo, enquanto ouço nitidamente a voz de alguém do lado de lá. Talvez seja a televisão. Ou talvez ele esteja num bar ou num restaurante, observando a vida dos solteiros.

Penso rapidamente no que vou dizer a seguir, mas tudo me parece demasiado frágil e minado de omissões, de meias-verdades.

– Tu... odeias-me? – digo por fim, lembrando-me que o Leo me disse o mesmo em casa dele, quando me acusou de o odiar quando acabámos. Pergunto-me porque o ódio surge tantas vezes como uma componente do amor ou, pelo menos, um indicador da sua presença. Sustenho a respiração, esperando a sua resposta.

Finalmente ele suspira e diz:

– Ellen... Tu sabes que eu não te odeio.

Pelo menos, para já, penso, temendo jamais conseguir reunir a coragem necessária para lhe contar o que fiz, mas rezando para que um dia encontre uma oportunidade para atravessar essa ponte.

– Lamento tanto, Andy – digo, pedindo-lhe desculpa por muito mais do que ele imagina.

Sinto-o hesitar, perguntando-me se de algum modo, instintivamente, ele saberá o que eu fiz – e até *porque é que* o fiz. Até que lhe ouço as palavras mágicas:

– Eu também lamento.

Em vez de sentir alívio ou gratidão, sinto apenas mais e agravados remorsos. Claro que o Andy não está totalmente isento de culpa – *nunca* ninguém está, num casamento – mas em comparação com o que eu lhe fiz, ele não tem nada por que pedir desculpa. Nem pela nossa mudança para Atlanta. Nem por ficar do lado da Ginny. Nem por todo aquele golfe. Nem pelo seu aparente desrespeito pela minha carreira. Nem sequer pela sua ameaça de ontem à noite, que subitamente me parece absolutamente justa.

Alguns segundos decorrem antes de ele dizer:

– Acabei de falar ao telefone com o Webb.

Algo me diz que aquilo não é conversa de circunstância.

– A Margot está bem? – pergunto.

– Está – diz ele. – Mas a julgar pelos seus gemidos intermitentes... acho que vem um bebé a caminho.

O meu coração pára por um segundo e a minha garganta seca:

– Entrou em trabalho de parto?

– Acho que sim. Teve um falso alarme esta tarde e mandaram-na para casa. Mas já foram a correr para lá outra vez. Já está a ter contracções de oito em oito minutos...

Olho para o relógio e rezo para que o bebé só nasça amanhã. *Por favor*, não no dia em que eu beijei o Leo! Sei que é um pormenor sem importância, mas neste momento, aceito tudo o que minimize a minha culpa.

– Uau, que excitação! – digo. E *sinto-me* excitada, mas também triste e melancólica, ao lembrar-me de como, em tempos, antevi este momento.

Apercebo-me de repente que, sem dar por isso, nestas últimas horas absolvi a Margot por aquilo que ela fez – esperando que, um dia, também ela me perdoe. Dou por mim a pensar na forma como a vida lida com as voltas e reviravoltas inesperadas, muitas vezes através de discretas casualidades, como esbarrar com o Leo no meio da rua. Outras vezes, através de decisões calculadas, como a da Margot. Ou a minha, de há pouco, quando deixei o Leo. No final, pode ser tudo considerado obra do *destino*, mas para mim é mais uma questão de fé.

– Vais ao hospital? – pergunto ao Andy.

– Ainda não... – diz ele, com a voz a desvanecer-lhe.

– Quem me dera estar contigo neste momento – digo, percebendo com enorme alívio e alegria de que é a mais pura das verdades. Quem me dera estar com *toda* a minha família.

– Em Atlanta ou em Nova Iorque? – pergunta ele, ironicamente. O suficiente para eu perceber que se não está a sorrir, está quase.

– É indiferente – digo, vendo um táxi surgir na curva da nossa rua e abrandar mesmo à minha frente. Olho para o céu, desejando conseguir vislumbrar estrelas, ou pelo menos a lua, e volto a baixar o olhar para o táxi. Depois, a porta abre-se e o Andy surge-me à frente, vestindo exactamente o mesmo fato e a mesma gravata vermelha que eu imaginei, juntamente com o seu sobretudo azul-escuro. Por segundos fico confusa, aturdida, de um modo que já não me sentia desde criança, nos tempos em que ainda acreditava em magia – e noutras coisas boas demais para serem verdade. Até que lhe vejo um sorriso esperançoso e hesitante – um sorriso que jamais esquecerei – e apercebo-me de que o que está a acontecer *é* bom de mais e *é* verdade.

– Ora, viva... – diz ele, dando uns passos na minha direcção.

– Ora, viva! – digo, levantando-me e devolvendo-lhe o sorriso. – O que é... que estás aqui a fazer?

– A descobrir-te – diz ele, olhando-me nos olhos. Poisa a mão no corrimão, a milímetros da minha.

– Mas... como é que... – digo, procurando a resposta adequada.

– Apanhei o avião ao fim da tarde... Já estava num táxi quando ligaste.

A minha mente percorre rapidamente a *logística* da coisa, até que aterra no facto de o Andy se ter metido num avião para *ir ter comigo*, sabendo que se poderia arriscar a perder o nascimento do bebé da irmã. Os meus olhos enchem-se de lágrimas, uma vez mais, mas desta vez por razões muito diferentes.

– Não acredito que estás aqui – digo.

– E eu não acredito que te encontrei – diz ele.

– Desculpa – digo, já em prantos.

– Ora, querida, não peças desculpa... – diz ele docemente. – Eu também não devia ter mudado completamente a nossa vida e limitar-me a esperar que tu te encaixasses nela à força... Não foi justo.

Ele sobe mais um degrau, ficando agora apenas a centímetros de mim. Ficamos de olhos nos olhos, mas ainda sem nos tocarmos.

– Eu só quero que sejas feliz – murmura.

– Eu sei – digo, pensando no meu trabalho, em Nova Iorque, em tudo de que sentia a falta. – Mas eu nunca devia ter partido. Pelo menos, não daquela maneira.

– Talvez tenha sido necessário que o tivesses feito.

– Talvez – digo, recordando o meu último abraço ao Leo, o último beijo. De quão diferente este momento me parece, por tantas razões. Digo a mim mesma que não há dois amores idênticos, mas que também já não preciso de fazer comparações.

– Mesmo assim... desculpa...

– Já passou, já não importa – diz o meu marido, e mesmo não percebendo exactamente o que ele quer dizer, sei *muito bem* o que ele quer dizer.

– Diz-me que vamos ficar bem – peço, limpando a cara, enquanto novas lágrimas se preparam para saltar.

– Vamos ficar *melhor* do que bem – diz, também ele com os olhos húmidos.

Caio nos seus braços, recordando aquela noite na cozinha dos pais dele, onde lavámos loiça a quatro mãos, e eu ponderei pela primeira vez apaixonar-me pelo irmão da minha melhor amiga. Lembro-me de ter pensado que seria possível – que *tudo* é possível – e, claro está, aconteceu. E agora, sob o escuro céu de Outono, recordo exactamente *porque é que* aconteceu – se é que existe algum porquê quando se trata de amor.

– Vamos para casa – sussurro-lhe ao ouvido, rezando para que consigamos um voo para Atlanta ainda esta noite.

– Tens a certeza? – murmura-me, naquela voz, suave, familiar, sensual.

– Absoluta – digo, considerando que pela primeira vez desde que vi o Leo naquele cruzamento, ou talvez mesmo pela primeira vez *na minha vida*, estou a seguir o que me dita a cabeça *e* o coração. Ambos me trouxeram até aqui, a esta decisão, a este momento, ao Andy. E é exactamente aqui que eu pertenço e onde quero ficar para sempre.

um dia e um ano depois...

É o primeiro aniversário da Louisa. Estou neste momento a embarcar num avião em LaGuardia, para a *superfesta* que a Margot organizou para a filha. Faço esta viagem com frequência, às vezes sozinha, outras com o Andy, em consequência do contínuo vaivém entre a nossa casa de Buckhead e o nosso T1 da Village. Esta nossa inquietante logística deixa perplexa a maior parte das pessoas, sobretudo a Stella, que ainda há dias me perguntou como é que faço em relação aos sapatos: quais os que deixo em Buckhead e os que deixo em Nova Iorque, ou se tenho dois pares de cada modelo. Sorrio, pensando que jamais compreenderei aquela sua obsessão por sapatos – tal como ela jamais compreenderá como eu e o Andy podemos ser tão felizes no meio desta desmesurada confusão. Não é perfeito, mas para nós resulta, pelo menos para já.

Continuo a preferir a cidade – e é lá que me sinto mais eu. Adoro trabalhar lado-a-lado com a Sabrina, o Julian e o Oscar naquele velho *loft* cheio de correntes de ar, enquanto espero que o Andy ou a Suzanne venham ter comigo nos fins-de-semana. Mas também aprendi a gostar *verdadeiramente* de Atlanta, tolerando as pessoas que outrora desdenhei e fazendo os meus próprios amigos, para lá do universo Graham. Também descobri um novo desafio profissional na nossa terrinha, dedicando-me ao Retrato Infantil. Começou com a Louisa e rapidamente evoluiu para muito mais. Não é um trabalho fascinante, mas satisfaz-me aquela calma concentração no valor *família*. E sei que, um dia, me sentirei totalmente preenchida.

E daí... talvez isso nunca chegue a acontecer. Talvez eu e o Andy tenhamos *sempre* de nos esforçar para encontrarmos o equilíbrio certo – no seio da nossa família, do nosso casamento, das nossas vidas. Sim, sou a mulher do Andy. Sou uma Graham. Mas sou também a irmã da Suzanne, a filha da minha mãe, eu mesma.

Quanto à minha relação com a Margot, as coisas ainda se mantiveram por uns tempos algo frias, com ambas a fingirmos teimosamente que nunca existiu qualquer ruptura – o que apenas fazia com que a ruptura parecesse ainda maior e mais insuperável. Até que, um belo dia, ela veio ter comigo e perguntou se podíamos conversar.

Concordei, claro, vendo-a debater-se para encontrar as palavras certas enquanto tentava consolar uma choramingona Louisa.

– Talvez eu não devesse ter-me envolvido daquela maneira – começou ela, nervosamente. – Mas...

fiquei tão assustada, Ellen... E tão chocada pela... deslealdade daquilo tudo.

Senti uma onda de remorso, lembrando-me de tudo, e sabendo que ela tinha razão – eu *fui* desleal. Mas mantive o meu olhar no dela e não dei parte de fraca.

– Imagino como te debes ter sentido – retorqui, lembrando-me de como eu própria ficava sempre que a Suzanne sofria por causa do Vince, ou por causa de *fosse quem fosse*. – O Andy é teu irmão, bem sei, mas... E então a *nossa* lealdade? A *nossa* amizade?

Ela baixou o olhar, passando os dedos pela sedosa e rosada carinha da filha, enquanto eu tentava arranjar coragem para lhe contar a simples verdade.

– Eu precisei de ir – disse. – *Tive* de ir.

Esperei que o seu olhar encontrasse o meu, e quando aconteceu, vi nos olhos dela que se lhe tinha feito luz no espírito e que finalmente compreendera que os meus sentimentos pelo Leo nada tinham a ver com o irmão, nada tinham a ver com a nossa amizade.

Enquanto embalava suavemente a bebé, a Margot murmurou:

– Lamento, Ellen.

Sorri-lhe, deixando-a continuar:

– Lamento não te ter dito que ele te foi procurar... Lamento muito não te ter apoiado.

– Eu também lamento, amiga... A sério.

Depois abraçámo-nos e chorámos durante imenso tempo, com a Louisa no meio de nós a chorar desalmadamente, até que não conseguimos deixar de desatar à gargalhada. Foi um daqueles momentos que apenas duas irmãs ou duas melhores amigas conseguem partilhar.

Fecho agora os olhos... enquanto o avião acelera pela pista de descolagem e começamos a subir em direcção aos céus. Perdi o medo de voar, pelo menos como dantes tinha, mas ainda sinto o coração acelerado, os antigos e familiares arrepios de ansiedade misturando-se com as recordações do passado. É *apenas e só* nestas alturas que eu penso no Leo. Talvez por causa daquele voo nocturno que partilhámos. Talvez porque olhando da minha janela, consigo *literalmente* ver o prédio dele, o local onde o vi pela última vez, faz hoje exactamente um ano e um dia.

Não falei com ele uma única vez desde então. Nem para responder às suas duas chamadas. Nem sequer quando lhe enviei as fotos que tirei de Coney Island, incluindo a que lhe tirei *a ele* na praia. Houve coisas que considerei dizer-lhe num bilhete anexo: *Obrigada... Lamento... Hei-de sempre amar-te*.

Eram todas verdade – e continuam a ser – mas é melhor permanecerem no não-dito. Assim como decidi não confessar ao Andy quão próxima estive de perder tudo. Em vez disso, guardo esse dia só para mim, como um lembrete de que o amor é a soma das escolhas, a força dos nossos compromissos, os laços que nos mantêm eternamente unidos.